

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Jessica Suellen Palmeira Silva

**A constituição do pensamento crítico em tempos de informação e desinformação**

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo  
2022

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Jessica Suellen Palmeira Silva

**A constituição do pensamento crítico em tempos de informação e desinformação**

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes.

São Paulo

2022

Autorizo a divulgação do texto completo em bases de dados especializadas e a reprodução total ou parcial, por processos de fotocopiadores, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, desde que citada a fonte.

Jessica Suellen Palmeira Silva

A constituição do pensamento crítico em tempos de informação e desinformação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para a obtenção de título  
de MESTRE em Educação: Psicologia da  
Educação

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes – PUC-SP

---

Prof. Dr. José Roberto Montes Heloani – UNICAMP - SP

---

Prof. Dr. Antônio Carlos Caruso Ronca – PUC-SP

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPQ) – número do processo 130075/2020-9.

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPQ) – process number 130075/2020-9.

*Dedico este trabalho a todos aqueles que lutam contra as  
desigualdades existentes no nosso país, principalmente  
por meio da educação.*

## AGRADECIMENTOS

É com os olhos marejados que escrevo esses agradecimentos após o difícil período de pandemia que vivenciamos e no qual foi escrita a presente dissertação. Em meio ao caos, quero agradecer aqueles que de alguma forma me ajudaram durante a elaboração desta pesquisa.

As *políticas públicas* e em especial ao *CNPq*, que me possibilitou acesso e tempo livre para poder me dedicar somente aos estudos e à pesquisa.

A *Deus* e à minha família, minha *mãe*, meu *pai* e meu *irmão*, que praticamente vivenciaram todos os meus dias de estudos dentro de casa.

Ao meu *doguinho* de estimação “Charlie”, que participou de todo o processo do mestrado ao meu lado, sempre me alegrando em todos os momentos.

À minha orientadora *Mitsuko Aparecida Makino Antunes* (a Mimi) a quem sou eternamente grata por toda a contribuição para com a pesquisa e com os estudos, e que sempre me fez acreditar que era possível. Não tenho palavras para agradecer por todo o carinho e ensinamentos.

À querida *Julinha* (neta da Mimi), que por conta da pandemia e das orientações remotas, esteve sempre presente “na tela” agraciando-nos com seu sorriso e desenvoltura.

Aos membros da banca, *José Roberto Montes Heloani* e *Antônio Carlos Caruso Ronca*, por aceitarem o convite e por todos os ensinamentos e colaboração para finalização desta pesquisa. Agradeço em especial ao *Ronca* também pelas aulas que me forneceram conhecimentos imensuráveis para minha formação.

Aos meus *professores* que antecederam minha entrada na pós-graduação *stricto sensu*, em especial a querida *Celinha*, que me auxiliou na inscrição para a prova. A todos os meus professores do PED por todos os ensinamentos e contribuições.

Às queridas professoras *Ia*, *Ana Bock*, *Laurinda* e *Regina*, que mesmo de forma *online* me proporcionaram uma experiência única durante suas aulas.

Ao *Edson*, que sempre esteve presente auxiliando tudo e todos sobre os procedimentos acadêmicos e burocráticos.

A todas as minhas *amigas* da vida que durante esta caminhada estiveram presentes mesmo que distantes: *Ana, Nati, Tati, Lê, Nêssa, Mari e Nay*. Em especial a minha querida amiga e prima *Tali*.

A minha querida amiga *Jé Mello e Chay*, presente comigo desde a graduação em Jornalismo.

A minha amiga de longa data *Laís*, e sua filha *Sophia*.

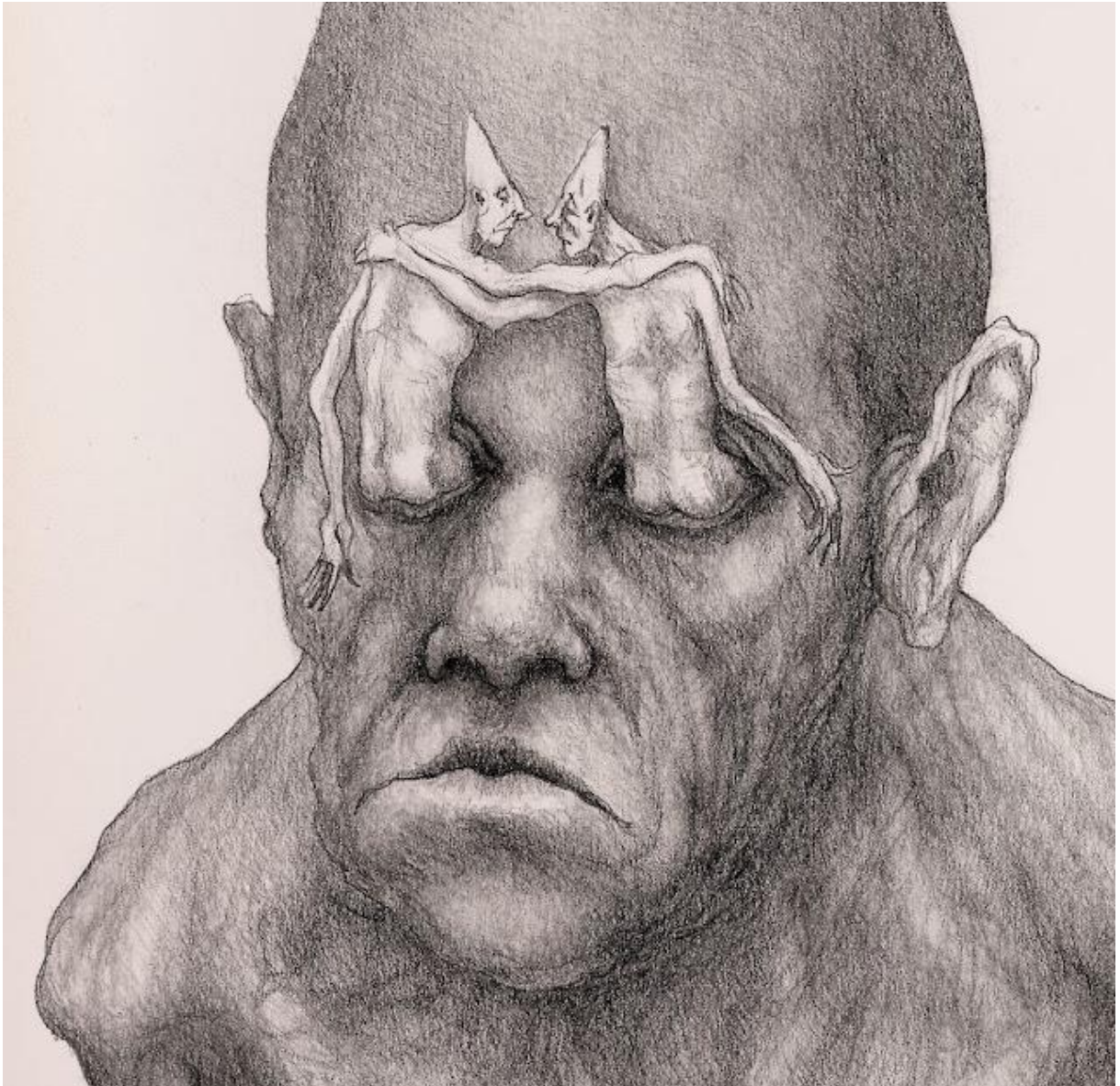
Ao meu querido trio “*Já, Jé, Jô*”, agradeço por toda a rede de apoio que nós criamos durante este período de estudo e pandemia. *Jaque e Jô* vocês foram um alicerce durante esta minha caminhada, obrigada por todas as conversas sobre estudos e sobre a vida, admiro-as e quero que nossa amizade vá para além desta etapa do Mestrado.

Aos amigos de turma do PED e da PUC, que de alguma forma durante estes dois anos me ajudaram em algum momento: *Cíntia, Agda, Victor, Lu e Babi*. E em especial a *Fátima e a Fernanda*.

À Agência Mural de Jornalismo das Periferias e todos os muralistas correspondentes que me possibilitaram a escrita desta dissertação e me possibilitam sempre aprender cada dia mais.

Às turmas de Bases Históricas e de Psicologia I em que pude ser monitora junto com a *Mimi, Jaque e Jô*.

A todos que contribuíram direta e indiretamente na minha formação e na realização deste trabalho.



**Homem cegamente apaixonado por seu próprio ponto de vista**

*Susano Correia*

**TRECHO DE UM DIÁLOGO ENTRE GIL E CAMILA NO PROGRAMA BIG  
BROTHER BRASIL, 2021**

O seguinte trecho transcrito faz parte de um diálogo durante uma festa com o tema de "Aulão" transmitida no ano de 2021 no programa de entretenimento "Big Brother Brasil" entre Camila e Gil sobre a importância do estudo em suas vidas.

*Gil: O ensino é como uma marreta aí, às vezes algumas pessoas têm muros que tira diversas oportunidades. Aí o ensino é uma marretinha que a cada ano a gente vai quebrando um pouquinho aquela parede até a gente conseguir acessar lugares que a gente não conseguiria.*

*Camila: Minha mãe foi até a quarta série, mesmo ela não estudando, ela sabia o quanto era importante eu estudar, ela que correu atrás de bolsa da escola que eu estudei, eu era bolsista, tinha que estudar para eu não perder minha bolsa.*

*Camila: Se Deus quiser, você vai passar no seu PHD; estudando, aprendendo, a gente consegue mudar nossa vida.*

*Embora a desinformação tenha muitas razões para existir no vertiginoso mundo das redes, ela efetivamente só se propaga porque seu dínamo se chama ignorância. E a arma mais letal contra a epidemia da ignorância, por sua vez, se chama educação”.*

*Lucia Santaella*

## RESUMO

A atual tecnologia e conectividade presente na nossa sociedade faz com que o acesso à informação aconteça de forma rápida e fácil, mas também gera o processo de desinformação, que inclui a produção e a veiculação de informações falsas, as chamadas *fake news*, do inglês “notícias falsas”. As informações veiculadas pela grande imprensa realizam o trabalho de informar aquilo que está no centro, no cerne da economia; apesar de serem fundamentais no processo de luta contra a desinformação, deixam de retratar o que ocorre nas periferias das cidades se limitando a uma visão assistencialista e criminalista de bairros periféricos. Nesse sentido, a Agência Mural de Jornalismo das Periferias tem como missão minimizar as lacunas de informação e contribuir para a desconstrução de estereótipos sobre as periferias. Com base nessas questões e considerando que a educação é uma das condições fundamentais para o desenvolvimento e constituição do ser humano, a presente investigação tem como objetivo geral compreender, através da interpretação de jovens participantes da Agência Mural de Jornalismo das Periferias, quais fatores estão presentes na incongruência entre ter acesso à informação e a aceitação de notícias falsas. Como objetivos específicos buscamos entender por que, apesar do acesso à educação e à informação, existem pessoas que acreditam em notícias falsas, por meio de pesquisa empírica, estabelecendo mediações teóricas fundamentadas no materialismo histórico-dialético, a partir das contribuições da psicologia histórico-cultural e das formulações e estudos de Paulo Freire. Como tentativa de se aproximar dos determinantes da aceitação de notícias falsas, busca-se também subsidiar e fortalecer ações interventivas objetivando contribuir para a constituição de um pensamento crítico. Para tanto, esta investigação adotou como procedimento de produção de dados questionários com questões de identificação e entrevistas de profundidade com jovens jornalistas da Mural e, como procedimento de análise, a análise de conteúdos. Os participantes mostraram que, como leitores, acessam diferentes veículos de mídia, têm a preocupação de conhecer sua origem e idoneidade, têm conhecimentos sobre a produção de desinformação e dos meios para combatê-los. Consideramos, por fim, que é preciso criar estratégias para uma educação dialógica e a educação midiática, que são exemplos de ações que visam à constituição de um pensamento crítico em tempos de informação e desinformação. A educação é a base e o diálogo é fundamental para a aprendizagem, sendo a educação midiática uma mediação concreta na construção de um pensamento crítico que busca desvelar de forma intencional a realidade.

**Palavras-chave:** Informação. Desinformação. *Fake news*. Pensamento crítico. Educação.

## ABSTRACT

Modern technology and connectivity present in our society makes access to information occur quickly and easily, but also generates the process of disinformation, which includes the dissemination of false information, known as *fake news*, from English. The information conveyed by the mainstream press does the job of informing what is at the center of information, at the heart of the economy; although they are fundamental in the process of fighting disinformation, they do not portray what happens in the outskirts of cities, therefore limiting themselves to a welfare and criminalist view on peripheral neighborhoods. In this sense, Mural Journalism Agency of the Periphery's mission is to minimize information gaps and contribute to the deconstruction of stereotypes created on the peripheries. Based on these questions and considering that education is one of the fundamental conditions for the development and constitution of the human being, the present research aims for the comprehension, through the interpretation of young participants from Mural Journalism Agency of the Periphery, of which factors are involved in the inconsistency between the access to information and acceptance of fake news. As specific objectives, we seek to understand the reason why, despite access to information, there are people who believe in *fake news*, by means of empirical research, establishing theoretical mediations based on historical-dialectical materialism, from the historical-cultural psychology contributions and formulations and studies by Paulo Freire. As an attempt to approach the determining factors of the acceptance of false news, there is a pursuit of subsidizing and strengthening intervention actions with the objective of contributing for the constitution of critical thinking. For this purpose, this research adopted questionnaires with identification questions and in-depth interviews with Mural's young journalists as data collection procedure, and content analysis as analysis procedure. Participants have shown that, as readers, they access a variety of media vehicles and are concerned about being aware of its origin and reputability, while also being aware of the production of misinformation and the means to fight it. Finally, we consider that it is necessary to create strategies for dialogical and media education, which are examples of actions that aim at the constitution of critical thinking information and disinformation times. Education is the base and dialogue is fundamental for learning, with media education being a concrete mediation in the construction of critical thinking that seeks to intentionally reveal reality.

**Key words:** Information. Misinformation. *Fake news*. Critical thinking. Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                         |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – Desenvolvimento da Web.....                                                                                  | 46  |
| Figura 2 – Capa da Revista Veja.....                                                                                    | 51  |
| Figura 3 – Proporção (%) da população preta e parda, por distrito.....                                                  | 55  |
| Figura 4 – Logomarca da Agência Mural de Jornalismo das Periferias.....                                                 | 60  |
| Quadro 1 – Busca simples por materiais teóricos relacionados ao tema.....                                               | 67  |
| Gráfico 1 – Disposição dos trabalhos encontrados.....                                                                   | 69  |
| Gráfico 2 – Ano de publicação dos referidos estudos.....                                                                | 69  |
| Fluxograma 1 – Quantidade de artigos selecionados.....                                                                  | 67  |
| Gráfico 3 – Compilação de estudos de acordo com tema semelhante.....                                                    | 73  |
| Gráfico 4 – Gênero dos participantes.....                                                                               | 78  |
| Gráfico 5 – Perfil racial segundo o IBGE.....                                                                           | 79  |
| Gráfico 6 – Bolsa para formação acadêmica.....                                                                          | 79  |
| Figura 5 – Categorias e Subcategorias Analisadas.....                                                                   | 85  |
| Imagem 1 – Jair Bolsonaro em entrevista ao Jornal Nacional no dia 28 de agosto de 2018.....                             | 90  |
| Imagem 2 – Infectologista explica que o uso de máscara é restrito; matéria exibida em 18 de março de 2020.....          | 95  |
| Imagem 3 – Agência Lupa identifica notícia falsa sobre uso de máscara.....                                              | 96  |
| Imagem 4 – Fotomontagem, Lula nas eleições de 2022.....                                                                 | 113 |
| Imagem 5 – Comentários do Facebook sobre Lula .....                                                                     | 114 |
| Imagem 6 – Mensagem que circulou no WhatsApp sobre vacina em crianças.....                                              | 115 |
| Imagem 7 – <i>Fake news</i> sobre uso de máscara compartilhada em rede social.....                                      | 117 |
| Imagem 8 – Reportagem sobre falsa acusação de abuso sexual em escola.....                                               | 120 |
| Imagem 9 – Uma das manchetes que circularam durante o caso Escola Base.....                                             | 120 |
| Imagem 10 – Manchetes dos jornais de grande circulação um dia após intensas manifestações contra o governo em 2021..... | 134 |
| Imagem 11 – Manchete da Ilustríssima da Folha de S. Paulo.....                                                          | 135 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|            |                                                                       |
|------------|-----------------------------------------------------------------------|
| ABRAJI     | Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo                     |
| ANF        | Agência de Notícias das Favelas                                       |
| ARPA       | Agência de Projetos de Pesquisa Avançada                              |
| ATST       | Associação dos Trabalhadores Sem Terra                                |
| BBC Brasil | <i>British Broadcasting Corporation</i> no Brasil                     |
| CERN       | <i>Centre Européen pour Recherche Nucleaire</i>                       |
| CBS        | <i>Columbia Broadcasting System</i>                                   |
| CBN        | Central Brasileira de Notícias                                        |
| CNPQ       | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico         |
| DAPP       | Diretoria de Análises de Políticas Públicas                           |
| EPSJV      | Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio                                 |
| ECA        | Escola de Comunicação e Arte                                          |
| ENEM       | Exame Nacional do Ensino Médio                                        |
| EUA        | Estados Unidos da América                                             |
| FAPESP     | Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo                  |
| FIES       | Fundo de Financiamento Estudantil                                     |
| FGV        | Fundação Getúlio Vargas                                               |
| GEP        | Guia de Empregos das Periferias                                       |
| HTML       | <i>Hyper Text Markup Language</i>                                     |
| HTTP       | <i>Hyper Text Transfer Protocol</i>                                   |
| IC         | Iniciação Científica                                                  |
| ICFJ       | <i>International Center for Journalists,</i>                          |
| IBGE       | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                       |
| LGBTs      | Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros                             |
| MEIS       | Mapa da Exclusão e Inclusão Social de São Paulo                       |
| MOM        | <i>Media Ownership Monitor</i>                                        |
| OMS        | Organização Mundial da Saúde                                          |
| OSF        | <i>Open Society Foundations</i>                                       |
| PED        | Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação |
| PSL        | Partido Social Liberal                                                |

|         |                                                        |
|---------|--------------------------------------------------------|
| PNAD    | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios            |
| PNE     | Plano Nacional de Educação                             |
| PROJOR  | Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo         |
| PROUNI  | Programa Universidade para Todos                       |
| PUC     | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo          |
| RNSP    | Rede Nossa São Paulo                                   |
| SEADE   | Sistema Estadual de Análise de Dados                   |
| TCC     | Trabalho de Conclusão de Curso                         |
| TCP/IP  | <i>Transmission Control Protocol/Internet Protocol</i> |
| USP     | Universidade de São Paulo                              |
| URL     | <i>Uniform Resource Locator</i>                        |
| VAI TEC | Programa de Valorização Iniciativas Tecnológicas       |
| WWW     | <i>World Wide Web</i>                                  |

## SUMÁRIO

|                                                                                |           |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO.....</b>                                                       | <b>18</b> |
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                         | <b>21</b> |
| <b>CAPÍTULO 1.....</b>                                                         | <b>26</b> |
| 1.1 Comunicação, consciência, pensamento e linguagem.....                      | 266       |
| 1.2 Tecnologias de comunicação e informação.....                               | 332       |
| 1.3 Mídia e Poder.....                                                         | 376       |
| 1.4 Mídias Digitais.....                                                       | 41        |
| <b>CAPÍTULO 2.....</b>                                                         | <b>50</b> |
| 2.1 Periferia.....                                                             | 50        |
| 2.2 Agência Mural de Jornalismo das periferias.....                            | 55        |
| <b>CAPÍTULO 3.....</b>                                                         | <b>66</b> |
| 3.1 Revisão de Literatura.....                                                 | 66        |
| <b>CAPÍTULO 4.....</b>                                                         | <b>74</b> |
| 4.1 Método.....                                                                | 74        |
| 4.2 Coleta.....                                                                | 75        |
| 4.3 Análise.....                                                               | 76        |
| <b>CAPÍTULO 5.....</b>                                                         | <b>78</b> |
| 5.1 Apresentação dos dados.....                                                | 78        |
| 5.2 Descrição dos sujeitos participantes das entrevistas de profundidade.....  | 80        |
| 5.2.1 Alice.....                                                               | 80        |
| 5.2.2 Miguel.....                                                              | 81        |
| 5.2.3 Lana.....                                                                | 82        |
| <b>CAPÍTULO 6.....</b>                                                         | <b>84</b> |
| 6.1 Análise e discussão.....                                                   | 84        |
| 6.2 Fontes de informação e checagem de notícias (Categoria 1) .....            | 85        |
| 6.2.1 Fontes de informação.....                                                | 85        |
| 6.2.2 Checagem de notícia.....                                                 | 87        |
| 6.3 O que é informação, desinformação e <i>fake news</i> ? (Categoria 2) ..... | 90        |
| 6.3.1 Informação.....                                                          | 91        |
| 6.3.2 Desinformação.....                                                       | 93        |
| 6.3.3 <i>Fake news</i> .....                                                   | 97        |

|                                                                                            |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>6.4. Os impactos da desinformação para a sociedade (Categoria 3).....</b>               | <b>101</b> |
| 6.4.1 A desinformação na sociedade.....                                                    | 101        |
| 6.4.2 A desinformação no cotidiano.....                                                    | 106        |
| <b>6.5 A relação entre desinformação, democracia, pandemia e afetos (categoria 4).....</b> | <b>110</b> |
| 6.5.1 Democracia.....                                                                      | 110        |
| 6.5.2 <i>Fake news</i> e pandemia.....                                                     | 115        |
| 6.5.3 Afetos.....                                                                          | 118        |
| <b>6.6 A educação no combate à desinformação (Categoria 5) .....</b>                       | <b>123</b> |
| 6.6.1 O diálogo e o pensamento crítico.....                                                | 123        |
| 6.6.2 Educação Midiática.....                                                              | 128        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                           | <b>132</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                    | <b>137</b> |
| <b>APÊNDICE A – Formulário: Perfil e formação dos muralistas.....</b>                      | <b>144</b> |
| <b>APÊNDICE B – Entrevista de profundidade.....</b>                                        | <b>145</b> |
| <b>APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....</b>                | <b>146</b> |
| <b>APÊNDICE D – Transcrição da entrevista 01.....</b>                                      | <b>149</b> |
| <b>APÊNDICE E – Transcrição da entrevista 02.....</b>                                      | <b>162</b> |
| <b>APÊNDICE F – Transcrição da entrevista 03.....</b>                                      | <b>167</b> |
| <b>APÊNDICE G – Categoria de falas.....</b>                                                | <b>176</b> |

## APRESENTAÇÃO

*“Se eu fosse como o sol  
Eu entraria na tua casa  
Pra mostrar e aquecer  
O coração que não acredita em nada*

*Acho que ainda não chorei  
Tudo o que ganhei  
Mas eu não durmo  
Sem antes ter sonhado um tanto”*

*(Um tanto - Suricato)*

Decidi começar minha apresentação com a letra de uma música que me desperta um sentimento de *querer*. Lembro-me do dia exato em que fui apresentada à música da epígrafe acima, que tocou meu coração ao ponto de conseguir sentir o cheiro daquele momento. Era uma das aulas de jornalismo em uma universidade de Mogi das Cruzes, quando a professora chegou com o seu “rádio portátil”, aqueles usados antigamente, e o colocou para tocar uma música que nos dizia para nunca parar de sonhar. Esse momento foi marcante não apenas da minha graduação em comunicação, mas também na minha trajetória de vida. Ao relembrar tal episódio, me lembro de como fui afetada pela professora por sua abordagem e por sua didática. Acredito nascer ali meu interesse pela *educação*.

Meu percurso no meio acadêmico nunca foi linear, nunca soube exatamente o que queria seguir ou o que fazia meu coração “bater mais forte”. Em 2007, ao terminar o Ensino Médio, enxergava o Enem e o PROUNI (Programa Universidade para Todos) ainda muito distantes; as profissões eram indefinidas e não tinha ao certo uma escolha profissional garantida; a maioria dos meus amigos foi “obrigado” a trabalhar em vez de estudar e assim aconteceu comigo, apesar de morarmos em uma cidade universitária com três universidades e um centro acadêmico. Me matriculei em um curso pré-vestibular em busca de uma graduação, pois sonhava demasiadamente em realizar um curso de nível superior. Sem as devidas condições financeiras, foi no cursinho que obtive acesso a grande parte de uma educação básica a que não tive acesso na escola pública, apesar de ter tido professores excepcionais; por diversas vezes a falta de estrutura e acesso a materiais foram grandes empecilhos para uma aprendizagem plena. Descobri como encontrar o valor de “x” e “y” na matemática e também como se realiza a soma do cateto oposto com a hipotenusa. Conheci a literatura e me encantei pela escrita, pelo teatro e pela comunicação; foi nessa época que tive contato com as inúmeras faculdades e

universidades federais espalhadas pelo país, que eu não fazia ideia de que existiam. Peço licença para abrir um parêntese e dizer que escrevendo esta apresentação, hoje, percebo que, naquele momento, a arte da pesquisa já se fazia brilhar em meus olhos.

O fato de ter que trabalhar e estudar à noite, me sobrando apenas os finais de semana para me preparar para o vestibular, me levou à frustração quando não entrei em uma Universidade Federal. Enquanto meus colegas do cursinho passavam o dia estudando, eu precisava trabalhar para pagar as aulas. Não entendia na época a questão da desigualdade social, mas hoje vejo que a evasão escolar está diretamente relacionada à necessidade de complementação da renda familiar e que implica diretamente sobre a questão da desigualdade, que além da sociais e econômicas, também são de raça-etnia, de gênero e principalmente educacional. Kulnig (2019) afirma que a desigualdade social, no singular, pode ser entendida como uma *categoria analítica* e como manifestação construída histórica e culturalmente, mas deve ser compreendida no plural, **desigualdades**, como *uma violação da dignidade humana, que impossibilita o desenvolvimento das capacidades do indivíduo*.

A criação de políticas públicas que atendam a população mais vulnerável é importante para suprir a lacuna estabelecida pelas desigualdades entre ricos e pobres. É fundamental lutar pela criação e manutenção de políticas para a construção de uma sociedade justa e não excludente. Ronca (2015) mostra que, no Plano Nacional de Educação – PNE, é patente a importância da criação e manutenção de programas educacionais que visem à diminuição da desigualdade social que ainda perpetua e que foi escancarada nesses quase dois anos de pandemia da covid-19 em nosso país. A implementação de políticas públicas na educação é essencial, sendo que a criação de programas como o PROUNI me fez a primeira pessoa da família a conseguir um título de Bacharel em Jornalismo, com bolsa 100% integral.

Cursar o ensino superior foi uma realização pessoal imensurável; lembro-me de que foi durante as aulas de Jornalismo que decidi que queria ser professora. Me encantava com os conhecimentos trazidos pelos professores e apesar de estar apaixonada pela área comunicacional, a escrita, os estudos e essa partilha de saberes eram o que fazia meu coração pulsar e foi por causa desse diploma que pude pagar minha segunda graduação em Pedagogia e então iniciar a realização de um segundo sonho.

Entender a construção e o movimento no qual ocorre a aprendizagem, como a relação professor e aluno, também foi um dos motivos da escolha deste segundo curso, em que tive o privilégio de ter acesso a autores que me fizeram refletir não apenas sobre a profissão docente, mas também sobre a condição humana. Compreendi que é por meio da aprendizagem que desponta a condição para o desenvolvimento humano e que a escola tem o dever de formar um

cidadão integral, crítico, reflexivo e que seja ativo na transformação dessa sociedade excludente.

O trabalho educativo que envolve o conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento, pressupõe uma criticidade, com a finalidade de construção de uma sociedade justa e democrática por meio de uma teoria crítica da educação. O sentimento de *querer* despontado na canção inicial ainda pulsa em meu ser e a escolha pela realização de um mestrado foi além de um ato de rebeldia, foi um ato de coragem, assim como afirma Freire (2021) “A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se” (p. 48), enfatizando assim a educação como libertadora, na qual o homem, por meio dos conhecimentos adquiridos, pode então se libertar, individual e coletivamente.

Em tempos passados, não poderia imaginar possuir duas graduações e realizar um Mestrado almejando um Doutorado. Vinda de uma cidade do interior de São Paulo, tenho claro que estou aqui devido à criação de Políticas Públicas junto à bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O sentimento de pertencimento à área acadêmica, a aproximação com as pesquisas e teorias foi construído de forma remota, em meio a uma pandemia que nos surpreendeu no ano de 2020; tal proximidade só foi possível graças à união e ao engajamento de professores e colaboradores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), principalmente de minha orientadora Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes que, ao me direcionar para realização desta pesquisa, enfatizou meu sentimento de pertencimento à área acadêmica.

## INTRODUÇÃO

As relações sociais do século XXI são permeadas pelas novas e diversas tecnologias de comunicação incorporadas ao nosso cotidiano. O brasileiro está cada vez mais conectado; segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)<sup>1</sup> de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 82,7% dos domicílios nacionais possuem acesso à internet. A conectividade faz com que o acesso à informação seja mais rápido e mais fácil, mas também gera o processo de desinformação, “ação ou efeito de desinformar” (HOUAISS, 2001, p. 655) e contrainformação “ato ou efeito de impedir, frustrar ou dificultar o acesso do inimigo ou adversário a dados próprios (p. ex. facilitando o acesso a informações falsas)”, de acordo com o dicionário Houaiss (2001, p. 538). Em um artigo no site da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), unidade técnico-científica da Fiocruz, entende-se que o termo “[...] ‘contra’ tem se referido ao fato de se tratar de informação diferente daquela veiculada pelos grandes meios de comunicação. [...] o ‘contra’ se oporia à informação considerada ‘oficial’ divulgada pela grande mídia empresarial”<sup>2</sup>. No entanto, na atual conjuntura, essa questão está invertida, a desinformação tem sido veiculada e multiplicada por intermédio das redes sociais e o papel de informar está nas mãos dos grandes veículos de comunicação.

Neste mesmo artigo, o jornalista Alberto Dines discorda do uso do termo que tem origem militar: “A palavra contrainformação vem do linguajar bélico-militar, como estratégia de guerra psicológica. Eu prefiro fugir disso porque fica parecendo que voltamos à ‘época da Guerra Fria’, diz, alertando que o problema não é só semântico, mas ideológico”<sup>3</sup>. Adotaremos nesta pesquisa a palavra **desinformação** pautada no verbete do Dicionário Houaiss (2001, p. 655): “1 ação ou efeito de desinformar; 2 informação falsa dada no propósito de confundir ou induzir ao erro; 3 falta de informação, de conhecimento: ignorância”, e **desinformar**, “não informar ou falsear informação” que condiz com o presente estudo.

É a partir da desinformação que ocorre a produção e veiculação de informações falsas; a propagação das chamadas *fake news*, do inglês “notícias falsas”, divulgadas, principalmente,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>. Acesso em 30 jul. 2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dicionario-jornalistico/contrainformacao> Acesso em 16 ago. 2021.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dicionario-jornalistico/contrainformacao> Acesso em 16 ago. 2021.

em redes sociais, e que se propagam cerca de seis vezes<sup>4</sup> mais rapidamente que as notícias verdadeiras. Em uma entrevista ao site da Uol Educação, Miriam Romais diz que “Antes de tudo, ‘fake news’ é uma palavra sem sentido. Porque se o conteúdo é falso, não é notícia<sup>5</sup>”, explica. A expressão começou a ser utilizada em 2016 durante as eleições do ex-presidente americano *Donald Trump*, quando um editor de mídias descobriu uma grande quantidade de histórias falsas que foram criadas e divulgadas principalmente nas redes sociais<sup>6</sup>. As *fake news* são criadas para enganar ou criar outra realidade; uma matéria publicada pela Revista Arco<sup>7</sup> – Jornalismo Científico e Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (2020), traz a seguinte definição:

Apesar de ser corriqueiramente entendida como notícia falsa, a definição de fake news é incompleta e ambígua. “Se analisarmos a noção de fake news que a mídia e a sociedade em geral costumam utilizar, encontramos ali um caldeirão de diversos fenômenos sociais e comunicativos diferentes”, pontua o professor de Jornalismo na Universidade Franciscana (UFN), Iuri Lammel, mestre em Comunicação Midiática pela UFSM. Para ele, a explicação mais adequada é a do dicionário inglês Cambridge, que entende as fake news como “histórias falsas que parecem ser notícias e são difundidas na internet ou em outros meios, criadas para influenciar opiniões políticas ou como piada”.

Ainda segundo a matéria, uma pesquisa realizada pelo *Centro para a Inovação em Governança Internacional*, 86% das pessoas consultadas admitiram já ter acreditado em notícias falsas em algum momento da vida, “As informações falsas existem desde que os humanos passaram a usar a linguagem formal para se comunicar. Já as notícias deliberadamente falsas, difundidas para fins de influência política e manipulação, são mais recentes – ainda que datem de séculos atrás<sup>8</sup>”. A utilização de informação e propaganda como forma de manipulação e estratégia de lavagem cerebral é descrita por especialistas no nazismo através do nome de *Joseph Paul Goebbels* (1897-1945)<sup>9</sup>, ministro da Propaganda de Hitler, responsável pela comunicação e propaganda do regime alemão, entre os anos 1930 e 1940. O uso dos meios de comunicação de massa na difusão de propagandas nazistas foi crucial nesse processo de manipulação. Goebbels era responsável pelas propagandas do governo e também supervisionava o trabalho da imprensa e dos bens culturais que chegavam à Alemanha.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/638686-quase-7-em-cada-10-brasileiros-acreditam-em-informacoes-falsas-sobre-vacinas-aponta-pesquisa/> Acesso em 30 jul. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/02/10/desinformacao-leitor-tambem-tem-que-ter-responsabilidade-diz-especialista.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em 31 ago. 2021.

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42779796> Acesso em 30 jul. 2021.

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.ufsm.br/midias/arco/isso-e-fake-news/> Acesso em 30 jul. 2021. Dicionário inglês Cambridge e <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fake-news> Acesso em 30 mar. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.ufsm.br/midias/arco/isso-e-fake-news/> Acesso em 30 jul. 2021.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51071094> Acesso em 16 ago. 2021.

Imagens, textos, fotografias, músicas, discursos, todos os diferentes meios de comunicação eram utilizados para difundir as ideias de Hitler e chamar a atenção das pessoas para a divulgação de conceitos nazistas. Em janeiro de 2020, a BBC Brasil, subsidiária da *British Broadcasting Corporation* no Brasil, escreveu uma matéria sobre a vida de Goebbels que diz:

Toda transmissão de rádio era controlada pelo ministério de Goebbels. Além disso, rádios com alto-falantes eram colocados pelos nazistas em lugares como cafés, fábricas, praças e esquinas de ruas para que todos pudessem ouvir a mensagem dos nazistas. Grande parte das informações recebidas reforçava a mensagem da superioridade racial ariana, além de demonizar judeus e outros "inimigos" do regime. (FOGUEIRAS, 2020)

O poder da comunicação e da persuasão da propaganda e informação é imenso quando se sabe usar a mídia para seus propósitos. Goebbels tem uma frase conhecida que diz “Uma mentira várias vezes dita, torna-se verdade”<sup>10</sup>. Tais aspectos da difusão de informação mostram que compreender a constituição do pensamento crítico em tempos de informação e desinformação em meio às tecnologias digitais de comunicação com relação à promoção do desenvolvimento psíquico humano é fundamental para organizar o trabalho educativo concreto e objetivo desta pesquisa.

A educação autêntica, repitamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. (FREIRE, 2021a, p. 116)

As informações veiculadas pela grande imprensa realizam o trabalho de informar aquilo que está no centro, no cerne da economia; apesar de serem fundamentais no processo de luta contra a desinformação, deixam de retratar o que ocorre nas periferias das cidades se limitando a uma visão assistencialista e criminalista de bairros periféricos e da região metropolitana de São Paulo. Nesse sentido, a Agência Mural de Jornalismo das Periferias tem como missão minimizar as lacunas de informação e contribuir para a desconstrução de estereótipos sobre as periferias e mostrar o quanto esses lugares são plurais e não se resumem à assistência e à violência: “Sem deixar de mostrar também as necessidades de melhor estrutura dos bairros periféricos, as histórias que contamos impactam diretamente a vida dos seus moradores<sup>11</sup>”. A visão de “dentro” que a Mural traz mostra a realidade das periferias e das

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.ebiografia.com/joseph\\_goebbels/](https://www.ebiografia.com/joseph_goebbels/). Acesso em 16 ago. 2021.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/impacto/>. Acesso em 31 ago. 2021.

pessoas que vivem nelas, realizando o papel de informar e diminuir essa lacuna de informação que ainda existe hoje em dia.

Com base nessas questões e considerando que a educação é uma das condições fundamentais para o desenvolvimento e constituição do ser humano, elegemos o seguinte problema de pesquisa: **Que fatores estão presentes na incongruência entre ter acesso à informação e a aceitação de notícias falsas na interpretação de jovens participantes da Agência Mural de Jornalismo das Periferias?** Nesse sentido: “Estudar e compreender o fenômeno psicológico exige que o pensemos como um processo e busquemos sua história, ou seja, o aparecimento das formas de subjetivação que apresentamos hoje ao longo do tempo histórico”. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 75)

A presente investigação fundamenta-se na abordagem histórico-cultural, onde:

[...] sujeito e mundo são, assim, âmbitos distintos, mas criados no mesmo processo. Ao interferir de modo transformador sobre o mundo, o ser humano estará se constituindo e construindo o mundo que tem à sua volta. [...] Sujeito e mundo se completam e se referem um ao outro. Ao conhecer um ritual de um grupo social, poderemos conhecer muito de sua forma de subjetivação, [...] os fenômenos sociais estão, de forma simultânea, dentro e fora dos indivíduos, isto é, estão na subjetividade individual e na subjetividade social.” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 78)

Assim, com base nos estudos e na concepção de *consciência* de Paulo Freire, objetivando contribuir para a obtenção de conhecimentos que possam se tornar subsídios para a elaboração e implementação de ações efetivas no combate às notícias falsas.

### **Objetivo Geral**

- Compreender, através da interpretação de jovens participantes da Agência Mural de Jornalismo das Periferias, quais fatores estão presentes na incongruência entre ter acesso à informação e a aceitação de notícias falsas.

### **Objetivos Específicos**

- Buscar entender pela interpretação de jovens participantes da Agência Mural por que, apesar do acesso à educação e à informação, existem pessoas que acreditam em notícias falsas;

- Estabelecer mediações teóricas, a partir das contribuições da psicologia histórico-cultural e das formulações e estudos de Paulo Freire como tentativa de se aproximar dos determinantes da aceitação de notícias falsas;
- Subsidiar e fortalecer ações interventivas fundamentadas na psicologia histórico-cultural e na pedagogia de Freire objetivando contribuir para a constituição de um pensamento crítico.

## CAPÍTULO 1

### 1.1 Comunicação, consciência, pensamento e linguagem

*“Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo.”*

*(Bordenave)*

A palavra **comunicação** tem sua etimologia no latim<sup>12</sup> “*communicatio,ōnis*”, que significa “ação de comunicar, de partilhar, de dividir”. É a transmissão de uma mensagem e o recebimento de outra como resposta; é a troca de mensagens entre emissor e receptor, a codificação e decodificação dessa mensagem. O ato de se comunicar está para além da simples troca de palavras. Uma pintura, uma fotografia, uma dança, poesia ou canção também fazem parte do ato comunicativo que é possibilidade historicamente construída pela humanidade. Tudo aquilo que não pode ser comunicado pela palavra pode ser transmitido por meio de um gesto, um olhar ou até mesmo o silêncio. Segundo Santos (2003), “[...] o ato da comunicação pode ser comparado ao da respiração: o ser humano não para de se comunicar, mas poucas vezes se dá conta disso” (p. 9). Ainda, conforme discutido pelo autor, essa comunicação não ocorre ao acaso, aleatoriamente, mas possui uma função:

O ser humano emprega a comunicação para expressar ideias e sentimentos, orientar-se, coagir, narrar histórias, persuadir, exercer controle, conectar-se ao mundo, manipular, transmitir conhecimento, organizar seu pensamento e suas atitudes. A comunicação pressupõe sempre alguma forma de interação entre seres humanos. (SANTOS, 2003, p. 09)

Bordenave (1997), no livro “O que é comunicação”, faz uma lista, sintetizando alguns dos inúmeros atos comunicativos que uma pessoa pode realizar no decorrer do dia, descrevendo a partir do momento em que um indivíduo se levanta para ir trabalhar até a hora em que volta a dormir, enfatizando a comunicação como uma necessidade básica do homem social:

[...] desde o “bom dia” à sua mulher, acompanhado ou não por um beijo, passando pela leitura do jornal, a decodificação de número e cores do ônibus que o leva ao trabalho, o pagamento ao cobrador, a conversa com o companheiro de banco, os cumprimentos aos colegas no escritório, o trabalho com documentos, recibos, relatórios, as reuniões e entrevistas, a visita ao banco e a conversas com o seu chefe, os inúmeros telefonemas, o papo durante o almoço, a escolha do prato no menu, a conversa com os filhos no jantar, o programinha da televisão, o diálogo amoroso com sua mulher antes de dormir, e o ato final de comunicação num dia cheio dela: “boa noite” (pp. 18-19).

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v5-4/html/index.php>. Acesso em: 15 mar. 2021.

Os atos comunicativos podem ser classificados como *verbais*, comunicação oral ou escrita, e *não verbais*, que compreende os gestos, movimentos, posicionamentos e também através de imagens (SANTOS, 2003). Para este autor, a comunicação é uma transmissão de informação, uma “[...] forma de recriação de uma dada realidade captada por aqueles que se comunicam, a partir de seus próprios conceitos e preconceitos” (SANTOS, 2003, p. 16). Para Bordenave (1997), é praticamente impossível dizer onde começa e onde termina o processo de comunicação, em uma sequência linear e ordenada: “A comunicação, de fato, é um processo multifacético [...]” (p. 41). A partir dos princípios do materialismo histórico e dialético e da psicologia histórico-cultural, é possível compreender o processo de comunicação segundo suas raízes histórico-sociais:

A vida se constitui na materialidade das relações entre os humanos e de sua relação com a natureza; relações estas que garantem a sobrevivência, transformando a natureza e produzindo bens necessários. É na atividade transformadora do humano sobre a natureza, sustentada em relações com os outros humanos, que se produz a humanização. (BOCK; AGUIAR, 2016, p. 47)

De acordo com Luria (1979), sobre o processo de **humanização**, o comportamento que diferencia o homem dos demais animais é a **atividade consciente**, sintetizada em três traços fundamentais: atividades não ligadas a motivos biológicos, capacidade de abstração de impressões imediatas e “[...] assimilação da experiência de toda a humanidade, acumulada no processo da história social e transmissível no processo de aprendizagem [...]” (p. 73). É por meio da comunicação que ocorre a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade:

A grande maioria de conhecimentos, habilidades e procedimentos do comportamento de que dispõe o homem não são o resultado de sua experiência própria, mas adquiridos pela assimilação da experiência histórico-social de gerações. Este traço diferencia radicalmente a atividade consciente do homem do comportamento do animal. (LURIA, 1979, p. 72)

As características tipicamente humanas não estão presentes logo que o indivíduo nasce, “[...] elas resultam da interação dialética do homem em seu meio sociocultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo” (REGO, 1995, p. 41). A formação da atividade consciente do homem está na transição da história natural dos animais para a história social dos homens, em que “as peculiaridades da forma superior de vida, inerente apenas ao homem, devem ser procuradas na forma histórico-social de atividade, que está relacionada com o trabalho social, com o emprego

de instrumentos de trabalho e com o surgimento da linguagem” (LURIA, 1979, p. 74). Deste modo, o “homem constitui sua humanidade nas relações históricas e sociais e, como desdobramento, na atividade significada” (BOCK; AGUIAR, 2016, p. 51).

Em seus estudos, para entender essas peculiaridades do desenvolvimento humano e enfrentar os grandes nós ignorados ou não resolvidos que levaram à crise da Psicologia (IAROCHEVSKI; GURGUENDZE, 1996), Vigotski explicitou e explicou a relação e a transição entre as funções psicológicas elementares e as funções psicológicas superiores, sendo as funções elementares aquelas que têm base biológica, são imediatas e involuntárias, e as superiores, determinadas pela cultura, são voluntárias e intencionais, “estes processos mentais são considerados sofisticados e ‘superiores’ porque referem-se a mecanismos intencionais, ações conscientemente controladas, processos voluntários [...]” (REGO, 1995, p. 39).

Para que as funções superiores sejam desenvolvidas é preciso que ocorra uma mediação por meio de **instrumentos** e **signos**, que são os responsáveis por mediar as relações dos sujeitos com a cultura, alterando assim tanto a própria **consciência do indivíduo** como a cultura à qual ele pertence, “compreender a questão da mediação, que caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens, é de fundamental importância justamente por que é através deste processo que as funções superiores, especificamente humanas, se desenvolvem.” (REGO, 1995, p. 50).

Nesta teoria é dado destaque às possibilidades que o indivíduo dispõe a partir do ambiente em que vive e que dizem respeito ao acesso que o ser humano tem a “instrumentos” físicos (como a enxada, a faca, a mesa etc.) e simbólicos (como a cultura, valores, crenças, costumes, tradições, conhecimentos) desenvolvidos em gerações precedentes. (DAVIS, 1981, p. 49)

De acordo com Rego (1995), podemos definir os signos como “aquilo (objeto, fenômeno, gesto, figura ou som) que represente algo diferente de si mesmo [...]” (p. 51). Os instrumentos regulam as ações sobre o objeto e promovem mudanças externas; os signos regulam as ações sobre o psiquismo humano e promovem mudanças internas. “É através dos auxílios dos signos que o ser humano pode controlar voluntariamente sua atividade psicológica e ampliar sua capacidade de atenção, memória e acúmulo de informações” (p. 52). Além de empregar os instrumentos de trabalho, o homem também os prepara, o que implica que “o trabalho desenvolvido na preparação dos instrumentos já não é uma simples atividade, determinada por motivo biológico imediato” (p. 76). A partir do entendimento da importância do trabalho e da mediação, “torna-se claro que a *atividade consciente do homem não é produto*

*do desenvolvimento natural de propriedades jacentes no organismo, mas o resultado de novas formas histórico-sociais de atividade-trabalho” (LURIA, 1979, p. 77).*

Para interpretar o caráter específico da consciência, parte do conhecido princípio de Marx de que no processo do trabalho, o homem, antes de obter um produto terminado, já dispõe de uma imagem desse produto, domina uma imagem que determina como objetivo o procedimento e o caráter dos atos corporais com a matéria da natureza. [...] o objetivo consciente outorga ao comportamento humano seu caráter excepcional. (IAROCHEVSKI; GURGUENDZE, 1996, p. 478).

Marx (2013) escreve em seu livro “O capital” sobre o processo de trabalho do homem, comparando o trabalho de uma aranha ao do tecelão, e de uma abelha ao de um arquiteto envergonhado diante da estrutura de uma colmeia:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. (p. 188).

O homem, diferentemente da abelha, tem a imagem do que pretende obter da natureza e “Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX, 2013, p. 188). É preciso enfatizar que a visão biológica não é excluída, mas é vista como algo que também se transforma na história social dos homens, pois ela é necessária para a compreensão do todo, é uma parte, histórica e intransponível; mais do que isso, a base material do desenvolvimento do psiquismo se dá na constituição biológica do ser humano, no corpo. Vigotsky se pauta na necessidade de conhecer a consciência para entender o homem, diferente do que acredita a corrente da reflexologia, limitando o ser aos seus reflexos biológicos e estímulos do ambiente. A compreensão total da realidade só pode ser obtida a partir da compreensão da parte para o todo e do todo para a parte, numa relação de constituição mútua, dialeticamente (IAROCHEVSKI; GURGUENDZE, 1996). Na medida em que o homem interage com outros indivíduos de sua cultura, como por meio de diálogos, ele aprende a usar a linguagem como instrumento do pensamento e como meio de comunicação a partir da atividade do trabalho:

A forma conjunta de atividade prática fez surgir forçosamente no homem a necessidade de transmitir a outra certa informação: esta não pode ficar restrita à expressão de estados subjetivos (vivências), devendo, ao contrário, *designar os objetos* (coisas ou instrumentos) *que fazem parte da atividade do trabalho conjunto*. Segundo as teorias originárias da segunda metade do século XX, os primeiros sons

que designam objetos surgiram no processo do trabalho conjunto” (LURIA, 1979, p. 79)

O surgimento da linguagem é, então, a condição para a formação da consciência junto com o trabalho, “a linguagem é entendida como um *sistema de códigos* por meio dos quais *são designados os objetos do mundo exterior, suas ações, qualidades, relações entre eles etc.*” (LURIA, 1979, p. 78). É preciso salientar que no início da comunicação por gestos e sons, em que se começava a indicar determinados objetos, ainda não existia a autonomia, visto que estes “estavam *entrelaçados na atividade prática* eram acompanhados de gestos e entonações expressivas, razão por que *só era possível interpretar o seu significado conhecendo a situação evidente em que eles surgiam*” (LURIA, 1979, p. 79). Apenas depois de um tempo é que esses gestos, atos e sons foram evoluindo e formando uma base para a linguagem, “só depois de muitos milênios a linguagem dos sons começou a separar-se da ação prática e adquirir independência” (LURIA, 1979, p. 80).

É a partir do desenvolvimento da linguagem que o homem começa a expressar e organizar seu pensamento, sendo que estes “surgem e se constituem unicamente no processo do desenvolvimento histórico da consciência humana [...]” (VIGOTSKI, 2001, p. 395). É com a aquisição de um sistema linguístico que o ser humano consegue reorganizar todos os processos mentais, para que suas funções psicológicas elementares se transformem em superiores. (DAVIS, 1981). Assim, “é natural que as palavras unidas em frases são os principais meios de comunicação mediante os quais o homem conserva e transmite informação e assimila a experiência acumulada por gerações inteiras de outras pessoas” (LURIA, 1979, p. 78). De acordo com Lane (1984, p. 33):

Vygotski e Leontiev, concebendo o ser humano como manifestação de uma totalidade histórico-social, vêem a linguagem como fundamental para o desenvolvimento da consciência de si e social de indivíduo, a qual se processa através da linguagem, do pensamento e das ações que o homem realiza ao se relacionar com outros homens.

Vigotski (2001) afirma que a expressão do pensamento em palavras é uma realização, “Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra” (p. 412). A partir dos pressupostos do materialismo histórico e dialético entendemos a constituição de “pensamento e palavra” de forma dialética e não dicotômica, em que um é imbricado ao outro, se constituindo mutuamente e formando uma unidade:

[...] Para explicar as propriedades do pensamento discursivo como uma totalidade, se decompunha essa totalidade nos seus elementos constituintes - em pensamento e linguagem, que não contêm propriedades inerentes a essa totalidade - e desta forma, fechava antecipadamente o caminho para a explicação dessas propriedades. (VIGOTSKI, 2001, p. 396)

Para exemplificar essa relação, podemos usar os elementos químicos que constituem a água: o hidrogênio e o oxigênio; tais elementos sozinhos são apenas elementos com determinadas propriedades, mas juntos constituem e formam a “água”, que adquire novas propriedades. O mesmo acontece com o “pensamento” e a “palavra” que sozinhos são apenas elementos, mas juntos constituem o pensamento verbal de forma dialética, mutuamente, a partir do momento em que se articulam. Deste modo, o método materialista histórico-dialético possibilita uma nova análise, incorporada por Vigotski, especialmente quando discute o **significado** das palavras como unidade analítica:

[...] o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual, mas isto não significa a sua filiação puramente externa a dois diferentes campos da vida psíquica. O significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a *unidade* da palavra com o pensamento. (VIGOTSKI, 2001, p. 398)

A análise da relação *pensamento* e *palavra* por meio dessa investigação histórica, materialista e dialética também permite o entendimento de que “a palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável à palavra” (VIGOTSKI, 2001, p. 398). Para Vigotski, o termo “significado” atua como um organizador do desenvolvimento da consciência; “Tal princípio não é, pois, a imagem, a sensação nem o ato (como nas concepções anteriores da consciência), mas o significado” (IAROCHEVSKI; GURGUENDZE, 1996, p. 484). Entende-se também que:

Os significados são produções históricas e sociais, isto é, produções humanas e culturais que permitem a comunicação e a socialização de nossas experiências. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que são sindicatos que possibilitam a comunicação mais universal, que se materializa na generalização da palavra. (BOCK; AGUIAR, 2016, p. 52).

Ainda segundo Bock e Aguiar (2016), “para compreendermos o sujeito, precisamos apreender as maneiras como o pensamento se realiza na palavra, objetivada na forma de **significações**” (p. 51). Ao se abordar o significado, é preciso também discutir o **sentido** da palavra, que Vigotski (2001) descreve como “[...] a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência”. O sentido tem a capacidade de modificar-se ao longo do tempo, além de serem fluidos e dependentes de contexto, “[...] o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada” (p. 465). Deste modo, entende-se sentido e significado como categorias que “[...] compõem o que se denomina ‘unidade de contrário’. São, de modo inseparável, momentos do processo de construção do real” (BOCK; AGUIAR, 2016, p. 52). O significado então pode ser entendido como aquilo que é dicionarizado e o sentido mais ligado à emoção, ao sentimento; por exemplo, a palavra “família” tem um significado no dicionário, mas um sentido distinto para diferentes pessoas. Pode ser lembrada com alegria por uns e com tristeza por outros, esse é o seu sentido individual.

Entendendo a história como movimento e evolução constante, consequentemente os significados das palavras, assim como o sentido, mudam e se transformam, a partir da mudança das múltiplas determinações oriundas da realidade, produzindo novos significados por meio da relação com o outro e principalmente na atividade do trabalho do homem.

[...] a palavra faz pelo homem, o grandioso trabalho de análise e classificação dos objetos, que se formou no longo processo da história social. Isto dá à linguagem a possibilidade de tornar-se não apenas meio de comunicação, mas também o veículo mais importante do pensamento, que assegura a transição do sensorial ao racional na representação do mundo. [...] A linguagem é o veículo fundamental de transmissão de informação [...] (LURIA, 1979, p. 81)

## 1.2 Tecnologias de comunicação e informação

*“Só depois que a tecnologia inventou o telefone, o telégrafo, a televisão, a internet, foi que se descobriu que o problema de comunicação mais sério era o de perto.”*

*(Millôr Fernandes)*

Ao discutir sobre os meios de comunicação, podemos descrever antes alguns elementos básicos que os constituem: **interlocutores**, que emitem e a quem se destina a comunicação; as **mensagens** ou **conteúdo** que compartilham; os **signos** que utilizam para representá-los; os **meios** empregados para sua transmissão e a **realidade** ou **situação** em que se realiza, ou seja, o seu ponto de vista histórico, social e cultural (BORDENAVE, 1997). A comunicação é

também entendida segundo sua amplitude, como **intrapessoal/subjetiva**, aquela realizada ao pensar ou refletir sobre determinado assunto internamente, consigo mesmo; a **interpessoal/grupal**, que envolve uma ou mais pessoas, um grupo, como uma sala de aula por exemplo, e a **comunicação em massa/massiva** que é aquela que se utiliza dos meios tecnológicos de comunicação para propagação em larga escala (SANTOS, 2003).

Segundo Perles (2007), a compreensão da história e dos elementos que compõem os processos comunicativos estão intimamente ligados ao desenvolvimento da sociedade e de sua estrutura, em que “a linguagem, a cultura e a tecnologia são elementos indissociáveis do processo de comunicação” (p. 1). Deste modo, ao mesmo tempo em que a sociedade condiciona o aparecimento e o desenvolvimento de novas tecnologias da comunicação, elas também são condicionadas por essas tecnologias. De acordo com Said (2002), a tecnologia e os sujeitos históricos estão organizados em relações moldadas por condições históricas, sociais, econômicas e culturais e é impossível não considerar a relevância dos meios de comunicação na vida social, “[...] a própria comunicação só pode ser entendida também como artefato cultural, impregnado de transformações, tecnológicas e, portanto, totalmente inscrito na história do desenvolvimento social [...]” (SAID, 2002, p. 4).

Segundo McLuhan (1964), a tecnologia passou a fazer parte do cotidiano da vida humana e os meios de comunicação podem ser traduzidos como *extensão do homem*. Para obter a comunicação tal qual a conhecemos hoje, que se utiliza das mais variadas e avançadas tecnologias como as *plataformas digitais*, possuidoras de diferentes velocidades e variedades, foi preciso passar por uma série de modificações e transformações. O homem precisou criar e utilizar diferentes tipos de ferramentas para auxiliar e potencializar o processo comunicativo. Os **sinais de fumaça, tantã, berrante, sino e gongo** são exemplos de comunicação sonora e visual, que caracterizam a tecnologia da comunicação em seus primórdios; é através dessas que o homem começa a ter um maior alcance comunicativo, em que a mensagem humana vence o âmbito familiar e grupal (PERLES, 2007).

A fim de fixar e exprimir suas vivências, o homem utilizou-se primeiro das **pinturas rupestres**, gravuras presentes em grutas e cavernas antigas, que descreviam uma caça ou pesca realizada pelos homens que ali viviam.

Inicialmente o homem comunicava os acontecimentos na mesma ordem em que eles se davam, ou seja, um caçador descrevia sua rotina na mesma sequência dos fatos. Se pegava uma arma, enfrentava um animal, matava-o e comia-o, assim desenhava nos pictogramas (desenhos ou símbolos) e ideogramas (sinal que exprime a ideia e não os sons da palavra, em oposição à fonográfica). (PERLES, 2007, p. 06)

Em 2019, o jornal *El País*<sup>13</sup> noticiou a descoberta de uma equipe de arqueólogos australianos numa caverna na Indonésia: “uma pintura de oito silhuetas humanas caçando javalis e búfalos”, feita há pelo menos 43.900 anos. Desenhos primitivos, datados da Era Paleolítica (entre 35000 e 15000 a.C.) também foram achados em cavernas na Espanha e na França (BORDENAVE, 1997). Após as pinturas, a **invenção da escrita**, na Mesopotâmia, conhecida como **escrita cuneiforme** desenvolvida pelos sumérios é o próximo marco na história.

A invenção da escrita provocou profundas mudanças intelectuais e sociais, transformou uma sociedade oral em uma sociedade escrita, considerada por alguns antropólogos como o abandono da mente selvagem. O livro e o texto impresso constituíram uma importante força na evolução cultural e o hábito de ler começou a representar uma poderosa força de mudança social. (REIS, 2019, p. 7)

Ainda de acordo com Reis (2019), a escrita cuneiforme foi decifrada no século XIX e é considerada o sistema de escrita mais antigo até hoje conhecido. Os registros políticos e econômicos da época eram feitos na argila por meio de placas moles posteriormente secadas ao sol; a produção dessa escrita se realizava em formato de cunha, daí o nome cuneiforme. Paralelamente, os **hieróglifos** surgiram no Egito, “Os hieróglifos eram sinais sagrados gravados que os egípcios consideravam ser a fala dos deuses, originalmente consistiu em cerca de 2.500 sinais, sendo cerca de quinhentos deles usados com mais frequência” (REIS, 2019, p. 13).

Conforme a escrita e a linguagem eram desenvolvidas, os meios de comunicação se aperfeiçoavam. As primeiras civilizações usaram as rochas, a argila, a madeira e o couro de animais para se comunicarem. Alguns desses materiais ficaram bastante conhecidos como o **pergaminho**, produzido com pele de animal (carneiro, bezerro e cabra) e eram utilizados para reproduzir textos religiosos manuscritos, pois a cópia era realizada uma por uma, e o **papiro**, que foi o precursor do papel, em que o material era extraído do talo de uma planta egípcia chamada *Cyperus papyrus*<sup>14</sup>.

A primeira invenção tecnológica que levou ao desenvolvimento significativo da sociedade é o **sistema tipográfico gutenberguiano**, considerado a origem da comunicação em massa. O alemão Johann Gutenberg (1398-1468) promoveu uma grande transformação na forma de se divulgar a escrita. Entre os anos de 1439 e 1440, Gutenberg idealizou um sistema de impressão em chumbo, por meio de tinta à base de óleo de linhaça, impressos em papel

---

<sup>13</sup> Disponível em <https://brasil.elpais.com/cultura/2019-12-22/por-que-os-primeiros-humanos-pintavam.html>. Acesso em: 04 jan. 2021.

<sup>14</sup> Disponível em <https://www.floresefolhagens.com.br/papiro-do-egito-cyperus-papyrus/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

através de uma prensa de madeira. Bi Sheng, na China, tinha feito algo semelhante no século XI, mas foi Gutenberg que obteve sucesso primeiramente com a impressão de cópias da Bíblia e posteriormente ajudando na propagação da Reforma Protestante com panfletos luteranos, seguidos de livros e jornais<sup>15</sup>.

Nos anos de 1438 e 1440, o alemão Johann Gensfleisch, Gutenberg aperfeiçoou os tipos móveis criados pelos chineses que foram os primeiros a imprimir livros. O sistema de prensa tipográfica criado por Gutenberg, associado às possibilidades oferecidas pelo alfabeto romano, composto de pouquíssimas letras quando comparado aos inúmeros ideogramas chineses, não somente possibilitou a produção de livros em grande escala, como propiciou o surgimento do jornal. (PERLES, 2007, p. 6)

Esse acontecimento gerou uma verdadeira revolução na época. Com a invenção da máquina de prensa, em apenas um dia várias cópias de determinado material eram obtidas, o que antigamente era impossível: “A tecnologia mecânica de Gutenberg automatizou o sistema de produção de textos e antecipou-se ao que seria a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra em 1750. Assim, não caracteriza exagero afirmar que a tipografia instituiu a tecnologia moderna de comunicação [...]” (PERLES, 2007, p. 8). Através da prensa foi possível que se começasse a imprimir os primeiros jornais como meios de comunicação em massa. O primeiro **jornal** da história do mundo foi o “*Relation*”, surgido em 1605, em Estrasburgo, cidade germânica, e o primeiro jornal brasileiro foi o “Correio Braziliense”, lançado em 1º de junho de 1808, por Hipólito José da Costa. Naquela época, a Coroa Portuguesa proibia a existência do jornal; por isso sua impressão era feita em Londres. Somente com a chegada da então família Real ao Brasil, é que se deu origem à *Imprensa Régia* (impressão de legislação e papéis diplomáticos provenientes das repartições reais) como o primeiro jornal impresso em território brasileiro. No dia 10 de dezembro de 1808 era fundada a “Gazeta do Rio”, com publicação de documentos oficiais (PERLES, 2007).

Apesar do jornal ser um meio de comunicação antigo e conhecido, podemos considerar também a **carta** como um dos primeiros meios de comunicação, cujos registros foram encontrados na Antiguidade Clássica pelos filósofos gregos. Esse tipo de comunicação por cartas funcionava antigamente como jornais, que passavam “*de mão em mão*”, difundindo as notícias da época. Tal funcionalidade do gênero se estenderia através dos séculos, chegando ao que hoje conhecemos como *e-mail* ou *correio eletrônico*, tipo de comunicação que utiliza a internet como tecnologia e que será discutida adiante (SANTOS *et al.*, 2018).

---

<sup>15</sup> Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/invencao-imprensa.htm>. Acesso em: 05 jan. 2021.

Um grande avanço para o desenvolvimento de novas tecnologias da comunicação foram as transmissões eletromagnéticas, de sinais elétricos, que propiciaram a criação do **telégrafo** e da **ligação radiotelegráfica** e, posteriormente, do **telefone**, “A eletricidade possibilita o nascimento da mídia terciária, que requer o uso de um aparato emissor e codificador da mensagem e de outro aparato receptor e decodificador” (BAITELLO JUNIOR, 1998, p. 13). A invenção do telefone ocorreu na década de 1870, por *Alexander Graham Bell* (1847-1922), que registrou a primeira transmissão elétrica de voz no dia 10 de março de 1876<sup>16</sup> junto com Thomas Watson, “[...] Doze anos mais tarde, o físico alemão Heinrich Hertz descobriria as ondas eletromagnéticas, tornando possível ao laboratório Bell avançar nas pesquisas em transmissão de códigos pelo ar” (DUTRA, 2016, p. 103).

O italiano *Guglielmo Marconi* (1874-1937) é tido como o inventor do **rádio**, que em 1896 patenteou o primeiro aparelho transmissor sem fios, apesar de registros indicarem o padre brasileiro, *Roberto Landell de Moura*, como o primeiro a realizar uma transmissão radiofônica em 1893:

Muito embora o nome do italiano Guglielmo Marconi seja tido como o do inventor do rádio, o certo é que em 1896 Marconi patenteou o primeiro aparelho transmissor sem fios. Suas investigações começaram por volta de 1894, quando conseguiu enviar sinais fracos a cerca de 100m de distância. Em pouco mais de dois anos os sinais já ultrapassavam a barreira de 1 km. Mas antes que o cientista italiano tivesse realizado experiências de sucesso, o padre brasileiro Roberto Landell de Moura já havia transmitido voz por meio do eletromagnetismo. (PERLES, 2007, p. 9)

No Brasil, a primeira emissora de rádio a funcionar foi a *Rádio Clube de Pernambuco*, no ano de 1919, mas ainda sem um sistema desenvolvido. Em 1922, a *RCA Vitor* realizou algumas transmissões em comemoração ao centenário da independência, diretamente do Corcovado do Rio de Janeiro e apenas em 1923 é que a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* se tornava a primeira emissora, criada por Roquette-Pinto, a funcionar regularmente em solo brasileiro (MELO; TOSTA, 2008). Entre os anos de 1940 e 1950 houve um aumento significativo no número de emissoras de rádio, que começou a exercer uma atração muito grande sobre o público ouvinte através de radionovelas e concursos musicais, o que fez com que o período entrasse para a história da comunicação no Brasil como os “anos dourados do rádio brasileiro” (CALABRE, 2007, p. 67).

---

<sup>16</sup> Disponível <https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-telefone.htm>. Acesso em: 08 fev. 2021

### 1.3 Mídia e Poder

*“Quem não se comunica, se trumbica!”*

*(Chacrinha)*

Em Berlim, Alemanha, espectadores assistiram aos Jogos Olímpicos de 1936 por meio de projeções espalhadas em cinemas e teatros e alguns restritos aparelhos de televisão recém inventados<sup>17</sup>. Elizabeth II, atual Rainha do Reino Unido, assumiu o trono britânico em 1953 e sua cerimônia de coroação foi a primeira a ser televisionada na história do país<sup>18</sup>. A chegada do homem à Lua no ano de 1969 foi televisionada para mais de 600 milhões de pessoas em todo o mundo<sup>19</sup>. Tais exemplos explicitam o uso de mídias e demonstram não apenas a chegada da tecnologia, mas também uma expressão do poder.

É próprio da comunicação contribuir para modificação dos significados que as pessoas atribuem às coisas. E, através da modificação de significados, a comunicação colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos. Daí o imenso poder da comunicação. Daí o uso que o poder faz da comunicação (BORDENAVE, 1997, p. 92)

Segundo Perles (2007), as experiências estéticas estão relacionadas ao número de sentidos que as mensagens e os meios de comunicação podem despertar no ser humano, “A tecnologia que propiciou a imagem em movimento e adicionou a ela o elemento sonoro, rompeu com as experiências estéticas até então vivenciadas por meio da técnica de impressão” (p. 10). *Louis-Jacques Daguerre* (1787-1851) e *Joseph Nicéphore Niépce* (1765-1833)<sup>20</sup> já haviam inventado a **fotografia** na primeira metade do século XIX e o **cinema** então possibilitou a visualização da imagem em movimento no ano de 1895. Os irmãos *Louis* e *Auguste Lumière* projetaram o filme “*Sortie de L’usine Lumière à Lyon*” (empregados deixando a Fábrica Lumière) na França; o filme que mostra a chegada de um trem à estação é considerado um clássico por ser um dos primeiros filmes a serem exibidos e que se acredita que as pessoas que o assistiram tenham se assustado com a movimentação, devido ao fato de não estarem acostumadas com uma imagem que se mexia.<sup>21</sup>

<sup>17</sup> Disponível em <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-o-primeiro-evento-a-ser-transmitido-pela-tv/>. Acesso em: 29 abr. 2021

<sup>18</sup> Disponível <https://brasilecola.uol.com.br/historia/elizabeth-ii.htm>. Acesso em: 08 fev. 2021.

<sup>19</sup> Disponível em <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/07/16/ha-50-anos-o-homem-chegava-a-lua-e-voce-pode-assistir-a-tudo-isso-agora.htm>. Acesso em: 08 fev. 2021.

<sup>20</sup> Disponível <https://www.aicinema.com.br/historia-do-cinema-confira-este-guia-e-se-destaque/>. Acesso em: 08 fev. 2021.

<sup>21</sup> Disponível em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/classico-filme-em-preto-e-branco-do-trem-frances-chegando-estacao-e-remasterizado-em-4k.phtml>. Acesso em: 08 fev. 2021.

De acordo com Perles (2007), a **televisão** nasceu após um conjunto de descobertas, desde o selênio e a corrente de elétrons produzida através de um feixe de luz do químico sueco *Tons Jacob Berzelius* (1779-1848) no ano de 1817, até a invenção do iconoscópio em 1923, pelo russo *Vladimir Zworykin* (1888-1982), que se converteria no tubo de imagem dos televisores antigos, “As primeiras experiências de transmissão iniciadas na década de 1930 na Europa e nos Estados Unidos foram interrompidas pela Segunda Guerra Mundial, retornando somente após o conflito.” (p. 10). Segundo Thompson (1998, p. 85), “A televisão tem uma riqueza simbólica com características da interação face a face: os comunicadores podem ser vistos e ouvidos, movimentam-se através do tempo e do espaço [...]”.

No Brasil, a primeira emissora de televisão foi a PRF3-TV, futura Rede Tupi de São Paulo, inaugurada em 18 de setembro de 1950 pelo jornalista *Assis Chateaubriand* (1892-1968), que precisou importar alguns aparelhos de TV para que os programas da emissora fossem assistidos, visto que ainda não existia um consumo de televisores no país.

Chateaubriand também compra televisores e os coloca estrategicamente nas residências de alguns de seus amigos. Então a burguesia paulista é beneficiária dessas primeiras emissões televisivas. Ainda hoje, encontramos no vídeo, atuando profissionalmente como Hebe Camargo e Lolita Rodrigues, que protagonizaram os primeiros programas de TV transmitidos ao vivo. (MELO; TOSTA, 2008, p. 34)

Retomando a epígrafe do texto, é quase impossível falar em comunicação e em comunicação brasileira sem citar ao menos um dos inúmeros nomes de comunicadores que participaram da história da comunicação do país. “Quem não se comunica, se trumbica” dizia um dos bordões de *José Abelardo Barbosa de Medeiros*<sup>22</sup> (1917-1988), conhecido como *Chacrinha*, que foi uma figura importante na história da TV brasileira. Considerado um dos grandes comunicadores, tanto do rádio quanto da televisão, Chacrinha foi um dos responsáveis pela popularização do referido meio de comunicação em massa no país, por meio de seus programas de auditório que foram transmitidos entre as décadas de 1950 a 1980. A última pesquisa do IBGE acerca da quantidade de casas que possuem ao menos um aparelho de TV constatou que “De 69,3 milhões de domicílios particulares permanentes no Brasil – apenas 2,8%, ou 1,9 milhão, não tinham televisão, com destaque para o Norte do país, onde o percentual é o mais elevado, com 6,3%”.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-09/chacrinha-100-anos-conheca-trajetoria-do-velho-guerreiro>. Acesso em: 09 dez. 2020.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/apenas-28-das-casas-do-brasil-nao-tem-acesso-a-televisao-diz-pesquisa-do-ibge> Acesso em: 31 ago. 2021.

Para Briggs e Burke (2016), a inserção da mídia, tanto radiofônica quanto televisiva, na sociedade durante a segunda metade do século XX estimulou o que seria uma “reavaliação” desse tipo de comunicação, que trouxe importantes consequências culturais e sociais. Nomes como *Roosevelt*, presidente Estados Unidos entre 1933 a 1945, e *Churchill*, político britânico que conduziu o Reino Unido à vitória na Segunda Guerra Mundial, são exemplos de pessoas cuja oratória impactava positivamente através dos meios de comunicação, mas também nomes como os de *Hitler*, *Mussolini* e *Stálin*, ditadores que atraíram multidões com a ajuda do rádio e da TV.

Controversos são a natureza e o escopo dessas consequências. São elas primordialmente políticas ou psicológicas? Pelo lado político, favorecem a democracia ou a ditadura? A “era do rádio” foi não somente a era de Roosevelt e Churchill, mas também de Hitler, Mussolini e Stálin. Pelo lado psicológico, a leitura e a visão estimulam a empatia com os outros ou o isolamento em um mundo particular? A televisão e “a rede” aniquilam ou criam novos tipos de comunidades nas quais a proximidade espacial importa pouco? (BRIGGS; BURKE, 2016, p. 23)

A televisão foi uma invenção tecnológica que gerou verdadeira revolução no cotidiano e no modo de vida das pessoas, que se informavam e se entretinham diante das *telinhas*. Assim também a invenção da **internet** revolucionou não apenas os sistemas de comunicação, como também o dia a dia das pessoas. A “rede” surgiu após algumas experiências e pesquisas realizadas com fins militares pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA), no final da década de 1950 e hoje em dia é o nosso maior meio de comunicação.

A internet teve origem no trabalho de uma das mais inovadoras instituições de pesquisa do mundo: a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos EUA. [...] a ARPA empreendeu inúmeras iniciativas ousadas, algumas das quais mudaram a história da tecnologia e anunciaram a chegada da Era da Informação em grande escala. (CASTELLS, 1999, p. 82).

Apesar da inovação, por alguns anos, o novo sistema de comunicação era restrito apenas a quem tinha conhecimentos e acesso às tecnologias da época; a internet passaria por uma série de mudanças ao longo dos anos até se tornar a que conhecemos hoje. Foi somente na década de 1990 que se deu um “salto tecnológico” que permitiu a difusão da internet para a sociedade em geral através da criação do **world wide web – WWW**, que organizava o teor dos sítios<sup>24</sup> por informação e não por localização, facilitando assim a busca por informações (CASTELLS, 1999). A invenção da WWW ocorreu no “*Centre Européen pour Recherche Nucleaire* (CERN) em Genebra, um dos principais centros de pesquisas físicas do mundo. Foi inventado

<sup>24</sup> Chamamos de sítio ou sítios eletrônicos o conjunto de páginas na web que estão localizados em determinado endereço dentro da rede.

por um grupo de pesquisadores do CERN chefiado por Tim Berner Lee e Robert Cailliau” (CASTELLS, 1999, p. 87); teve a contribuição da cultura dos hackers da década de 1970 e foi baseado parcialmente no trabalho de *Ted Nelson*<sup>25</sup> na década de 1960 que “imaginou um novo sistema de organizar informações que batizou de ‘**hipertexto**’ fundamentado em remissões horizontais” (CASTELLS, 1999, p. 88). A equipe do CERN criou os formatos de linguagem de programação que utilizamos até hoje, o **HTML** (*Hyper Text Markup Language*), que é a linguagem de marcação de hipertexto, **TCP/IP** (*Transmission Control Protocol/Internet Protocol*) principal protocolo de envio e recebimento de dados; **HTTP** (*Hyper Text Transfer Protocol*), em português, Protocolo de Transferência de Hipertexto e **URL** (*Uniform Resource Locator*) que é o endereço eletrônico:

Foi no início das operações do LEP1 que se percebeu a necessidade de compartilhamento da grande quantidade de dados entre os milhares de participantes dos grupos experimentais, espalhados ao redor do mundo. A solução foi desenvolver uma linguagem e um protocolo que facilitassem essa tarefa usando a internet, então incipiente. Tim Berners-Lee, um cientista britânico trabalhando no CERN, inventou a world wide web (WWW) em 1989. Sua proposta para desenvolver um sistema distribuído de gerenciamento de informações foi aprovada por seu supervisor, que escreveu na capa da proposta o comentário “Vague but exciting” [Vago, mas estimulante]. Berners-Lee desenvolveu um protocolo de transferência de informação, o hypertext transfer protocol — o famoso “http” que aparece nos endereços da rede. O primeiro endereço da internet, <http://info.cern.ch>, está sendo agora usado para manter a história desse grande avanço. E o computador usado como o primeiro servidor de rede usando a WWW está em exposição no CERN. (ROSENFELD, 2013, p. 80)

Todos estes protocolos são utilizados para que os computadores consigam “se comunicar”. A criação do WWW, também chamada de “*web*”, “*website*” ou “*site*” foi um marco para a era da tecnologia digital. *Berners-Lee* “viu a oportunidade de unir hipertexto com internet e criar a World Wide Web”<sup>26</sup>; é preciso enfatizar que “[...] informalmente as pessoas costumam usar o termo “Internet” e “World Wide Web” (WWW) como sinônimos, mas isso é impreciso: a WWW é de fato apenas um dos muitos serviços prestados através da Internet” (PALETTA; MUCHERONI, 2014, p. 74). De uma forma simplista, a *internet* é o nome que se dá à rede que conecta os computadores ao redor do mundo, é a estrutura, e o WWW é o caminho que permite ao usuário (aqueles que utilizam a rede) o acesso aos conteúdos transferidos pela internet.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>. Acesso em: 02 maio 2021.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://canaltech.com.br/celebridade/tim-berners-lee/> Acesso em 08 maio 2021

<sup>27</sup> Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/qual-a-diferenca-entre-internet-e-world-wide-web/>. Acesso em 08 maio 2021

De acordo com Castells (1999), no ano de 1975 temos a invenção do **microcomputador**, seguido da introdução de sistemas operacionais, que revolucionaram toda a sociedade e a área da comunicação no decorrer dos próximos anos sendo a internet a “espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores [...]” (p. 431).

Embora a história da tecnologia não seja o único elemento na história da mídia da segunda metade do século XX, os computadores devem vir em primeiro lugar em qualquer análise histórica, pois logo que deixaram de ser considerados simples máquinas de calcular ou úteis acessórios de escritório — e isso só aconteceu no começo da década de 1970 —, eles passaram a fazer com que todos os tipos de serviços, e não somente os de comunicações, tomassem novas formas. (BRIGGS; BURKE, 2016, p. 273).

*Hedwig Eva Maria Kiesler*<sup>28</sup> (1914-2000), atriz e inventora austríaca conhecida como *Hedy Lamarr*, fez uma importante contribuição tecnológica para a comunicação ao desenvolver o método de alternância de frequências junto com George Antheil (1900-1959) durante a Segunda Guerra Mundial. A atriz, que sempre gostou de ciências, participava de reuniões com cientistas sobre a tecnologia militar da época, percebeu que a frequência do rádio e torpedos enviados eram instáveis e criou um aparelho para despistar radares nazistas. Essa tecnologia serviu de base para o desenvolvimento de **computadores**, **celulares** e o **Wi-fi**, que utilizamos hoje, tecnologia de rede sem fio que permite a conexão à internet. Apesar de seu importante papel na área tecnológica, a inventora só foi reconhecida em 1997, quando a *Electronic Frontier Foundation* concedeu a ela e a Antheil o *Prêmio Pioneer*<sup>29</sup>.

O crescente desenvolvimento na área de tecnologia de **telecomunicação** deu início à ideia de “*Aldeia Global*”<sup>30</sup>, de McLuhan (1964), conceito desenvolvido para explicar a evolução tecnológica em que o mundo se tornaria uma *Aldeia*, onde todos poderiam falar com todos, não importando o tamanho da distância, “Com a tecnologia elétrica instantânea, o próprio globo não passará de uma aldeia e a própria natureza da cidade, enquanto forma de grandes dimensões, deve inevitavelmente dissolver-se como numa fusão cinematográfica.” (p. 386).

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.ime.unicamp.br/~apmat/hedy-lamarr/>. Acesso em 29 abr. 2021.

<sup>29</sup> “*EFF Pioneer Award*” é um prêmio anual concedido pela “*Electronic Frontier Foundation (EFF)*”, para pessoas que fizeram contribuições significativas para o empoderamento individual usando computadores.

<sup>30</sup> O termo “*Aldeia global*” foi criado por McLuhan em sua obra “*A Galáxia de Gutenberg*” (1962); indica a redução de distâncias devido ao progresso tecnológico que como em uma aldeia todos estariam interligados.

## 1.4 Mídias Digitais

*“[...]a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”*

*(Manuel Castells)*

A tecnologia criou artifícios que buscam facilitar a interação e o compartilhamento de informação entre as pessoas, como as cartas, o telefone, o telégrafo, o rádio, a televisão e a internet. Esse tipo de compartilhamento é feito através das chamadas **mídias**, palavra esta que vem da “expressão latina *media* [que] é o plural de *médium*, no singular, significa ‘meio’, ‘veículo’, ‘canal’” (MELO; TOSTA, 2008, p. 30). A mídia pode ser entendida como o conjunto dos diversos meios de comunicação. Briggs e Burke (2016) afirmam que o termo começou a ser usado pelas pessoas somente na década de 1920 e passou a ser descrito no *Oxford English Dictionary*, mas essa tecnologia, como vimos, começou muito antes, com a propagação de escritos, por meio da comunicação em massa, que foi evoluindo com o passar do tempo.

O final do século XX e início do século XXI é marcado pelo desenvolvimento de tecnologias de **mídias digitais** de comunicação realizadas através da internet. Para Castells (1999), a caracterização da revolução tecnológica não está na centralidade de conhecimento e informação, mas “na aplicação desses conhecimentos e dessa formação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso” (p. 69).

A invenção da rede de internet e do sistema de *web* tornou possível a qualquer pessoa ao redor do mundo desenvolver um documento ou conteúdo e colocá-lo na rede para outras pessoas terem acesso; porém, no início esse sistema, apesar das evoluções, ainda era “estático” e sem interação. Esse período de não interação imediata é chamado de **Web 1.0** que se refere aos primeiros acessos ao sistema de rede e sua ampliação na sociedade, “Um site com o formato de WEB 1.0 é estático e sem nenhuma forma de interatividade com os leitores”<sup>31</sup>. Segundo Melo e Tosta (2008), o Brasil começou a difundir e então a fazer parte da era dos computadores e da **cibercomunicação** entre as décadas de 1980 e 1990 com a expansão também da telefonia móvel e dos aparelhos celulares. O desenvolvimento de novos **softwares**, sistema de processamento de dados computadorizados e a criação dos buscadores da internet como o

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.fapcom.edu.br/blog/os-conceitos-de-web-1-0-2-0-e-3-0.html>. Acesso em 02 maio 2021.

“Google” e o “Yahoo Search”, antigo “Cadê?”, iniciaram no começo da década de 2000, o período da **Web 2.0**, também conhecida como “web participativa”, caracterizada por uma maior produção de conteúdo em sites, que agora não são mais estáticos e podem ser “achados” ou “buscados” de uma forma simples e rápida. Nesse período também se identifica o crescimento dos “*feedbacks*”, ou seja, as respostas dos públicos que utilizam a internet. O uso de bases para armazenamento de dados e a “explosão” das **redes sociais**, meios eletrônicos de interação entre pessoas para a troca de informações, pelos quais os usuários podem se *conectar* com outros usuários a partir de seus valores e interesses em comum. Destaca-se que nesse tipo de comunicação o receptor da mensagem pode interferir no seu conteúdo e transforma-se também no emissor, “escolhendo, alterando, deixando registrada sua visão, como agente ativo, produtor de dados que atingirão outros receptores, que, por sua vez também têm a possibilidade de participar do processo comunicativo” (SANTOS, 2003, p. 68).

A WEB participativa ou Web 2.0, consiste na participação ativa dos usuários na Internet, que criam conteúdos, adaptam e desenvolvem aplicações para uma grande variedade de campos. O conteúdo digital representa um fator importante na indústria das TICs – Tecnologia da Informação e Comunicação. A inovação tecnológica e a demanda dos novos usuários estão levando a novas formas de criação, distribuição e acesso ao conteúdo digital. (PALETTA; MUCHERONI, 2014, p. 75)

*Linkedin, Facebook, YouTube, Instagram, Twitter e WhatsApp* são algumas das diversas plataformas digitais que permitem a troca e o compartilhamento de informações entre usuários proporcionando a comunicação entre seus integrantes. No Brasil, as redes sociais se destacam como um dos principais meios de comunicação do país, deixando o rádio e a TV para segundo plano. No ano de 2020, marcado pela chegada da pandemia do novo Coronavírus, o *Facebook*, rede social criada por *Mark Zuckerberg (1984)*<sup>32</sup>, foi a plataforma digital mais acessada durante o período de quarentena. Somente em abril, a rede registrou cerca de 120 milhões de usuários ativos, de acordo com estudo realizado pelo *Cuponation*<sup>33</sup>, ficando na quarta posição entre os países que mais acessam a plataforma, perdendo apenas para a Índia, Estados Unidos e Indonésia, respectivamente.

A ascensão da **telefonía móvel** e o desenvolvimento dos atuais **smartphone** merecem destaque, visto que estes viabilizam a conexão à internet independente de um computador. Segundo a Agência Brasil<sup>34</sup>, em matéria de abril de 2020, a telefonía móvel foi a principal forma

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/perfil/mark-zuckerberg/>. Acesso em 02 maio 2021.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/noticia/2016/03/alem-do-google-cade-aonde-altavista-e-outros-fizeram-historia.html>. Acesso em: 02 maio 2021.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/celular-e-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-pais>. Acesso em: 10 fev. 2021.

de acesso à internet no Brasil, “Entre 2017 e 2018, o percentual de pessoas de 10 anos ou mais que acessaram a internet pelo celular passou de 97% para 98,1%. O aparelho é usado tanto na área rural, por 97,9% daqueles que acessam a internet, quanto nas cidades, por 98,1%”. Apesar do percentual ser alto, precisamos nos atentar àqueles que não possuem o acesso, que se traduzido em números, são cerca de alguns milhares de pessoas que ficam à margem dessas tecnologias. A utilização do hipertexto, mencionado no texto anteriormente, é um marco importante dessa era digital, o conceito de “linkar” um ou mais textos hoje em dia facilita a navegação na internet. Durante a navegação na rede, ao clicar em uma palavra ou imagem de um determinado texto (que contém um *link* com um hipertexto) em um site, a pessoa pode ser direcionada para outra página (outro endereço de site) na qual se esclarece ou complementa tal assunto. O hipertexto e as novas formas de comunicação baseadas na interação em que receptores e emissores de informação se confundem também são características da **Web 3.0**, que pode ser resumida como a intensificação da Web 2.0 e o uso de **algoritmos**. De forma resumida, o algoritmo pode ser entendido como o “procedimento” ou “passo-a-passo” necessário para a realização e resolução de uma determinada tarefa<sup>35</sup>. Apesar do termo algoritmo ser popularmente recente, ele foi uma invenção de *Ada Lovelace* (1815-1852)<sup>36</sup>, matemática e escritora inglesa, considerada a primeira programadora da história a usar um algoritmo processado por uma máquina.

Atualmente o uso de algoritmos pelas grandes empresas de tecnologia em comunicação digital possibilita a criação de um mecanismo capaz de estabelecer um “perfil” dos usuários de internet de forma individual. Podemos exemplificar tal mecanismo quando um determinado usuário da rede realiza uma busca por “tijolo” em um buscador do *Google* de seu computador. Certamente, ao entrar em qualquer outra página da internet ou rede social, será exposto a esse usuário uma imensa quantidade de propagandas sobre “tijolos” e “materiais de construção”, pois os algoritmos entenderam que este é o conteúdo ideal para você que irá satisfazer suas necessidades. No ano de 2011, *Eli Pariser*, ativista político nos Estados Unidos e autor do livro “*The Filter Bubble*”, fez uma apresentação no *TED talks*<sup>37</sup> sobre o tema do livro: “*Filtro Bolha*”, uma característica da rede de apresentar como resultado de busca apenas o que é relevante para o usuário. Peço licença para me utilizar como exemplo, ao pesquisar no *Google*, a palavra “Egito”. Provavelmente o mecanismo de busca irá me trazer resultados de teses e

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/programacao/2082-o-que-e-algoritmo-.htm>. Acesso em: 10 maio 2021.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.ime.unicamp.br/~apmat/ada-lovelace/>. Acesso em: 02 maio 2021.

<sup>37</sup> Disponível em: [https://www.ted.com/talks/eli\\_pariser\\_beware\\_online\\_filter\\_bubbles](https://www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles). Acesso em 20 out. 2020.

dissertações, ou mesmo matérias de jornais sobre o país, devido ao meu perfil: Jornalista, Pedagoga e Mestranda. Se minha tia que gosta e viaja todos os anos comprando e pesquisando viagens na internet, ao pesquisar a mesma palavra no computador dela, os resultados certamente serão de pacotes de viagens e turismo no país, devido ao perfil dela ser diferente do meu.

A ferramenta parece ser uma boa tática para viabilizar de maneira rápida a demanda dos usuários da internet, mas engloba aspectos prejudiciais à vida humana como o controle do que determinado indivíduo irá ter acesso ou não, fazendo com que ele viva, como disse *Pariser*, numa “bolha” virtual que apresenta somente o que o agrada. O documentário "O Dilema das Redes"<sup>38</sup>, lançado em fevereiro de 2020 no serviço de streaming da *Netflix*, descreve os impactos negativos que as redes sociais têm sobre indivíduos e sociedades, mostrando as estratégias criadas para manipular as emoções e comportamentos viciantes de usuários a fim de e mantê-los conectados em vista do lucro obtido por empresas ali presentes, através de cliques, *likes* e compras.

Para elucidar o uso de algoritmos e sua implicação na sociedade, ao aceitar os “termos de uso” durante um cadastro numa rede social como o *Facebook* fornecemos, além de dados e informações pessoais, todos os conteúdos que acessamos, tais como *posts*, mensagens (inclusive privadas) e curtidas. Uma empresa que tem acesso a esses dados é capaz de manipular toda uma nação, como o caso recente da jornalista britânica *Carol Cadwalladr*, que expôs globalmente o escândalo da *Cambridge Analytica*. A história é retratada no documentário “Privacidade Hackeada”<sup>39</sup>, de 2019. A empresa foi acusada de utilizar dados pessoais dos usuários do *Facebook* para influenciar as eleições presidenciais americanas e sobre o referendo do *Brexit* (saída do Reino Unido da União Europeia-UE), o que levou Zuckerberg ao Congresso, em um debate sobre a regulamentação das redes sociais em referendos e processos eleitorais. A Web 3.0 é também chamada de “Web Semântica” por sua estrutura, que permite a relação humana com a máquina, criando a inteligência artificial (tecnologia de inteligência similar à inteligência humana) que caracteriza a **Web 4.0**: “Um ambiente com agentes inteligentes, feitos pela máquina e possibilitando uma maior interação homem-máquina nos levará a Web 4.0” (PALETTA; MUCHERONI, 2014, p. 80). Alguns especialistas definem a Web 4.0 como a “Web Simbiótica”, devido à interação e uso constante entre máquinas e humanos.<sup>40</sup> Uma outra característica da Web 4.0 é o “*Big Data*” termo usado em Tecnologia da Informação (TI) que

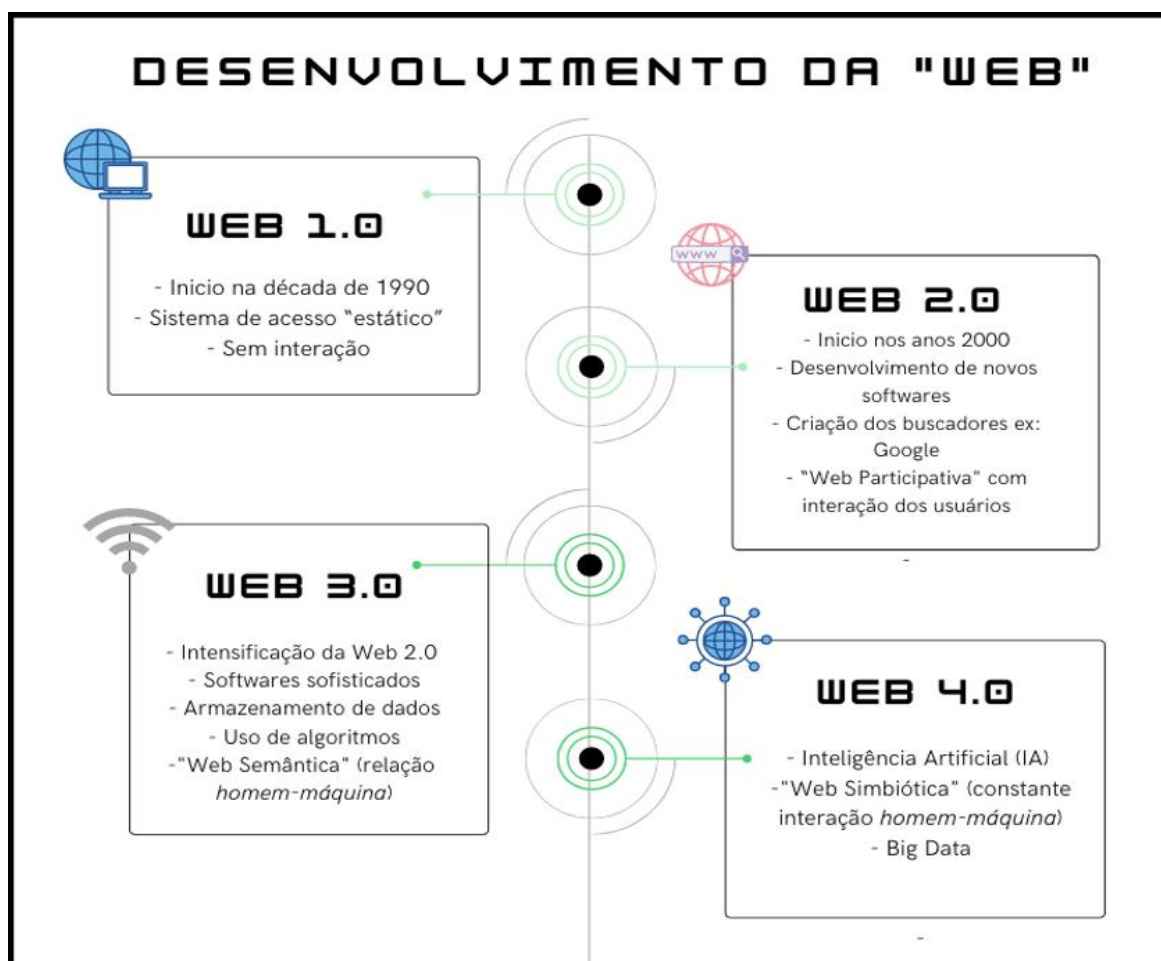
<sup>38</sup> O documentário "O Dilema das Redes" está disponível no serviço de streaming da Netflix.

<sup>39</sup> O documentário “Privacidade Hackeada” está disponível no serviço de streaming da Netflix.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.ufjf.br/conexoesexpandidas/2019/09/09/a-evolucao-da-web-o-que-esperar-da-web-4-0/>. Acesso em 08 maio 2021.

se refere aos grandes conjuntos de dados que precisam ser armazenados e processados em grande escala: “Big Data é a análise e a interpretação de grandes volumes de dados de grande variedade”.<sup>41</sup> Abaixo, uma figura sintetiza as principais características do desenvolvimento da web:

Figura 1 – Desenvolvimento da Web



Fonte: Elaborada pela autora.

A mídia está intrinsecamente interligada ao jornalismo, ao compartilhamento de informação e à publicidade e à propaganda, que se apropriam dos meios de comunicação para alcançar os seus objetivos, exercendo assim grande influência na vida das pessoas. Suas formas de ação determinam o que, como e de que forma as informações serão compartilhadas, como é o caso dos jornais, dos livros, das revistas e dos portais digitais de notícias e comunicação; uma das principais características da comunicação digital é a instantaneidade.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://canaltech.com.br/big-data/o-que-e-big-data/>. Acesso em 11 maio 2021.

Para elucidar o impacto da tecnologia na sociedade, retomaremos um pouco do início da história da comunicação social, identificando o seu poder de influência no comportamento humano, para o qual a comunicação e os meios de comunicação englobam situações e reações comportamentais induzindo um grupo de pessoas a tomarem determinadas atitudes. No dia 30 de outubro de 1938, na costa leste dos Estados Unidos (EUA), a emissora de rádio CBS (Columbia Broadcasting System) interrompeu sua programação musical para noticiar uma suposta invasão de marcianos. A "notícia extraordinária" causou pânico em algumas partes de cidades norte-americanas e certas pessoas acreditaram que a terra realmente estava sendo invadida por alienígenas. A notícia transmitida era, na verdade, o começo de uma peça de rádio teatral e o episódio ficou conhecido como a “*Guerra dos Mundos*”<sup>42</sup>. A difusão e a confusão duraram apenas uma hora, mas marcaram a história da comunicação devido ao até então desconhecido Orson Welles<sup>43</sup>. É identificável aqui o quanto uma informação pode influenciar o comportamento humano e consequentemente a sociedade.

De acordo com Thompsom (1998), “o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais” (p. 77), diferentes do que se tinha há alguns anos, por exemplo, quando não existia celular para se mandar uma mensagem de texto. O autor explica a questão “espaço-temporal” em que as pessoas podem se comunicar sem estar no mesmo ambiente. Assim, as expansões dos meios de comunicação iniciaram a **globalização da comunicação**, que “tem sido também um processo estruturado e desigual que beneficiou mais uns do que outros” (p. 143). Castells (1999) define o desenvolvimento das sociedades através da reestruturação do capitalismo e da difusão do informacionalismo, que ocorreram em escala global, mas “as sociedades agiram/reagiram a esses processos de formas diferentes, conforme a especificidade de sua história, cultura e instituições” (p. 56). Desta forma, o autor se refere ao termo “sociedade informacional” de maneira não hegemônica, “Uma teoria da sociedade informacional, diferente de uma economia global/informacional, deverá estar sempre tão atenta à especificidade histórica/cultural, quanto às semelhanças estruturais referentes a um paradigma econômico e tecnológico amplamente compartilhados.” (CASTELLS, 1999, p. 57).

Milton Santos (2001), em seu livro “Por uma outra globalização”, descreve os fatores constitutivos da globalização e sobre a violência da informação; diz ele: “um dos traços

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1938-p%C3%A2nico-ap%C3%B3s-transmiss%C3%A3o-de-guerra-dos-mundos/a-956037>. Acesso em 20 out. 2020.

<sup>43</sup> George Orson Welles (1915 - 1985) foi um ator, diretor, escritor e produtor norte-americano. É considerado um dos artistas mais versáteis do século XX no campo do teatro, do rádio e do cinema.

marcantes do atual período histórico é, pois, o papel verdadeiramente despótico da informação.” (p. 38). E ainda que “o que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível.” (p. 39). Ainda segundo este autor, as informações que chegam à maioria da população pertencem a um número limitado de pessoas que as divulgam da forma como querem:

A informação é centralizada nas mãos de um número extremamente limitado de firmas. Hoje o essencial do que no mundo se lê, tanto em jornais como em livros, é produzido a partir de meia dúzia de empresas que, na realidade, não transmitem novidades, mas as reescrevem de maneira específica. Apesar de as condições técnicas da informação permitirem que toda a humanidade conheça tudo o que o mundo é, acabamos na realidade por não sabê-lo, por causa dessa intermediação deformante. (SANTOS, 2001, p. 68)

A audiência televisiva de 70% do público nacional é dividida entre quatro grandes redes, que sequenciadas mostram a Globo ocupando o maior índice, seguida do SBT, Record e Band<sup>44</sup>. Em um levantamento realizado pelo *MOM - Media Ownership Monitor* (Monitoramento da Propriedade da Mídia) em 2017, que acompanha um ranking de Risco à Pluralidade da Mídia, elaborado pela Repórteres Sem Fronteiras e pelo grupo Intervozes, financiados pelo governo da Alemanha, constatou-se que no Brasil cinco famílias controlam metade dos 50 veículos de comunicação com maior audiência no Brasil, “No caso do Brasil, o levantamento listou os 50 veículos de mídia com maior audiência e constatou que 26 deles são controlados por apenas cinco famílias. O maior é o Grupo Globo, da família Marinho, que detém nove desses 50 maiores veículos”. Entre os principais nomes destacam-se além do Grupo Globo, o Grupo Bandeirantes e a família Macedo da Record; é importante registrar também que se se considerar a compra de horário de outras emissoras, esses números podem variar. O Brasil ocupa o 11º e último lugar “Nos dez indicadores do ranking<sup>45</sup>, o País apresenta risco ‘alto’ em seis deles, como concentração de audiência e salvaguardas regulatórias”.<sup>46</sup>

Chamamos de propriedade cruzada o controle de vários canais midiáticos (mídia impressa, televisão e segmentos na web) por uma mesma empresa ou grupo de empresas. Essa questão precisa ser abordada, pois reforça a concentração da propriedade nas mãos de um

<sup>44</sup> Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/quem-controla-midia-no-brasil/>. Acesso em 08 maio 2021

<sup>45</sup> Ranking de Risco à Pluralidade da Mídia, elaborado pela Repórteres Sem Fronteiras e pelo grupo Intervozes, financiados pelo governo da Alemanha de Risco à Pluralidade da Mídia.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>. Acesso em 08 mar. 2021.

pequeno número de pessoas. A propriedade cruzada se aplica tanto em nível nacional como estadual e local. O Grupo Globo, por exemplo, possui além da emissora, diversas subsidiárias, da *GloboSat* à *GloboNews*, *rádio Globo*, *CBN* e atualmente a *Globoplay* e *Globo.com*, que são canais pagos por assinatura. Uma mesma emissora possui diversos canais que distribuem informações em diferentes veículos de comunicação. O parágrafo quinto do artigo 220 da CF/88 alega que “Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio” (BRASIL, 1988). No entanto, a ausência de uma regulamentação implica a não definição do que de fato é monopólio ou oligopólio nos meios de comunicação social.<sup>47</sup> A possibilidade de acesso a plataformas digitais de notícia pode e está modificando este cenário em que apenas um grupo de famílias detêm o poder da informação e de sua veiculação.

---

<sup>47</sup> Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/regulacaodamidia>. Acesso em: 09 maio 2021.

## CAPÍTULO 2

### 2.1 Periferia

*“A periferia nunca esteve tão violenta,  
pelas manhãs é comum ver, nos ônibus, homens e  
mulheres segurando armas de até 400 páginas.*

*Jovens traficando contos, adultos, romances.  
Os mais desesperados, cheirando crônicas sem parar.  
Outro dia um cara enrolou um soneto bem na frente da  
minha filha.*

*Dei-lhe um acróstico bem forte na cara. Ficou com a rima  
quebrada por uma semana.”*

*(Sérgio Vaz)*

A periferia, como diz o poeta Sérgio Vaz, me atrevo a dizer que possui duas definições, a de quem a vê por fora e a de quem a vive por dentro. A palavra **periferia** tem seus sinônimos que, por muitas vezes, trazem diferentes significados: margens, arredores, redondezas, subúrbios etc. De acordo com sua etimologia, a palavra deriva do grego “periphéreia,as” e do latim “periferia,ae”, com sentido de circunferência, sempre enfatizando o que é “externo”<sup>48</sup>. Assim, o termo é constantemente usado para se referir a determinada área, cuja localização situa-se nos limites demográficos de grandes centros urbano. De acordo com o Índice Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>49</sup> de 2019, o Estado de São Paulo possui uma Área Territorial de 248.219,481 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 46.289.333 de pessoas. Com quase 22% da população brasileira, São Paulo é o Estado mais populoso do Brasil, com 96 distritos e 39 cidades que compõem a região metropolitana; segundo a SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), é a terceira unidade política mais populosa da América do Sul, sendo a cidade de São Paulo possuidora de uma população estimada de 11.914.851 habitantes.

Segundo Ferreira (2011, p. 73), “São Paulo, uma das cinco maiores metrópoles do mundo, expressa as disputas e conflitos da cidade capitalista, com o agravante de carregar também as contradições peculiares do subdesenvolvimento”. As cidades se desenvolvem de forma desordenada, sem infraestrutura básica diante do expoente crescimento habitacional,

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v5-4/html/index.php>. Acesso em 15 mar. 2021.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp.html>. Acesso em 21 mai. 2021.

gerando uma “crise urbana”, como definem Santos *et al.* (2011): “A visibilidade do colapso do planejamento urbano que se mostra incapaz de evitar o crescimento ‘desordenado’ das cidades [...] associadas à insuficiência dos serviços básicos” (p. 60). O avanço urbano acelerado gerou “[...] um crescimento econômico significativo, porém condicionado à manutenção da pobreza”, o que gerou um modelo da “urbanização desigual” (FERREIRA, 2011. p. 75), em que a população mais pobre e sem moradia se instala. É preciso ter a clareza de que, como afirma Ferreira (2011), não é verdade que a divisão geográfica entre o centro rico e a periferia pobre se expresse no território, pois “Os assentamentos informais também se multiplicam nos interstícios da cidade hegemônica, nos terrenos abandonados, embaixo das pontes, nas beiras de córregos. Mas de fato se estendem majoritariamente pelas regiões mais distantes do centro (FERREIRA, 2011. p. 75). Para Santos *et al.* (2011), o território precisa ser entendido como algo a mais que apenas o conjunto dos sistemas naturais e superpostos, “[...] o território tem que ser entendido como *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (p. 14).

Figura 2 – Capa da Revista Veja



Fonte: Acervo de Edições - VEJA – Edição Nº 1684 – 24/01/2001

Em 2001, a edição nº 1684 da Revista Veja, uma das revistas que possuem maior circulação na cidade de São Paulo, trouxe como capa o seguinte título: “O cerco da periferia”, apontando na imagem um conjunto de edifícios, árvores e casas coloridos ao centro, enquanto ao redor se encontram as casas e casebres em tons de cinza e preto, identificando na legenda: “Os bairros de classe média estão sendo espremidos por um cinturão de pobreza e criminalidade que cresce seis vezes mais que a região central das metrópoles brasileiras”.

É possível identificar na capa e na chamada da reportagem a visão da elite e da grande mídia em relação à periferia, que é vista como “ameaça”, entendendo esta como a pobreza e a criminalidade, isto é, a criminalidade é algo que se associa mecanicamente à pobreza. Ameaças a quem? “A ameaça à “cidade”, mas entenda-se como a cidade das elites. A dita ameaça vem dos pobres que, pela lógica do texto, crescem demais e são criminosos: [...] É a pobreza que desfigura e ameaça a cidade moderna” (FERREIRA, 2011, p. 79). Percebe-se a exclusão das periferias em meio à “metrópole” ou à “sociedade”. De acordo com Sawaia (2001), a exclusão é um processo que ocorre exatamente pelo funcionamento do sistema:

Em síntese, a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema. (p. 9)

Ainda segundo a autora, as características socioeconômicas, políticas e culturais brasileiras forjam personagens que são incômodos politicamente e socialmente ameaçadores, em que se caracteriza o pobre não pela pobreza, mas por serem bandidos potenciais (SAWAIA, 2001). A exclusão, segundo Jodelet (2001), dispõe de organizações e relações interpessoais ou grupais que podem ser traduzidas de forma material ou simbólica:

[...] no caso da segregação, através de um afastamento, da manutenção de uma distância topológica; no caso da marginalização, através da manutenção do indivíduo à parte de um grupo, de uma instituição ou do corpo social; no caso da discriminação, através do fechamento do acesso a certos bens ou recursos, certos papéis ou status, ou através de um fechamento diferencial ou negativo. (p. 53).

De acordo com Guerra, Pochmann e Silva (2014), a exclusão social é uma condição que leva à discriminação e ao isolamento de determinados grupos no interior da sociedade. Essa exclusão pode incluir tanto indivíduos pobres como não pobres: “O conceito de pobreza é mais limitado que o de exclusão social, embora a pobreza em si seja um componente da própria

condição da exclusão social” (GUERRA; POCHMANN; SILVA, 2014 p. 14). Para identificar e reduzir por meio de Políticas Públicas as áreas excluídas, alguns estudos começaram a ser feitos a fim de traçar um panorama sobre esse processo entre os anos de 1990 e 2000, como o **Atlas da exclusão social no Brasil**, que a partir de indicadores de pobreza, escolaridade, alfabetização e concentração de jovens traçam um perfil da exclusão social brasileira e “tem como finalidade classificar os municípios brasileiros segundo o grau de desenvolvimento econômico e social, servindo de subsídio para concepção e implementação de políticas públicas destinadas a reduzir os aspectos perversos da exclusão social” (GUERRA; POCHMANN; SILVA, 2014, p. 22).

A compreensão de que a exclusão só existe a partir de uma determinada situação de inclusão, determina que a exclusão e a inclusão social são necessariamente interdependentes e sua análise possibilita o conhecimento dessa dinâmica, “Confrontar a exclusão na sua relação com a inclusão é colocar a análise no patamar ético-político, como questão de justiça social, possibilitando a descoberta de novas identidades e dinâmicas sociais” (SPOSATI, 2006, p. 5). Nesse sentido, como resultado de estudos socioterritoriais realizados pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), coordenado pela professora Aldaíza Sposati desde a década de 1990 e em parceria com instituições de fomento e pesquisa, elaborou-se o **Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo**, que através da construção de indicadores de exclusão e discrepância social, possibilitam a definição de políticas públicas coerentes com a realidade, como afirma Aldaíza Sposati em entrevista à Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo): “As informações geradas pelo mapa são estratégicas para a definição de políticas públicas adequadas às necessidades de cada região” (IZIQUÉ, 2003).

Ainda segundo a entrevista de Sposati à Fapesp, a utilização da metodologia de análise geoespacial, ou seja, a associação de determinados fenômenos a uma localização ou região, junto ao tratamento matemático-computacional das informações, permite que a pesquisa identifique e classifique os níveis de qualidade de vida nos diversos distritos de São Paulo. Os mapas da exclusão/inclusão são publicados desde a década de 1990. Sua elaboração implica a realização de um estudo sobre a topografia social, descrição pormenorizada de terrenos e regiões de São Paulo, instrumentos importantes para o planejamento urbano.

O entendimento dessa topografia social “ergue barricadas” à leitura residual do real, e identifica campos de força, de inquietações, de desejos em nova leitura cognitiva do real. A topografia social se vale, inclusive, de novas técnicas e metodologias geoespaciais que permitem colocar em perspectiva a realidade sócio/econômico/espacial e seu movimento territorial. Modo de objetivação, com

leitura possível na cena pública, a nova cognição permite adentrar o debate político das políticas públicas. (SPOSATI, 2006, p. 5)

Dirce Koga, coautora do Mapa da Exclusão e Inclusão Social de São Paulo (MEIS), em entrevista para o Sindicato dos Psicólogos de São Paulo<sup>50</sup>, relata que 87% da população da cidade vive em um “território de exclusão”, o que significa que essa parte da sociedade está excluída ou possui extrema dificuldade para obter direitos previstos por Lei. Corroborando esses estudos, a Rede Nossa São Paulo (RNSP)<sup>51</sup> elabora desde 2012 o **Mapa da Desigualdade**, que busca evidenciar com o auxílio de base de dados produzidos por órgãos públicos, como o IBGE e secretarias municipais, as desigualdades presentes na sociedade. A organização realiza o levantamento de indicadores de cada um dos 96 distritos da capital, a fim de comparar os dados e verificar as diferenças entre os melhores e os piores, onde há mais recursos básicos e onde não tem: “a essa diferença foi dado o nome de ‘desigultômetro’, ou seja, quantas vezes o indicador da região com o pior indicador é pior em relação ao indicador da melhor região<sup>52</sup>”.

Antes de prosseguirmos, é preciso definir o termo desigualdades sociais de uma forma mais específica, que implica não apenas as diferenças econômicas, mas também as de de raça, etnia e educacional. Como afirma Kulnig (2019), a desigualdade social deve ser compreendida no plural, **desigualdades** como uma violação da dignidade humana, que impossibilita o desenvolvimento das capacidades do indivíduo. A autora descreve a desigualdade social a partir da identificação de sua dimensão subjetiva, ao se referir à desigualdade como uma *condição*, entendida como não é natural, construída histórica e culturalmente, sendo explicada através de mecanismos de (re)produção das desigualdades.

Os dados mais recentes do Mapa da Desigualdade são do ano de 2020, cujo ano base é o de 2019, lançado em outubro pela Rede Nossa São Paulo – RNSP, em parceria com o programa Cidades Sustentáveis<sup>53</sup>. O mapa traz dados que retratam a realidade dos distritos da capital paulista e contém indicadores divididos por temas: população; meio ambiente; mobilidade; direitos humanos; habitação; saúde; educação; cultura; esporte e trabalho e renda. Os distritos que registraram os melhores índices de indicadores foram: Alto de Pinheiros, Consolação e Pinheiros, enquanto Marsilac, Brás e Jardim Ângela registraram os piores índices. A desigualdade racial é explícita quando comparada à proporção de pretos e pardos residentes

<sup>50</sup> Disponível em: <https://sinpsi.org/mapa-da-desigualdade-mostra-abismo-social-na-cidade-mais-rica-do-pais/>. Acesso em 22 maio de 2021.

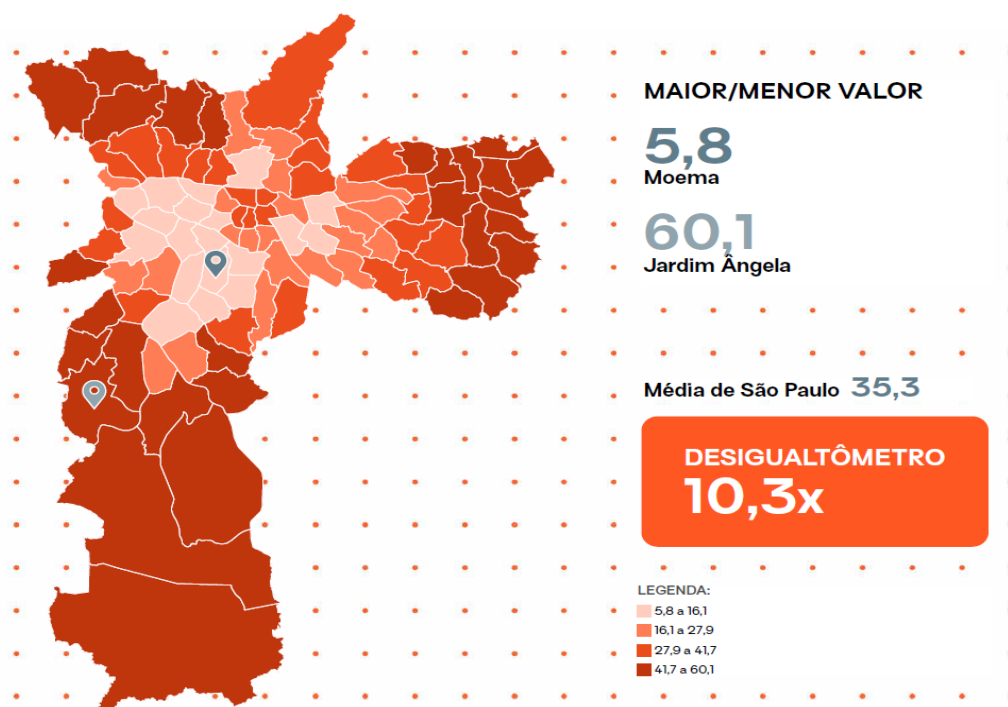
<sup>51</sup> Fundada em 2007 a RNSP é uma organização que atua na mobilização de diversos segmentos da sociedade na busca de uma São Paulo mais justa, democrática e sustentável.

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/campanhas/#13>. Acesso em 22 maio de 2021.

<sup>53</sup> Programa que oferece ferramentas e metodologias de apoio à gestão pública e ao planejamento urbano desde 2012.

nos distritos de São Paulo. Se no Jardim Ângela 60,1% dos residentes são negros, em Moema a porcentagem cai para 5,8%. Um outro contraste é encontrado na área da saúde, na média de idade de mortes. No Jardim Paulista a idade média de mortes de pessoas é de 81,5 anos, enquanto no Jardim Ângela, a média de morte foi de 58,3 anos, representando quase 40% ou 1,4 vezes mais. Ao mesmo tempo em que o Jardim Ângela é o distrito com a maior população negra do município, é também o que possui a menor idade média ao morrer. Vejamos um recorte do mapa:

Figura 3 – Proporção (%) da população preta e parda, por distrito



Fonte: Mapa da Desigualdade (2020)

Além do reconhecimento das desigualdades em vista de uma contribuição para a criação e o fortalecimento de políticas públicas, o Mapa da Desigualdade também preenche uma lacuna em termos de difusão de informações públicas, ampliando o alcance do conhecimento sobre territórios, buscando facilitar a compreensão e a assimilação dos dados disponíveis.

## 2.2 Agência Mural de Jornalismo das periferias

*“O jornalismo está para a democracia assim como as histórias, contadas, estão para a formação de uma sociedade, um não vive sem o outro. É mais que simbiose, é pura dependência. [...]”*

*[...] as pessoas que moram nas periferias da região metropolitana devem ter oportunidade de se enxergar como parte do todo”*

*(Izabela Moi)*

A periferia retratada pela grande mídia limita-se ao entendimento de que nas regiões mais afastadas de centros de cidades o que prevalece ou o que a *define* é a criminalidade e a pobreza, que são diariamente representadas por relatos de atos violentos e estatísticas de pobreza estereotipadas nos grandes jornais, revistas e noticiários. A propagação desse tipo de informação expõe uma visão sobre as pessoas que moram na periferia, de que nos bairros periféricos só existem crimes ou de que crimes acontecem só nas periferias, “[...] quando as regiões periféricas ganham espaço no noticiário, essa fatia populacional é, geralmente, retratada com estereótipos de classe, raça, gênero, e as pautas reproduzem muitas vezes temáticas relacionadas apenas à pobreza e violência” (SILVA; SILVA, 2014, p. 604).

A desigualdade é também informacional e exclui a periferia dos grandes veículos de comunicação, só lembrada quando o assunto envolve violência. As pessoas que vivem na periferia, então, não se enxergam no noticiário, como relatou Paulo Talarico (2014) em matéria para o Observatório da Imprensa<sup>54</sup>: “Moradores dos 38 municípios vizinhos que compõem a região metropolitana se veem pouco ou nada retratados nas coberturas, salvo em reportagens que envolvem o noticiário policial”. Com a pandemia da Covid-19 que explodiu no país desde março de 2020, a periferia começou a ganhar certo destaque nos noticiários da grande imprensa, a desigualdade foi escancarada e as favelas e bairros periféricos ganharam notoriedade devido à falta de estrutura básica para lidar com uma pandemia, como relata Vagner de Alencar (2020) em Coluna para a Folha de São Paulo<sup>55</sup>: “É inegável que a imprensa geralmente se rende aos estereótipos. A cobertura do coronavírus está algumas vezes enveredando por esta imagem que vende bastante: a tragédia”, contudo, é inegável que a periferia começou a ser “vista” de certa

<sup>54</sup> Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed789-9-milhoes-de-historias-para-contar/>. Acesso em 23 maio 2021.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2020/04/07/as-periferias-nao-podem-se-tornar-a-isca-facil-pela-audiencia-de-uma-tragedia-anunciada/>. Acesso em: 23 maio 2021.

forma, “É fato que a demanda de informações sobre e para as periferias é urgente e que o coronavírus (pelo menos espero) esteja fazendo com que a imprensa possa enxergar o tamanho do buraco de uma cobertura até então viesada, negligenciada e estereotipada”.

A invisibilidade das periferias e das favelas, o monopólio da mídia tradicional e o desenvolvimento de tecnologias de informação levaram à criação de novos e diferentes veículos comunicativos que buscam mostrar e acompanhar o cotidiano dos moradores da periferia, relatando o que, de fato, acontece nos bairros, nas favelas e regiões periféricas, como é o caso do “Periferia em Movimento”, fundada em 2009, que gera e distribui informação a partir do extremo sul de São Paulo, como Grajaú, Parelheiros e Marsilac; a “Rádio Comunitária Heliópolis”; a “ANF – Agência de Notícias das Favelas”, fundada em janeiro de 2001, reconhecida como a primeira agência de notícias de favelas do mundo; o “Voz das Comunidades”, jornal comunitário independente do Rio de Janeiro, criado em 2005; a “Énois”, que atua com jornalismo local a partir das demandas e necessidades das comunidades e a **Agência Mural de Jornalismo das Periferias**, primeira agência de notícias, de informação e de inteligência sobre as periferias de São Paulo, idealizada por e para quem vive e pertence à periferia, que iremos destacar neste trabalho.

A Mural tem como missão minimizar as lacunas de informação e contribuir para a desconstrução de estereótipos sobre as periferias de São Paulo e sua região metropolitana. A história da Mural<sup>56</sup> “começou como um projeto multimídia que formava e treinava ‘correspondentes comunitários’: alunos de jornalismo, blogueiros, jovens com alguma experiência em jornalismo e outros interessados egressos de comunidades de periferia da cidade de São Paulo”. A partir do curso então oferecido pela organização ICFJ - *International Center for Journalists*, realizado pelo jornalista Bruno Garcez, bolsista do programa *Knight International Journalism Fellowships*, surgiu a necessidade de se criar um canal de notícias no qual os bairros periféricos pudessem se enxergar nos noticiários (TALARICO, 2021). O projeto realizou então uma parceria de hospedagem com o site do jornal Folha de S. Paulo e no dia de 24 de novembro de 2010 foi ao ar a primeira matéria do então chamado **Blog Mural**, o primeiro blog de notícias das Periferias de São Paulo, incluindo a região metropolitana: “os textos publicados no *Blog Mural* sempre tiveram, portanto, essa ‘visão de dentro’. Negamos a versão exótica da narrativa ou, como digo, o zoológico da pobreza. Ser morador das periferias não é uma qualidade das pessoas, é um estado de residência”<sup>57</sup>, relata Izabela Moi, jornalista, cofundadora

<sup>56</sup> Disponível em: [https://mural.blogfolha.uol.com.br/projeto\\_mural/](https://mural.blogfolha.uol.com.br/projeto_mural/). Acesso em 23 maio 2021.

<sup>57</sup> Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/tendencias-no-jornalismo/nasce-a-agencia-mural-de-jornalismo-das-periferias/>. Acesso em 23 maio 2021.

e codiretora da atual Agência Mural<sup>58</sup>; para ela, “o direito à informação e comunicação é essencial para fomentar a democracia e uma sociedade menos desigual”. São Paulo possui, além dos 96 distritos na cidade, 38 cidades adicionais que integram a Grande São Paulo e 21 milhões de pessoas que vivem entre esses distritos e cidades. As lacunas de informação e a desigualdade tanto na produção quanto no consumo reforçam as desigualdades existentes. Izabela Moi explica, em um artigo de opinião de 2019, o motivo de se fazer jornalismo sobre as periferias<sup>59</sup>: “Na ‘idade mídia’ que vivemos, onde quase toda a comunicação é ‘mediada’ e onde o conhecimento é matéria mais cara na hora de tomar decisões e poder viver melhor, o jornalismo tornou-se moeda corrente”, a informação é necessária para a convivência e para a democracia.

Paulo Talarico é editor-chefe e cofundador da Agência Mural; o jornalista faz parte da Mural desde 2011, quando começou como correspondente de Osasco. Talarico escreveu um artigo para a Revista ALTERJOR do Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo da ECA-USP (Escola de Comunicação e Arte – Universidade de São Paulo) que retrata a história do jornalismo da Mural na cobertura das periferias de São Paulo durante seus 10 anos de existência. De acordo com Talarico, nos primeiros anos de trabalho da Mural o grupo criou algumas normas segundo a convivência com as periferias: “Queríamos que as ideias vindas da quebrada tivessem relevância na sociedade. Em especial com relação aos preconceitos sobre os moradores pobres, com o qual sempre convivemos” (TALARICO, 2021, pp. 177-178). Um dos primeiros temas discutidos pela Mural é o uso da palavra “carente” para designar moradores da periferia. Em 2012, um trabalho coletivo realizado pela Mural resultou no minidocumentário “Você é carente?”<sup>60</sup>, que questiona se quem mora na periferia é carente, sendo que o termo no dicionário refere-se à ausência ou falta de algo, mas em nenhum momento é relacionado às pessoas que moram na zona sul, leste ou oeste da cidade; o termo não traz a periferia como conjunto ou sinônimo, “quem mora na periferia é carente de determinado serviço e quem mora no centro ou em qualquer outra parte da cidade é carente de outras coisas”.

Sobre o “Você é carente?”, não era só uma reportagem - era a busca por uma transformação no jornalismo, por transformar redações, por trazer um conceito, por quebrar um preconceito. Ser carente é vago. Do que alguém é carente? Do que falamos nessa carência quando citamos isso. (TALARICO, 2021, p. 178)

De acordo com Talarico, o uso da palavra carente é comum na denominação de regiões periféricas e de discursos de governos ao tratarem de ações sociais em regiões de pobreza

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/author/izamoi/>. Acesso em 23 maio 2021.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/por-que-fazemos-jornalismo-sobre-as-periferias/>. Acesso em 23 maio 2021.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b7hAOxKLN4c>. Acesso em 23 maio 2021.

extrema. Afirma ele: “Desde os primeiros momentos do trabalho da Mural, a insatisfação do uso dessa palavra para designar favelas e bairros periféricos era grande, sobretudo pelo juízo de valor embutido ali (TALARICO, 2021, pp. 177-178). Em 2016, o jornalista Lucas Veloso, repórter e cofundador da Mural, desde 2014 monitorou o uso do termo “carente” pela grande imprensa, reunindo cerca de 300 termos entre matérias e reportagens, “nenhum dos veículos completa o termo com algum aspecto. Parece que carente é alguém que não tem nada a oferecer, que só é vitimado e em nada colabora com a sociedade<sup>61</sup>”; o objetivo não é acabar com o uso do termo carente, mas ressaltar a qualificação do adjetivo, “Os jornalistas podiam escrever que certos locais são carentes de espaços públicos, de políticas sociais, bem como de escolas, cinemas e teatros, ao contrário de estampar que o fato de ser pobre é ser carente ao mesmo tempo”, descreve Lucas.

No dia 5 de novembro do ano de 2015, quase exatos 5 anos após a primeira matéria do Blog Mural, é lançada a então “Agência Mural de Jornalismo das Periferias”<sup>62</sup>, agora com um endereço de site próprio e a mesma missão de contar as histórias das periferias através dos “correspondentes” ou “muralistas”, como são chamados aqueles que escrevem para a Mural. Segundo Talarico (2021), “ter alguém que vive, conhece e participa da realidade do bairro é fundamental”; desta forma, “O texto sobre o Itaim Paulista será de um correspondente do Itaim, sobre a favela Monte Azul de um correspondente que cresceu e vive lá e assim por diante” (p. 175).

O termo correspondente, tradicionalmente utilizado no meio jornalístico para se referir aos profissionais que cobrem áreas distantes de onde está a sede do jornal, como jornalistas que estão em outros estados ou outros países, também é utilizado para, positivamente, destacar essa “distância” que existe entre o centro e a periferia. (SILVA; SILVA, 2014, p. 608)

Na busca por expor o olhar interno dos moradores das periferias, os correspondentes fogem da temática de violência, de tragédias e de assistencialismo, que ainda esbanjam os grandes jornais e, como relata Izabela Moi<sup>63</sup>, “que impõem aos moradores da periferia uma imagem sempre ligada ao crime, tornando-os algozes da cidade, ou ao assistencialismo, ou seja, suas vítimas”. O grupo possui uma equipe de trabalho fixa, que gira em torno de 20 membros, chamado de “comissão editorial” (no começo eram cinco pessoas, mas com a expansão para Agência o grupo teve que se reorganizar), e conta com a colaboração de mais de 50 correspondentes/muralistas locais que vivem nas periferias e na região metropolitana de São Paulo. Entre os gestores que atuam na Agência Mural desde o início estão Anderson Meneses, Diretor de Negócios, desde 2010; Izabela Moi,

<sup>61</sup> Disponível em: <https://novoemfolha.blogfolha.uol.com.br/2016/12/05/jornalista-da-agencia-mural-monitora-uso-do-termo-carente-na-imprensa/>. Acesso em 23 maio 2021.

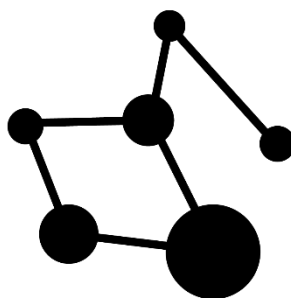
<sup>62</sup> Disponível em: [www.agenciamural.org.br](http://www.agenciamural.org.br). Acesso em 23 maio 2021.

<sup>63</sup> Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/tendencias-no-jornalismo/nasce-a-agencia-mural-de-jornalismo-das-periferias/>. Acesso em 23 maio 2021.

Diretora Executiva, desde 2010; Vagner de Alencar, Diretor de Jornalismo, desde 2010; Cíntia Gomes, Diretora Institucional, desde 2010, e Paulo Talarico, Editor-chefe de Jornalismo, desde 2011. Apesar da existência de uma comissão/equipe fixa, o trabalho da Mural sempre foi horizontal e todos partilham ideias e trabalham em conjunto para a realização da Mural em si; todos os muralistas realizam um encontro mensal, que discute pautas, textos e projetos: “a ideia era que se reunissem uma vez por mês para discutir pautas, conversar sobre os textos e o projeto, além de falar sobre o que acontecia em cada uma das periferias desses correspondentes” (TALARICO, 2021, p. 173). Os encontros são realizados sempre aos sábados, pelo fato de os correspondentes que não compõem a comissão não dedicarem exclusividade à Mural. No início, o local de encontro era o próprio prédio da Folha, visto que o blog era hospedado no jornal; durante um tempo realizaram-se alguns encontros pelas diferentes periferias de São Paulo, como em Artur Alvim e em espaços cedidos para realização de reuniões e oficinas como a “Casa 1 – Centro de Cultura e Acolhimento de LGBTQs (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros)”. Um pouco antes da pandemia as reuniões eram realizadas na “Casa Mural”, onde residiam alguns integrantes da comissão editorial. Com a quarentena, as reuniões estão sendo realizadas de maneira remota.

Entre os correspondentes e equipe fixa, estão jornalistas, editores, estudantes, fotógrafos e comunicadores que escrevem sobre sua região de acordo com o que vivenciam e não apenas o que a grande mídia expõe: “As reportagens dos muralistas reforçam que a saída não é nem apenas valorizar as qualidades das periferias nem fugir delas. A verdadeira solução está em transformá-las, transformar as periferias em centro – de atenção, de foco de desenvolvimento, em novos centros da cidade”<sup>64</sup>. Todos os anos a Mural realiza um processo de seleção de novos muralistas para integrar a rede de correspondentes, inclusive o próprio logo da Mural simboliza a rede de muralistas que entram, saem, voltam e que fizeram e fazem parte.

Figura 4 - Logomarca da Agência Mural de Jornalismo das Periferias



Fonte: Site da Agência Mural (2022)

<sup>64</sup> Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/tendencias-no-jornalismo/nasce-a-agencia-mural-de-jornalismo-das-periferias/>. Acesso em 23 maio 2021.

Minha participação na Mural começou em 2013, um ano antes de me formar em jornalismo; o processo seletivo pedia para escrever uma crônica. Na época, trabalhava em Jundiapéba, periferia de Mogi das Cruzes, como recepcionista numa empresa que vendia molas de caminhão. Minha crônica foi escrita em torno do meu dia a dia no trabalho e minha primeira matéria foi publicada em 15 de março de 2013, sobre um protesto de moradores do bairro contra o aumento da passagem de ônibus. Foi a partir da Mural que pude conhecer melhor não apenas o bairro onde trabalhava ou morava, e procurar sempre enxergar ou buscar uma história que fizesse sentido ser contada. Essa “visão de dentro” possibilitou ao cofundador e diretor de jornalismo da Agência Mural, Vagner de Alencar, a escrita de seu livro “Cidade do Paraíso – Há vida na maior favela de São Paulo”, fruto do seu trabalho no então ainda Blog Mural e de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); nele, ele afirma: “O livro é, sobretudo, uma contribuição que eu dou para a favela, para que as pessoas que vivem lá sejam olhadas de uma forma mais humana, para quebrar os estereótipos”<sup>65</sup>. No livro, Vagner conta sobre seu vizinho arquiteto que usa garrafas pet para construir uma casa; sobre as pequenas ruelas em que vivem os moradores de Paraisópolis e seu cotidiano retratado sem os registros recorrentes de ações policiais da mídia tradicional, “É como se eu contasse a minha história, falasse sobre mim a partir da história dessas pessoas. Eu vi Paraisópolis crescer, vi suas ruas ganharem asfalto, vivi o cotidiano desses becos”<sup>66</sup>.

Em 2018 a Agência recebeu recursos do Programa de Jornalismo Independente, da *Open Society Foundations*, para conseguir se estruturar, aumentando o tamanho da equipe gestora de 7 para 15 pessoas. A Mural recebe doação através do Catarse<sup>67</sup>, um sistema de *crowdfunding* de pessoas que ajudam com doações a financiar o projeto. Também lançou os “**10 Princípios da Cobertura Jornalística das Periferias**”<sup>68</sup>, que indicam pontos fundamentais para a boa prática jornalística periférica: “[...] foram elaborados para orientar profissionais de comunicação que produzem conteúdos relacionados às periferias [...] contestam a tônica presente em muitos veículos de comunicação, onde periferia surge apenas como um lugar de exclusão, violência e vitimização”.

Os dez itens apontam algumas questões que são básicas, mas fundamentais, para a boa prática jornalística sobre as periferias, como evitar o julgamento de valor, não usar clichês para tratar dessas regiões periféricas, **ouvir as crianças para entender**

<sup>65</sup> Disponível em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2013/09/13/livro-cidade-do-paraíso-mostra-que-a-favela-nao-e-impenetravel/>. Acesso em 23 maio 2021

<sup>66</sup> Disponível em: <https://mural.blogfolha.uol.com.br/2013/09/13/livro-cidade-do-paraíso-mostra-que-a-favela-nao-e-impenetravel/>. Acesso em 23 maio 2021

<sup>67</sup> Qualquer pessoa pode contribuir para a manutenção e crescimento da Agência com R\$ 5,00 ou R\$ 10,00 por exemplo, basta assinar no site <https://www.catarse.me/periferias>

<sup>68</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/principios/>. Acesso em 23 maio 2021

**as histórias**, não subestimar a articulação dos moradores nem a força política deles. Embora sejam princípios que assumimos para a Mural, são termos que entendemos serem essenciais para uma boa cobertura em geral. (TALARICO, 2021, p. 179, grifo nosso).

O trabalho da Mural não se limita a apenas publicar reportagens, seja no blog ou no site; por exemplo, a antiga hospedagem do blog é hoje um local em que os gestores da Agência escrevem uma coluna de opinião sobre os bastidores, o trabalho e as reflexões a partir dos lugares e trabalhos da Mural. Existem várias ramificações de iniciativas realizadas na e pela Agência Mural em meio a quase 11 anos de existência. Entre esses trabalhos estão o “Mural nas Escolas<sup>69</sup>”, que realizava encontros com turmas de ensino médio em escolas públicas de São Paulo, apresentando a Mural e a profissão de jornalista; o “Acontece nas escolas<sup>70</sup>”, em que alguns estudantes realizavam a produção de reportagens sobre a escola junto a um muralista mentor; a “Expo Mural<sup>71</sup>”, cujo objetivo visa ampliar o canal de comunicação entre o correspondente e seus leitores. A exposição era realizada em feiras e eventos que aconteciam na cidade onde determinado muralista morava e se apresentava tanto a Mural quanto as matérias realizadas pelos correspondentes dessas regiões; a ideia consiste em “conversar com os moradores diretamente sobre a necessidade de haver jornalismo que cubra a região e que quebre preconceitos. Foram várias exposições ao longo dos anos nessa tentativa de aproximação” (TALARICO, 2021, p. 180). Em 2017 foi criado o “Rolê na Quebrada<sup>72</sup>”, uma *live* (programa transmitido em tempo real via plataforma digital) da Mural com dicas de eventos nas periferias de São Paulo. As *lives* já chegaram a atingir 1 milhão de visualizações.<sup>73</sup>

Esses novos projetos eram criados de forma orgânica com uma frase que se tornou regra ao longo dos primeiros anos da Mural: “quem dá a ideia, coordena”. Era assim quando alguém sugeria uma pauta coletiva ou quando pensava em montar um grupo para trabalhar mais as redes sociais. E sem nenhum dinheiro envolvido ou dividindo valores simbólicos por uma matéria. Nos mantivemos unidos por pelo mais da metade desses dez anos por causa do engajamento com essa missão, esse objetivo comum de fazer jornalismo sobre as periferias. (TALARICO, 2021, p. 181)

O GEP (Guia de Empregos das Periferias<sup>74</sup>) foi um projeto importante realizado pela Mural, que consistia num mapeamento digital que difundia informações com oferta e busca de empregos nas regiões periféricas da Grande São Paulo e buscava fomentar o desenvolvimento

<sup>69</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/projetos/muralnasescolas/>. Acesso em 24 maio 2021.

<sup>70</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/projetos/muralnasescolas/>. Acesso em 24 maio 2021.

<sup>71</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/projetos/expo/>. Acesso em 24 maio 2021.

<sup>72</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/projetos/role-na-quebrada/>. Acesso em 24 maio 2021.

<sup>73</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/role-na-quebrada-alcanca-1-milhao-de-views-2/>. Acesso em 24 maio 2021.

<sup>74</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/projetos/gep/>. Acesso em 24 maio 2021.

da economia local além da melhoria da mobilidade urbana. O GEP tinha apoio da VAI TEC - Programa de Valorização de Iniciativas Tecnológicas, e se encerrou em 2019 devido à necessidade do grupo de focar na produção de conteúdo para o site. A Mural também participa de mesas, palestras e debates em congressos, como o Jeduca (Associação de Jornalismo de Educação), Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) e em universidades também, com o “Mural nas Universidades<sup>75</sup>”, que realiza palestras e oficinas em diversas faculdades de jornalismo com foco na cobertura hiperlocal e em experiência de correspondentes da Mural: “O fato de um estudante de periferia ver que jornalistas dessas regiões conseguem criar uma organização e atuar durante tanto tempo serve como estímulo de que há muitas possibilidades para trabalhar na área” (TALARICO, 2021, p. 180).

Entre as parcerias realizadas pela Mural destacamos o “Catraca-Livre” e o “Guia da Folha de São Paulo”, com dicas semanais de eventos e restaurantes nas periferias, além de parcerias de republicação de reportagens, como a *Global Voices* e o *Medium*, e a publicação de conteúdos próprios para o jornal impresso e *online* da Folha de S. Paulo. O quadro “Giro da Quebrada<sup>76</sup>”, realizado junto com o telejornal “Bora SP” da TV Band, mostrava a periferia pelos correspondentes por meio de pequenos vídeos gravados pelos próprios muralistas. Um projeto importante, criado em 2016 através do trabalho da Mural, é o “32xSP<sup>77</sup>”, em parceria com a Rede Nossa São Paulo (RNSP), “o portal buscava trazer o retrato das 32 subprefeituras de São Paulo, com uma cobertura focada nas desigualdades presentes na maior cidade do país e a prática do jornalismo de dados. Foi também o primeiro projeto com financiamento, o da Fundação Ford” (TALARICO, 2021, p. 182). Tanto a Mural quanto os Muralistas já receberam homenagens e premiações, como “Prêmio Cooperifa de Cultura Periférica<sup>78</sup>”, realizado pela Cooperifa, idealizada por Sergio Vaz, que homenageou a Mural em 2019; o “Prêmio Cidadão São Paulo<sup>79</sup>”, que reconhece personalidades responsáveis por ações transformadoras na cidade, em 2017, e o “Troféu Top Blog<sup>80</sup>”, durante 3 anos (2011, 2012 e 2015). No ano de 2017, Aline Kátia Melo, correspondente da Jova Rural na Agência Mural foi uma das homenageadas da

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/projetos/muralnasuniversidades/>. Acesso em 24 maio 2021.

<sup>76</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/agencia-mural-estreia-quadro-giro-da-quebrada-em-novo-telejornal-da-tv-band/>. Acesso em 24 maio de 2021.

<sup>77</sup> Disponível em: <https://32xsp.org.br/>. Acesso em 24 maio 2021.

<sup>78</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/cooperifa-homenageia-a-agencia-mural/>. Acesso em 23 maio 2021.

<sup>79</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/agencia-mural-e-vencedora-do-premio-cidadao-sao-paulo/>. Acesso em 23 maio 2021.

<sup>80</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/blog-mural-ganha-o-trofeu-top-blog-2015/>. Acesso em 23 maio 2021.

primeira edição do projeto “Cultura de Fibra<sup>81</sup>”, na Fábrica de Cultura Jaçanã, e a correspondente da Penha, Marina Lopes, ganhou o Prêmio *Cambridge English* de Jornalismo Educacional<sup>82</sup>.

A cobertura das eleições municipais é um fator importante para a Agência, visto que, até pouco antes de 2012, as cidades da grande São Paulo, por exemplo, não tinham debates políticos abertos na TV, “Um dos fatos que mais marcam a falta de atenção da imprensa a estas cidades são as eleições municipais. Em 2012, pela primeira vez alguns municípios da Grande SP tiveram debates transmitidos por algumas redes de televisão, um avanço” relata Paulo Talarico para o site Observatório da Imprensa<sup>83</sup> em 2019.

São 10 anos de Mural em constante expansão e talvez esses exemplos aqui mostrados não consigam transmitir todos esses anos de colaboração, trabalho e vontade de transformação; são milhares de histórias contadas das periferias para as periferias, periferias no plural “ [...] porque são diversas, só são periferias porque foram abandonadas pelo Estado<sup>84</sup>” e da periferia para o centro econômico. A Agência já publicou reportagens em jornais e revistas nacionais e internacionais, buscando levar o conhecimento do canal de comunicação e sua importância na sociedade. O ano de 2020 foi um marco na trajetória da Mural, que lançou o *podcast* (programa de rádio que fica gravado para que o ouvinte possa escutar quando quiser) “Em quarentena<sup>85</sup>”, retratando a pandemia nas periferias e divulgando por meio do *WattsApp* a fim de facilitar o consumo de conteúdo e evitar a desinformação e o contato com notícias falsas. Em novembro de 2020 a Mural completou 10 anos de existência, 5 como blog e 5 como Agência; em comemoração realizou sua expansão para outro Estado, estreando um piloto em Salvador, na Bahia, “Chegamos a uma década com a certeza de termos vencido muitas batalhas na quebra de preconceitos sobre as periferias e em denunciar as desigualdades existentes nessas regiões<sup>86</sup>”. O projeto da Mural em Salvador é coordenado por Cíntia Gomes, cofundadora, editora de comunicação organizacional e correspondente do Jardim Ângela desde 2010, que contou com o apoio financeiro do *Facebook*. Segundo Talarico (2021), “somos hoje um país de muitas desigualdades, repletos de lacunas a serem cobertas” (p. 187).

<sup>81</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/muralista-da-jova-rural-e-homenageada-na-1a-edicao-do-cultura-de-fibra/>. Acesso em 23 maio 2021.

<sup>82</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/correspondente-da-mural-vence-premio-cambridge/>. Acesso em 23 maio 2021.

<sup>83</sup> Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed789\\_9\\_milhoes\\_de\\_historias\\_para\\_contar/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed789_9_milhoes_de_historias_para_contar/). Acesso em 23 maio 2021.

<sup>84</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/por-que-fazemos-jornalismo-sobre-as-periferias/>. Acesso em 22 mar 2022.

<sup>85</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/em-quarentena/>. Acesso em 23 maio 2021.

<sup>86</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/agencia-mural-completa-10-anos-de-jornalismo-nas-periferias-com-novidades/>. Acesso em 23 maio 2021.

No dia 28 de junho de 2021 a Mural lançou um *podcast* intitulado “Próxima Parada” em parceria com o *Spotify* (serviço de streaming de música, *podcast* e vídeo) em que são realizados programas diários que mostram a realidade de áreas distantes dos centros econômicos e contam histórias de quem geralmente não aparece na grande mídia, “Todo mundo tem sua própria voz, a gente ajuda a ecoar aquelas que não estão sendo muito ouvidas<sup>87</sup>” relata a apresentadora do programa, Ana Beatriz Felício. Entre 2018 e 2020 o número de visualizações e acesso ao conteúdo da Agência cresceu de 73.811 para 1.640.021 segundo um relatório da Agência Mural. Mesmo em meio a tantas transformações a missão e a essência da Mural continuam as mesmas, “Seguimos batendo na tecla que não somos carentes, somos agentes da cidade. Seguimos na cobertura que vê todas as regiões como parte detentora dos mesmos direitos, independente da renda, raça ou gênero<sup>88</sup>”.

---

<sup>87</sup> Disponível em: Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2021/07/07/1350\\_podcast-proxima-parada-mostra-o-melhor-da-periferia-de-sao-paulo.html](https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2021/07/07/1350_podcast-proxima-parada-mostra-o-melhor-da-periferia-de-sao-paulo.html) Acesso em 31 ago. 2021.

<sup>88</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/agencia-mural-completa-10-anos-de-jornalismo-nas-periferias-com-novidades/>. Acesso em 23 maio 2021.

## CAPÍTULO 3

### 3.1 Revisão de Literatura

Segundo Galvão e Ricarte (2019), “Revisar a literatura é atividade essencial no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e científicos” (p 58). A revisão de literatura pode ser entendida como a busca por trabalhos publicados “que oferecem um exame da literatura” (GALVÃO; RICARTE, 2019, p. 58), acerca de determinado tema. De acordo com o site da Biblioteca do Instituto de Pesquisa da USP (Universidade de São Paulo), a revisão de literatura “[...] é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica<sup>89</sup>”. Existem diferentes formas de se realizar uma revisão de literatura, a *Revisão Narrativa*, cuja forma de busca do material não é definida de forma sistemática ou categórica nesse tipo de revisão “[...] a seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva”. (CORDEIRO *et al.*, 2007, pp. 429-430). A *Revisão Integrativa*, diferentemente da narrativa, compreende uma revisão rigorosa de estudos:

[...] é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular. (Souza; Silva; Carvalho, 2010, p. 103)

A *Revisão Sistemática*, por sua vez, considera estudos relacionados ao tema e ao objetivo de pesquisa seguindo protocolos de “delimitação da questão a ser tratada na revisão; a seleção das bases de dados bibliográficos para consulta e coleta de material; a elaboração de estratégias para busca avançada; a seleção de textos e sistematização de informações encontradas” (GALVÃO; RICARTE, 2019, p. 62). Esse tipo de revisão “[...] busca superar possíveis vieses em cada uma das etapas”. (Souza; Silva; Carvalho, 2010, p. 103).

A presente revisão de literatura, foi realizada com o intuito de reunir materiais teóricos recentes sobre o tema objetivando contribuir para responder ao problema de pesquisa e aos objetivos estabelecidos. As buscas nas bases de dados foram realizadas durante os dias 24 de

---

<sup>89</sup> Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/biblioteca/revisao-de-literatura/> Acesso em 01 nov. 2021.

setembro e 1º de novembro. Como primeiro recorte estabeleceu-se a busca por materiais teóricos produzidos nos últimos cinco anos, a fim de se obter um material recente sobre o que tem sido produzido acerca do tema.

Para melhor definição dos filtros, realizamos uma primeira busca simples, apenas com os filtros: revisado por pares e nos últimos cinco anos nas seguintes bases de busca: Portal de Periódicos Capes (acesso CAFE<sup>90</sup>); SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*); BTDB (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações); *Google Scholar* e Portal de revistas da USP, incluindo artigos que possivelmente se repetiram na busca em cada base.

Como descritores foram utilizados os termos: Notícias Falsas; *Fake News*; Desinformação; Pensamento Crítico; Pós verdade e Paulo Freire com o operador booleano AND, sendo que “para construção das estratégias avançadas de busca, onde AND equivale à intersecção” (GALVÃO; RICARTE, 2019, p. 67). Para melhor aproveitamento do material a ser encontrado, na busca feita na base de dados do *Google Scholar* incluímos o filtro “artigos de revisão”.

O número total de estudos encontrados totalizou 1426 itens entre teses, dissertações, artigos, livros, resenhas, nos idiomas português, inglês e espanhol, como mostra o Quadro 1:

Quadro 1 – Busca simples por materiais teóricos relacionados ao tema

| DESCRIPTORES                                   | BASES DE BUSCA UTILIZADAS | Nº-materiais encontrados |
|------------------------------------------------|---------------------------|--------------------------|
| <b>Notícias Falsas AND <i>Fake news</i></b>    | CAPE (CAFE)               | 270                      |
|                                                | SCIELO                    | 29                       |
|                                                | BTDB                      | 27                       |
|                                                | GOOGLE SCHOLAR            | 36                       |
|                                                | PORTAL DE REVISTAS DA USP | 17                       |
| <b>Notícias Falsas AND Desinformação</b>       | CAPE (CAFE)               | 58                       |
|                                                | SCIELO                    | 11                       |
|                                                | BTDB                      | 11                       |
|                                                | GOOGLE SCHOLAR            | 45                       |
|                                                | PORTAL DE REVISTAS DA USP | 4                        |
| <b><i>Fake news</i> AND Pensamento Crítico</b> | CAPE (CAFE)               | 59                       |
|                                                | SCIELO                    | 1                        |
|                                                | BTDB                      | 2                        |
|                                                | GOOGLE SCHOLAR            | 41                       |

<sup>90</sup> A sigla “CAFe” significa “Comunidade Acadêmica Federada” cujo serviço de gestão de identidade reúne instituições de ensino e pesquisa brasileiras através da integração de suas bases de dados. Disponível em: <https://www.aguia.usp.br/noticias/acesso-cafe-ao-portal-de-periodicos-da-capes/> Acesso em 01 nov. 2021.

|                                            |                           |      |
|--------------------------------------------|---------------------------|------|
|                                            | PORTAL DE REVISTAS DA USP | 2    |
| <b>Pós verdade AND Fake news</b>           | CAPEL (CAFE)              | 116  |
|                                            | SCIELO                    | 0    |
|                                            | BTDB                      | 19   |
|                                            | GOOGLE SCHOLAR            | 30   |
|                                            | PORTAL DE REVISTAS DA USP | 1    |
| <b>Pensamento Crítico AND Paulo Freire</b> | CAPEL (CAFE)              | 262  |
|                                            | SCIELO                    | 6    |
|                                            | BTDB                      | 276  |
|                                            | GOOGLE SCHOLAR            | 98   |
|                                            | PORTAL DE REVISTAS DA USP | 5    |
| <b>TOTAL</b>                               |                           | 1426 |

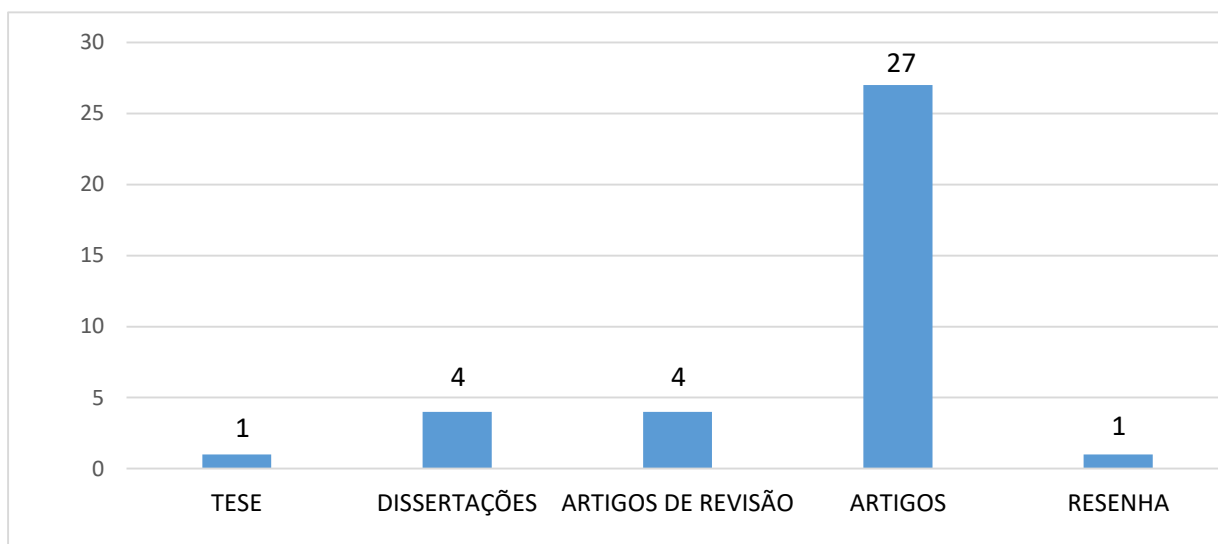
Fonte: Elaborado pela autora.

Para fins da pesquisa e refinamento do que foi encontrado, iniciou-se uma segunda busca através do sistema de **busca avançada** das mesmas bases e com os mesmos descritores; desta vez, utilizamos como filtros: por assunto; nos últimos cinco anos; periódicos revisados por pares; idiomas: português, inglês, espanhol e artigos de revisão no *Google Scholar*. Decidiu-se realizar uma ampla busca incluindo artigos, teses e dissertações a fim de obter um número significativo de materiais chegando a um número total de 275 itens. Após a leitura dos títulos, iniciamos uma triagem com o processo de exclusão manual daqueles itens que se repetiram ou que o título não condiz com o nosso objetivo de pesquisa. Também optamos por excluir trabalhos acadêmicos em inglês e espanhol, permanecendo apenas estudos no idioma português, visto que a maioria dos trabalhos em inglês e espanhol fazia menção a estudos de seus respectivos países. Após esta etapa chegamos ao total de 56 itens que foram elencados em uma *Planilha* no programa da *Microsoft Excel* (2016), incluindo: título; autores; ano de publicação e resumo.

Em busca da identificação específica dos materiais encontrados, optou-se pela leitura dos resumos dos 56 itens encontrados a fim de realizar uma nova triagem, que resultou na exclusão de 19 estudos que não especificaram em seu resumo afinidade com o nosso tema de pesquisa. Resumos que incluíam estudos com apenas um nicho de identificação como “ensino de química”, “enfermagem”, ou somente referiam-se à educação de um único ciclo foram excluídos seguindo esses critérios de exclusão e elegibilidade.

Desse total de 37 estudos, identificamos 27 artigos, quatro artigos de revisão, quatro dissertações, uma tese e uma resenha, conforme mostra o gráfico a seguir sobre a disposição dos trabalhos encontrados:

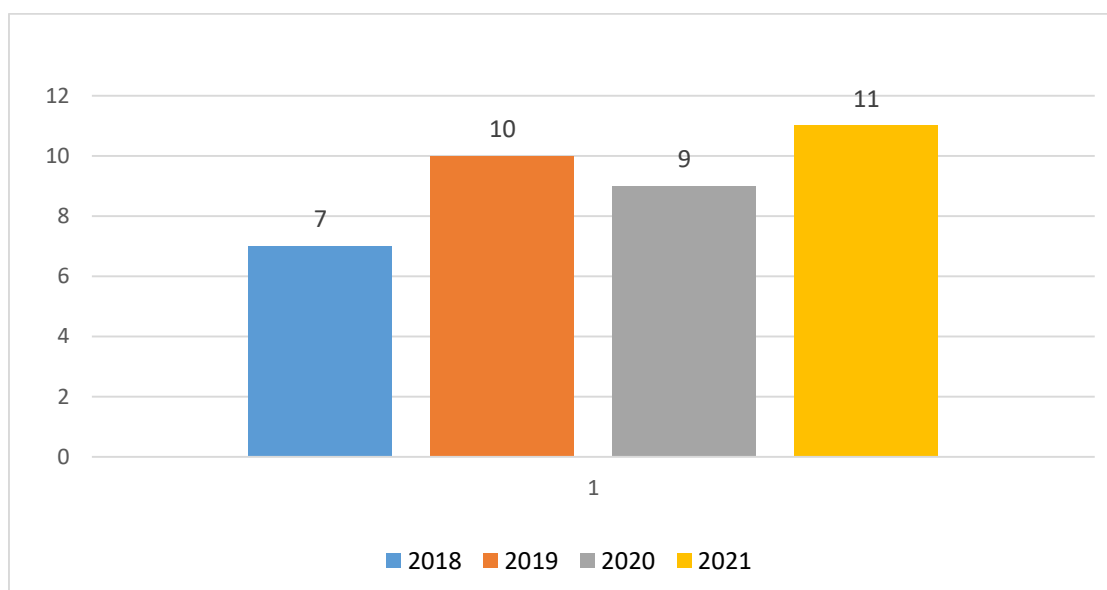
Gráfico 1 – Disposição dos trabalhos encontrados



Fonte: Elaborado pela autora

Identificamos também nestes mesmos dados, o ano das publicações sobre o tema nos últimos cinco anos, que consiste em: nenhuma publicação em 2017, sete publicações em 2018, dez publicações em 2019, nove publicações em 2020 e 11 publicações até a data da realização desta revisão em 2021.

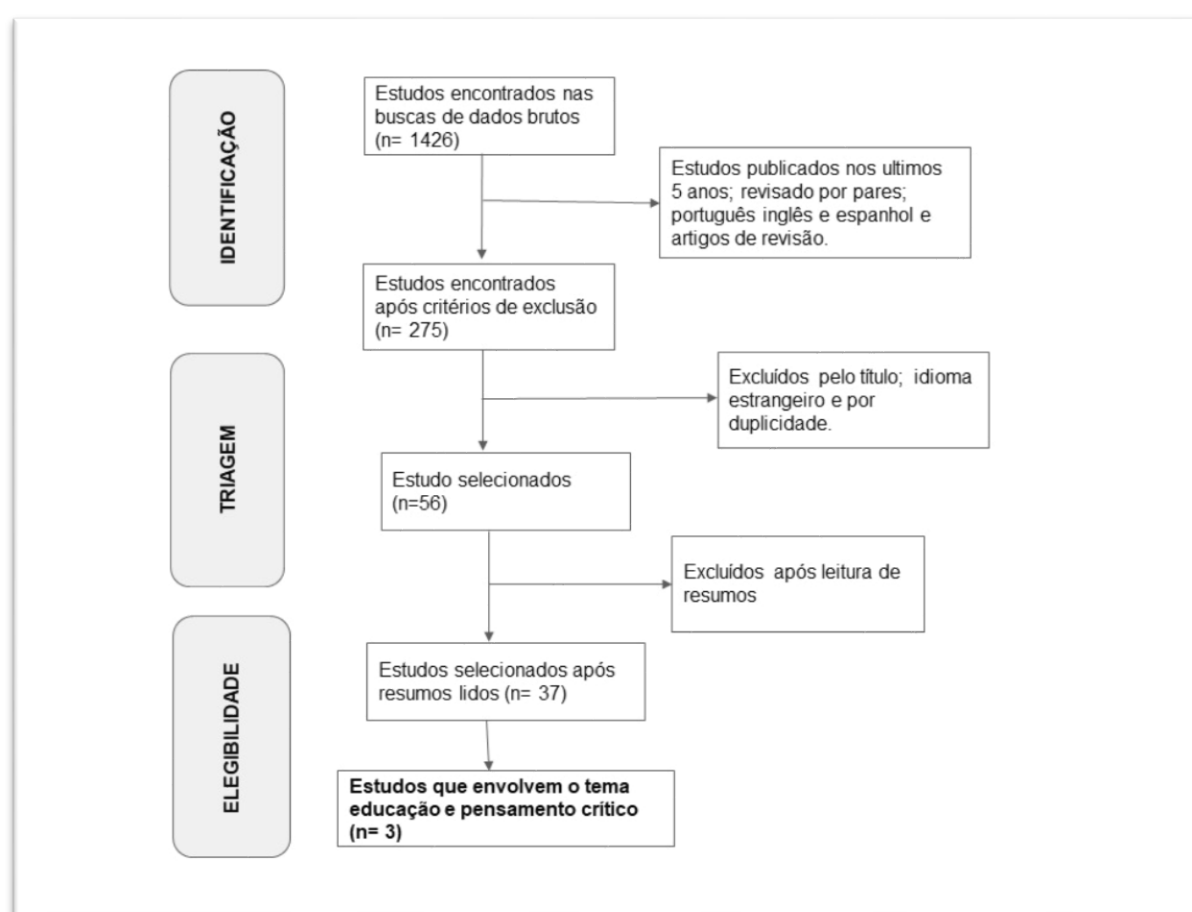
Gráfico 2 – Ano de publicação dos referidos estudos



Fonte: Elaborado pela autora.

Baseados nas recomendações do PRISMA (Principais Itens para Relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises) e para uma melhor leitura desta revisão sistemática de literatura optamos por elaborar o seguinte fluxograma:

Fluxograma 1 – Quantidade de artigos selecionados



Fonte: Elaborado pela autora.

Após a compilação da literatura encontrada, realizou-se uma **segunda leitura dos resumos** a fim de **identificar de maneira crítica** os estudos que se assemelham, diferem e quais aqueles que podem contribuir de forma significativa para a discussão sobre nosso tema de pesquisa. Desta forma, identificamos o número de seis artigos cujo objeto de pesquisa é especificamente sobre o tema da pandemia da covid-19. São eles: “Credibilidade de informações em tempos de COVID-19” (FACHIN; ARAUJO; SOUSA, 2020); “A infodemia

transcende a pandemia” (FREIRE *et al.*, 2021); “Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil” (BARCELOS *et al.*, 2021); “Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil” (GALHARDI *et al.*, 2020); “Impacto da Covid-19 nos sistemas de mídia: consequências comunicativas e democráticas do consumo de notícias durante o surto” (CASERO-RIPOLLÉS, 2020); e “Como as fake news prejudicam a população em tempos de Pandemia Covid-19?: Revisão narrativa” (ALMEIDA *et al.*, 2020).

Durante a leitura dos resumos, destaca-se o artigo “Credibilidade de informações em tempos de COVID-19” (FACHIN; ARAUJO; SOUSA, 2020), que faz uma reflexão sobre o processo de dissonância cognitiva causada pela infodemia (grande fluxo de informações que se espalham pela internet sobre um assunto específico) e aborda a necessidade de aplicar a infodemiologia para mitigar os efeitos deletérios de notícias falsas. Os demais resumos desses artigos focam na verificação de elementos que possibilitem aferir credibilidade às informações disponíveis na internet; caracterização das fake news sobre Covid-19 que circularam no Brasil; reflexão sobre as notícias falsas a respeito do novo coronavírus (Sars-CoV-2) enfatizando a disseminação nas redes sociais e os prejuízos à saúde pública e, por fim, a influência do Coronavírus no consumo de notícias.

Os estudos cuja temática focalizava exclusivamente em política totalizaram seis artigos e duas dissertações. O título “Liberdade de expressão e seus limites numa democracia: o caso das assim chamadas ‘fake news’ nas redes sociais em período eleitoral no Brasil” (SARLET; SIQUEIRA, 2020) descreve em seu resumo o uso de desinformação, fake news e sua influência no funcionamento da democracia e de suas instituições. Em “Narrativas ‘historiográfico-midiáticas’ na era da pós-verdade: um olhar sobre o revisionismo histórico para além das fake news” (BONSANTO, 2021), os autores pretendem delinear uma perspectiva ampliada sobre o fenômeno das fake News. Nos Títulos “Guerra da pós-verdade: a batalha político-midiática do Movimento Brasil Livre” (FREITAS FILHO; FERRARI TEIXEIRA, 2018) e “A dinâmica transmídia de fake news conforme a concepção pragmática de verdade” (ALZAMORA; BICALHO, 2018) os objetos de estudo são específicos sobre grupos como o Movimento Brasil Livre e a propagação de notícias falsas sobre o julgamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em “O Monopólio da Verdade na Era das 'Fake news'” (SILVA, L., 2019) os autores tentam compreender qual o impacto das redes sociais, da mídia tradicional e das fake news que permeiam o debate político-democrático de uma sociedade, incluindo as suas influências nos cenários eleitorais. A dissertação intitulada “Propagação e influência de pós-verdade e fake news na opinião pública” (CARDOSO, 2019) visa por meio de análise de artigos científicos

publicados, compreender aspectos presentes no ambiente da pós-verdade, que compreende a esfera da ciência política. A dissertação “O regime de verdade das redes sociais on-line: pós-verdade e desinformação nas eleições presidenciais de 2018” (SILVA, F., 2019) trata especificamente sobre as notícias falsas veiculadas nas eleições presidenciais brasileiras de 2018.

O título “Fake news, big data e o risco à democracia: novos desafios à competência em informação e midiática” (OTTONICAR *et al.*, 2019) descreve o consumo de informação da atual sociedade e tem como objetivo apresentar os estudos e as ações acadêmicas que possam solucionar o problema das fake news em relação à democracia de um país. É importante dizer que, dentre estes estudos, apenas este resumo indicou em um trecho que “Os indivíduos precisam saber como interpretar a informação de maneira crítica” (OTTONICAR *et al.*, 2019, p. 01), aspecto este que se mostra relevante para nosso trabalho.

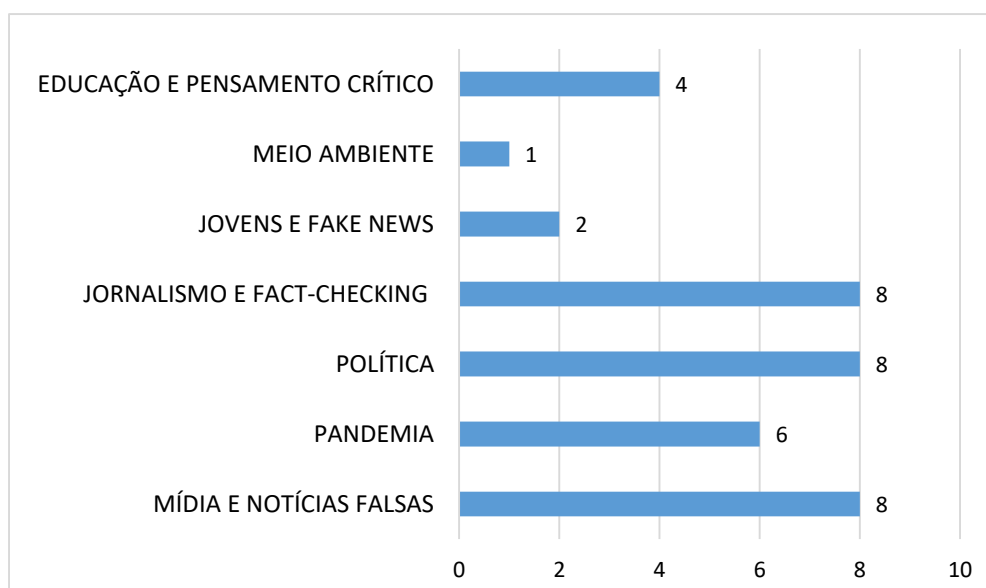
Dos demais artigos, identificamos oito que contemplam o trabalho sobre o jornalismo e as fake news, bem como a questão das agências de verificação (*fact-checking*) de notícias. Dois desses artigos envolvem entrevistas e discussão em grupos focais com jovens estudantes e sete artigos, incluindo uma tese, descrevem sobre discussões da produção e do consumo de notícias falsas; mídias sociais; contexto informacional e sistematização de trabalhos realizados por diferentes autores em revisão de literatura. Um artigo de revisão chamou a atenção por ser um trabalho sobre uma pesquisa de mestrado em andamento, identificada como “Território em chamas: o combustível da desinformação - uma análise das disputas narrativas no *Youtube* acerca das queimadas na região Amazônica em 2019” (ZANETTI, 2020), cujo objetivo é mapear abordagens sobre o tema e que em seu resumo constata lacunas significativas como a ausência de trabalhos que versam sobre a questão ambiental, o que também é identificado na presente revisão sistemática de literatura, isto é, a escassez de estudos sobre o meio ambiente e as *fake news*, segundo os critérios adotados para esta seleção de pesquisas.

Outra constatação importante é a discussão que envolve educação e criticidade em meio ao tema. Dos estudos selecionados, apenas 4 deles descrevem em seus resumos o trabalho e a importância da educação, autonomia e pensamento crítico, sendo duas dissertações intituladas “Confiabilidade informacional: a filosofia da informação e o desenvolvimento da leitura crítica no ambiente virtual” (RIPOLL, 2018) e “Confrontando informações de *fake news* na aula de Biologia - sequência didática sobre a febre amarela” (BARBOSA, 2019). O primeiro estudo aborda conceitos que trabalham com possíveis formas de resolver os impasses da desinformação, a conceituação da leitura crítica, pensamento crítico, e a questão da confiabilidade técnica e semântica. Já o segundo estudo indica o letramento científico como

forma de estratégia para o combate às *fake news*. Apesar dessa dissertação especificar o trabalho com uma sequência didática sobre febre amarela, em seu resumo é possível destacar o que o autor escreve: “Tal aprendizagem pode contribuir para formação de alunos com um perfil mais investigativo, autônomo, cético e crítico. Assim, espera-se contribuir com a formação de estudantes menos vulneráveis e mais capazes de lidar com o fenômeno das *fake news*” (BARBOSA, 2019, p. 01). Os outros dois artigos intitulados “Interações, leituras e sentidos em tempos de *fake news*: desafios para a formação de leitores no contexto escolar” (SILVA, F., 2019) e “Crise de veridicção e interpretação: contribuições da Semiótica” (GOMES, 2019) trazem reflexões acerca de implicações no campo da formação de leitores no contexto escolar, sendo que o segundo utiliza de uma base teórico-metodológica da semiótica francesa.

Desta forma, obtemos os seguintes dados compilados segundo semelhança entre artigos:

Gráfico 3 – Compilação de estudos de acordo com tema semelhante



Fonte: Elaborado pela autora

Para contribuir com este estudo, selecionamos os 3 trabalhos que mencionam diretamente educação e pensamento crítico e tem relação com o tema desta pesquisa.

## CAPÍTULO 4

### 4.1 Método

*“Uma análise concreta das representações que um indivíduo tem do mundo que o rodeia, só é possível se as considerarmos inseridas num discurso bastante amplo, onde as lacunas, as contradições, e consequentemente, a ideologia possa ser detectada.*

*(Silvia Lane)*

De acordo com Lane (1984), a história é produzida pela organização e produção da vida material de cada sociedade, ou seja, pelas relações sociais de produção. O acirramento das contradições postas pelo modo de produção pode levar à superação de uma dada formação social, produzindo uma nova sociedade, qualitativamente diferente da anterior. Deste modo, entendemos que o método de produção de conhecimento fundamentado no materialismo histórico-dialético contém a possibilidade de responder ao nosso problema de pesquisa, que se funda na compreensão da realidade social que o engendra:

É dentro do materialismo histórico e da lógica dialética que vamos encontrar os pressupostos epistemológicos para a reconstrução de um conhecimento que atenda à realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo e que permita uma intervenção efetiva na rede de relações sociais que definem cada indivíduo. (LANE, 1984, pp. 15-16)

Para tanto, esta investigação, de natureza empírica, tomou como norte metodológico a Psicologia Histórico-Cultural e a Pedagogia de Paulo Freire e seus fundamentos materialistas histórico-dialéticos de investigação, a fim de compreender que fatores estão presentes na incongruência entre ter acesso à informação e a aceitação de notícias falsas pela visão dos jovens profissionais de jornalismo participantes da Agência Mural de Jornalismo das Periferias.

Concordamos com Lane (1984) que afirma que na superação da dicotomia entre a teoria e o empírico, “o materialismo dialético se propõe a conhecer o concreto, distinto do empírico, e produto de uma análise que, partindo do empírico, o insere num processo que permite apreender como são estabelecidas as relações que nos levam a conhecer o indivíduo como manifestação de uma totalidade” (LANE, 1984, pp. 44-45). A seguir serão descritos os procedimentos metodológicos que serão realizados para a coleta e análise de dados.

## 4.2 Coleta de Dados

Para a coleta de dados, foi solicitada, em um primeiro momento, aos gestores da Agência Mural de Jornalismo das Periferias, a aprovação para a realização da pesquisa com os integrantes da agência. Em seguida foi enviado um convite para os participantes, produtores de notícias da Mural, com o intuito de selecionar sujeitos da área de comunicação e jornalismo na busca por respostas ao nosso problema de pesquisa, que procura a compreensão dos fatores presentes na incongruência entre ter acesso à informação e a aceitação de notícias falsas. A escolha desses sujeitos ocorre pelo fato de atuarem na área da comunicação, como produtores de notícias, de conteúdo, em diversos veículos de comunicação, ao mesmo tempo em que colaboram com a Agência Mural. Salientamos que a Agência recebe muralistas correspondentes de todos os lugares das periferias e da grande São Paulo:

Mais de 100 muralistas, como são conhecidos os correspondentes locais, já passaram pelo blog. Esses correspondentes, jornalistas, comunicadores e blogueiros residentes dos bairros e cidades que cobrimos, são especialistas em suas regiões e usam as ferramentas do jornalismo de boa qualidade para contar as histórias que ninguém conta<sup>91</sup>.

Assim, a escolha por estes sujeitos participantes se justifica pelo fato de serem jovens, comprometidos com a periferia, atuando numa perspectiva crítica e diretamente envolvidos com a produção de informação. Esperava-se, assim, ouvir as percepções, explicações e expectativas dos jovens jornalistas e comunicadores que fazem parte da Agência, a respeito do nosso problema de pesquisa e do papel da Mural em relação à produção de pensamento crítico. Após a realização do convite, aqueles estudantes que se interessaram em participar da pesquisa responderam a um questionário (APÊNDICE A), através de um formulário do *Google Forms* (aplicativo de gerenciamento de pesquisas) e posteriormente foram convidados, aqueles que tiveram disponibilidade para uma entrevista, que foi realizada em uma sala virtual do *Google meet* (serviço de comunicação desenvolvido pelo Google). A escolha pela entrevista em ambiente virtual ocorreu devido ao atual momento em que vivenciamos, diante de uma pandemia que nos impede de realizar a coleta de dados presencialmente, visando à preservação da saúde de todos os envolvidos.

A etapa seguinte foi iniciada com a apresentação dos sujeitos que se disponibilizaram a responder ao questionário, indicando sua idade, formação e há quanto tempo colabora com a Agência Mural, além de outros aspectos e características pertinentes ao tema desta pesquisa.

---

<sup>91</sup> Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/sobre-nos/> Acesso em 31 ago. 2021.

Em seguida, foram selecionados aqueles participantes que tiveram disponibilidade para realizar uma chamada de vídeo, a fim de prosseguirmos com uma entrevista de profundidade, realizando perguntas (APÊNDICE B) sobre o pensamento crítico e a desinformação na sociedade atual.

### 4.3 Análise

Por meio desses sujeitos específicos, buscamos compreender qual o sentido que esses jovens dão à incongruência/contradição presente na aceitação de notícias falsas, bem como a identificação dos fatores presentes. A análise dos dados também buscou compreender por que, apesar do acesso à educação e à informação, existem pessoas que acreditam nessas notícias falsas, a partir das contribuições da psicologia histórico-cultural e da pedagogia de Freire. Pretendemos também, com esta investigação, subsidiar e fortalecer ações interventivas objetivando contribuir para a constituição de um pensamento crítico.

De acordo com Morin (2003, p. 37):

[...] tanto no ser humano, quanto nos outros seres vivos, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular; a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas.

Para tanto, a realização de entrevistas nos fornece essa parte da realidade, do todo presente na visão dos integrantes da Mural. A partir de perguntas previamente estabelecidas buscamos fomentar uma discussão e identificar a visão dos sujeitos sobre o tema. Seguimos, a partir daí, com a análise:

- 1- Transcrição das entrevistas;
- 2- Categorização temática das falas dos participantes: considerar o que falam de similaridade quanto a um tema, complementariedade e contradições;
- 3- Com base o materialismo histórico-dialético e na psicologia histórico-cultural, organizar as falas em agrupamentos;
- 4- Finalização com definição de significados e principais discursos.

Desta forma, resumem-se os dois instrumentos de produção de dados:

- Questionário que abarca a identificação do sujeito, seu perfil social e sua formação acadêmica (APÊNDICE A);

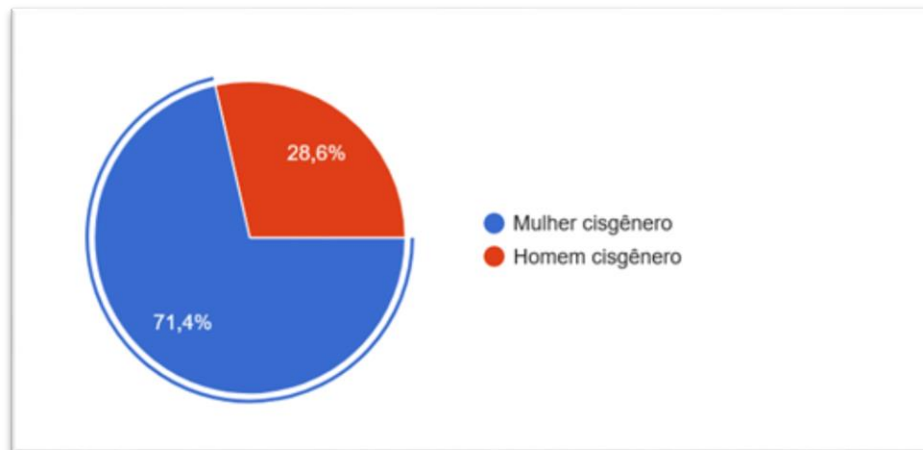
- Entrevistas que envolvem o tema: desinformação e o pensamento crítico, com roteiro de perguntas disponível (APÊNDICE B);

## CAPÍTULO 5

### 5.1 Apresentação dos dados

Entre os dias 16 e 20 de outubro do ano de 2021, ficou disponível para os integrantes da Agência Mural de Jornalismo das Periferias um formulário do *Google Forms*, enviado por e-mail, *WhatsApp* e pelo aplicativo *Slack*<sup>92</sup>, usado pelos integrantes da Agência Mural. O formulário foi enviado e ficou disponível para todos os 97<sup>93</sup> muralistas que faziam parte da Mural como correspondentes locais a fim de que aqueles que tivessem o interesse e a disponibilidade pudessem acessar o conteúdo e responder as questões ali presentes. O formulário possui duas seções, sendo a primeira sobre o perfil do participante e a segunda sobre sua formação profissional. Nesses cinco dias, ao todo, 14 pessoas responderam ao formulário, sendo dez do gênero feminino e quatro do gênero masculino, todos cisgênero.

Gráfico 4 – Gênero dos participantes



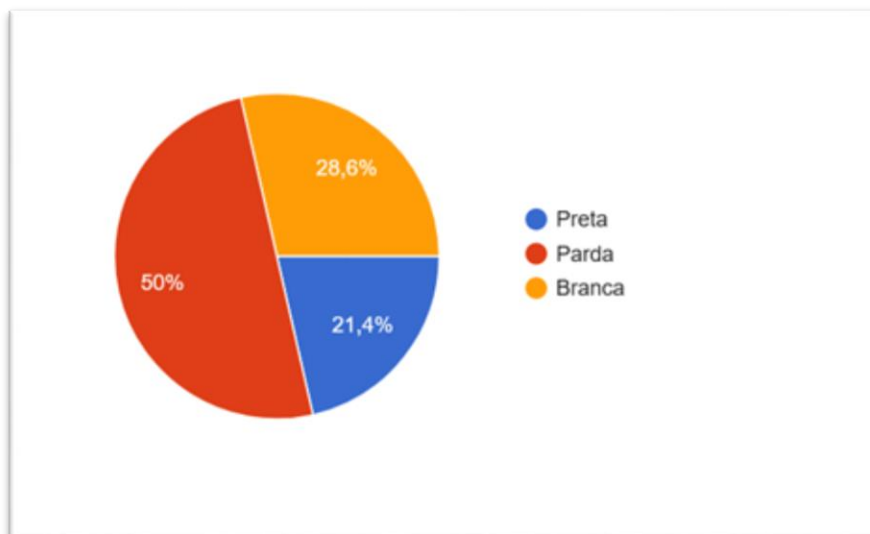
Fonte: Elaboração da autora.

Em relação à raça dos participantes que responderam ao formulário, segundo a classificação do IBGE, 50% se definem como parda, 28,6% como branca e 21,4% como preta.

<sup>92</sup> “Slack” é uma plataforma de comunicação empresarial proprietária desenvolvida pela empresa de software americana Slack Technologies, oferece muitos recursos no estilo IRC, incluindo salas de chat persistentes organizadas por tópico, grupos privados e mensagens diretas.

<sup>93</sup> Em 2021 a Agência Mural contou com 97 comunicadores periféricos da região de São Paulo e Salvador que faziam parte do grupo de correspondentes locais e escreviam matérias relacionadas a onde moravam. O correspondente não tem vínculo empregatício, apenas recebem o valor de uma reportagem quando produzida.

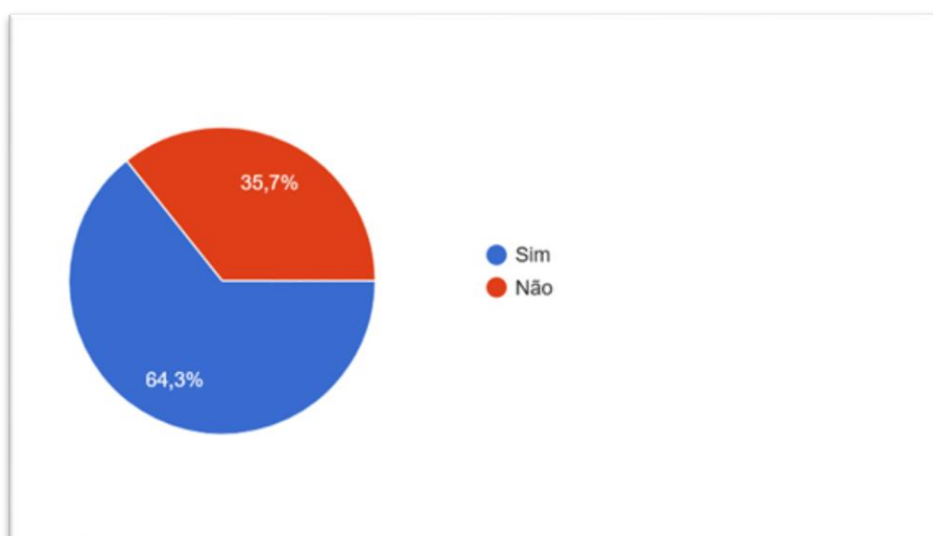
Gráfico 5 – Perfil racial segundo o IBGE



Fonte: elaborado pela autora.

Na seção sobre a formação acadêmica dos participantes, dos 14 sujeitos 64,3% se formaram com algum tipo de bolsa ou auxílio em universidades particulares, entre elas, bolsa de Iniciação Científica (IC), FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), PROUNI (Programa Universidade Para Todos), bolsa integral e parcial oferecida pela instituição, bolsa voluntariado no programa Escola da Família, desconto por participar em reuniões da ATST (Associação dos Trabalhadores Sem Terra) e 35,7% se formaram sem nenhum tipo de bolsa ou em universidades públicas.

Gráfico 6 – Bolsa para formação acadêmica



Fonte: elaborado pela autora.

Entre os participantes que responderam ao formulário identificamos ao todo 11 universidades privadas, um centro universitário, uma universidade pública e uma confessional. Todos os participantes cursaram a graduação de modo presencial em Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e quatro dos participantes realizaram outro curso, em outra área, sendo fisioterapia, administração, artes cênicas e audiovisual.

## **5.2 Descrição dos sujeitos participantes das entrevistas de profundidade**

A Agência Mural de Jornalismo das Periferias possui uma equipe fixa de integrantes que se dedicam exclusivamente para a Agência, em torno de 8 horas por dia. Os demais integrantes, chamados de “muralistas” ou “correspondentes”, possuem outros trabalhos além da participação na Mural, seja fixo ou freelance e dedicam tempos diferenciados para a agência, variando de pessoas que dedicam de 3 a 4 horas semanais, até mesmo a pessoas que dedicam entre 10 e 15 horas por semana.

Para a entrevista de profundidade buscou-se selecionar os participantes que tinham disponibilidade para realizar a entrevista; sendo assim, três integrantes se disponibilizaram para a realização da entrevista, sendo dois participantes do gênero feminino e um participante do gênero masculino. A identificação dos participantes será feita com nomes fictícios a fim de preservar as identidades.

### **5.2.1 Alice**

A primeira entrevistada se chama Alice, 36, mora na zona noroeste de São Paulo, mulher cisgênero, se identifica como parda, é formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo por uma universidade privada, cursou a graduação de forma presencial com 50% de bolsa da própria instituição. A escolha pelo curso de jornalismo se deu pelo fato dela “Gostar de ler e escrever”. Atualmente trabalha com jornalismo freelance e atua na área desde 2008.

Antes de atuar na área de jornalismo, Alice trabalhava no setor comercial e doméstico, durante a graduação ficou desempregada e teve que renegociar alguns semestres da faculdade. Se formou em dezembro de 2010 e terminou de pagar a mensalidade da faculdade em junho de 2011. Alice acredita que ser jornalista é algo para o qual nasceu e faz parte dela, de sua essência, mas a formação ajudou em seu desenvolvimento e para o fortalecimento de sua atuação e compreensão de mercado: “Sem a faculdade eu talvez não teria ingressado na área”, explica.

Para Alice, a profissão de jornalista está muito desvalorizada, porém, apesar das dificuldades, ela diz existir muitos caminhos e oportunidades que “na minha época” não existiam.

Alice entrou para o grupo de correspondentes da Agência Mural por meio de uma amiga, que apresentou o trabalho da agência através da faculdade, e de outra amiga que ingressou como muralista. De acordo com Alice, o trabalho da Mural é importante e necessário não só para o público, mas principalmente para os profissionais da periferia. Alice colabora com a Mural desde 2018, realizando reportagens em textos, *podcast* e produções de conteúdo, fotografia e projetos diversos, em torno de 20 horas semanais:

*“Na minha vida, de 35 a 50% do que faço profissionalmente hoje está ligada à Mural [...] Tenho muito orgulho de fazer parte”.*

### 5.2.2 Miguel

O segundo entrevistado se chama Miguel, 29 anos, solteiro, mora em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo, homem cisgênero, se identifica como pardo. Formado em Jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu, cursou a graduação de forma presencial, com bolsa de 50% do PROUNI. Miguel queria trabalhar com entretenimento, em uma emissora de TV, e viu que a área de comunicação era uma possibilidade para isso. Repórter e Social Media desde 2013, quando ainda era estagiário, antes de entrar na graduação trabalhou com vendas e entrou na faculdade através do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) em 2011, quando conseguiu a bolsa PROUNI:

*“Nos três primeiros semestres, eu paguei as mensalidades com a bolsa de 50% e o salário que eu recebia trabalhando com vendas. Mas depois fiquei desempregado e tive que fazer o Fies. Fiz o restante da graduação com o financiamento estudantil, o que me possibilitou não me preocupar com o valor da mensalidade e poder fazer um estágio (que pagava super pouco)”.*

Parte da experiência profissional adquirida por Miguel veio da própria universidade que, por meio de laboratórios de TV e rádio, além de um jornal impresso que circula pelo campus, possibilitou que Miguel produzisse matérias e programas de TV no último ano da graduação e que, de certa forma, contam como portfólio. Miguel colabora com a Mural desde 2017 e explica que conheceu a Mural através do Facebook, por alguns compartilhamentos de notícias que a Mural publicava:

*“O trabalho da Mural está sendo cada vez mais reconhecido, inclusive em grandes veículos e plataformas, como o Spotify, Folha e Band (na época do Bora SP). Já fiz parte da equipe fixa durante três anos como repórter e social media. Atualmente sou apenas correspondente de São Miguel Paulista”.*

Atualmente Miguel diz ser difícil definir o tanto de horas que se dedica à Mural, pois varia muito de ter pautas aprovadas ou não.

*“Antes de entrar na Mural, eu tinha experiência como redator e social media, mas não era algo dentro do jornalismo, especificamente, porque eu trabalhava numa agência de marketing digital. Graças à Mural eu tive a oportunidade de trabalhar exclusivamente com jornalismo e ter publicações em grandes veículos, como Folha, Band, CBN etc.”.*

### 5.2.3 Lana

A terceira e última entrevistada se chama Lana, 26 anos, é solteira e reside na Vila Andrade, zona sul de São Paulo. Mulher, cisgênero, se identifica como branca, é formada em Comunicação Social, Jornalismo, pela USP. Lana conta que sempre se incomodou com os problemas da cidade, ao mesmo tempo em que adorava ouvir as histórias de vida das pessoas.

*“Encontrei no jornalismo uma forma de me conectar cada vez mais com essas histórias e de provocar mudanças na sociedade. Vejo o jornalismo como uma ferramenta de transformação social mesmo.”*

Atualmente Lana é repórter na equipe fixa da Agência Mural, mas já trabalhava com jornalismo antes disso, há 6 anos, na CBN (Central Brasileira de Notícias). Lana cursou o Ensino Médio tentando conciliar os estudos para o vestibular, mas com a rotina das aulas na escola e o ensino técnico, não conseguiu passar na USP.

*“Decidi fazer cursinho e depois de um ano consegui ser aprovada. Durante o primeiro ano da graduação eu tive muita dificuldade em me sentir parte da Universidade. A maior parte dos meus colegas de sala tinham estudado em grandes escolas e eu me sentia despreparada para as aulas (enquanto eles já tinham lido Foucault, eu nunca tinha ouvido falar nele). Depois desse primeiro ano, fui me adaptando e entendendo melhor o que significava estar ali e o que era ser periférica. Me envolvi com vários projetos e me senti mais à vontade”.*

Lana conta que entende cada vez mais a importância social do jornalismo e vê o jornalista como um profissional fundamental para a democracia. Assim como Miguel, Lana também conheceu a Mural por meio de uma postagem no Facebook, que divulgava o processo seletivo; se inscreveu e ingressou como muralista desde 2017, entrando para a equipe fixa em 2020, dedicando cerca de 8 horas por dia para a Agência.

*“Considero o trabalho da Mural fundamental para dar visibilidade às histórias que atravessam as periferias de São Paulo. O olhar que nós damos para a cidade ecoa nas grandes redações e hoje somos inspiração para vários jornalistas que buscam quebrar os estereótipos sobre as periferias da Grande SP. Tenho muito orgulho do que a Mural representa. [...] A Mural mudou meu jeito de olhar para a notícia e o fazer jornalístico. Na sociedade, tem um impacto grande ao propor reflexões para as grandes redações e ao pautar temas como os vãos nos vagões de trens e a força da cultura periférica”.*

## CAPÍTULO 6

### 6.1 Análise e discussão

Neste capítulo realizaremos a análise e a discussão dos dados a partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas com os três participantes que integram a Agência Mural de Jornalismo das Periferias. Após a transcrição das entrevistas, foi elaborado um quadro destacando as principais falas dos entrevistados a fim de dar base para nossa discussão sobre o tema, disponível no Apêndice G. As falas dos participantes são vistas “[...]” como indicadores indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas educativas e seus componentes psicossociais e, portanto, para o desenvolvimento da própria Psicologia da Educação (FRANCO, 2018, p. 8).

Concordamos com Franco (2018) quando afirma que:

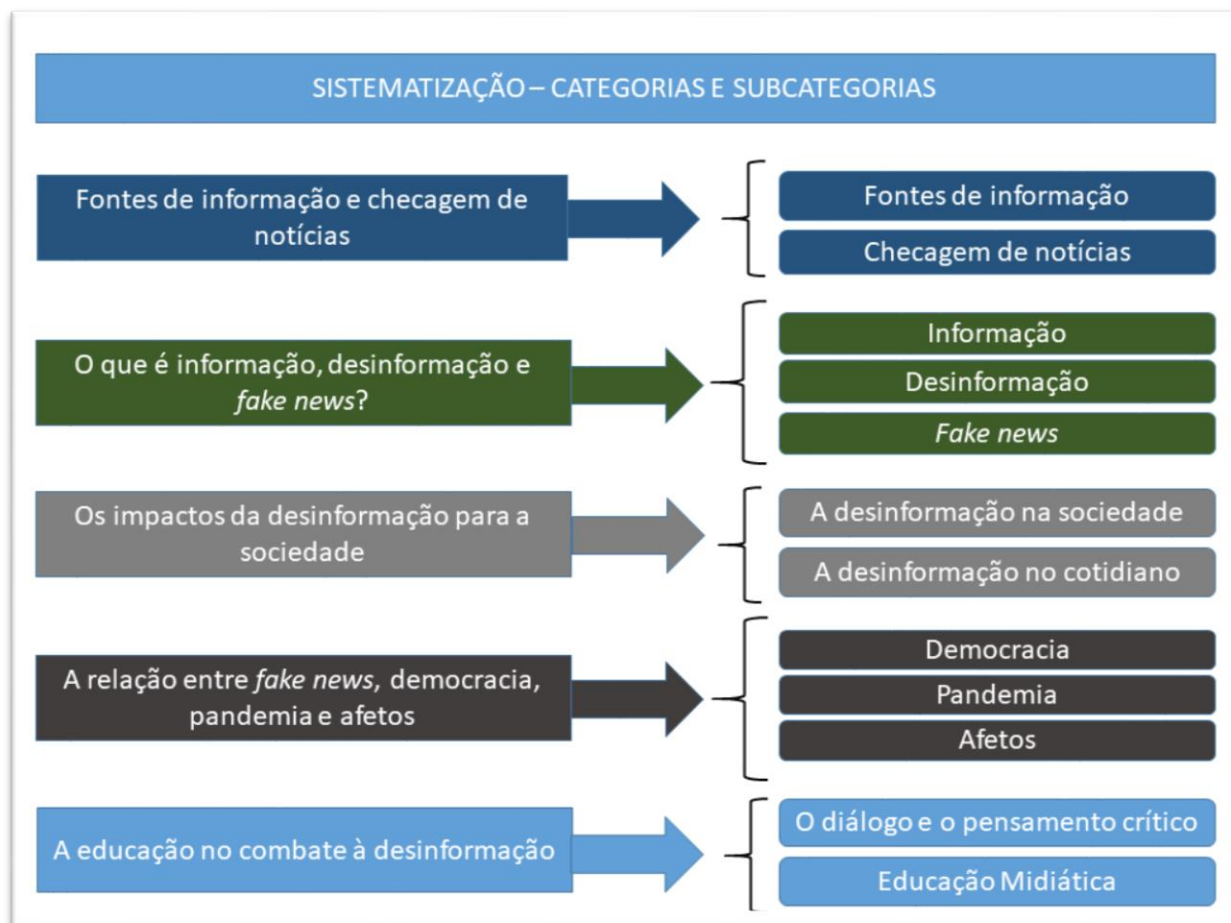
As mensagens expressam as representações sociais na qualidade de elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto de conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza via linguagem. Sendo constituídas por processos sociocognitivos, têm implicações na vida cotidiana, influenciando não apenas a comunicação e a expressão das mensagens, mas também os comportamentos. (FRANCO, 2018, p. 12)

Para elaboração do quadro, as falas dos participantes foram organizadas de acordo com o seu conteúdo em categorias. Assim, a presente análise foi dividida em cinco categorias, que foram divididas em subcategorias. Explicitamos que as categorias e as mensagens apresentam:

Condições contextuais que envolvem a evolução histórica da humanidade; as situações econômicas e socioculturais nas quais os emissores estão inseridos, o acesso aos códigos linguísticos, o grau de competência para saber decodificá-los o que resulta em expressões verbais (ou mensagens) carregadas de componentes cognitivos, subjetivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis. (FRANCO, 2018, p. 13)

Assim, a Análise de Conteúdo “[...]” assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem” (FRANCO, 2018, p. 13). Abaixo segue uma pequena sistematização das categorias e subcategorias que serão analisadas:

Figura 5 – Categorias e Subcategorias Analisadas



Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira categoria é intitulada “Fontes de informação e checagem de notícias” e tem como subcategorias “Fontes de informação” e “Checagem de notícias”. As categorias apresentam as fontes nas quais os entrevistados se informam, quais veículos e meios de comunicação eles citam, se e como realizam a checagem das notícias que consomem.

## 6.2 Fontes de informação e checagem de notícias (Categoria 1)

### 6.2.1 Fontes de informação

Mello (2020) escreve que, segundo uma pesquisa encomendada pelo Senado, publicada em novembro de 2018, cerca de 79% dos brasileiros utilizam o WhatsApp como a fonte de informação mais importante, “A TV é a principal fonte de informação para 50% dos brasileiros, seguida do Youtube (49%), Facebook (44%), sites de notícias (38%) e rádio (22%)” (pp. 33-

34). A mesma pesquisa mostra que apenas 8% da população utilizam os jornais como fonte de informação (8%) e ainda que 7% se informam pelo Twitter.

De acordo com uma pesquisa Datafolha de outubro de 2018, 46% das pessoas liam sobre política e eleições pelo WhatsApp; também, 46% das pessoas se informavam pelo Facebook. Entre os eleitores que se serviam do WhatsApp, 47% acreditavam, muito ou um pouco, nas notícias que recebiam pelo aplicativo. (MELLO, 2020, p. 40)

A tecnologia faz parte do cotidiano da maioria dos brasileiros e a informação chega principalmente por meios virtuais. Freitas (2010) realiza uma discussão sobre a questão do uso de tecnologias como o computador e a internet sob o olhar da perspectiva histórico-cultural; afirma ela: “Em ‘A construção do pensamento e da linguagem’ há uma pequena referência explicitando que: ‘cultura é o produto, ao mesmo tempo, da vida social e da atividade social do homem’” (p. 61). Nesse sentido, o conceito de cultura “[...] engloba uma multiplicidade de coisas diferentes que têm em comum o fato de serem constituídas dos dois componentes que caracterizam as produções humanas: a materialidade e a significação” (FREITAS, 2010, p. 61). Os entrevistados relataram que se informam principalmente por veículos de comunicação *online* assumindo o consumo de notícias por meios virtuais com o uso de tecnologias:

*Ah, hoje basicamente minhas informações vêm totalmente por sites [...] eu não assisto nada jornalístico, uma vez ou outra, mas eu não tenho mais o hábito. (Alice)*

Apesar de trabalhar e acompanhar veículos de comunicação independentes, como a própria Agência Mural, Miguel também escolhe se informar por meio de veículos de comunicação *online*; mas, diferente de Alice, que não cita os nomes dos *sites* que acessa, Miguel chama suas fontes de notícias de consolidados, antigos e padrões, como Folha de S. Paulo e UOL:

*Eu tenho costume de consumir mais informações virtuais, no online. No impresso raramente eu consumo [...] eu sempre dou prioridade, assim por mais que eu acompanhe muitos veículos de jornalismo independente. Eu trabalho em um inclusive, eu sempre acabo dando **preferência para veículos já consolidados, mais antigos, mais padrões, digamos assim como o UOL, Folha...** (Miguel, grifo nosso).*

Lana, por sua vez, também acompanha os veículos de comunicação *online*, definindo-os como “noticiários mais comuns”; ela também cita a Folha de S. Paulo e o UOL e acrescenta

outros veículos de comunicação como o G1, o Estadão e a Rádio CBN. Além do consumo virtual, Lana foi a única que ressaltou ler jornal impresso:

*[...] eu busco nos noticiários mais comuns, nos grandes jornais da imprensa brasileira, então eu leio muito a Folha de S. Paulo, eu sou assinante da Folha de S. Paulo, e aí os outros, eu leio bastante também o G1, o portal de notícias da Globo e os outros, acho que eu passo bastante pelo UOL, O Globo.com dependendo do que for a notícia. [...] eu comecei a consumir mais recentemente e o Estadão; é um jornal que eu leio com menor frequência, diria, leio um pouco mais por obrigação mesmo, para ficar atenta àquilo que está acontecendo, mas enfim acho que as **minhas principais fontes de notícia são os jornais impressos a Folha e O Globo e nos portais de notícias do G1 e UOL**. Eu também ouço muito a Rádio CBN, eu trabalhei lá, então eu ouço muito a rádio CBN e a televisão, eu assisto alguns noticiários, mas normalmente são os noticiários locais. (Lana, grifo nosso).*

A tecnologia faz parte da cultura em que vivemos; os três entrevistados relataram a busca por fontes de informação por meio do uso de tecnologias em sites virtuais de notícias. Os entrevistados citam como fontes de informação veículos da grande imprensa, consolidados da mídia tradicional, a Folha e o UOL foram citados pelos três entrevistados enquanto a mídia alternativa e o jornalismo independente, como, por exemplo, os portais de notícias: 247, GGN, Fórum, Carta Capital (Mino Carta) e Observatório da Imprensa, não foram citados por nenhum dos entrevistados, assim como as redes sociais também não foram mencionadas. Apenas Miguel explicitou que acompanha as notícias de “muitos veículos de jornalismo independente” e inclusive trabalha em um, mas não mencionou o nome de nenhum desses veículos.

### 6.2.2 Checagem de notícias

Santaella (2021) afirma sobre o caráter psicológico da verdade, que “também somos responsáveis por buscar a verdade. Essa não é uma responsabilidade apenas de cientistas e filósofos, mas de cada um de nós, por mais modesta que seja a nossa vida. Viver na mentira implica submeter-se às suas consequências” (pp. 27-28). Podemos dizer que tal afirmação vale também para os jornalistas produtores de notícias que integram a Agência Mural de jornalismo das periferias. O *fact-checking* (checagem de fatos) “é um método jornalístico por meio do qual é possível certificar se a informação apurada foi obtida por meio de fontes confiáveis e, então,

avaliar se é verdadeira ou falsa, se é sustentável ou não<sup>94</sup>”. Tais métodos podem ser explicitados no modo como a checagem foi realizada, destacando as fontes originais de informação, inserindo referências, obtendo transparência e uma política clara de reportar erros são alguns pontos que asseguram a qualidade da checagem de fatos. Ao ser questionada sobre se e como realiza as checagens das informações que consome, Alice responde que:

*[...] a checagem eu sempre vou em sites que eu confio. E não só em um, geralmente quando é alguma notícia que é muito polêmica, eu vou em várias fontes para verificar, para até comparar mesmo se aquela informação é realmente verdadeira, se é confiável. E assim, é um tipo de coisa que eu faço, geralmente site jornalístico mesmo, **difícilmente eu vou em um site que não seja jornalístico e dependendo da informação, do interesse que eu tenho com aquela informação por exemplo, para uma pauta que eu vou apurar, aí com base naquilo que eu vi, eu vou nas fontes oficiais.** [...] sites relacionados a empresa jornalística mesmo: Folha, G1, esse tipo, não só nacional, mas também internacional. [...] eu não gosto de ir em sites que mistura entretenimento com jornalismo, eu acho que fica um pouco confuso às vezes, então eu tento sempre ir para a questão da notícia em si e da **Agência Mural.** (Alice, grifo nosso).*

Em um primeiro momento, Alice afirma checar apenas em sites que confia e, em seguida, diz que quando uma notícia é polêmica, ou quando é preciso apurar para uma pauta, a checagem é feita em várias fontes e em fontes oficiais, em sites que não misturam jornalismo com entretenimento, colocando a Agência Mural como um lócus de checagem. Assim como Alice, Lana também afirma que confia em determinados veículos de comunicação, que ela chama de “grandes veículos”:

*No geral, aquilo que era noticiado nesses grandes veículos, no veículo que eu trabalhava, **eu confio nesses veículos, então não checava todas as notícias** que eu lia de novo a não ser aquelas que faziam parte do meu dia a dia checar, pela informação mesmo, e aquelas **que causavam alguma estranheza**, apesar de já estarem sendo noticiadas em mais de um lugar, às vezes tinha algum erro, de algum repórter, alguma informação um pouco estranha e eu checava novamente. (Lana, grifo nosso).*

Lana realiza a checagem mais por causa do seu trabalho; quando via “algo estranho”, ela checava à procura de algum erro. Diferentemente de Alice e de Lana, Miguel explicita que

<sup>94</sup> Disponível em: Acesso em 23-02-2022 <https://www.aosfatos.org/checagem-de-fatos-ou-fact-checking/>

o fato de ele ser jornalista já é uma base para ele verificar se uma determinada informação é verdadeira ou não, por meio da comparação com a repercussão de uma matéria, pelo uso de hiperlinks que levam a uma fonte oficial ou original, como entrevistas com especialistas:

*O que acontece muito é que geralmente uma matéria que sai em um local, geralmente ela sai em outros locais também, então **é muito de você comparar se aquela matéria está sendo repercutida em outros locais também, é uma forma de verificação.** E a gente que é jornalista, sabe também que existem alguns métodos. Você enquanto jornalista que está escrevendo uma matéria, você não pode tirar uma informação da sua cabeça, você tem que comprovar que aquilo é verdade. Então, têm veículos que colocam o hiperlink que você pode clicar e ser direcionado para publicação original, tem outros que entrevistam especialistas, que é uma autoridade falando daquilo, então é muito de você analisar aquele contexto que está sendo escrito [...] (Miguel, grifo nosso).*

Nas três falas é possível verificar que não existe uma sistematização para a checagem das notícias, apesar de haver critérios de como checar várias fontes e ir em diferentes sites para ver se a notícia é repercutida.

Em agosto de 2018, o então candidato a presidente pelo PSL (Partido Social Liberal) Jair Bolsonaro mostrou o livro "Aparelho sexual e cia" durante uma entrevista ao Jornal Nacional e afirmava que o livro faria parte de um "kit gay" que seria distribuído nas escolas durante os governos da oposição. A notícia, apesar de ser falsa, foi repercutida em vários sites e principalmente nas redes sociais. O livro fazia parte de um programa do governo contra a homofobia. A notícia foi desmentida por vários veículos de comunicação após o fim do programa e no dia seguinte.

Imagem 1 – Jair Bolsonaro em entrevista ao Jornal Nacional no dia 28 de agosto de 2018



Fonte: Captura de tela - Reprodução/Globoplay<sup>95</sup>

O jornalismo tem o poder e o dever de promover e pautar a discussão pública; a realização da checagem de notícias é fundamental e precisa ser realizada de forma sistemática e crítica, principalmente em tempos de difusão maciça de desinformação. Conforme aponta Freire (2021b). “Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos” (p. 126). Traquina (2005, p. 16) faz uma importante afirmação “[...] sobre o jornalismo reconhecer o poder do jornalismo não apenas na projeção social dos tópicos, mas também no seu poder de enquadrar esses tópicos como um recurso de discussão pública” (*apud* Molotch and Lester, 1974). Mesmo sem uma sistematização, é nítido que os três entrevistados têm a preocupação em verificar se uma determinada notícia é verídica. Ambos relatam que fazem essa verificação por diferentes meios, mas não deixam de realizar a busca pela verdade. O profissional de comunicação precisa ir além da checagem dos fatos, da factualidade da informação; é preciso refletir sobre aquilo que se lê. A busca pela verdade deve fazer parte do cotidiano da sociedade e principalmente daqueles que trabalham com comunicação, como os jornalistas, comunicadores e integrantes da Mural.

A fim de aprofundarmos nossa discussão, a próxima categoria a ser analisada tem como título: “O que é informação, desinformação e *fake news*?” e foi dividida em três subcategorias: “Informação”, “Desinformação” e “*Fake news*” buscando a compreensão e visão dos integrantes da Agência Mural de jornalismo das periferias sobre os referidos termos.

<sup>95</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6980198/programa/> Acesso em 23 de fev de 2022

### 6.3 O que é informação, desinformação e *fake news*? (Categoria 2)

#### 6.3.1 Informação

No dicionário, a palavra informação tem como significado “1. ato ou efeito de informar(-se); informe. 2. notícia, conhecimento, ciência. 3. conjunto de conhecimentos reunidos sobre determinado assunto ou pessoa. 4. fato de interesse geral a que se dá publicidade [...]” (HOUAISS, 2001, p. 1082). Os entrevistados foram questionados sobre qual a sua percepção acerca da palavra informação. Entre as falas que destacamos, Miguel cita o fato de que a informação é aquilo que se torna público:

*Ah informar, se a gente for pensar no que diz a palavra, o significado, você está informando, publicando, você está tornando pública aquela informação. (Miguel).*

Para Alice, informação é aquilo que agrega alguma coisa ao seu conhecimento:

*A informação para mim é aquilo que agrega, é aquele conteúdo que você recebe que de fato agrega alguma coisa ao seu conhecimento seja alguma coisa específica ou alguma coisa do seu dia a dia. (Alice).*

Sem uma definição concreta sobre o que é informação, Alice cita a questão da vacinação durante a pandemia, como exemplo do que seria a informação, que, no seu conceito era quando se noticiava sobre as fases de testes da vacinação:

*Que nem um exemplo para mim, a vacina. Que foi uma das notícias que a gente mais ouviu no ano passado, que a gente mais esperava. Informação para mim é quando vinha alguma coisa dizendo qual era o passo, qual era a fase que estava daquilo, qual seria o passo seguinte, quanto tempo nós teríamos que esperar para poder essa vacina de fato chegar no braço da nossa população, das pessoas, enfim. (Alice).*

Tanto Miguel quanto Alice não definem de fato o que é informação. Uma informação se “torna pública” assim como a desinformação, e uma informação agrega (mesmo que negativamente) tanto quanto uma desinformação. Por outro lado, Lana, em sua resposta afirma que informação é aquilo que leva a verdade:

*[...] informação é aquilo que traz uma notícia, que traz algum elemento importante para aquela pessoa [...] **é aquilo que leva a verdade ou os***

*vários pontos de um assunto, vários lados de um assunto, para uma pessoa e que eventualmente está consumindo por exemplo um jornal.* (Lana, grifo nosso).

Lana foi a única que mencionou a palavra “verdade” em sua resposta, ao dizer que “é aquilo que leva a verdade ou os vários lados de um assunto”; ela infere que a informação tem que trazer algum elemento importante para a pessoa; a informação para Lana é aquilo que leva ao fato objetivo. É importante antes de continuar a discussão, esclarecer o que entendemos como fato, segundo o dicionário Houaiss (2001) “ação ou coisa feita, ocorrida ou em processo de realização algo cuja existência pode ser constatada de modo indiscutível; verdade” (p. 87). Bucci (2019) faz um breve relato sobre a instauração da Comissão Nacional da Verdade (CNV) em 2012, que tinha o objetivo de apurar as violações de direitos humanos praticadas no Brasil durante os anos de 1946 e 1988. O relatório foi entregue após 4 anos com mais de 4 mil páginas, apontando 377 responsáveis por tortura, assassinato e violação dos direitos humanos:

São fatos. O relatório procura se ater à descrição dos fatos, sem desdobrar-se em narrativas. São relatos quase técnicos sobre fatos comprovados. A ninguém ocorreu a ideia de chamar a Comissão nacional da Verdade de “Comissão Nacional da Informação”. Seria um tanto esdrúxulo. Por esse episódio vemos que por mais que tenha se desgastado, a palavra “verdade” carrega um sentido que nenhuma outra é capaz de repor [...]. (BUCCI, 2019, p. 66).

Lana também define informação como a busca por vários pontos de vista sobre um assunto. Uma informação não pode ser uma opinião, ou versão “esclarecimento, interpretação, explicação, cada um dos diferentes modos de contar ou interpretar o mesmo ponto, fato, história, lenda boato, rumo [...]” (HOUAISS, 2001, p. 1938). Ela também define informação como aquilo que traz algum elemento importante. O conceito de informação não pode ser definido apenas pelo que é importante, ou como disse Alice, que “agrega” algo, pois uma mentira, também pode agregar e ser importante para alguém, “uma notícia que gera confiança não precisa ser necessariamente verdadeira” (BRUNO; ROQUE, 2019, p. 13). Uma informação verdadeira também pode ser pouquíssima importante; vejamos, em 2011 uma “famosa” colocada entre aspas pois é discutida em vários cursos de graduação em comunicação social, e também por se tornar um “meme”<sup>96</sup> sobre o cantor Caetano Veloso. A notícia era: “Caetano estaciona carro no Leblon nesta quinta-feira”, publicado pelo portal Terra, e que mostra o artista se preparando para atravessar a rua<sup>97</sup>. Era uma verdade que Caetano estacionou o carro no

<sup>96</sup> “Meme” é uma expressão usada para designar virais da internet que tem como característica o humor.

<sup>97</sup> <https://www.uol.com.br/carros/noticias/redacao/2021/03/13/ha-10-anos-caetano-veloso-estacionou-no-leblon-mas-parou-o-carro-errado.htm>

Leblon, mas importância, relevância desta informação era mínima. Segundo Guerra e Feitosa (2020, p. 416):

Em síntese: - A relevância jornalística é um juízo de valor jornalístico do fato, em função dos efeitos que pode gerar na audiência. Tal juízo resulta da aplicação de Valores-Notícia de Referência aos fatos potencialmente jornalísticos, graduada pelos esforços necessários para a busca dos efeitos pretendidos. O processo de avaliação de relevância se dá em dois estágios: 1) interno, quando os jornalistas avaliam a Relevância Primária e projetada dos fatos; 2) externo, quando a audiência avalia a relevância da notícia publicada

### 6.3.2 Desinformação

Santaella (2021, p. 31) escreve que “[...] de todos os animais da biosfera, o ser humano é aquele que mente no sentido estrito do termo, com intenção. Quem mente, tem consciência de que mente” e ainda que “Há uma intencionalidade na mentira. Se assim não fosse, a mentira seria sinônimo de erro ou engano, de ilusão ou fantasia ou até mesmo de cinismo”. A autora continua descrevendo sobre as diferenças da mentira com o erro, engano, ilusão, fantasia, cinismo e falsificação por preferência. “A mentira é muito mais frequente do que estamos preparados para reconhecer” (SANTAELLA, 2021 p. 43).

Seguiremos com o conceito que adotamos no início deste trabalho sobre “desinformação” como a ação ou efeito de desinformar; uma informação falsa cujo propósito é confundir ou induzir ao erro (HOUAISS, 2001). Ao serem questionados sobre o que é desinformação, Alice responde novamente com um exemplo sobre a pandemia:

*Desinformação é, quando relacionado à vacina, vinha questionamentos do tipo, ‘Ah, mas essa vacina será que vai ser confiável?’, ‘Não está sendo rápido demais?’, ‘Por que está sendo rápido demais?’. Isso para mim é desinformação, porque ao invés de agregar de fato a situação em si, **no caso da vacina, em relação à pandemia, criava dúvidas e insegurança** para a gente, que ao mesmo tempo estávamos dependendo daquilo para continuar a nossa vida. Então, isso para mim seria desinformação, é aquilo que é desnecessário, é o que vai além. Além de que, a gente sabe que pode trazer prejuízos e pode levar a pessoa até a morte. Por conta dessa questão de desinformação, em específico, em relação à pandemia e a vacina que foi o que a gente viu que aconteceu com muitas pessoas. Quantas pessoas do ano passado para cá faleceram por que se recusaram a tomar vacina? Por conta disso, acredito que estimulado pela desinformação. (Alice, grifo nosso).*

Na resposta, Alice afirma que desinformação quando relacionada à pandemia, é aquilo que “criava dúvidas”. No dia 26 de fevereiro de 2020, o Brasil registrou o primeiro caso da

Covid-19 no país. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia somente no mês de março de 2020<sup>98</sup>, quando também foi registrada a primeira morte pela doença. Entre fevereiro e março de 2020, as informações que chegavam à população brasileira também criavam dúvidas e insegurança. São diversos fatos que interferiam no cenário pandêmico do nosso país; o Governo Federal, por pressão política e econômica, que não queria admitir que estávamos passando por uma pandemia e a OMS que esperou ter certeza da transmissão do vírus pelo ar para declarar a pandemia e a obrigatoriedade do uso de máscara. Entretanto, a OMS, quando constatava um fato (como, por exemplo, que era uma pandemia ou a forma de transmissão do vírus e a prevenção do contágio por uso de máscaras e higienização por álcool a 70%) vinha a público retificar as informações dadas até então e atualizar o conhecimento e as práticas que deveriam ser adotadas. Destaco algumas notícias que foram veiculadas na internet para explicitar como uma informação pode causar dúvidas. No dia 11 de março de 2020 o site do Governo Federal<sup>99</sup> divulgou uma matéria que afirmava que “O uso da máscara de proteção é recomendado às pessoas que apresentam sintomas respiratórios, como tosse, espirros ou dificuldades em respirar”. No dia 27 de abril de 2020 a Agência Brasil<sup>100</sup> fez uma matéria sobre a adoção do uso de máscara como política de saúde pública: “Com a ampliação da pandemia, essa atitude passou a ser tratada como políticas públicas de prefeituras e governos estaduais, com regras recomendando ou até mesmo obrigando a adoção deste recurso de prevenção contra a doença”. O conhecimento sobre o comportamento do vírus e as formas de transmissão, até então desconhecidas, eram atualizadas ao longo do tempo; isso causou, claro, dúvidas para a população; entretanto, as divergências entre as várias fontes (fundadas no conhecimento científico ou contra ele) causaram dúvidas e insegurança, cujas consequências são mostradas nos trágicos números de casos de contágio e de mortes no país. A adesão à vacinação é outro elemento que pode ser analisado sob esse prisma.

Em uma reportagem veiculada no “Bom Dia DF”, da TV Globo, também em março de 2020, um jornalista explica em um vídeo que o uso de máscara é designado apenas para infectados, segundo a recomendação da OMS naquele momento:

---

<sup>98</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano> acesso em 24 fev de 2022

<sup>99</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/0> acesso em 24 fev de 2022

<sup>100</sup> <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/covid-19-brasil-adota-uso-de-mascaras-como-politica-de-saude-publica>

Imagem 2 – Infectologista explica que o uso de máscara é restrito; matéria exibida em 18 de março de 2020



Fonte: Captura de tela: G1<sup>101</sup> – edição março de 2020

O uso de máscaras se tornou obrigatório em São Paulo desde 1º de julho de 2020. Em outubro de 2020, o mesmo vídeo que falava sobre a não obrigatoriedade da máscara em março de 2020 foi manipulado e inserido nas redes sociais com a legenda: “Como assim?? A globolixo passou quase o ano todo divulgando que todos deveriam usar máscara e agora muda tudo? O que será que está em jogo agora? Mais uma prova da TOTAL manipulação feita sobre o vírus chinês!!!! O vídeo é do DF TV”. A Agência Lupa (plataforma de combate à desinformação através do *fact-checking* desde 2015) fez a checagem dessa postagem das redes sociais e publicou uma matéria com o título: “#Verificamos: É antiga a reportagem da Globo desaconselhando uso de máscaras”, explicando sobre o fato do vídeo que estava circulando ser

<sup>101</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/edicao/2020/03/18/videos-bom-dia-df-de-quarta-feira-18-de-marco.ghtml#video-8408280-id>.

antigo e tirado do contexto. Na matéria, a Lupa informa que até às 15h do dia 15 de outubro de 2020, o vídeo com a desinformação tinha mais de 380 compartilhamentos<sup>102</sup>.

Imagem 3 – Agência Lupa identifica notícia falsa sobre uso de máscara



Fonte: Captura de tela; Agência Lupa

A ação de desinformação utilizou-se de uma notícia verdadeira, mas antiga, que foi manipulada e jogada nas redes sociais, por meio do Facebook, como se fosse algo atual. Lana, em sua resposta, se aproxima desse conceito de desinformação ao afirmar que:

<sup>102</sup> <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/10/15/verificamos-reportagem-globo-mascaras>

*[...] desinformação é quando uma informação é colocada de maneira errônea e ela é ou **propositadamente colocada de forma errada, escrita de forma mentirosa ou de alguma maneira pela forma como foi construída, falta de contexto, enfim, ela leva a uma interpretação errada dos fatos**. Então, um lado só da história por exemplo e não de todos os lados que compõem aquela notícia podem levar à desinformação ou uma informação que é de fato uma mentira que na verdade não é uma informação. É um elemento que é uma mentira e isso também é desinformação. Acho que tem esses dois lados. (Lana, grifo nosso).*

A informação do não uso da máscara no início de março de 2020 era correta (era a orientação então dada pela OMS), mas foi propositalmente colocada fora de contexto, escrita de forma mentirosa; como Lana explica, “leva a uma interpretação errada dos fatos”. D’Ancona (2018) afirma que “[...] a web é o vetor definitivo da pós verdade, exatamente por que é indiferente à mentira, à honestidade e à diferença entre os dois” (p. 55). Diferente de Lana, Miguel explicita em sua resposta, seu conceito sobre desinformação, como o de tirar o direito de uma pessoa se informar corretamente:

*A desinformação, meio que tem essa função de tapar uma coisa que seria de interesse público, mas você está ocultando aquilo colocando uma coisa na frente. Então o desinformar tem consequências grandes. Não é só você passar uma notícia e a pessoa ler aquilo e não se informar corretamente **é você estar tirando o direito dela se informar da maneira correta**. (Miguel, grifo nosso).*

Sérgio Lüdtke, jornalista e editor do projeto Comprova, em um workshop de jornalismo e educação midiática realizado no dia 25 de maio de 2021, afirma que “[...] grande parte da desinformação sugere mais do que afirma. Induz a interpretações e confirma crenças”. A desinformação então não tira o direito de uma pessoa se informar de maneira correta, mas faz parte sim, de um conjunto de “forças” que impedem algumas pessoas de se informarem de maneira correta, o que implica na criação de “fake news” ou “notícias falsas”.

### 6.3.3 Fake news

Ao ser questionado sobre o que significa o termo “fake news”, Miguel responde que *fake news é justamente a questão da desinformação*:

*As fake news se popularizaram demais. Nos últimos anos, especialmente por conta do governo Bolsonaro. [...] eu diria que a fake news é justamente essa questão da desinformação. Ninguém faz uma fake news por fazer, obviamente tem alguns casos que alguém inventa uma mentira, e ela vai tomando proporções maiores, mas toda fake news, quando você pega um vídeo que é editado e tirado de contexto, quando você pega uma matéria que foi escrita para tirar um assunto de seu foco, aquilo exigiu um trabalho, um tempo, uma dedicação de quem fez aquilo. Então a fake news está muito atrelada à questão de você desinformar uma pessoa. Para você não deixar que ela se informe da maneira correta. (Miguel, grifo nosso).*

Ribeiro e Ortellado (2018) em um artigo sobre o que são e como lidar com as notícias falsas, ao analisar o termo, definem que existe controvérsia em relação ao conceito ser referido “apenas a conteúdo noticioso comprovadamente falso ou se deve se referir também a outras técnicas de desinformação e engano, como os exageros, as omissões, as informações tiradas de contexto e as especulações” (p. 73) ou então “se o conceito deve incluir apenas o conteúdo falso produzido intencionalmente ou se compreende também qualquer tipo de equívoco factual verificável, mesmo que não seja intencional, como um simples erro de apuração” (RIBEIRO; ORTELLADO, 2018, p. 73). É preciso que refletir sobre o tamanho da notícia, o lugar em que é publicada, a configuração, etc. Lana, em sua resposta, dá quase a mesma interpretação sobre o termo que estes autores; ela explicita que *fake news* é tanto aquilo que foi construído realmente para ser uma “notícia falsa” quanto aquilo que foi retirado de contexto:

*A gente se acostumou a chamar de fake News. O que era notícia falsa na verdade se é falsa nem notícia. Eu entendo por fake news aquilo que é espalhado para as pessoas mas que é na verdade uma mentira ou uma informação fora de contexto, e que pode induzir ao erro numa interpretação, **tanto aquilo que é notoriamente falso, que foi construído com o intuito de causar um erro por parte da pessoa que está lendo e que está consumindo aquilo, quanto aquilo que foi retirado de contexto e aí provoca também uma leitura errada dos fatos por parte da pessoa que está recebendo aquele conteúdo.** (Lana, grifo nosso).*

Como já explicitado na introdução deste trabalho, o termo *fake news* surgiu em 2016, durante as eleições de Trump nos Estados Unidos e do plebiscito *Brexit*, no Reino Unido; deste então, *fake news* e pós verdade se tornaram termos usados quase de forma inseparável. O termo “pós verdade” pode ser compreendido conforme descreve Santaella (2021):

Durante esse ano de 2016, o uso da expressão “pós-verdade” cresceu 2,000% em comparação ao ano anterior, 2015. Assim, a partir de uma lista selecionada para capturar o *ethos*, o humor, as preocupações e para refletir as principais tendências e eventos sociais, culturais, políticos, econômicos e tecnológicos de 2016, ‘*post-truth*’ foi escolhida como a palavra internacional desse ano pelo Dicionário Oxford, para denotar ‘circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública que apelos à emoção e à crença pessoal. (p. 48).

É importante compreender que mudanças ocorreram de 2016 para 2022 e falar em *fake news* e pós verdade hoje em dia não é a mesma coisa que antigamente, “[...] para ficarmos especificamente no Brasil, as *fake news* adquiriram características bastante peculiares”, segundo Santaella (2021, p. 50). A autora explica que do ano de 2016 para 2021, “É notória a eclosão de colunas em jornais, de posts em blogs ou redes sociais, de capítulos em livros e de livros inteiros dedicados à discussão da genealogia, dos fatos acontecidos e dos efeitos das *fake news*” (SANTAELLA, 2021, p. 50). Nesse sentido, Santaella (2021) entende que tais estudos e publicações se tornaram inseparáveis do próprio fenômeno. Em 2020, Alice participou de uma das etapas do projeto Comprova<sup>103</sup>; por meio da Agência Mural, ela realizava a checagem de fatos que chegavam na redação e que eram notoriamente falsos. Para ela, o termo *fake news* é incorreto:

*Fake news para mim é aquilo que realmente é totalmente falso. São mentiras, são informações que são transformadas em mentiras. Eu falo que são informações transformadas em mentiras porque quando eu participei do projeto Comprova, não utilizamos a palavra fake news. E isso é uma das primeiras coisas que eles nos orientaram no início do curso. Eles partem do princípio de que **uma notícia tem que ser uma notícia, ela é uma informação, ela não pode ser falsa. Então eles usavam “enganoso”, usavam outros termos para justamente não estimular que se fossem feitas notícias falsas porque notícia não deve ser falsa, ela tem que ser de fato uma notícia.** (Alice, grifo nosso).*

Alice afirma que *fake news* é aquilo que é totalmente falso, mas também que são informações transformadas em mentiras. Segundo o dicionário, notícia é “informação a respeito de acontecimentos ou mudança recente, nova, novidade, conhecimento do paradeiro ou da situação” (HOUAISS, 2001, p. 1363). Segundo Santaella (2021) “[...] para ser notícia é preciso que traga informação ainda não conhecida ou, então, que dê prosseguimento a informações sobre um fato que provocou interesse [...]” (p. 58).

<sup>103</sup> O projeto Comprova é uma iniciativa colaborativa e sem fins lucrativos que reúne jornalistas de 40 veículos de comunicação brasileiros para descobrir e investigar informações suspeitas sobre políticas públicas, eleições presidenciais e a pandemia de covid-19 que foram compartilhadas nas redes sociais ou por aplicativos de mensagens, em: <https://projeto comprova.com.br/>

É preciso compreender também que “[...] a tradução em português “falso” não corresponde exatamente ao significado da palavra inglesa “fake”. Esta tem mais o sentido enganador, ou melhor, feito de maneira a parecer o que não é [...]” (SANTAELLA, 2021, p. 59). No dicionário brasileiro a palavra “falso” significa “contrário à realidade ou à verdade, inexato, sem fundamento, em que há mentira, fingimento, que não é verdadeiro” (HOUAISS, 2001, p. 871).

Considerando-se que a linguagem é sempre situada, existindo em contextos nos quais cumprem suas funções comunicativas, surgem então questões **semióticas mais complexas [...] as fake news não são um monólito redondo e acabado. Há uma variedade de fake news que vão desde as aparentemente inofensivas, até as mais maléficas**. Tanto é assim que vários autores elaboraram suas próprias tipologias de fake news. (SANTAELLA, 2021, p. 60, grifo nosso).

O Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo, série UNESCO, sobre Educação em Jornalismo (2019) indica a troca do uso do termo *fake news* por “desinformação”:

Evita-se admitir que o termo fake news (“notícias falsas”) possua um significado direto ou comumente compreendido. Isso ocorre porque “notícias” significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. Nesse sentido, então, a expressão “notícias falsas” é um oxímoro que se presta a danificar a credibilidade da informação que de fato atende ao limiar de verificabilidade e interesse público – isto é, notícias reais. (BERGER, p. 7, 2019).

Segundo Santaella (2021), “É certo que o termo ‘desinformação’ apresenta um espectro de sentidos bem mais abrangente do que ‘fake news’, enquanto este coloca sua ênfase no ato de enganar” (p. 67). Em uma entrevista para o site “Brasil de Fato Bahia”, a pesquisadora no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital, Nina Santos (2020), explica sobre desinformação e *fake News*, em que: “[...] vão ter sempre um lastro social, nunca é uma coisa completamente inventada do nada, que não faz nenhum sentido para as pessoas. É preciso que exista algum nível de identificação das pessoas com essa informação para que ela consiga repercutir socialmente<sup>104</sup>[...]”. Ainda, segundo esta autora, a questão da disseminação de informações falsas tem impactos sociais muito profundos:

Impactos e razões de existência social muito profundos. [...] é um fenômeno multidisciplinar e tem sido abordado por diversas disciplinas. Ao mesmo tempo em que ele é um fenômeno de comunicação, evidentemente, porque se trata de informações que se espalham socialmente, muitas vezes baseadas no modelo de notícia, mas não só; também tem a ver com o que muitos autores vão chamar de “crise epistêmica”, que é a crise desses centros legitimados de produção de conhecimento e

<sup>104</sup> <https://www.brasildefatoba.com.br/2020/05/26/entrevista-as-mentiras-que-matam>

de ‘verdades’ – então as críticas à ciência, às universidades, à própria imprensa, ao Estado, aos políticos, às instituições democráticas de forma geral. Isso tudo gera uma dificuldade de ter consenso sobre quem pode produzir conhecimento sobre o nosso mundo, as nossas sociedades. E é a partir desse problema que a disseminação de informações falsas é facilitada. É claro que tem uma relação aí com a questão tecnológica ou dos usos da tecnologia de comunicação digital, mas tem também um contexto social muito profundo que vai dar base para esse fenômeno. (SANTOS, 2020, *in* Brasil de Fato).

Na próxima categoria a ser analisada, intitulada “Os impactos da desinformação para a sociedade”, serão discutidas as consequências da desinformação segundo os entrevistados participantes da Agência Mural, por meio das subcategorias “A desinformação na sociedade” e “A desinformação no cotidiano”.

#### 6.4. Os impactos da desinformação para a sociedade (Categoria 3)

##### 6.4.1 A desinformação na sociedade

Ao serem questionados sobre os impactos que a desinformação pode trazer para a sociedade, Alice respondeu que só consegue “ver coisas negativas”:

*[...] eu só consigo ver coisas negativas. Porque **não tem como você trazer nada de positivo de uma mentira.** [...] eu sou daquela que acredita, porque eu cresci com minha mãe falando assim: ‘não importa o quanto doa, o importante é escutar a verdade, é dizer e escutar’. Então, eu defendo isso, assim, para minha vida pessoal. Eu prefiro ouvir a verdade, por mais que me doa, por mais que me magoe, do que a mentira, porque a mentira, ela vai te levando para caminhos que você não consegue voltar se fosse **um labirinto que não tem saída.** (Alice, grifo nosso).*

De acordo com Freire (2021b), “As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de característica que as distinguem totalmente dos puros contatos típicos da outra esfera animal” (p. 55). Freire explica que o homem é um ser de relações e não apenas de contatos; nesse sentido, o homem não “está” no mundo, mas sim “com” o mundo, “Estar com o mundo resulta de sua abertura com a realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 2021b, p. 55). Para Alice, a relação com sua mãe a fez entender que a verdade deve ser dita sempre, “doa o que doer”, pois é o que ela aprendeu com essa relação; a verdade nesse sentido para Alice indica ser algo doloroso na maioria das vezes, ela também define que a mentira, o caminho da mentira, é “um labirinto que não tem saída”, ou seja, também algo ruim.

Volto a pedir licença ao leitor para trazer uma reflexão sobre um ocorrido comigo há alguns anos. Meu tio teve que fazer uma série de cirurgias devido a um problema de saúde, não me recordo quando nem o que era, mas lembro com clareza que todos os irmãos decidiram não contar para minha avó. Quando chegamos para visitá-la e quando ela perguntou sobre esse determinado tio, os irmãos disseram que “estava tudo bem”, e que “não aconteceu nada demais”. A mentira dita para que minha avó não soubesse do meu tio acabou por privá-la de uma crise de nervosismo ou ansiedade que, com a sua idade, seria muito perigoso. Nesse caso, a mentira não causou algo “ruim” e sim o contrário. Santaella (2021) descreve como exemplo de uma “mentira boa” a fantasia: “[...] embora patológica quando exacerbada, de outro lado, em medida bem dosada faz parte constitutiva e ajuda a manter um certo equilíbrio em nossa vida psíquica, pois nos leva a suportar os solavancos do real” (p. 81).

Miguel começa sua resposta explicando a questão da ética no jornalismo. Ele explica que os jovens que trabalham com comunicação hoje são os jovens formados em uma época que não existia o termo *fake news* ou desinformação, existia a questão da ética. Ele cita dois exemplos de como uma mentira pode impactar a vida das pessoas; o primeiro é o caso de uma mulher que foi espancada até a morte após uma foto sua ser divulgada nas redes sociais vinculando sua imagem a rituais de magia negra. A notícia de sua morte saiu em vários sites de notícias como o G1, que descreveu a causa da morte após “boatos”, com o título: “Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP<sup>105</sup>”. O segundo exemplo é o de uma família que foi filmada em um carro próximo a um cachorro que começou a seguir o carro. O vídeo foi postado nas redes sociais como se a família estivesse abandonando o cachorro, em dezembro de 2021. O jornal Diário do Litoral publicou uma matéria explicando o caso com o título “Fake news de cachorro abandonado em São Vicente quase acaba em tragédia<sup>106</sup>”; no texto é explicado que o dono do cachorro estava no carro e por isso o animal o estava seguindo, mas a mulher que dirigia o veículo foi atacada virtualmente:

*[...] alguns anos atrás não se falava em fake news como se falava hoje em dia, um exemplo que foi trazido numa aula de ética foi uma notícia falsa, acho que de uma mulher no Guarujá, não lembro exatamente em que cidade, mas lançaram uma notícia no Facebook que ela estava envolvida com magia negra, com sequestro de crianças e aquilo tomou proporções enormes, até que a mulher foi até agredida na rua. Eu não*

<sup>105</sup> <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>

<sup>106</sup> <https://www.diariodolitoral.com.br/sao-vicente/fake-news-de-cachorro-abandonado-em-sao-vicente-quase-acaba-em/151640/>

*sei se ela chegou a ser morta, mas, assim, foi um caso muito grave de uma mentira que tomou proporções, se espalhou e, detalhe, como eu falei, não nos falavam em fake news naquela época, se falava tipo uma falta de ética no jornalismo, porque **não era nem jornalismo, era uma página no Facebook** que alguém fez e não teve controle daquilo que era publicado ou não. Então, assim, **as fake news elas estão muito relacionadas à integridade física das pessoas, também psicológica.** Teve uma outra fake news, bastante recente inclusive, de um carro que foi filmado, é, de um cachorro seguindo o carro, e estavam falando que a pessoa abandonou o cachorro, mas o cachorro não era dela e **isso foi parar também em vários grupos no WhatsApp, em várias páginas do Facebook;** a mulher recebeu ameaças pelo telefone, na casa dela, a partir da placa do carro, que conseguiram encontrar o endereço da motorista e no fim era uma fake news também. Então a gente vê tipo fake news que atingem pessoas comuns. Não são só os políticos, não são só os famosos que são atingidos, mas pessoas comuns podem ser prejudicadas em relação a isso. (Miguel, grifo nosso).*

Nos dois casos as “notícias falsas” foram divulgadas amplamente em redes sociais como Facebook e WhatsApp:

[...] no Brasil, as notícias falsas são difundidas principalmente por meio do Facebook e seus ecossistemas de páginas, os boatos se espalham principalmente por meio do WhatsApp. O aplicativo permite a comunicação entre duas partes de maneira segura através de um sofisticado protocolo de criptografia ponta a ponta ao mesmo tempo que permite a criação de grupos relativamente pequenos. Essas características da arquitetura refletem na forma de difusão de informações na rede. O aplicativo promove a comunicação privada o que o torna mais atrativa para a comunicação íntima, além disso, a limitação no tamanho dos grupos reflete na forma mais distribuída e mais dependente do papel ativo do usuário para a difusão de informações. (ORTELLADO; RIBEIRO, 2018, p. 6).

A diferença entre uma notícia falsa e um boato, apesar de serem considerados sinônimos, é a de que no boato o que gera credibilidade à informação é o “testemunho” de quem está contando; na notícia falsa, a credibilidade vem na maneira como a notícia é apresentada “[...] na notícia falsa o que dá credibilidade à informação é o fato de supostamente ter passado por uma apuração jornalística. É por isso que na notícia falsa sempre teremos uma manchete, um lide<sup>107</sup>, aspas com entrevistados etc.” (ORTELLADO; RIBEIRO, 2018, p. 6). Miguel responde também que os impactos das *fake news* se relacionam com a integridade física e psicológica das pessoas, que atingem pessoas comuns e não apenas políticos ou famosos. Corroborando a resposta de Miguel, Lana relata que a questão das *fake news* não é algo novo,

<sup>107</sup> Um *lide* na área do jornalismo, é a primeira parte do texto de uma notícia, o primeiro parágrafo que deve conter as principais informações, os destaques do que aquela notícia irá tratar.

que antigamente recebia *fake news* por e-mail, sobre não poder usar roupas sem lavar, pois, poderia levar a pessoa à morte.

*Eu acho que os impactos são bem grandes, mas eu acho que essa informação, que na verdade, esse conteúdo falso ou esse conteúdo tirado de contexto ele não é recente na história da humanidade. Então, a gente já tem há muito tempo, eu me lembro quando eu era mais nova, que eu recebia e-mails, as fake news se espalhavam por e-mail, então eu recebia muitos e-mails falando que se você comprasse uma roupa, por exemplo, numa loja de departamentos, trouxesse para casa e não lavasse, você poderia, aliás, você com certeza pegaria, porque era isso, não era nem ‘você poderia’, era ‘com certeza’ pegaria uma superbactéria que te deixaria com uma parte do corpo, que entrou em contato com aquela roupa, necrosada e poderia até levar à morte. Eu me lembro de receber esse conteúdo por e-mail, então isso sempre esteve na sociedade, existe há muito tempo e foi se espalhando com uma diferença de forma nos últimos anos. (Lana)*

De acordo com Lana, a tecnologia e os algoritmos facilitam a disseminação desse tipo de notícia, pois a velocidade é muito maior do que antigamente e isso leva a impactos que podem afetar a vida social, da democracia e da saúde pública:

*[...] A proporção, a velocidade com que esses conteúdos falsos se espalham hoje é muito maior do que era antigamente. [...] hoje em dia todo mundo tem WhatsApp, então quando eu recebo um conteúdo desse pelo WhatsApp muita gente está recebendo, muito mais gente do que eu, está recebendo, ou quando chega pelo algoritmo. Canais de YouTube que também reproduzem esse tipo de conteúdo falso, descontextualizado, enfim, essa pessoa entra numa sequência, ela recebe muitos conteúdos com essa informação e isso tem uma proporção gigantesca, são muitas pessoas assistindo, então **acho que o maior perigo quando a gente fala em termos de saúde pública, acho que recentemente ficou bem evidente, quando a gente fala em democracia e quando a gente fala também de respeito à vida ao outro.** (Lana, grifo nosso).*

A questão do uso das redes sociais e dos algoritmos é discutida por Da Empoli (2019) no livro “Os engenheiros do caos”, que compara a chegada do *Big Date* à invenção do microscópio; o autor relata como eram as campanhas políticas de antigamente que miravam em grupos de forma aleatória e que atingiam grandes aglomerados demográficos ou profissionais, como grupo de professores, jovens etc. O autor descreve que atualmente “[...] é possível enviar uma mensagem personalizada a cada leitor com base nas características individuais. Isso possibilita uma comunicação muito mais eficaz e racional do que no passado, mas levanta

algumas questões problemáticas” (DA EMPOLI, 2019, p. 154). O autor continua: “Uma máquina superpoderosa, concebida originalmente para mirar com precisão incrível em cada consumidor, seus gostos e suas aspirações, irrompeu na política. No início, essa máquina não foi concebida para atingir objetivos políticos, mas essencialmente comerciais” (DA EMPOLI, 2019, p. 155):

O Facebook e as outras redes sociais são plataformas públicas que põem à disposição das empresas instrumentos extraordinariamente avançados para chegar a seus clientes. Mas, uma vez criada, fica claro que essa máquina pode igualmente ser utilizada para fins políticas, como realmente ocorreu nos últimos anos. E considerando que são simples motores comerciais, as redes sociais não são equipadas – e não tem interesse algum em ser – para impedir os desvios e abusos. (DA EMPOLI, 2019, p. 155).

As redes sociais, me atrevo a dizer, são verdadeiras “armas” políticas que podem acabar com a integridade física de uma pessoa, por ela ser de oposição ou apenas por ser jornalista. Patrícia Campos de Mello é um exemplo de como as redes sociais podem interferir no trabalho e na vida de uma pessoa. A jornalista foi alvo, várias vezes, de diversas e diferentes *fake news* que não apenas descredibilizavam o seu trabalho, mas a ofendiam e ameaçavam física e psicologicamente. Em 2018, no mês de outubro, Mello escreveu uma matéria para a Folha de S. Paulo, onde trabalhava, sobre os disparos em massa de mensagens no WhatsApp contra Fernando Haddad, na época candidato à presidência pelo PT. O esquema que Patrícia delatava feria a legislação eleitoral brasileira em vários aspectos; “Conforme a lei nº 13.488/2017, é proibido contratar pessoas ou mecanismos para mandar pela internet mensagens ou comentários que ofendam a honra ou prejudiquem a imagem de um candidato ou partido.” (MELLO, 2020, p. 11).

Patrícia, quando ainda cobria política, concedeu uma entrevista dizendo que era uma pessoa de esquerda e que votava no PT, mas que isso não interferia na sua cobertura jornalística. A frase “Eu sou uma pessoa de esquerda e voto no PT” foi editada e viralizou nas redes sociais. Esse foi o estopim para os ataques contra Patrícia na internet.

*Bots*, robôs que postavam mensagens automatizadas no Twitter e no Facebook, rapidamente sequestraram a narrativa e alçaram as hashtags #CadeAsProvas e #MarqueteirosDoJair aos trend topics, os temas mais falados das redes. [...] Recebi milhares de mensagens ofensivas no Facebook, no twitter e no Instagram. Fechei todas as minhas redes sociais. Em uma delas, o Facebook, um fulano afirmava: “Se você quer a segurança do seu filho, saia do país. ‘Não é uma ameaça, é um aviso’ Manuel tinha seis anos. (MELLO, 2020, p. 13).

Patrícia continua contando que teve seu celular hackeado, contas invadidas e teve que cancelar seus eventos presenciais, pois as pessoas estavam divulgando dia e horário onde Patrícia estaria. Podemos verificar também nesse caso como o discurso de ódio está atrelado à desinformação política e como usam a emoção e o sentimento das pessoas, “A desinformação usa a emoção para despertar sentimentos como medo e indignação e muitas vezes usa *call to actions* para encorajar o compartilhamento<sup>108</sup>” (LÜDTKE, 2021). Além disso, não podemos deixar de citar que muitas vezes as redes sociais utilizam-se de instrumentos sofisticados com “contas falsas”, ou seja, perfis de usuários que não existem, mas que estão “online”.

As “personas” não são o resultado de software automatizado, como os bots do Twitter, mas perfis construídos com precisão demográfica e psicológica com o intuito de interagir com pessoas reais, conquistar laços afetivos e influenciar a opinião em comunidades que debatem política. Um mesmo operador ligado a uma campanha política pode operar até 20 perfis falsos. Investigações jornalísticas mostram que personas têm sido utilizadas em campanhas políticas no Brasil pelo menos desde 2010 (ORTELLADO; RIBEIRO, 2018, p. 7, *apud* GRAGNANI, 2017 e 2018).

#### 6.4.2 A desinformação no cotidiano

Os jornalistas na Agência Mural descreveram sobre como eles lidam com as pessoas que ao seu redor compartilham desinformação e como eles ajudam a combatê-la. Alice relata que jornalistas são passíveis de erro:

*[...] está todo mundo aberto, correndo o risco de cometer um erro também de informação. Não é porque eu trabalho com informação, porque eu sou jornalista que eu vou estar 100% certa em tudo aquilo que eu repassar ou que eu receber, mas cabe a mim como minha profissão, sempre, sempre verificar aquilo, sempre realmente entender aquilo. (Alice).*

Ela afirma que cabe ao profissional de jornalismo verificar e entender o que está sendo noticiado ou compartilhado. Miguel vai além da resposta de Alice; para ele, o fato da “proximidade familiar” faz com que as pessoas acreditem com mais facilidade em notícias falsas, pois ninguém imagina que uma tia “boazinha” possa compartilhar uma mentira. Miguel também relata que teve um processo com a sua mãe, em mostrar para ela o que podia ser falso ou não, e que ele apesar de conviver com sua mãe só tem contato com as fake por causa dela, pois não se relaciona com quem tem tendência a espalhar *fake news*.

---

<sup>108</sup> A referida fala foi transcrita segundo um workshop de jornalismo e educação midiática do instituto Educamídia e Palavra Aberta

*Tem uma parte da minha família que repassa fake news pelo WhatsApp, minha mãe recebe alguma dessas fake news; então, é, esse foi até um processo que eu tive com ela, de ensinar ela a identificar uma fake news. **Porque uma grande questão, dessas fake news, é que elas sejam passadas, tão grande, tão massivamente, é que elas vêm de pessoas de confiança. Então, sabe, você recebe uma fake news da sua tia, você não vai imaginar que “Nossa, minha tia Marli, tão boazinha, ela não mentiria em relação a isso”.** Então, tipo, vai se criando em grupos de família no WhatsApp, porque você recebe uma informação não confiável, mas de uma pessoa de confiança. Então foi um processo que eu tive com a minha mãe de mostrar para ela como ela identificava uma fake news, porque ela recebia muito, da irmã dela, da prima. Então, assim, eu particularmente não recebo, eu acabava recebendo sim de certa forma por conta da minha mãe que ela ia me mostrar, mas indiretamente eu não tenho, **não me relaciono com essa parte da minha família que tem mais essa tendência a repassar fake news.*** (Miguel, grifo nosso).

Assim como Miguel, Lana também combate a desinformação quando vê algo no “grupo da família”; por ser jornalista, ela acaba sendo a “fonte” onde os familiares vão confirmar se determinado conteúdo é verdadeiro ou não:

*Muitas vezes a gente não sabe o que essas pessoas estão recebendo. Como jornalista, muitas vezes chega até mim pelo grupo da família, por exemplo, ou em mensagens diretas para mim mesma, um vídeo ou alguma imagem, um texto, enfim, e logo na sequência com uma pergunta, ‘você sabe se isso é verdade?’ ‘sabe se isso realmente está acontecendo?’. E aí, **como jornalista, eu acabo sendo então essa fonte de confirmação ou não daquele conteúdo para algumas pessoas.** Essa relação se dá eu acho que principalmente com familiares, eu não me lembro muito de casos em que colegas meus ou amigos meus tenham compartilhado conteúdos falsos comigo, mas no caso dos meus familiares sim, isso sim, de várias pessoas, são pessoas de várias idades, de diferentes idades e que recebem eventualmente e falam para mim e eu sei que muitas vezes não chega até mim também, então é um pouco difícil de ajudar a combater quando não eu sei o que está chegando.* (Lana, grifo nosso)

Lana também relata que a maioria das notícias que chegam para ela verificar já foram verificadas por algum site de *fact-checking*, checagem de fatos. Ela “joga” o texto no próprio Google e ele já traz se essa informação é falsa ou não. Outra intervenção que Lana faz é indicar diferentes veículos de comunicação para as pessoas se informarem, como podcasts de notícias que informam de maneira “mais leve”, diferente dos jornais da grande imprensa.

*[...] eu acabo intervindo quando eu recebo diretamente, eu falo, ou quando eu vejo no grupo da família [...] eu pesquiso na internet as fontes daquilo, em sites também, quando você joga o começo da fala, o começo de um texto [no Google] já aparece que é um texto falso, tem muitas agências de checagem hoje em dia; então a maior parte das coisas que chegam até mim, quando eu vejo, elas já foram checadas, eu não preciso nem ter um grande trabalho para re-checar essas informações. [...] eu me lembro que em alguns momentos assim as pessoas perguntavam para mim 'aí eu não consigo assistir jornal, eu acho muito pesado, tem alguma coisa que você pode indicar pra mim, pra eu me informar?' e aí eu fui e indiquei o 'podcast de notícias' que era um pouco mais leve, então as pessoas poderiam ter acesso àquela informação no fim do dia ou no começo do dia, sem a carga pesada de tantas notícias como tem no noticiário, normalmente tanto no noticiário televisivo ou eu indico um site específico que explica alguns conteúdos... é mais ou menos assim, é, de um lado quebrando essa sequência de fake news, mostrando que é uma fake news, e pelo outro lado mostrando lugares que são fontes verídicas que essa pessoa pode consultar para se informar, então tem esses dois caminhos [...] eu acho que frequentemente a gente tem contato com pessoas que recebem conteúdos falsos e que replicam eles. (Lana)*

Lana continua sua resposta inferindo sobre a questão da crescente descredibilidade do jornalismo, o modo como a grande imprensa apresenta a notícia e o surgimento da mídia alternativa e independente que acontece juntamente com os “blogs” e “sites” que “se vestem de jornalismo” para espalhar desinformação:

*Uma das coisas que eu acho que afasta muito as pessoas do noticiário, dos grandes jornais, da mídia tradicional é a forma como esses veículos se comunicam com as pessoas, às vezes **a gente está falando de um texto que é duro. Que traz palavras muito difíceis ou que é longo demais para uma população que às vezes não teve o acesso à educação tão grande assim, e aí a forma como se se fala, se explica uma notícia, ela é muito importante, eu acho, para que essa informação chegue até o outro. Para que haja de fato uma comunicação, e eu acho que esse momento também tem mostrado para a gente, como a gente enquanto jornalista, precisa se reinventar na forma de falar uma notícia mesmo.** 'Será que a gente está sendo claro o suficiente? Será que a gente está trazendo as informações de uma forma didática realmente? Ou será que a gente está falando só para um grupo mais escolarizado?', enfim, que não representa a maior parte da população. E também a forma como as coisas vão sendo noticiadas. Eu acho que a crítica, a mídia, a imprensa, ela também é importante e a autocrítica da imprensa a si mesma. **É muito importante para a gente entender isso. Por que as pessoas deixaram de acreditar no jornalismo? O que que aconteceu? assim, para elas passarem a acreditar nessas outras fontes de informação, e eu acho que uma***

*coisa que a internet ajudou positivamente é que a gente tem hoje um número maior e cada vez mais crescente realmente de mídias independentes, mas também é preciso explicar para as pessoas que ao mesmo tempo que surgem mídias independentes, veículos de imprensa independente, já que elas talvez não acreditem em algum outro, mas a gente também precisa entender por que elas não acreditam nos [veículos de mídia] tradicionais também, ao mesmo tempo que surgem veículos sérios independentes, também surge um monte de gente falando um monte de abobrinha em blogs sem nenhuma relevância, espalhando teorias da conspiração.* (Lana, grifo nosso)

A pesquisadora Nina Santos escreveu em um artigo sobre as transformações da mediação e o poder do cidadão, no ambiente online que:

A inserção dos cidadãos nesse novo contexto online com diversidade de mediações, contraposições entre mediações profissionais e não profissionais e a explicitação do próprio processo de mediação, possibilita uma visão diferenciada não apenas dos processos de mediação tradicionais, como dos processos de comunicação de forma mais ampla. (SANTOS, 2011, p. 13).

Bruno e Roque (2019) entendem que na era da pós verdade existe um mundo em que a confiança está se dissolvendo. “A confiança está sendo minada nas redes sociais, com novas crenças e novos valores que contestam o método científico e desafiam consensos há tempos estabelecidos” (p. 17). Bucci (2019) diz que:

Nas fake news, a primeira fraude se refere à natureza daquele relato. Antes de dizer uma verdade ou uma mentira, as fake news falsificam sua condição: apresentam-se como enunciados produzidos por uma redação profissional, mas não são isso. As fake news simulam uma linguagem jornalística, às vezes adotam o jargão e os cacoetes de uma reportagem profissional em vídeo, áudio ou texto, mas são outra coisa. Elas se fazem passar por jornalismo sem ser jornalismo. (BUCCI, 2019, p. 38).

Para Bucci (2019), o fato desse mecanismo em que uma mentira tem que se “vestir” de jornalismo para ser aceita mostra que “Por mais que tenhamos problemas sérios com o jornalismo, as *fake news* são uma prova em negativo de que algum crédito o jornalismo ainda merece na sociedade” (p. 38). Alice enfatiza que o jornalista ou aquele que trabalha com comunicação pode contribuir para diminuir essa onda de desinformação e ter forças para lidar com as *fake news*:

*[...] a gente tem que saber lidar com isso e mostrar isso de uma forma clara, objetiva, mas muito respeitosa. [...] eu aprendi a fazer isso.*

*Como é que a gente vai dizer essa verdade de uma forma que seja realmente compreensiva, mas que não seja arrogante porque a gente ainda está nesse nível. De ataques contra jornalistas e assim e como é que a gente vai, mesmo a gente falando, ‘olha não é bem assim’ [...] Eu acho que o que a gente tem que só frisar bem o quanto a gente como pessoas podemos contribuir para tornar essas coisas de fake news cada vez menos sabe? Porque a gente está vendo uma linha aí crescendo e nós como jornalistas, como do meio da comunicação e da mídia a gente tem que ter força para trabalhar isso e de novo, é um trabalho muito árduo que mexe muito com o nosso emocional, mas a gente tem capacidade.* (Alice, grifo nosso).

Alice também cita os ataques aos jornalistas e que é por isso que a imprensa precisa aprender a lidar com a desinformação. O *Observatório da imprensa*, realiza a análise de forma crítica da mídia, assim como o *Ombudsman* palavra que significa “ouvidor” ou “representante do cidadão” que alguns veículos de comunicação possuem como a Folha de S. Paulo. Na Agência Mural a crítica interna é feita quinzenalmente entregue por e-mail para todos os correspondentes referente às matérias publicadas naquele determinado período. Na próxima categoria intitulada “A relação entre desinformação, democracia, pandemia e afetos” iremos discutir por meio das subcategorias “Democracia”, “Pandemia” e “Afetos” como as *fake news* estão relacionadas.

## 6.5 A relação entre desinformação, democracia, pandemia e afetos (categoria 4)

### 6.5.1 Democracia

Bucci (2019) explica que “As fake news que agora agem contra a democracia em toda parte do planeta não constituem uma espécie de mentira como as outras. Elas são uma nova modalidade de mentira, com distinções muito bem marcadas” (p. 4). O autor elenca uma série de marcas que distinguem as *fake news*:

1. São uma falsificação do relato jornalístico ou de enunciado opinativo nos moldes dos artigos publicados em jornal. Portanto, as fake News são uma modalidade de mentira necessariamente pós-imprensa.
2. Provém de fontes desconhecidas – sua origem é remota e inacessível.
3. Sua autoria é quase sempre forjada. Quando se valem de excertos de textos reais, descontextualizam os argumentos para produzir entendimentos falsos.
4. Têm – sempre – o propósito de lesar os direitos do público, levando-o a adotar decisões contrárias àquelas que tomaria se conhecesse a verdade dos fatos. As fake news tapeiam o leitor em diversas áreas: na política, na saúde pública, no mercado de consumo, na ciência (umas asseguram que a Terra é plana).
5. Dependem das existências das tecnologias digitais da internet – com big data, algoritmos dirigindo o fluxo de conteúdo nas redes sociais e o emprego de inteligência artificial;
6. Agem num volume, numa escala e numa velocidade sem precedentes na

história. 7. Por fim, as notícias fraudulentas dão lucro (além de político, lucro econômico). Elas se convertem num negócio obscuro. (BUCCI, 2019, pp. 41-42).

De acordo com Miguel, a nova geração do jornalismo não teve acesso a essa questão das *fake news* e isso precisa ser discutido:

*[...] a gente faz parte da nova geração do jornalismo, mas, mesmo assim a gente não teve essas coisas na faculdade. Então, assim, é realmente todo um processo de reeducar as pessoas [...] é, realmente a gente vive tempos diferentes e é preciso trazer essas discussões para quem não teve a oportunidade de discutir anteriormente. (Miguel).*

Miguel explica que tenta combater a disseminação e a propagação de *fake news* em ocasiões bem pontuais e cita a época das eleições de 2018:

*[...] casos bem pontuais em que eu vejo e tento corrigir a pessoa. Eu lembro que **eu fiz muito isso também na época das eleições de 2018**, que era um amontoado de fake news do Haddad, do Bolsonaro e tal, e uma vez eu cheguei a ver uma fake news comparando os planos de governo dos dois, a pessoa tinha tirado de contexto várias coisas do plano do Haddad para meio que enaltecer o plano do Bolsonaro porque o do Bolsonaro era tão ruim que a pessoa precisava desmerecer o outro para conseguir ter um índice de comparação. E eu cheguei para a pessoa e falei ‘Olha, isso aqui está errado, entende?’ (Miguel, grifo nosso).*

Para Lana, as *fake news* afetam diretamente a democracia e abalam sua estrutura, principalmente quando em proporções grandes como nos últimos anos:

***Elas podem afetar diretamente a democracia quando a gente olha em retrospecto para as eleições a gente já viu em mais de um país, aqui no Brasil inclusive, que elas têm um impacto forte na forma como as pessoas recebem conteúdos relacionados a candidatos e isso pode sim influenciar o voto delas;** então, elas podem votar em um candidato por acreditar que um outro candidato fez algo que ele não fez ou vai fazer algo, faz parte de um grupo que ele não faz, vai fazer algo se for eleito, que ele não vai fazer? Então eu acho que os impactos são bem sérios quando a gente fala de desinformação, de notícias falsas, de fake news, enfim, eu acho que elas podem abalar as estruturas da democracia quando elas ganham a proporção que elas têm ganhado nos últimos anos. (Lana, grifo nosso).*

Machado et al. (2020) afirmam que “Com audiência brasileira estimada em 120 milhões usuários, o YouTube é a segunda maior rede social do mundo e detém 15% de participação

(share) dos vídeos assistidos no Brasil [...]” (p. 12). Essa plataforma cresceu e tende a crescer no Brasil:

Boa parte da concentração de atenção na plataforma ocorreu no intervalo entre 2014 e 2018 e tende a crescer ainda mais: quando o Facebook retirou centenas de páginas brasileiras relacionadas a divulgação de conteúdo falso em 2018, o ambiente menos controlado do YouTube se tornou opção atraente, oferecendo ambiente fértil para migração deste tipo de material. (MACHADO ET AL, 2020, p. 12).

A resposta de Lana enfatiza a questão do uso do YouTube na propagação de notícias falsas e também de blogs falsos sobre política:

*[...] então principalmente aquelas que **têm acesso aos canais de YouTube, porque isso é um negócio muito difícil, assim, é, quando ela entra naquele marasmo, naquele espaço que é de pura fake news, desses blogs falsos, que é isso, são completamente absurdos, aí é um pouco mais difícil. Acho que uma das coisas que mostrou como isso é sério é quantas pessoas morreram por não tomarem vacina, porque não acreditavam na vacina e porque diziam que havia uma ‘conspiração dos chineses para...’ isso é muito grave!*** (Lana, grifo nosso).

Patrícia Campos de Mello escolheu duas palavras para designar como título de seu livro: “A máquina do ódio”, “máquina” e “ódio”. Quando comecei a ler o segundo capítulo do livro: “Assassinato de reputações: Uma nova forma de censura”, confesso que meu estômago embrulhou. Eu, como mulher e jornalista lia cada página, cada frase, com uma mão segurando o livro e a outra segurando a boca de tanta perplexidade. Às vezes é difícil ler sobre a realidade. Mello (2020) descreve um vídeo chamado “Jornalista da Folha”, no qual uma prostituta é “confundida” com uma jornalista da Folha e que não aceita que a tenham confundido com algo “tão impuro”. O vídeo além de difamar a imagem de mulheres e a profissão de jornalistas profissionais, entrega a desinformação em forma de “humor” ou como explica Santaella (2021) “sátira ou paródia que causam desinformação porque o receptor não detecta que se trata de um discurso paralelo” (p. 66).

O caso retratado por Patrícia Mello é apenas um, envolvendo política, jornalismo e gênero. Segundo matéria da ABRAJI - Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - sobre o relatório “Violência de Gênero contra Jornalistas” – Dados sobre os ataques com viés de gênero e casos que vitimaram mulheres no Brasil em 2021, realizada com financiamento da UNESCO e parcerias, entre os meses de janeiro a dezembro de 2021, as mulheres jornalistas além de agredidas e ofendidas, “[...] sofreram ameaças no exercício da profissão em 78 episódios diferentes, o que dá mais de 6 ataques por mês. Foram 62 vítimas ao todo e 34,6%

dos ataques usaram o gênero, a sexualidade ou a orientação sexual como ferramenta de ataque<sup>109</sup>” De acordo com o relatório, “Os dados da pesquisa mostram que 69% dos episódios de violência com mais de um agressor foram iniciados por autoridades do governo e funcionários vinculados aos poderes do Estado” (UNESCO, 2021, p. 6). Ainda segundo este relatório, o uso de internet e redes sociais ampliam a reprodução de determinados conteúdos e “Isso evidencia a instrumentalização das plataformas de comunicação digital e redes sociais para promover ataques massivos e minar a credibilidade do jornalismo profissional (UNESCO, 2021, p. 6).

A intensa participação de atores do governo nas agressões à imprensa e aos jornalistas expressa tendências recentes das chamadas autocracias, democracias lideradas por governantes autoritários. Em vários lugares, tornou-se estratégia comum atacar meios de comunicação e seus profissionais para impedir que exerçam seu papel fiscalizador, minando um dos pilares fundamentais de sociedades democráticas: o direito à informação e a transparência pública. (UNESCO, 2021, p. 5).

Conteúdos falsos que circulam na internet envolvem, em sua grande maioria, a política e o ódio, sempre difamando aqueles que se posicionam de maneira diferente com “furor”. Abaixo, separei uma imagem de uma página do Facebook, citada no livro de Patrícia, chamada “Movimento Avança Brasil”, a fim de exemplificar como o ódio está presente nas redes sociais:

Imagem 4 – Fotomontagem, Lula nas eleições de 2022

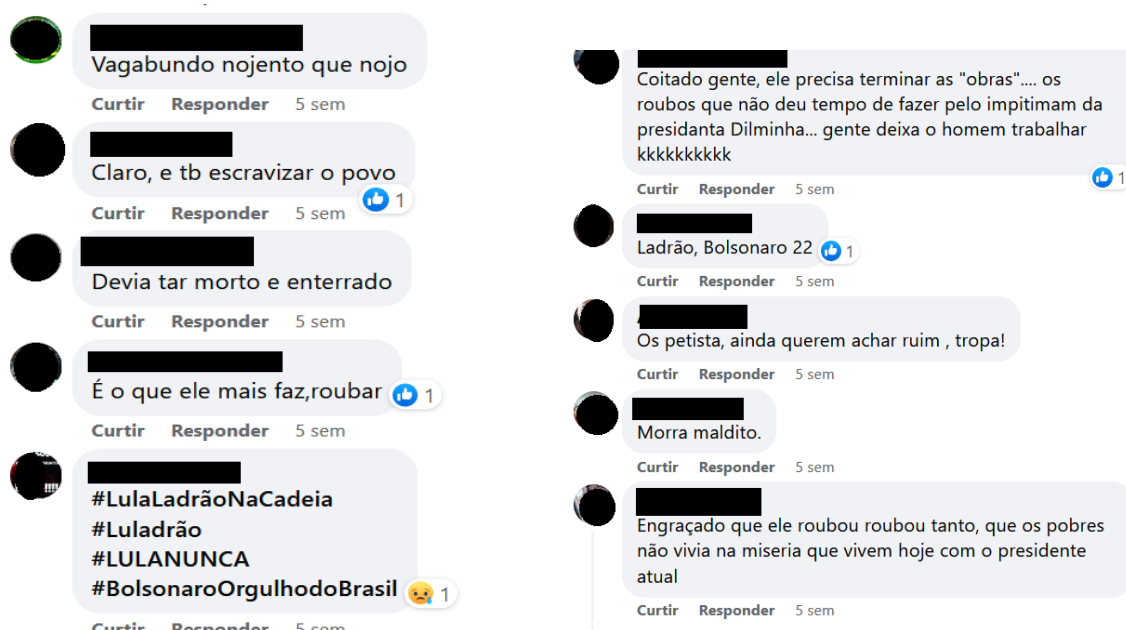


Fonte: Captura de tela em 7 de março de 2022

<sup>109</sup> <https://abraji.org.br/noticias/mulheres-jornalistas-sofrem-6-ataques-por-mes-em-2021-diz-abraji>

Essa imagem, fotomontagem com a foto do ex-presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva (PT), com uma venda nos olhos e roupa de “presidiário” foi compartilhada em 27 de janeiro de 2022. Até o dia 7 de março o post mostrava 5,8 mil curtidas, 1,3 mil comentários e 3,6 mil compartilhamentos. A seguir, separei alguns dos comentários que se referiam à postagem:

Imagem 5 – Comentários do Facebook sobre Lula



Fonte: captura de tela do Facebook em 7 de março de 2022

Entre os comentários, destacamos: “Devia tar (sic) morto e enterrado” e “morra maldito”. O ódio parece consumir os usuários da rede ao defender sua ideologia ou posição. De acordo o Dr Marco Aurélio Ruediger, diretor da Sala de Democracia Digital, projeto que integra a DAPP - Diretoria de Análises de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas – FGV – em uma fala para o documentário “A verdade da mentira”, explica que vivemos um momento completamente distinto das eleições que ocorreram anteriormente, “[...] as redes sociais se tornaram o quinto elemento na estrutura política do Brasil e do mundo, um elemento que exerce uma pressão constante para além das três esferas do poder e da imprensa”. A Sala de Democracia Digital desenvolveu um método de identificação em tempo real de “robôs”, que são contas falsas das redes sociais criadas para interferir no debate público, “No começo das campanhas eles [os robôs] não estavam tão presentes, não tinham tanta influência e essa influência começa a crescer conforme se aproxima a data da eleição e o debate vai ficando mais

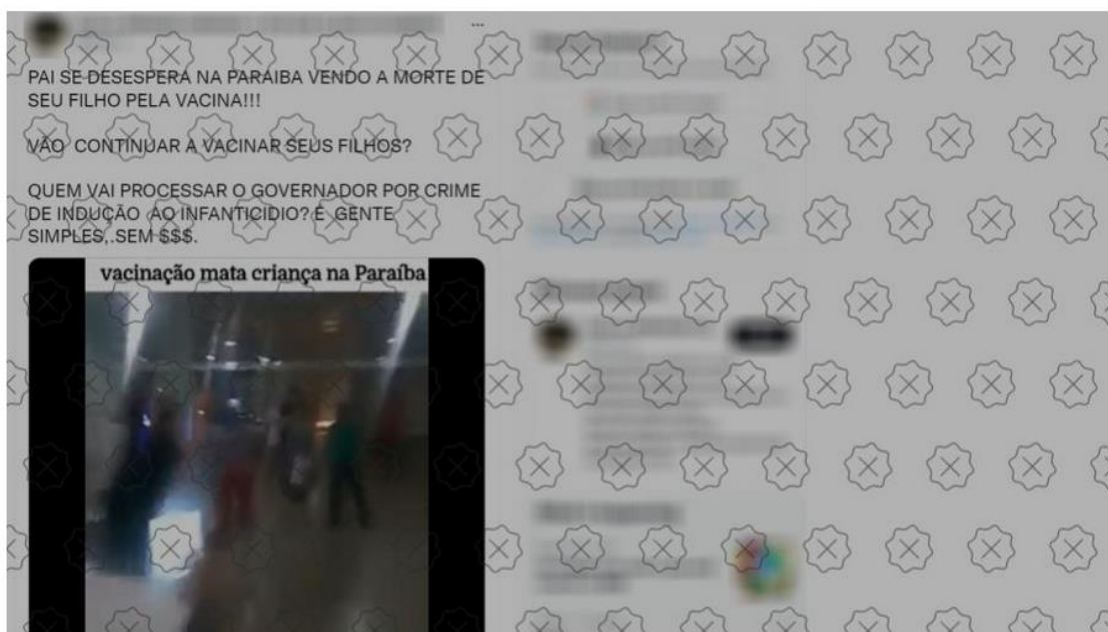
acirrado, mais intenso”, explica Amaro Grassi, jornalista e coordenador da sala digital. Ainda segundo o jornalista, nem todo conteúdo disseminado por robôs é falso e nem toda notícia falsa está sendo disseminada por robôs ou contas falsas. Por mais que existam os robôs ou “bots”, ainda assim as pessoas comuns estão compartilhando seus pontos de vista, seja por influência ou não.

Voltando à resposta de Lana, é possível observar que além da preocupação com a democracia, a questão das vacinas durante a pandemia, que foi usada por diversas vezes para propagar a desinformação, também produziu um impacto na sociedade, como veremos no próximo item.

#### 6.5.2 *Fake news* e pandemia

Um exemplo de *fake news* na pandemia foi um vídeo circulou em grupos de WhatsApp assim que a vacinação para crianças contra Covid-19 foi iniciada: um pai que chorava perante o corpo de seu filho que, segundo ele, havia morrido após tomar a vacina:

Imagem 6 – Mensagem que circulou no WhatsApp sobre vacina em crianças



Fonte: Captura de tela; site do Aos Fatos

No texto divulgado com o vídeo, lê-se: “Pai se desespera na Paraíba vendo a morte de seu filho pela vacina!!! Vão continuar a vacinar seus filhos? Quem vai processar o governador

por crime de indução ao infanticídio? É gente simples, sem \$\$\$”. O Aos Fatos<sup>110</sup> (site jornalístico independente de verificação de fatos) fez a checagem desse vídeo por meio de uma busca reversa na rede de internet, à procura da imagem veiculada e constatou que “A gravação foi feita em 16 de fevereiro de 2019 na maternidade Balbina Mestrinho, em Manaus (AM). O homem tinha recebido a notícia das mortes da mulher e da filha durante o parto, segundo a Secretaria Estadual de Saúde amazonense.”.

Segundo Machado et al. (2020) “A desinformação também é fomentada por interesses econômicos, especialmente relacionados à rede médica [...]” (p. 09). Os autores afirmam que: “O discurso da desinformação, ao minimizar a gravidade da doença ou cogitar medidas contrárias a esses padrões, mas ineficazes para prevenir a doença ou minimizar seus danos, prejudica justamente a capacidade de se obter esse comportamento social eficaz” (MACHADO ET AL, 2020, p. 09). Alice, em sua fala, explicita essa questão dos impactos da desinformação em relação à saúde na pandemia ao questionar sobre quantas pessoas morreram por acreditar que a vacina não era efetiva ou segura:

*[...] nessa questão da pandemia quantas pessoas não morreram porque se recusaram a tomar vacina? Quantas morreram porque acreditou que não servia de nada? E se expôs e expôs a família dos seus entes queridos por conta de uma mentira. Quantas pessoas, ao invés de procurar um médico quando começou a sentir sintomas, começaram a tomar remédio caseiro porque curava. Fazia o teste da covid segurando o ar..., você entende a gravidade do que a mentira pode trazer? A mentira não pode trazer coisas boas em nenhum estágio, em nenhuma situação na nossa vida. [...]* (Alice, grifo nosso).

Miguel, assim como Alice, também exemplifica como as notícias falsas podem afligir a sociedade e a saúde pública:

*E claro, se for pensar em termos de governo, em termos de pandemia, é muito pior porque se a gente vê que tem medo de tomar a vacina porque vão sei lá virar um jacaré. As pessoas realmente acreditam nisso. **Pessoas realmente acham que vão tomar a vacina da Covid e vão morrer daqui a seis meses. Então é um impacto muito grande que atinge todo mundo.*** (Miguel, grifo nosso)

Um outro exemplo de *fake news* que circula e circulou nas redes sociais é em relação ao uso de máscara. Como já dito nas categorias anteriores, o uso de máscara tornou-se obrigatório desde 2020. No dia 18 de junho de 2021, entrei na minha conta pessoal do Facebook e me

<sup>110</sup> <https://www.aosfatos.org/noticias/video-pai-desesperado-filho-vacinas-covid-paraiba/>

deparei com uma postagem de um dos meus tios que dizia: “Respirando veneno, seu próprio gás carbônico, seu sangue fica ácido, câncer e outras doenças virão. Só os que acreditam na mídia/imprensa/lacradores ainda não sabem disso”, com a imagem de um homem usando máscara:

Imagem 7 – *Fake news* sobre uso de máscara compartilhada em rede social



Fonte: captura de tela de rede social pessoal da autora

A imagem não continha nenhuma fonte, hiperlink, nenhum dado que provasse o que estava escrito, mas, mesmo assim estava sendo compartilhada e curtida nas redes sociais. De

acordo com Mello (2020), “O mundo está combatendo não apenas uma epidemia, mas também uma ‘infodemia’, como disse *Tedros Adhanom*, diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS)” (MELLO, 2020, p. 230). Existe uma grande quantidade de informação, verdadeiras e não verdadeiras, e as pessoas acabam se perdendo em meio a tanta informação e desinformação. “A epidemia evidenciou a importância de jornalistas profissionais que produzem notícias fundamentadas” (MELLO, 2020, p. 230). Ainda segundo esta autora, entretanto, a pandemia e a infodemia fez com as pessoas comesçassem a questionar as “tias do WhatsApp”: “Jornalistas não se limitam a colher informações; eles também ajudam a distinguir o que é verdade do que é mentira, o que é importante do que não é. A curadoria da informação ganhou relevância” (MELLO, 2020, pp. 230-231).

### 6.5.3 Afetos

A questão da desinformação e da propagação de mentiras e notícias falsas sempre me chamou a atenção. Quando cursava jornalismo em 2012, assim como disse Miguel em uma de suas falas, realmente não se usava o termo *fake news* (que surgiu somente em 2016), o que se estudava era a ética profissional. O primeiro contato com esse “mundo das notícias falsas” que tive, foi quando estudávamos a criação e expansão do Facebook e uma notícia que estava circulando nessa plataforma de que o ator Roberto Mario Gómez y Bolaños, conhecido como Chespirito, ou Chaves no Brasil, do seriado de televisão mexicano havia falecido. Na época, lembro de pensar que aquilo mexeu muito comigo e com uma amiga de turma, ficamos tristes por saber de seu falecimento e em seguida felizes por saber que a notícia não era verídica.

De acordo com Bucci (2019), “A mentira é fácil de produzir – é barata e desperta o furor das audiências, despertando emoções intensas nos internautas [...]” (p. 42). Alice, ao dizer que o comunicador precisa dizer a verdade de forma respeitosa e que as *fake news* envolvem sentimentos e emoções relata:

*[...] a fake news também envolve sentimentos, ela envolve emoção, então não adianta a gente pegar essa verdade, quando eu digo verdade, ela não pode ser absoluta, no sentido de querer fazer a pessoa engolir a verdade goela abaixo, não adianta. Nós, como comunicadores, a gente tem que saber lidar com isso e mostrar isso de uma forma clara, objetiva, mas muito respeitosa. (Alice, grifo nosso).*

A fala de Alice aparece de certa forma confusa, mas o que podemos entender é que é preciso pensar do ponto de vista emocional como “chegar” com uma informação correta e

verdadeira para as pessoas, que deve ser feita de maneira respeitosa e não na base da discussão com gritos ou imposição. A escritora bell hooks<sup>111</sup> (2017), no livro “Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade”, no primeiro capítulo explica que “A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (p. 25). Ainda segundo esta autora, o ensino de um modo que “respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (hooks, 2017, p. 25). Podemos emprestar essa frase de hooks e em vez de nos referirmos apenas aos “alunos”, mas a qualquer pessoa durante uma conversa ou um debate por exemplo em que tenhamos que apresentar ou confrontar um determinado fato em relação a uma mentira, é preciso respeito. Assim também explica Freire (2021) sobre o homem radical que “Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter e não esmagar o seu oponente” (p. 69).

De acordo com Miguel, as *fake news* estão relacionadas ao psiquismo das pessoas e também à integridade física:

*Então, assim, as fake news elas **estão muito relacionadas à integridade física das pessoas, também psicológica.*** (Miguel, grifo nosso).

Em 1994, proprietários e funcionários de uma escola privada de Educação Infantil, localizada no bairro da Aclimação, em São Paulo, foram injustamente acusados pela imprensa de abuso sexual contra alunos que tinham cerca de quatro anos e por seus pais. Diversos veículos da grande mídia noticiaram o caso com manchetes sensacionalistas como: “Escola é acusada de prostituição” e “Kombi era motel na escolinha do sexo”:

---

<sup>111</sup> bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, o nome artístico “bell hooks” é em homenagem a sua bisavó. A escrita do nome bell hooks em minúsculo é feita como forma de enfatizar, a importância de seus escritos e não de sua pessoa

<sup>113</sup> Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem/episodio/escola-base-20-anos-depois>. Acesso em 20 de mar de 2022.

O caso da “Escola Base” é bastante conhecido não apenas por ter repercutido nacionalmente, mas também por ser um exemplo de como não apurar uma notícia. Na década de 1990, o caso começou a ganhar notoriedade após um delegado aceitar a acusação de uma criança de 4 anos que supostamente tinha sofrido abusos sexuais na escola. A grande e maior parte da imprensa tradicional, como TV Globo e SBT veicularam a notícia acusando a escola sem ao menos ouvir a parte acusada.

Após a mídia realizar inúmeras reportagens explorando o caso, a escola e a casa de uma das professoras foram invadidas e depredadas. De acordo com o documentário: “Escola Base – 20 anos depois” do Caminhos da Reportagem da TV Brasil, os acusados, ao chegarem na delegacia para detalhar sobre o que tinha acontecido sem sequer saber do que estavam sendo acusados, relataram sofrer com o abuso das autoridades de forma física e psicológica. Sem provas de fato, o caso foi arquivado, mas a imagem e a própria vida daqueles que foram alvos das acusações nunca mais foram as mesmas. O caso mostra o erro da imprensa ao não checar uma notícia, e apenas ouvir um lado da história, mas também podemos usar de exemplo de como uma mentira pode afetar a vida de uma pessoa ou como nesse caso, de várias pessoas.

Bucci (2019) escreve que a indústria do entretenimento nunca apreciou a razão desde suas origens, mas que agora com a internet e com as redes sociais isso piorou:

Uma notícia (falsificada, fraudulenta ou mesmo verdadeira, pouco importa) ganha repercussão à medida que corresponda às emoções. Sobre o factual predomina o sensacional – daí o sensacionalismo. Sobre o argumento, o sentimento ou sentimentalismo. Esses registros da percepção e do sensível, que passam pelo desejo, pelo sensacional, pelo sentimental, proporcional conforto psíquico aos indivíduos enredados em suas fantasias narcísicas. (p. 44).

Ainda segundo este autor, o que agrava atualmente é o fato do indivíduo se isolar dentro das bolhas da internet e das redes sociais, impulsionadas pelos algoritmos, “[...] o sujeito se encontra encapsulado em multidões que o espelham e o reafirmam. São multidões de iguais, especulares, multidões de mesmo. Vêm daí as tais ‘bolhas’ das redes sociais, cujo traço definidor é a impermeabilidade ao dissenso” (BUCCI, 2019, pp. 44-45).

De 1994 para 2022 houve grandes mudanças na mídia e na cultura tecnológica. Se em 1994 a mentira foi propaganda segundo um erro de apuração jornalística, em 2022 a mentira é na maioria das vezes criada, como define Alice, em que quem cria e dissemina, no sentido de começar a propagação, “sabe o que está fazendo”. De acordo com Alice, existe uma diferença

entre quem cria e quem dissemina; para ela, aqueles que compartilham na verdade são “ferramentas” que acabam contribuindo para a propagação da desinformação:

*Quem dissemina fake news sabe o que está fazendo. E quando eu digo que é quem dissemina, é quem produz quem dá o start sabe? Quem aperta o botãozinho, porque aí eles utilizam os outros como ferramentas. As pessoas, a tiazinha que não assiste mais televisão ou a tiazinha que não... enfim e aí são as pessoas mais fragilizadas por meio da emoção que acabam contribuindo para isso, mesmo sem saber que está contribuindo, mesmo sem querer. Involuntariamente, por medo, porque ainda tem isso, tem esse lado que é a questão do medo, a pessoa é coagida involuntariamente, ela é coagida a participar disso e aí essas coisas a gente tem que tomar mais cuidado. (Alice)*

No documentário “A verdade da mentira” de 2020, a jornalista Petriá Chaves conversa com diversos profissionais, pesquisadores e especialistas em busca de entender sobre o processo de desinformação e a polarização da política. No vídeo, a fundadora da Agência Lupa, Cristina Tardáguila, diz que: “As notícias falsas, elas dialogam, não com os dados, fatos e o nosso lado racional, as notícias falsas dialogam com os nossos desejos, nossas crenças e nossas vontades, ela toca num lado do nosso ser que é quase incontrollável”. Nesse mesmo documentário, a jornalista Ângela Pimenta, presidente do PROJOR (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo), também explica sobre essa tendência que as pessoas têm de embarcar naquilo que não é factual, sendo que nós humanos somos seres racionais, mas tem o “viés de confirmação”, o que de forma resumida é a “tendência a torcer pelo resultado de algo que ainda não aconteceu”; na política, isso seria como: “Se eu recebo alguma informação que vá beneficiar a quem eu gosto, eu tendo a torcer para que aquilo seja verdade.”.

Ainda em sua resposta Alice faz uma citação de Goebels, cuja frase “uma mentira dita mil vezes se torna uma verdade” ela ouviu de sua professora do Ensino Médio e que isso a afetou de um jeito que ela se lembra até e principalmente hoje em dia:

*Eu tive uma professora no Ensino Médio se eu não me engano, ela era de psicologia e sociologia. E ela falou uma frase que nunca saiu da minha cabeça. **'Que uma mentira dita mil vezes, ela torna-se verdade'**. Naquela época eu não trazia isso para o meu mundo assim. Essa frase me marcou, mas eu achava que, sabe aquela mentirinha que você conta para uma adolescente para o pai e para a mãe, 'ah eu vou em tal lugar e você ia para outro' e eu ficava com isso na cabeça. Hoje eu entendo o que ela disse, de verdade, as fake news são justamente isso. Vai passando de grão em grão de pessoa em pessoa e torna uma verdade absoluta que você olha e fala 'gente, **como é que você tira isso da***

*“pessoa?” e não tira, é muito difícil, mas a gente tem caminhos. (Alice, grifo nosso).*

No final de sua resposta, Alice faz um questionamento: “como é que você tira isso da pessoa?” Santaella (2021) também faz um questionamento semelhante: “Qual a fonte primordial da aceitação míope e, pior ainda, do compartilhamento das mentiras robóticas ou não-robóticas que, por contágio, disseminam a desinformação?” (p. 91). Para esta autora, “É preciso atacar o mal pela raiz: não há outra fonte senão a ignorância. É contra ela que as táticas e as estratégias de combate devem se voltar com muitos aliados em conjugação” (SANTAELLA, 2021, p. 91). Na próxima e última categoria, sob o título “A educação no combate à desinformação” iremos discutir sobre a questão da educação e da desinformação, por meio das subcategorias “O diálogo e o pensamento crítico” e “Educação Midiática”, como os integrantes da Agência Mural entendem a educação no combate à desinformação.

## **6.6 A educação no combate à desinformação (Categoria 5)**

### **6.6.1 O diálogo e o pensamento crítico**

*“Somente o diálogo, que implica um pensar crítico,  
é capaz também de gerá-lo”*

*Paulo Freire*

De acordo com Freire (2011, p. 65), “A capacidade que têm os educandos de conhecer em termos críticos — de ir mais além da mera opinião — se vai estimulando no processo de desvelamento de suas relações com o mundo histórico-cultural. Mundo de que os seres humanos são os criadores”. O atual mundo que o homem criou é um mundo no qual tecnologia, informação e velocidade são de certa forma algumas das “peças centrais” que movem a sociedade. De acordo com Miguel, a velocidade dessas transformações na sociedade foi muito rápida, dificultando seu acesso para com parte dos idosos, que ele identifica como “nossos pais e avós” sobre o uso das novas tecnologias de informação, como as redes sociais. Em seguida, Miguel afirma que a educação precisa ensinar as pessoas a terem um olhar mais crítico em relação àquilo que elas recebem, ou seja, o que chega até suas redes sociais, na tela de seus celulares ou computadores:

*[...] a pessoa um pouco mais velha que não sabe mexer tanto nas redes sociais, tipo nossos pais, avós etc., é uma coisa muito mais difícil também, então eu **acho que a educação, ela entra muito nesse aspecto de ensinar as pessoas a ter um olhar mais crítico em relação àquilo que elas recebem.** Porque infelizmente o perfil das pessoas hoje em dia é, por exemplo, ler a manchete e a linha fina só [das matérias], não ler o texto. (Miguel, grifo nosso).*

Freire (1981) compreende que o aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo à realidade concreta de quem se educa, visto que a aprendizagem demanda a compreensão da significação profunda da palavra: “A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade” (FREIRE, 1981, p. 20). Compreender a sociedade e sua estrutura implica formar um pensamento crítico, ou seja, desvelar a realidade, visualizar as contradições e a totalidade. Para além de deter de um pensamento crítico, ensinar e formar indivíduos para que estes possam também realizar esse desvelamento da realidade. O diálogo é fundamental para essa formação, “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2021a, p. 109).

Sobre diálogo, Freire (2021a) afirma que: “Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação” (p. 115). No documentário “A verdade da mentira” (2020), a psicanalista Fernanda Hamann explica que as pessoas estão cada vez mais individualistas, o que em psicanálise pode ser denominado de “narcisistas”, que é quando o sujeito não está interessado em ouvir a opinião do outro, ouvir a diferença, mas, ao contrário, está interessado apenas no ideal dele e em confirmá-lo, em vez de confrontá-lo com o ideal do outro. Identifica-se, portanto, o fato de que o diálogo muitas vezes é deixado de lado, ou não é realizado, ou é realizado de forma agressiva, em que os indivíduos não aceitam ouvir o outro.

Expressar-se expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária, poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento é origem da comunicação – a palavra é essencialmente diálogo. A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências, em diálogo, portanto. Nessa linda de entendimento, a expressão do mundo consubstancia-se em elaboração do mundo e a comunicação em colaboração. (FREIRE, 2021a, p. 26)

Perceber o pensamento crítico envolve a identificação de grandes temas presentes na humanidade e no nosso dia a dia como o racismo, o machismo, a LGBTfobia, a xenofobia e a desigualdade social que fazem parte e devem estar presentes na formação de um pensamento crítico. De acordo com hooks (2020), “O cerne do pensamento crítico é o anseio por saber –

por compreender o funcionamento da vida” (p. 31). A autora continua explicando que as crianças têm organicamente uma predisposição para o pensamento crítico. “Ultrapassando as fronteiras de raça, classe social, gênero e circunstância, crianças entram no mundo do maravilhamento e da linguagem preenchidas pelo desejo por conhecimento” (hooks, 2020, p. 32). Infelizmente, segundo hook (2020), as crianças acabam por ter “medo da mente pensante” (p. 32) por causa dos ensinamentos em casa ou na escola em que é “melhor escolher a obediência do que a consciência de si” (hooks 2020, p. 32).

Segundo hook (2020), em uma citação de um artigo traduzido como “Pensamento crítico: Por que é tão difícil ensiná-lo?” do autor Daniele Willingham, o pensamento crítico consiste em:

Enxergar os dois lados de uma questão, estar aberto para novas evidências que invalidam ideia imaturas, concluir com imparcialidade, exigir que argumentos sejam fundamentados em evidências, deduzir e inferir conclusões a parti de fatos disponíveis, solucionar problemas e assim por diante. (hooks 2020 p. 33)

Sendo a realidade contraditória, não podemos vê-la como única, mas como múltipla. É preciso então ter uma visão de sua totalidade e somente a partir dessa visão de todo é que se torna possível questioná-la e é a partir do questionamento que podemos desenvolver a criticidade, por meio de perguntas “e então utilizar o conhecimento de modo a sermos capazes de determinar o que é mais importante” (hooks 2020 p. 33). Essas características do pensamento crítico são fundamentais no combate à desinformação. Em uma sociedade em que não existe diálogo, como é possível existir questionamentos, se só se dialoga com aquele que é idêntico?

Em “Pedagogia do oprimido”, Freire (2021a) escreve que “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo dos homens” (p. 110). Para que o diálogo aconteça, é preciso amor, “O diálogo, como encontro dos homens para tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humanidade” (FREIRE, 2021a, p. 111).

*Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?*

*Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu?*

*Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”?*

*Como posso dialogar, se parto do que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?*

*Como posso dialogar se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?*

*[...] A autossuficiência é incompatível com o diálogo.*

(FREIRE, 2021a, pp. 111-112)

De acordo com Freire (1980), para que seja válida, toda educação, toda ação educativa “[...] deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se)” (pp. 33-34). Alice nos relata com ênfase que “educação é a base”. Para ela, a educação é dividida entre aquela que recebemos em casa e aquela que recebemos na escola. A educação para Alice é uma porta para o conhecimento para aprender a lidar com a realidade:

***A educação é base de tudo. É a base de tudo, sem educação a gente não tem como caminhar. Tanto é que quando se pensa em educação, a educação tem um leque muito grande do meu entendimento. Tem a educação que a gente tem, que a gente recebe dos nossos pais que é o primeiro passo para a gente poder aprender a lidar com as pessoas, lidar com a sociedade, tem a educação que a gente tem que receber das escolas, que complemento do meu entendimento daquilo que a gente tem dos nossos pais e que nos abre portas para diversos conhecimentos. Educação para mim é uma porta para conhecimento e só por meio dela que a gente realmente vai aprender a lidar com tudo isso. E aí a gente vai trazendo nossas especialidades então a educação para mim é a base de tudo.*** (Alice, grifo nosso).

Alice também relata que é a educação que irá dar a base do diálogo, além de mostrar os caminhos a seguir:

*[...] não adianta só dizer que existe educação se a gente não tem oportunidade, as pessoas não têm oportunidade para ter alcance a esse conhecimento. Então educação para mim é a base é onde a gente vai aprimorar, aprender e absorver e trocar. Para a gente poder realmente lidar, porque a educação vai nos dar a base do diálogo. **E para mim o diálogo é primordial. Na existência do ser humano, se a gente não consegue dialogar, a gente não vai avançar, a sociedade não avança e a gente vive isso com essa questão de fake news [...]** quando você tem acesso à educação, você tem acesso a várias coisas a vários conhecimentos que vão te dar um suporte, que vão te dar uma condição inclusive de qual caminho seguir. (Alice, grifo nosso).*

Nesse sentido, sendo o diálogo o caminho, Freire (2021, p. 114) escreve que “Se o diálogo é o encontro dos homens para *ser mais* não pode fazer-se na desesperança”. O autor continua dizendo que “[...] não há diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico” (p. 114). Para alcançar o pensamento crítico segundo Freire (1980), é preciso ultrapassar o pensar espontâneo e ingênuo da realidade por meio da conscientização, “A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (p. 26).

Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece<sup>114</sup>... A conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência – mundo. Tomando esta relação como objeto de sua reflexão crítica, os homens esclarecerão as dimensões obscuras que resultam de sua aproximação com o mundo. A criação da nova realidade, tal como está indicada na crítica precedente, não pode esgotar o processo da conscientização. A nova realidade deve tomar-se como objeto de uma nova reflexão crítica. (FREIRE, 1980, p. 26).

O pensar crítico envolve o desvelamento da realidade, passar do olhar ingênuo e apreender a realidade de uma forma dialética, múltipla. Por meio da conscientização na relação “consciência – mundo” como afirma Freire (1980, p. 26).

---

<sup>114</sup> Seminário de Paulo Freire sobre a “Conscientização e Alfabetização de Adultos”. Roma, 17-19 de abril de 1970.

### 6.6.2 Educação Midiática

A educação em tempos de redes sociais desempenha um papel importante na formação dos indivíduos. É preciso pensar a educação em sua dimensão cultural e histórica. Nesse sentido, Lana entende que é preciso ofertar à sociedade uma educação midiática:

*Eu acho que tem uma questão muito importante e que pouco se fala, não sei se pouco se fala ou que se fala menos do que o necessário, que é a educação midiática, que é uma coisa que a gente não tem nas escolas, e que é muito difícil, uma vez que você não tem isso nas escolas, você adquirir fora delas, eu acho muito importante que as pessoas entendam o que é uma reportagem, o que é uma opinião, porque muito daquilo que é compartilhado e que é um conteúdo falso ou descontextualizado, na verdade não é uma reportagem, vem de um blog de fulano de tal que não tem nenhuma credibilidade ou é um trecho de um texto que não é de um colunista de um jornal e que não é uma reportagem também mas as pessoas não entendem a diferença entre uma coisa e outra [...] o que você vê dentro do jornal é um recorte da notícia, e nisso existem muitas outras coisas que estão para além desse recorte, que você pode e deve se atentar também. (Lana, grifo nosso).*

De acordo com um material disponível do “Educamídia”<sup>115</sup>, Programa de Educação Midiática do Instituto Palavra Aberta, Bruno Ferreira ([2021?]) propõe “5 contribuições da educação midiática para a democracia”: “(1) exercício do direito à informação plural, (2) qualificação da liberdade de expressão, (3) inclusão digital, justiça social e direito à comunicação, (4) combate à desinformação e às *fake news* e (5) engajamento e participação” (p. 3). A educação midiática, ainda segundo este autor, “[...] estimula a ler criticamente os conteúdos das mídias, permitindo que os estudantes dominem técnicas de curadoria e checagem de informações disponíveis da internet, além de avaliar sua intencionalidade e qualidade” (FERREIRA, [2021?], p. 3). O autor explica que a educação midiática é importante e merece atenção principalmente na Educação Básica:

As complexidades que envolvem acessar, produzir e disseminar informações, no atual contexto da cultura digital, merecem especial atenção por parte da Educação Básica. O contexto de grande circulação de conteúdos nas redes sociais e provedores de informação, por um lado democratizam as possibilidades de qualquer cidadão ser autor de conteúdo. Por outro lado, abrem espaço para conteúdos produzidos sem

<sup>115</sup> EducaMídia é um programa criado para capacitar e engajar professores e organizações de ensino no processo de educação midiática dos jovens, desenvolvendo seus potenciais de comunicação nos diversos meios, a partir das habilidades de interpretação crítica das informações, produção ativa de conteúdos e participação responsável na sociedade. [www.educamidia.org.br](http://www.educamidia.org.br)

critério e com intenção de manipular ou enganar. Nesse sentido, é preciso desenvolver competências que apoiem o estudante a se apropriar dos recursos digitais e midiáticos de forma responsável e criativa, além de ler criticamente os diversos conteúdos com os quais interage e tem contato, sobretudo na internet. (FERREIRA, [2021?], p. 2).

A educação midiática segundo este autor “[...] estimula a ler criticamente os conteúdos das mídias, permitindo que os estudantes dominem técnicas de curadoria e checagem de informações disponíveis da internet, além de avaliar sua intencionalidade e qualidade” (FERREIRA, [2021?], p. 3). Lana, enfatiza que as pessoas mais velhas precisam de uma atenção especial em relação à educação midiática pelo fato de não estarem em um “espaço” da escola e que por este motivo não querem “escutar”. Para Lana, é preciso quebrar esse ciclo de “não escuta” e fazer com que as pessoas aprendam e escutem, o que significa ensinar para as pessoas, e que isso deve partir de todas as pessoas principalmente da área da comunicação:

*[...] quando a gente está na escola a gente está num espaço. Então a gente está num espaço que a gente está recebendo essas coisas todas, quando você está com uma pessoa que já teve muito acesso à desinformação, e aí você vai tentar explicar para ela, olha esse canal de YouTube que você está assistindo, essa pessoa, esse blogueiro que está fazendo isso, não é uma pessoa confiável, ele não é um jornalista, as fontes que ele buscou são questionáveis, a gente precisa olhar isso... e muitas vezes ela não quer escutar, quando a gente fala disso, por isso eu acredito que falando dessas coisas, deveria ser importante. Eu acho que sim, com as pessoas mais velhas, a gente também precisa explicar. E eu acho que é um papel de todas as pessoas, principalmente da área da comunicação, quebrar esse ciclo. Então ensinar para as pessoas, olha quando você receber alguma coisa lembra de olhar a fonte, joga no Google vê se faz algum sentido, mas eu acho que realmente é um processo mais de formiguinha e que demora mais tempo, então eu acredito que a gente deva fazer, que é importante que a gente faça, que sim gera resultado. (Lana, grifo nosso).*

De acordo com Lana, além dos adultos, as crianças atualmente têm acesso ao YouTube cada vez mais cedo e isso pode fazer com que elas se percam em meio à desinformação:

*[...] as crianças, elas têm tido contato cada vez mais cedo com o YouTube, elas aprendem e recebem conteúdos muito frequentemente e muito cedo, muito novas. Então elas têm acesso a notícias falsas, a essas desinformações muito cedo e elas podem entrar num caminho aí, a gente pode estar falando de uma geração que vai se perder no meio da desinformação, se a gente não ensinar. (Lana, grifo nosso).*

Deste modo, é importante que a educação midiática seja realizada para as crianças:

Porque a internet está ali para todos, tem muitas coisas boas, mas também tem muitos problemas, enfim. E aí como eu disse, se a gente está falando de uma época em que a proporção que as coisas estão ganhando, de desinformação está cada vez maior, porque se compartilha muito rápido, porque tem muitos acessos no conteúdo, então **é importante que a gente ensine essas crianças o quanto antes sobre o que é educação midiática e aí elas mesmas vão aprender o que pode ou não ser confiável dentro daquilo que eu consumo [...]** Então por isso para mim a educação é um é um espaço fundamental para mostrar esse tipo de coisa, assim, **acho que é o espaço na verdade para a gente combater a desinformação.** (Lana, grifo nosso).

Segundo Ferrari, Machado e Ochs (2020) no E-book “Guia da Educação Midiática” é preciso definir e realizar a distinção do que significa os termos “Educação Midiática” e “Letramento digital” que pode ser confundido. No Guia, “Letramento (ou alfabetização) digital é a construção da fluência necessária para escolher e utilizar as ferramentas e dispositivos digitais” (p. 26). Já a Educação Midiática “[...] é um conceito mais afinado com a reflexão e com as responsabilidades e oportunidades decorrentes das mensagens que recebemos e produzimos” (p. 26). Ainda segundo o Guia, o grupo do “EducaMídia” define educação midiática como “o conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica e reflexiva do ambiente informacional e midiático e em todos os seus formatos – dos impressos aos digitais” (p. 26).

A resposta de Alice infere que a educação pode funcionar como uma barreira para as *fake News*. Apesar de não utilizar o termo “educação midiática” e nem o citar em sua fala, Alice entende que a educação pode combater a disseminação de notícias falsas:

***[...] a educação pode funcionar inclusive como uma barreira para essa questão das fake news, por mais que ela esteja avançada tecnologicamente. Porque hoje em dia a gente não sabe mais o que é verdadeiro, o que que é falso. Com base em todas essas artimanhas e desenvoltura que as pessoas têm de passar uma mentira.*** (Alice, grifo nosso).

A educação, segundo Alice, pode fazer com que o sujeito consiga fazer o discernimento do que é falso ou não, ou pode fazer com que ele possa buscar maneiras para compreender se determinado conteúdo é verdadeiro ou não. A educação nesse sentido deve fazer o aluno indagar, questionar e sair de uma curiosidade ingênua para uma curiosidade epistemológica como afirma Freire (1996):

A superação e não ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metódica, “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão (FREIRE, p. 15, 1996).

É preciso então uma educação que faça o aluno pensar, questionar, perguntar, que o faça refletir sobre suas escolhas e em tempo para que não seja engolido pelas redes sociais e seus constantes ataques à nossa subjetividade. Somente a partir dessa educação baseada na criticidade é que podemos desenvolver um pensamento crítico, que através das indagações e questionamentos não fique nivelada a ponto de se deixar influenciar sem respaldo algum. Para Alice, a educação então é a base e se a nossa sociedade tivesse um acesso a uma educação de qualidade poderíamos ter lidado com a pandemia, por exemplo, de um modo melhor:

*Então, educação é primordial, e é o que a gente não está tendo investimento no nosso país. Uma das principais coisas que nós não temos investimento, é em saúde, e em educação. Como é que você vai lidar? Porque uma sociedade que ela está munida que ela tem uma base de educação boa, ela vai saber lidar com uma situação por mais difícil que seja, a respeito da pandemia, ela teria um pouco mais de força, sabe? (Alice).*

Para Santaella (2021), por mais que exista a desinformação e o mundo das redes, a desinformação “só se propaga porque seu dínamo se chama ignorância. E a arma mais letal contra a epidemia da ignorância, por sua vez, se chama educação” (p. 95). A educação segundo Freire (2021b) “é um ato de amor, e por isso um ato de coragem. Não se pode temer o debate, a análise da realidade. Não se pode fugir a discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (p. 127).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Por isso é que é próprio da consciência crítica a sua integração com a realidade, enquanto que da ingênua, o próprio é a sua superposição à realidade”*  
(Paulo Freire)

Durante todo o processo de pesquisa, vivenciamos algo que jamais imaginávamos: uma pandemia, que assolou o mundo todo e fez com que ficássemos em casa a maior parte do tempo durante os anos de 2020 e 2021. O consumo de notícias advindas do meio virtual é algo que já faz parte da vida da maioria dos brasileiros, que conseqüentemente estão expostos também à desinformação. A infodemia causada pela pandemia fez com que as pessoas recebessem uma quantidade imensa de informações vindas principalmente do meio *online*. A presente pesquisa teve com o objetivo compreender, através da interpretação de jovens participantes da Agência Mural de Jornalismo das Periferias, quais fatores estão presentes na incongruência entre ter acesso à informação e a aceitação de notícias falsas. Buscamos compreender por que, apesar do acesso à educação e à informação, existem pessoas que acreditam em notícias falsas.

Após a realização das entrevistas, análise e discussão, compreende-se que todos os entrevistados são jovens engajados no jornalismo e na mídia independente, que atuam na Agência Mural na produção de notícias; uma agência que possui uma postura crítica perante a sociedade e desigualdades existentes no nosso país; que busca, através do jornalismo, diminuir as lacunas informacionais presentes na mídia brasileira e informar a maior parte da população de um modo a mostrar os diversos lados de uma notícia e acabar com os estereótipos criminalistas e assistencialistas das periferias.

A principal fonte de informação desses jovens é a internet, seja em portais tidos como tradicionais ou em *sites* de jornalismo independente como a Mural. Os entrevistados conhecem e reconhecem a desinformação e se utilizam de diferentes meios para realizar a checagem de notícias. Apesar da desinformação não ser algo “novo” e já circular há tempos na sociedade, a cultura em que vivemos atualmente, com a tecnologia e diversos meios e veículos de comunicação, fez com que o acesso a conteúdo falsos se tornasse muito mais rápido e maior, em termos de circulação e propagação. A tecnologia desenvolvida nos dias de hoje é usada tanto para o bem, para que um maior número de pessoas possa se informar, quanto para o mal,

como por poderes políticos e econômicos que se utilizam dessas ferramentas para propagar mentiras a seu favor.

Como explica Santaella (2021), o termo *fake news* criado nos Estados Unidos, tem um sentido completamente diferente no nosso país; às vezes confundido com uma notícia falsa, às vezes com uma notícia tirada do contexto, uma sátira como camuflagem ou o fato de que se é ‘*fake*’ não é ‘*news*’. É preciso diferenciar *fake news* de notícias falsas, que não são sinônimos; são termos distintos que precisam ser discutidos. Fazemos parte de uma realidade complexa que deve ser compreendida por seus múltiplos determinantes; são diversos fatores que envolvem a aceitação das notícias falsas, apesar da educação, como ingenuidade, quando a pessoa realmente não tem conhecimento; a afetividade, quando a pessoa recebe uma notícia falsa de um familiar ou conhecido e não acredita que aquela pessoa possa estar propagando conteúdo falso; o viés de confirmação, quando a pessoa busca se apoiar em suas crenças ou ideologias para reafirmar a desinformação; os algoritmos e as bolhas sociais que impedem os sujeitos de terem contato com aquilo que difere de seu gosto.

A realização deste estudo nos permite concluir que é necessária a realização de estudos que mostrem como o jornalismo tradicional já deixou de ser o principal meio de propagação e difusão de notícias, abrindo espaço para o meio *online*, “no Brasil, a audiência *online* de revistas, jornais e sites noticiosos subiu – segundo o Instituto Verificador de Circulação, em março de 2020 ela cresceu 51% em relação a fevereiro e 41% em relação a janeiro” (MELLO, 2020, p. 232). Ao mesmo tempo em que surgem veículos de comunicação independentes nesse meio online, com o objetivo de informar um maior número de pessoas de forma concreta, como a Agência Mural de Jornalismo das Periferias, surgem também veículos falsos que se passam por veículos confiáveis, ou seja, veículos jornalísticos, a fim de propagar a desinformação em vista de ganhos políticos e econômicos. É preciso considerar a incongruência desses veículos de comunicação criados para propagar a desinformação, em que ao mesmo tempo que tentam desacreditar jornalistas e sua profissão, se utilizam da confiabilidade que estes forjaram ao longo do tempo. A existência livre dos veículos de comunicação no ambiente online permite a existência da informação, da desinformação e sobretudo da contrainformação e isso precisa ser objeto de estudos críticos para superação desta crescente onda de difusão de notícias falsas.

Um ponto importante que precisamos considerar neste trabalho é o fato de que, para os entrevistados, muitas das fontes de informação por eles citadas incluem os veículos tradicionais da imprensa, a grande mídia, que proporcionam, relatam de fato, fatos reais, que passam por todo o processo de apuração jornalística e que quando erram se retratam. Entretanto, nenhum dos entrevistados constatou que uma notícia, uma informação advinda destes meios, ainda que

seja um fato real e empírico, não é suficiente e não necessariamente transmite a verdade. A disposição da notícia, o modo como ela é escrita, a omissão de algum dado ou sua localização em um determinado jornal, ou seja, a maneira como a notícia é colocada para o leitor, pode, embora baseada em um fato, gerar intencionalmente interpretações diferentes e errôneas que são formas de manipulação das representações, dos ideários, das concepções das pessoas; como em maio de 2021, quando centenas de milhares brasileiros ocuparam e foram para as ruas reclamando sobre o atual governo e, no dia seguinte, as capas de “O Globo” e do “Estado” simplesmente ignoraram as manifestações e escolheram como manchetes de capa notícias sobre o reaquecimento do PIB (Produto Interno Bruto) no país e sobre turismo, apenas a Ilustríssima da Folha apresentou o ocorrido:

Imagem 10 – Manchetes dos jornais de grande circulação um dia após intensas manifestações contra o governo em 2021



Fonte: Arquivo dos jornais: O Globo e O Estado de S. Paulo



Em uma sociedade dividida por classes antagônicas, que naturaliza a miséria e culpabiliza o indivíduo, por meio da difusão e da manutenção da ideologia dominante, que exclui e que nos impede de ver a essência, de desvelar a realidade, a luta pelo desenvolvimento do pensamento crítico deve ser constante. Como na concepção de consciência crítica dos estudos de Paulo Freire:

A consciência crítica é a ‘representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais’. ‘A consciência ingênua (pelo contrário) se crê superior aos fatos, dominando-os de fora, e por isso, se julga livre para entendê-los conforma melhor lhe agradar’ (FREIRE, 2021b, p. 138)

É preciso criar mediações teóricas capazes de produzir conhecimentos que possam subsidiar e fortalecer ações interventivas. Uma das contribuições possíveis são aquelas fundamentadas na psicologia histórico-cultural e na pedagogia de Freire para contribuir para a constituição de um pensamento crítico. Nesse sentido, a educação dialógica e a educação midiática são exemplos de ações que visam à constituição de um pensamento crítico em tempos

de informação e desinformação; como afirmaram diversas vezes os entrevistados, a educação é a base e o diálogo é fundamental para a aprendizagem. A educação midiática é uma mediação concreta na construção de um pensamento crítico que busca desvelar de forma intencional a realidade dos educandos.

Segundo bell hooks (2020), o pensamento crítico: “envolve primeiro descobrir “quem”, o “o quê”, o “quando”, o “onde” e o “como” das coisas – descobrir respostas para as infindáveis perguntas da criança curiosa e então utilizar o conhecimento de modo a sermos capazes de determinar o que é mais importante” (p. 33). O questionamento é constitutivo do pensamento crítico que inclui o diálogo:

O diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros. Não pode também converter-se num simples intercâmbio de ideias, ideias a serem consumidas pelos simples permutantes. Não é também uma discussão hostil, polêmica entre homens que não estão comprometidos nem em chamar ao mundo pelo seu nome, nem na procura da verdade, mas na imposição de sua própria verdade... O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. (FREIRE, 1980, p. 83)

Destarte, é preciso criar estratégias para a afirmação de uma educação construída por políticas públicas que incluam toda a sociedade, adultos, idosos e crianças, e principalmente no ensino básico, “A educação na e para as redes desde o ensino elementar é imperiosa” (SANTAELLA, 2021, p. 95). A educação midiática precisa ser objeto de estudos para sua implementação na formação de alunos e professores. “Só a formação educacional é capaz de plantar nos seres humano as sementes da ‘liberdade de duvidar, de verificar novamente, de ouvir uma segunda opinião, de tentar um caminho diferente’” (SANTAELLA, 2021, p. 95).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. *et al.* Como as fake news prejudicam a população em tempos de Pandemia Covid-19?: Revisão narrativa. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 8, p. 54352-54363, ago., 2020.
- ALZAMORA, G. C.; BICALHO, L. A. G. A DINÂMICA TRANSMÍDIA DE FAKE NEWS: interações sociais em torno da concepção pragmática de verdade. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 27., 2018, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2018/papers/a-dinamica-transmidia-de-fake-news--interacoes-sociais-em-torno-da-concepcao-pragmatica-de-verdade>. Acesso em 20 nov. 2021.
- BAITELLO JÚNIOR., N. Comunicação, mídia e cultura, **São Paulo em Perspectiva**, v. 12, n. 4, p. 11-16, 1998. Disponível em: [http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04\\_02.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_02.pdf). Acesso em: 20 nov. 2020.
- BARBOSA, M. F. D, **Confrontando informações de fake news na aula de Biologia** - sequência didática sobre a febre amarela. 2019. Dissertação (Mestrado em Biologia) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2019
- BARCELOS T. N, *et al.* Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, [S. l.], v. 45, p. e65, 2021. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/53907>. Acesso em: 6 dez. 2021.
- BERGER, G. Prefácio. *In: IRETTON, C.; POSETTI, J. (ed.). Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo.* UNESCO. 2019, p. 7.
- BOCK, A. M. B.; AGUIAR, W. M. J. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a Psicologia da Educação. *In: AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. (Org.). A Dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sócio histórica.* 1a.ed. São Paulo: Cortez, p. 43-59, 2016
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias** – Uma introdução ao estudo da psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BONSANTO, A. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das fake news. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e5631, 2021. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5631>. Acesso em: 6 dez. 2021.
- BORDENAVE, J. D. **O que é comunicação.** 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma História Social da Mídia:** de Gutenberg a Internet. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BRUNO, F.; ROQUE, T. Na ponta de um iceberg de desconfiança. *In*: BARBOSA, M. (org.). **Pós verdade e fake news**: Reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Livros Cobogó, 2019.

BUCCI, E. News não são fake – e fake News não são News. *In*: BARBOSA, M. (org.). **Pós verdade e fake news**: Reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Livros Cobogó, 2019.

CALABRE, L. No tempo das radionovelas. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 49, p. 65-83, 2007.

CARDOSO, I. A. **Propagação e influência de pós-verdade e fake news na opinião pública**. 2019. Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CASERO-RIPOLLÉS, A. Impacto da Covid-19 nos sistemas de mídia: consequências comunicativas e democráticas do consumo de notícias durante o surto. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 109-129, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/171515>. Acesso em: 6 dez. 2021.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORDEIRO, A. M. *et al.* Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, [S. l.], v. 34, n. 6, dez., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcgmV6Gf/?lang=pt> Acesso em: 6 dez. 2021.

DA EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. Kindle Edition. São Paulo: Vestúgio, 2019.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DAVIS, C. Desenvolvimento cognitivo. *In*: RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R. DAVIS, C. **Psicologia do Desenvolvimento**: A idade escolar e a adolescência. v.4. São Paulo: EPU, 1981. p. 49-57.

DUTRA, F. A história do telefone celular como distinção social no Brasil: da elite empresarial ao consumo da classe popular. **Revista Brasileira de História da Mídia**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 102-116, jul./dez., 2016.

FACHIN, J.; ARAUJO, N. C.; SOUSA, J. C. Credibilidade de informações em tempos de COVID-19. **Rev. Interam. Bibliot. Medellín**, Colômbia, v. 43, n. 3, set./dez., 2020. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-09762020000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-09762020000300003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 6 dez. 2021.

FERRARI, A. N.; MACHADO, D.; OCHS, M. Guia da Educação Midiática. 1.ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FERREIRA, B. **5 Contribuições da educação midiática à democracia**. Biblioteca EducaMídia, Instituto Palavra Aberta. [2021?].

FERREIRA, J. S. W. São Paulo: cidade da intolerância, ou o urbanismo "à Brasileira". **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 25, n. 71, p. 73-88, abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/tPDxFgnyShqpLQqzGSjY6Xy/?lang=pt>. Acesso em 21 mai. 2021.

FOGUEIRAS de livros e lavagem cerebral: **quem foi Goebbels, ministro de Hitler parafraseado por secretário de Bolsonaro**. BBC NEWS BRASIL, 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51071094>. Acesso em 16 ago. 2021

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2018.

FREIRE, N. P. *et al.* A infodemia transcende a pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 26, n. 09, set. 2021. Disponível em: <https://scielosp.org/article/csc/2021.v26n9/4065-4068/>. Acesso em: 6 dez. 2021.

FREIRE, P. **Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**, [Tradução Kadia Mello e Silva; Revisão de Benedito Eliseu Leite Cintra] 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREITAS, M. T. A. A perspectiva vigotskiana e as tecnologias. **Revista Educação**, n. 2, p. 58-67, ago., 2010.

GALHARDI, C. P. ET AL. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 25, out., 2020. Suplemento. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/?lang=pt>. Acesso em: 6 dez. 2021.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835/4187>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GOMES, R. S. Crise de veridicção e interpretação: contribuições da Semiótica. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 15-30, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/165198>. Acesso em: 6 dez. 2021.

GUERRA, A.; POCHMANN, M.; SILVA, R. A. (Org.). **Atlas da exclusão social no Brasil: dez anos depois**. v.1. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

GUERRA, J. L.; FEITOZA, L. N. S. Relevância jornalística: conceito, fundamentos e aplicação. **Linguagem em (Dis)curso** [online]. 2020, v. 20, n. 02 pp. 401-419. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-200210-10419>. Acesso em: 17 mar 2022.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IAROCHEVSKI, M. F.; GURGUENDZE, G. S. Epílogo. In: VIGOTSKI, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

IZIQUE, C. O Mapa da Exclusão. **Pesquisa FAPESP**, [S. l.], v. 83, p. 14-20, jan. 2003. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-mapa-da-exclusao-2/>. acesso em: 01 nov. 2021

JODELET, D. Os Processos Psicossociais da Exclusão. In: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da exclusão**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 53.

KULNIG, R. C.M – A dimensão subjetiva da desigualdade social no processo de escolarização das elites. 2019. **Tese**. (Doutorado em Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22189>. Acesso em: 04 set. 2020.

LANE, S. T. M., CODO, W. (Orgs.). (1984). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. v. I.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I: o processo de produção do capital [1867]. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013:

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MELLO, P. C. **A máquina do ódio**. Kindle Edition. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MELO, J. M.; TOSTA, S. P. **Mídia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Unesco, 2003.

OTTONICAR, S. L. C.; VALENTIM, M. L. P.; ORGE, L F.; MOSCONI, E. **Fake news, big data e o risco à democracia: novos desafios à competência em informação e midiática**. In: IX ENCONTRO IBÉRICO EDICIC, 9, Barcelona, jul., 2019.

PALETTA, F. C; MUCHERONI, M. L. O desenvolvimento da web 3.0: linked data e dbpedia. **Prisma.com**, [S. l.], n. 25, p. 73-90, 2014. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/1869/1702>. Acesso em: 08 maio 2021.

PERLES, J. B. **Comunicação: conceitos, fundamentos e história**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentoshistoria.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

REGO, T. C. **Vygotsky - Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

REIS, C. K. **História da escrita: uma contextualização necessária para o processo de alfabetização**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RIPOLL, L. **Confiabilidade informacional: a filosofia da informação e o desenvolvimento da leitura crítica no ambiente virtual**. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação) - Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Universidade do Estado de Santa Catarina,, Florianópolis, 2018.

FREITAS FILHO, A. R.; FERRARI TEIXEIRA, P. Guerra da pós-verdade: a batalha político-midiática do Movimento Brasil Livre. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 22, n. 45, p. 163-178, out. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Violência de gênero contra jornalistas - Dados sobre os ataques com viés de gênero e casos que vitimaram mulheres no Brasil em 2021**. Unesco, 2021.

ORTELLADO, P.; RIBEIRO, M. M. Polarização e desinformação online no Brasil. **Friedrich-Ebert-Stiftung**, [S. l.], n. 44, ago., 2018. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14629.pdf>. Acesso em 20 nov. 2021.

RIBEIRO, M. M.; ORTELLADO, P. O que são e como lidar com as notícias falsas. **Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 15, n. 27, p. 71-83, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2018/07/sur-27-portugues-marcio-moretto-ribeiro-pablo-ortellado.pdf>. Acesso em 20 nov. 2021.

RONCA, A. C. C. A qualidade da Educação: políticas públicas e equidade. In: RONCA, A.C. C.; ALVES, L. R. (org.). **O Plano Nacional de Educação e o Sistema Nacional de Educação: educar para a equidade**. São Paulo: Fundação Santillana, p. 95-110, 2015.

ROSENFELD, Rogério. **O Cerne da Matéria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SAID, G. **História, Comunicação e Sociedade na Era da Informação**, 2002. Disponível em: [www.portcom.intercom.org.br/pdfs/3854e47479872aaac18653e8b59b0ebc.pdf](http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/3854e47479872aaac18653e8b59b0ebc.pdf). Acesso em: 20 nov. 2020.

SANTAELLA, L. **De onde vem o poder da mentira?** [livro eletrônico] Coleção interrogações. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2021.

SANTOS E. S., *et al.* Gênero textual carta e ensino: considerações sobre a tradição epistolar. **Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS**, Feira de Santana, v. 19, n. 3, p. 189-200, 2018. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/128545264-Genero-textual-carta-e-ensino-consideracoes-sobre-a-tradicao-epistolar.html>. Acesso em 20 nov. 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. *et al.* (Orgs.). **Território, Territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2011.

SANTOS, R. E. **As teorias da comunicação – da fala à internet**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Braz. J. Phys. Ther.**, [S. l.], v.11, n. 1, fev., 2007.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2021

SARLET, I. W.; SIQUEIRA, A. B. Liberdade de expressão e seus limites numa democracia: o caso das assim chamadas “fake news” nas redes sociais em período eleitoral no Brasil. **Revista Estudos Institucionais**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 534-578, maio/ago. 2020.

SAWAIA, B. Introdução: Exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da exclusão. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 9.

SILVA, F. B. **O regime de verdade das redes sociais on-line**: pós-verdade e desinformação nas eleições presidenciais de 2018. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro IBICT/UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, L. H. O. Interações, leituras e sentidos em tempos de fake news: desafios para a formação de leitores no contexto escolar. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 31-45, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/161838>. Acesso em: 6 dez. 2021.

SILVA, L. L.; SILVA, V. A. Blog Mural: a prática do jornalismo colaborativo na cobertura on-line da Periferia de São Paulo, Brasil. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, 5, 2014, Porto. **Livro de Atas**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015, p. 603-614.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, jan./mar., 2010, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt>. Acesso em: 6 dez. 2021.

SPOSATI, A. A fluidez da inclusão/exclusão social. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 4, p. 4-5, out./dez., 2006. Disponível em:

[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000400002&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000400002&lng=en&nrm=iso). Acesso em 22 mai. 2021.

TALARICO, P. Os dez anos de cobertura das periferias pela Agência mural. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 23, n. 01, p. 169-188, jan./jul., 2021.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998.

VIGOTSKI, L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZANETTI, D. **Território em chamas: o combustível da desinformação** - Uma análise das disputas narrativas no Youtube acerca das queimadas na região Amazônica em 2019. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

## **APÊNDICE A - Formulário: Perfil e formação dos muralistas**

### **Sessão 01: PERFIL**

1. Nome;
2. Idade;
3. Estado civil;
4. Possui filhos? Quantos?
5. Local onde mora;
6. Quantas pessoas moram com você?;
7. Gênero/identificação;
8. Cor/Raça;
9. Religião;
10. Possui alguma deficiência? Qual?
11. Qual graduação você possui (nome do curso)?
12. Qual universidade?
13. É/foi bolsista? (qual bolsa?)
14. Possui outra formação além desta?
15. Reside longe da faculdade?

### **Sessão 2: FORMAÇÃO**

1. O que os levou a escolher o jornalismo/comunicação?
2. Há quanto tempo trabalha na área? Já trabalhou antes em outra área?
3. Como foi o processo de ingresso na graduação?
4. Como foi o processo de formação na graduação?
5. O que mais gosta/gostava nas aulas?
6. Como eram os professores?
7. Considera que a formação foi suficiente para atuar como profissional?
8. Como você enxerga a profissão de jornalista hoje em dia?
9. Como conheceu a Agência Mural de Jornalismo das Periferias?
10. Como você vê o trabalho da Mural?
11. Qual o impacto da Mural na sua vida e na sociedade?

## APÊNDICE B – Entrevista de profundidade

### A desinformação e o pensamento crítico.

1. Onde você costuma buscar informações e notícias? Costuma checá-las? Como?
2. O que você entende por informação e desinformação?
3. O que você entende por *fake news*?
4. Quais impactos você acredita que as *fakes news* podem trazer para a sociedade?
5. Você se relaciona com pessoas que acreditam e disseminam *fake news*? São muitas pessoas?
6. Como intervêm no combate às *fake news*?
7. Como você acha que a educação pode ajudar no combate às *fake news*?

## APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



**PUC-SP**

Comitê de Ética em Pesquisa

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

Campus Monte Alegre

Rua Ministro Godói, 969, sala 63-C - Perdizes

São Paulo - SP - CEP: 05015-001

Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br)

Horário de funcionamento: Das 11h00 às 13h00 de 2ª a 4ª feira e das  
15h30 às 17h00 de 5ª e 6ª feira

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Cara (o) Participante:

Gostaria de convidá-la (o) a participar da pesquisa intitulada **“A constituição do pensamento crítico em tempos de informação e desinformação”** a ser realizada pela pesquisadora **Jessica Suellen Palmeira Silva**, discente do Mestrado no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação, sob orientação da **Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes**.

Informo que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP, o qual tem por objetivo avaliar e garantir o cumprimento dos aspectos éticos das pesquisas nacionais que envolvem seres humanos, de forma defender os interesses das (os) participantes das pesquisas, tendo em vista a garantia de sua integridade e dignidade.

O objetivo deste estudo é compreender, através da interpretação de jovens participantes da Agência Mural de Jornalismo das Periferias, quais fatores estão presentes na incongruência entre ter acesso à informação e a aceitação de notícias falsas., bem como estabelecer mediações teóricas, a partir das contribuições da psicologia histórico-cultural, e das formulações e estudos de Paulo Freire, como tentativa de se aproximar dos determinantes da aceitação de notícias falsas e também subsidiar e fortalecer ações interventivas objetivando contribuir para a constituição de um pensamento crítico.

Sua forma de participação consiste em uma conversa sobre a desinformação e pensamento crítico, a qual será realizada online e será gravada, com a sua autorização, para posterior transcrição. A conversa será feita a partir de temáticas disparadoras relacionadas ao assunto, e terá a duração de até 1 (uma) hora. Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, sendo utilizado um pseudônimo (nome fictício) ao invés disso, para

garantir o seu anonimato. Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como: mínimo. Mesmo assim, caso você sinta algum tipo de desconforto, a conversa poderá ser interrompida a qualquer momento, sem prejuízos para você. São esperados os seguintes benefícios imediatos da sua participação nesta pesquisa: uma oportunidade para refletir a respeito de sua trajetória profissional, suas práticas pedagógicas, e ações junto à comunidade escolar, podendo encontrar novos caminhos para o enfrentamento dos desafios cotidianos.

Gostaria de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado. Caso sejam necessários maiores esclarecimentos sobre o estudo ou haja o interesse em cancelar sua participação, você poderá entrar em contato pessoal com o pesquisador.

Desde já, agradeço sua atenção e participação e coloco-me à disposição para mais informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal. **Jessica Suellen Palmeira Silva, Telefone: (11) 96192-9583**

Eu \_\_\_\_\_ (nome do/a participante) confirmo que a Sr. **Jessica Suellen Palmeira Silva** me explicou os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário (a) desta pesquisa.

Local e data: São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

---

(Assinatura do/a participante da pesquisa)

Eu, Jessica Suellen Palmeira Silva, obtive do (a) participante, de forma apropriada e voluntária, o Consentimento Livre e Esclarecido para a sua participação na pesquisa.

---

Jessica Suellen Palmeira Silva  
**Pesquisador responsável**

## APÊNDICE D – Transcrição da entrevista 01

### **PARTICIPANTES: PESQUISADORA: (P); ALICE: (A)**

**(P):** Bom dia, primeiramente muito obrigada pela sua participação, vou começar a gravar e fazer a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, tudo bem?

**(A):** Ok.

#### **(P): Leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido**

**(A):** Ok.

**(P):** Bom, eu tenho aqui sete perguntinhas para nortear a nossa conversa, mas você pode ficar a vontade em falar o que você lembrar, o que você quiser contribuir, o que você acha importante está bom?

**(A):** Certo.

**(P): Então vamos lá. Onde você costuma buscar informações e notícias? Como você costuma checá-la? Se você checa, como você faz?**

**(A):** Ah, hoje basicamente minhas informações vêm totalmente por sites, né? jornalísticos, enfim, eu tenho cada vez mais assistido menos televisão. Assim, eu ligo a televisão para acompanhar séries. Eu não assisto nada jornalístico, uma vez ou outra, mas eu não tenho mais o hábito. E a checagem eu sempre vou em sites que eu confio, né? E não só em um, geralmente quando é alguma notícia que é muito polêmica, eu vou em várias fontes para verificar, para até comparar mesmo se aquela informação é realmente verdadeira, se é confiável. E assim, é um tipo de coisa que eu faço, geralmente site jornalístico mesmo, dificilmente eu vou em um site que não seja jornalístico e dependendo da informação, do interesse que eu tenho com aquela informação por exemplo para uma pauta que eu vou apurar para uma pauta, aí com base naquilo que eu vi eu vou nas fontes oficiais né? Se é alguma coisa relacionada ao governo estadual, federal ou ou municipal aí eu vou direto nas fontes oficiais para ver se eu consigo levantar essa informação completa.

**(P):** Você falou que vai procurar em sites jornalísticos. O que você considera ser um site jornalístico?

**(A):** Sites relacionados a empresa jornalística mesmo: Folha, G1, esse tipo, não só nacional, mas também internacional. Embora meu foco seja totalmente nacional, a gente acaba só vendo

mais fontes nossas mesmos, né? coisas nossas, nacionais, fontes internacionais eu vejo quando alguma coisa que repercutiu muito, que repercutiu fora do país, desse tipo de coisa. Eu não gosto de ir em sites que mistura entretenimento com jornalismo, eu acho que fica um pouco confuso às vezes, então eu tento sempre ir para a questão da notícia em si e da Agência Mural [risos].

**(P): O que você entende quando a gente fala de *informação* e *desinformação*? qual o seu entendimento sobre essas duas palavras e esses dois conceitos?**

**(A):** A informação para mim é aquilo que agrega, é aquele conteúdo que você recebe que de fato agrega alguma coisa ao seu conhecimento seja alguma coisa específica ou alguma coisa do seu dia a dia, né? Que nem um exemplo pra mim, a vacina, né? Que foi uma das notícias que a gente mais ouviu no ano passado, que a gente mais esperava. Informação pra mim é quando vinha alguma coisa dizendo qual era o passo, qual era a fase que estava daquilo, qual seria o passo seguinte, quanto tempo nós teríamos que esperar pra poder essa vacina de fato chegar no braço, da nossa população, das pessoas, enfim. Desinformação, pra mim, é quando relacionado a vacina, vinha questionamentos do tipo, ‘Ah, mas essa vacina será que vai ser confiável?’, ‘Não está sendo rápido demais?’, ‘Por que está sendo rápido demais?’. Isso pra mim é desinformação, porque ao invés de agregar de fato a situação em si, no caso da vacina, né, em relação à pandemia, criava dúvidas e insegurança para gente que ao mesmo tempo estávamos dependendo daquilo pra continuar a nossa vida. Então, isso para mim seria desinformação, é aquilo que é desnecessário, é o que vai além, né? Além de que, a gente sabe que pode trazer prejuízos e pode levar a pessoa até a morte, né? Por conta dessa questão de desinformação, em específico, em relação a pandemia e a vacina que foi o que a gente viu que aconteceu com muitas pessoas. Quantas pessoas do ano passado para cá faleceram por que se recusaram a tomar vacina? Por conta disso, acredito que estimulado pela desinformação.

**(P): E por *fake news* o que você entende?**

**(A):** *Fake news* para mim é aquilo que realmente é totalmente falso né? São mentiras, são informações que são transformadas em mentiras. Eu falo que são informações transformadas em mentiras porque, é muito curioso, porque no Comprova [O Projeto Comprova reúne jornalistas de 33 diferentes veículos de comunicação brasileiros para descobrir e investigar informações enganosas, inventadas e deliberadamente falsas sobre políticas públicas, processo eleitoral e a pandemia de covid-19 compartilhadas nas redes sociais ou por aplicativos de mensagens] a gente não utilizava, quando eu participei do projeto Comprova, não utilizamos a

palavra *fake news*. E isso é uma das primeiras coisas que eles nos orientaram no início do curso. Por que nós fizemos um curso para poder participar do projeto. Por que eles não utilizavam o termo *fake news*? Porque eles partem do princípio de que traduzir *fake news* é notícias falsas, né? Então eles partem do princípio de que uma notícia tem que ser uma notícia, ela é uma informação, ela não pode ser falsa. Então eles usavam, *enganoso*, usavam outros termos para justamente não estimular que se fossem feitas *notícias falsas* porque notícia não deve ser falsa, ela tem que ser de fato uma notícia. Então eles tentavam separar. Eles trabalham com essa hipótese de separar uma *fake news*. Mas para mim, que já estava inserida com essa questão de que ‘ah é *fake news* é *fake news*’, pra mim é justamente isso, é uma é uma mentira que é repassada por várias vertentes por vários meios por vários segmentos para enganar a população de uma maneira geral ou o receptor de alguma maneira, seja relacionada a alguma coisa social, seja relacionado ao indivíduo, ao local, enfim. É uma mentira. *Fake news* para mim é uma mentira. Que dependendo da proporção inclusive pode fazer um estrago tremendo. De toda forma ela já traz um estrago, mas dependendo da informação que for, da mentira que for repassada ela pode trazer estragos muito grande para todo mundo, né? Não só para quem está recebendo ou para quem criou também porque né? Não atinge só quem está recebendo, mas quem criou também de alguma forma é afetado e a pessoa às vezes não percebe isso. Mas é uma mentira. Puramente mentira. É aquilo que não se sustenta pela sua informação.

**(P): Você disse que participou do projeto Comprova correto? Você pode nos contar um pouquinho de como foi essa sua experiência? Quando foi, como foi, se entrou por livre e espontânea vontade, etc...**

**(A):** Sim, o projeto existe desde 2018, ele é feito por fases, então eu participei da terceira fase do Comprova que foi iniciada em setembro, se eu não me engano, entre agosto e setembro do ano passado de 2020, e ele se estendeu até fevereiro deste ano. Ele ocorre de seis em seis meses. Nesta fase em que nós participamos, ele foi chamado de *Comprova Comunidades*, porque jornalistas de veículos independentes, no caso a Mural, eu fui como representante da Mural e fora a Mural tinham outros sete veículos independentes para fazer parte dessa dessa fase. Para somar forças com jornalistas que já participavam, né? de outros veículos que já participavam do projeto desde 2018. E o foco dessa terceira fase era justamente falar sobre, fazer verificações de conteúdos relacionados a pandemia e acabou pegando também política, né? Acabou pegando as eleições aí porque esse era o foco. Então assim, eu recebi o convite da Mural, eu já estava participando da Mural de uma forma mais fixa, né? Eu acabei integrando a equipe fixa. Na verdade, entrei em junho como fixa para cobrir a Ingrid nas redes sociais, e era por um mês,

depois acabou virando dois meses e aí em sequência veio o projeto Comprova. Então a Mural foi convidada para participar, e aí os gestores me convidaram para participar junto com a Gisele, do projeto que iria de setembro a fevereiro. E assim eu fiz, só que eu acabei participando de setembro a dezembro, porque aí eu já tive contato com eles, já tinham fechado um contrato até dezembro e aí na sequência a Gi acabou assumindo porque ela também estava envolvida em outro projeto, ela assumiu de dezembro em diante para fechar. E aí aceitando o convite, eu participei de um treinamento diretamente com o pessoal da ABRAJI [Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo] com o Sérgio, com o Hélio, que são da ABRAJI e eram os coordenadores do projeto. E aí foram muitas aulas relacionadas a muitas ferramentas, não só as ferramentas de utilização diária, mas aqui de postura, de como a gente tinha que se portar, como era a questão da abordagem, enfim. E assim que eu terminei o treinamento, nós tivemos aí alguns dias, sei lá, cinco dias, mas foi um período muito curto pra fazer esse treinamento de não sei quantas horas, era muita informação e tinha que baixar muita coisa, ler muita coisa. Nós tínhamos que nos preparar, não só psicologicamente, mas tivemos que preparar o nosso computador. Nós tivemos que baixar diversos programas, tínhamos instruções de como baixar, como baixar, como separar, como organizar, foi realmente um treinamento muito intenso. Claro que ao longo da prática, a gente tinha dúvidas e eles iam nos ajudando o tempo todo. Então, a partir de quando eu fiz esse treinamento, na semana seguinte, a gente já entrou na nossa primeira verificação. E aí como é que funcionava? Essa verificações chegavam, passava pelos editores, uma enxurrada de conteúdos que possivelmente poderiam ser enganosos ou parte realmente enganosas, enfim alguma coisa relacionada a desinformação, eles faziam uma seleção do que nós nós poderíamos verificar, que era levado em consideração, número de visualizações, é, em quanto tempo isso se propagou? e o conteúdo em si, voltado pra pandemia e eleições...

**(P):** Ira? caiu?

**(A):** Travou, cáí, então eu vou começar falando da parte do treinamento do Comprova. Eu participei desse treinamento e sequência assim alguns dias a gente já entrou na primeira verificação que era selecionado pelos editores né? Então nós entramos num grupo do WhatsApp onde estavam todos os jornalistas que estavam participando daquela fase de Comprova e aí esse grupo funcionava como uma linha de distribuição de trabalho então os editores iam lá e falavam assim “Olha, temos esse conteúdo para verificar, quem tá disponível para participar?” e aí a gente levantava a mão, e eles falavam assim, tipo, essa verificação, eles faziam uma avaliação mais ou menos assim, essa verificação vai precisar de no mínimo três ou quatro verificadores, ou cinco, dependendo da verificação. E aí, nós levantávamos a mão e falávamos, ‘eu tô

disponível' e aí ia colocando. E uma das regras, digamos assim como regras, era que tinha que ter pelo menos um verificador de cada empresa envolvida, né? Para que não tivessem ali um grupo só da Agência Mural ou só da Folha etc... tinha que ter essa mescla e não podia ter também menos de dois verificadores, tinha que ser no mínimo três. Para justamente minimizar o risco da checagem em si. Porque eram muitos detalhes, era muita coisa para se verificar. Então tinha que ter ali uma distribuição de tarefas mesmo e dependendo da notícia, aliás do conteúdo que estava sendo verificado, nós tínhamos uma certa pressa, nós não tínhamos um tempo determinado, do tipo olha esse conteúdo tem que ser verificado em x número de horas em x número de dias, mas o ideal é que quanto antes aquilo fosse verificado pra gente poder impactar de fato aquela verificação daquele conteúdo, para que ele fosse realmente mostrado o quanto antes de atingir um número maior ainda de pessoas para que ele fosse colocado em cheque, né? 'Olha, não é bem assim, está sendo dito'. Então foi um trabalho realmente muito intenso, foi uma experiência muito nova pra mim, muito interessante porque é como eu posso dizer? Eu já confiava no trabalho das agências de checagem né? Eu como jornalista, como cidadã eu já confiava no que eu via circulando em verificação e assim, participar desse processo só trouxe essa certeza pra mim do quanto aquilo é feito com todo cuidado, realmente com foco realmente, um foco em uma coletividade em a gente como comunicador trabalhar de forma unida para combater esse tipo de coisa que a gente sabe que está só fazendo o nosso país afundar. Em especial eu estou falando realmente do nosso país, eu imagino que essa metodologia utilizada aqui no país [de verificação] deva ser semelhante, no mínimo semelhante, com o que é, com o que é feito do nosso país, mas é que realmente é um trabalho extremamente trabalhoso, é muito intenso, me trazia uma carga de adrenalina e ao mesmo tempo de medo e ao mesmo tempo de comprometimento tão grande que eu virava às vezes tinha noite que eu ia dormir e acordava pensando nisso assim, sabe? Era bem tenso, eu não tinha por mais que eles, o trabalho em si a gente precisava fazer dentro de um período né? Digamos assim de trabalho, mas eu quando estava comprometido com aquilo ali eu ia além né? Eu mesmo, porque eu queria fechar, eu sabia da importância que era fechar aquilo o quanto antes pra poder a gente divulgar porque depois desta checagem, dessa apuração de entrar em contato com a fonte, tanto quem tinha distribuído quanto eh fazer a verificação de dados em si, nós tínhamos que um que cumprir o preenchimento de um documento, né? Fazendo o passo a passo de mostrar o que nós verificamos, como nós verificamos, com quem nós falamos nos atendeu, quem nos atendeu fazer um relatório mais ou menos eu imagino como o mestrado que está fazendo nós tínhamos uma documentação intensa daquilo pra também poder publicar, não era simplesmente dizer, é falso, é verdadeiro, não é, é enganoso, não é, nós tínhamos todo o passo a passo mostrar como

foi feito aquilo, quem participou daquilo, o que nós conseguimos verificar, o que não conseguimos verificar e qual foi o resultado disso. E aí ia a tal da etiqueta que eles [o projeto Comprova] colocam como *enganoso*, *verdadeiro*, enfim. É era um trabalho realmente muito, muito intenso assim e o que mais me trouxe de verdade como como profissional foi o quanto todo mundo que estava ali envolvido e que eu acredito que continua sendo assim e foi assim antes de eu participar, antes da fase um e dois, é o comprometimento de cada profissional independente do veículo da qual você representa, porque ali não é que eu estive ali como Agência Mural representando a Mural, eu não estava ali levantando a bandeira simplesmente da Mural, estava levantando realmente a bandeira de comunicador e falar “Olha, eu posso como jornalista como comunicadora, eu posso contribuir dessa forma então eu estou aqui pra isso”, e era um trabalho realmente muito rico assim e não existia hierarquia, eu trabalhei com jornalistas que estão, que são jornalistas, que atuam na profissão há mais de trinta anos e também trabalhei com jornalista que tinha acabado de se formar. E isso foi muito rico, a força de todo mundo. Todo mundo era igual ali, ‘Ai, porque eu sou do veículo X, você é do Y’, não tinha isso, sabe? E realmente foi muito rico isso, foi uma experiência que eu digo que mostra, que ali eu vi, eu concretizei a minha visão do que é ser jornalista do que é ser um comunicador social sabe? Foi a parte mais concreta de ver o que é ser jornalista. O que aquilo tudo que eu aprendi na faculdade, aquilo que eu já tinha dentro de mim, porque eu falo para todo mundo que eu não, eu não escolhi ser jornalista, eu nasci jornalista, porque eu acredito realmente, que a gente nasce com essa, a faculdade, é claro, foi importantíssima e me ajudou a lapidar a traçar o meu caminho, mas eu realmente o Comprova me trouxe essa certeza assim de ter concreto aquilo que eu já tinha dentro do meu coração e da minha mente relacionada a nossa profissão. E eu acho que é um trabalho que é feito com muita atenção, com muita responsabilidade e com muita dedicação de todo mundo que está ali envolvido realmente. Foi muito bacana.

**(P): Você falou que foi uma experiência profissional muito rica, como você vê essa experiência no pessoal? O que você sente?**

**(A):** Ah o quanto foi gratificante poder pegar alguma coisa que eu tinha visto circulando no meu círculo da família, no meu meio de amigos e chegar e falar assim, ‘Gente olha aqui, eu chequei isso aqui’, ‘Eu sei que não é bem assim, dá uma lida’. Assim, me deu muito mais força, porque foi num período em que que o número de informações, de conteúdos não verdadeiros que estavam circulando muito perto da gente era muito grande, então era desesperador eu querer, eu pessoalmente querer falar para minha família ‘Olha não é bem isso, olha não sei o quê’, quando eu estive atrás nos bastidores né? Atrás da cortina, fazendo essa verificação eu

senti muito mais força, porque eu entrei no Comprova eu já estava numa fase assim que eu falei ‘Ai não, vou deixar pra lá, não quero mais saber, quer acredita em mentira beleza’, e quando eu entrei no Comprova foi uma injeção de ânimo, em falar assim, ‘Não, realmente eu tenho que mostrar que isso não é bem assim’, isso foi muito grande assim, então foi pessoalmente pra mim também foi muito bom, poder falar, e poder mostrar, porque é uma coisa, eu falar assim, sei lá, pra minha tia que mandava *fake news* ‘Tia, não é bem assim, sabe, eu verifiquei, eu vi lá no site do Comprova, do Aos Fatos [site jornalístico independente de verificação de fatos. Foi criado em julho de 2015 com o foco de verificar o que é falso e o que é real em discursos políticos], não é bem assim’, e outra coisa é eu poder ter participado de como de fato foi essa verificação, poder falar, ‘realmente não é assim’, e ‘eu vou te dizer que funciona, a gente fez isso, isso e isso’. Então assim, me deu um gás muito grande de não poder desistir, de não desanimar, para não desanimar, de combater, sabe? De realmente mostrar que o meu papel como jornalista, ele não vai só pro leitor, espectador, enfim, quem está nos ouvindo, para a nossa audiência, aliás, é sim, mas é que a minha audiência não é reduzida só as pessoas que não me conhecem. A minha audiência também tem que estar perto de mim. Então, poder mostrar isso para minha família, pros meus amigos de uma forma não arrogante, né? Porque a gente não pode. Mas embora às vezes o sangue ferva, mas é mostrar, olhar, realmente é sentar e conversar, isso me abriu caminhos para dialogar um pouco melhor ou ampliou o meu diálogo com os meus amigos, e com a minha família para poder dizer, ‘Olha, realmente isso não funciona por causa disso, disso e disso, porque eu conversei com o fulano, conversei com o ciclano, com esse especialista, com aquele especialista’ e as pessoas pararem pra te ouvir, e isso aí eu realmente percebi, foi bem importante mesmo, porque eu já estava num nível de desistir, de falar não quero mais falar e deixa acreditar no que quiser... e a gente não pode, né?

**(P): Entendi, e você se relaciona com pessoas que acreditam e disseminam *fake news*? São da sua família? ou você conhece mais gente além da sua família? Você acredita que são muitas pessoas que aceitam essas notícias?**

**(A):** Ah, eu acho que a gente está cercada o tempo todo, né? Porque infelizmente, Jéssica, eh, as *fake news*, elas vêm muitas vezes embasadas em verdades. E é isso que complica toda a questão, sabe? Porque hoje é mirabolante a forma como as pessoas que disseminam conteúdo falsos eles fazem. Eles de fato, eles sabem, primeira coisa, uma das coisas além de estar baseado em verdades, eles vão distorcendo, vão ramificando essa desinformação em várias vertentes, é, eles mexem muito com o emocional das pessoas. Então vou voltar na questão do exemplo das vacinas. A gente estava no auge onde estava todo mundo desesperado por estar de quarentena

perdendo seus empregos sem saber o que fazer, sem ter o que comer muitas famílias. E aí via lá a luz no fim do túnel é a vacina. Aí todo mundo, OK, vacina, né? Vacina, vacina. E aí, no meio desse percurso, você começa a ser bombardeado com informações de que aquelas vacinas, na verdade, não é pra salvar a tua vida, salvar o teu emprego, fazer você voltar pra vida, é uma coisa pra te dominar. Olha que loucura! O emocional das pessoas! E aí a pessoa começa a acreditar naquilo, e diz ‘não, então eu não quero mais vacina, não vou mais usar máscara, eu não vou mais usar álcool em gel, não vou mais porque eles querem na verdade dominar a gente’... e estão conseguindo, porque a gente está aqui fragilizado e como é que você vai dizer pra essa pessoa que não é bem assim, a pessoa está desesperada, o nosso psicológico, nossa mente é uma loucura e muitas vezes mesmo a gente tendo a informação a gente pra se questionar e falar ‘meu será que isso é verdade? Será que não é?’. Então assim, eu me relaciono com pessoas, e pessoas assim como eu, está todo mundo aberto, correndo o risco de cometer um erro também de informação. Não é porque eu trabalho com informação, porque eu sou jornalista que eu vou estar 100% certa em tudo aquilo que eu repassar ou que eu receber, mas cabe a mim como minha profissão, sempre, sempre verificar aquilo, sempre realmente entender aquilo. E meus amigos, minhas amigas, pessoas que sempre estão ao meu redor, meus entrevistados nem sempre eles tem esse *feeling* [modo ou capacidade de sentir uma situação; percepção, sensibilidade, sentimento] de ‘ah, eu vou verificar antes de passar’, dependendo do conteúdo que ela receber, dependendo de como aquele conteúdo mexer com ela ela vai repassar porque ela quer proteger os seus. Então se ela tem que avaliar o que ela recebeu, uma informação que a vacina pode causar alguma coisa pra ela, qual é a primeira coisa que ela fala? ‘tem que avisar minha mãe, tem que avisar minha tia, tem que avisar...’ e aí vai. Então hoje a *fake news* ela é muito cruel, porque ela não é uma mentira em si, só, somente, não é só mentira, não é uma fofoca que você vai lá e desmente, não é isso, ela mexe com seu psicológico, ela mexe com seu emocional, ela toca em pontos que realmente a sociedade está fragilizada, que é a saúde, que é a doença, e que é o financeiro. Então, é muito complicado. É, a gente foi muito, nós jornalistas, nós comunicadores fomos muito atacados. Eu quando participei do projeto Comprova, eu fechei as minhas redes sociais. Porque eu tive medo de me expor. Mesmo no período em que eu participei, eu não contei pra todo mundo que eu estava participando. Muita gente não sabe que eu participei. Muitos desses diálogos que eu tive com familiares e comigo falando olha eu sei porque eu participei disso assim. Eu tomei realmente cuidado com quem eu falava. Porque se aquela pessoa, mesmo sem querer ou mesmo não tendo a intenção de me prejudicar, comentasse com alguém que eu sabia que era fervoroso, eu poderia sofrer algum ataque e eu não estava preparada pra isso. meu foco era realmente tentar me doar naquele tempo,

minhas habilidades e meu conhecimento para combater as notícias falsas, eu não ia ter tempo nem nenhuma estrutura psicológica mesmo de lidar com isso. Então eu fui me preservando. Eu bloqueei minhas redes, eu não trazia, não divulgava isso pra todo mundo, tentava de uma certa forma ser discreta, como eu te falei, a participação no Comprova me deu um certo fôlego novo e ampliou o meu horizonte de como eu poderia lidar com aquela informação, de como eu poderia trazer aquilo para esses meios que eu estava inserido e que eu já tinha desistido de participar simplesmente me afastando. Então, assim, é muito louco essa questão da *fake news* e é uma coisa que eu dizia lá atrás pra Mural, eu falava isso para as meninas, gente, é um é um novo jeito de fazer jornalismo. E a Mural está investindo nisso e eu tenho certeza que isso ainda vai voltar pra Mural também. Pode parecer loucura, mas eu falava lá atrás pra eles assim, ‘vai trabalhar com *fake news*’, embora, a gente pode olhar pra um trabalho com *fake news* e pensar que não é um trabalho jornalístico, mas é totalmente jornalístico, está inserido demais na nossa profissão, e eu tenho certeza de que isso vai estar nas próximas grades curriculares do curso jornalístico, tem que estar, por que infelizmente é algo que está em ascensão, ainda tem muita coisa por vir aí, principalmente com o avanço da tecnologia, porque infelizmente é algo que está em ascensão ainda deve ter muita coisa por vir aí principalmente com o avanço da tecnologia porque infelizmente a tecnologia é usada para o bem e para o mal como tudo que a gente tem, então assim, eu me deparei verificando informações que passavam por jornalistas conceituados inclusive, que eu olhava e pensava assim ‘gente! e a aula de ética que nós tivemos?’ então enfim, é uma coisa que realmente mexeu demais comigo e é uma bandeira que me fortaleceu e que eu vou levar pro resto da minha vida, eu falo isso desde o ano passado, o aprendizado que eu tive no Comprova é uma coisa que eu vou levar pro resto da minha vida assim e onde eu puder falar sobre isso eu vou falar porque é um trabalho realmente de muita responsabilidade e de total importância. É essencial para esse período principalmente que nós estamos vivendo e sentindo na pele.

**(P): Quais impactos você acredita que as *fake news* podem trazer para a sociedade?**

**(A):** Nossa inúmeros, e assim eu só consigo ver coisas negativas né? Porque não tem como você trazer nada de positivo de uma mentira. Não tem como você imaginar que que a mentira em si. Eu sou daquela que acredita, porque eu cresci com minha mãe falando assim: ‘não importa o quanto doa, o importante é escutar a verdade, é dizer e escutar’. Então, eu defendo isso, assim, para minha vida pessoal. Eu prefiro ouvir a verdade, por mais que me doa, por mais que me magoe, do que a mentira, porque a mentira, ela vai te levando para caminhos que vai que você não consegue voltar se fosse um labirinto que não tem saída. Você vai indo, você vai

indo, e uma hora você vai bater a cabeça na parede e dependendo da quantidade de mentira e do tipo de mentira, essa pancada pode te levar a morte. E a *fake news* é isso. De novo nessa questão da pandemia quantas pessoas não morreram porque se recusaram a tomar vacina. Quando morreram porque acreditou que não servia de nada? e se expôs e expôs a família dos seus entes queridos por conta de uma mentira. Quantas pessoas ao invés de procurar um médico quando começou a sentir sintomas começaram a tomar remédio caseiro porque curava. Fazia o teste da covid segurando o ar..., você entende a gravidade do que a mentira pode trazer? A mentira não pode trazer coisas boas em nenhum estágio, em nenhuma situação na nossa vida. O que a gente tem que ter é realmente é saber lidar com a verdade e a forma como a gente fala, mostra essa verdade né? por que também tem isso, a gente não pode sair simplesmente gritando, botando no peito aí, e é isso e ponto e acabou. Porque também não existe verdade absoluta, tem esse lado também. Mas é a gente caminhar pra luz, a verdade pra mim é a luz. E a mentira é algo que só vai nos levar pra caminhos que não é bom. Então a *fake news* em si é algo que a gente precisa tomar muito cuidado, lidar com muita atenção e até com um certo carinho, porque é isso que eu falei lá atrás, a *fake news* também envolve sentimentos, ela envolve emoção, então não adianta a gente pegar essa verdade quando eu digo outra verdade ela não pode ser absoluta sentido de querer fazer a pessoa engolir a verdade guela abaixo, não adianta. Nós como comunicadores, de novo, a gente tem que saber lidar com isso e mostrar isso de uma forma clara, objetiva, mas muito respeitosa. Que eu acho que esse trabalho o Comprova faz muito bem no seu trabalho. Eu aprendi a fazer isso. Como é que a gente vai dizer essa verdade de uma forma que seja realmente compreensiva, mas que não seja arrogante porque a gente ainda está nesse nível né? De ataques contra jornalistas e assim e como é que a gente vai, mesmo a gente falando, ‘olha não é bem assim’ o que a gente escutava o que a gente via inclusive quando a gente estava em contato com a pessoa que distribuiu a informação nós tínhamos vários perfis ou a pessoa nos atendia de cara ou a pessoa não nos atendia ou a pessoa falava que ia falar com a gente e depois nos bloqueava ou a pessoa nos expunha, que aconteceu isso enquanto a gente estava, com uma colega que estava participando comigo de um projeto ela foi exposta, ela teve o número do telefone dela, a conversa que ela teve com a pessoa que atendeu ela super bem e ela sofreu ataques. Ela foi exposta por uma fonte que era advogada, então olha o nível. A pessoa sabia o que ela estava fazendo e que era um crime. Esse caso foi bem complicado, foi bem constrangedor assim, tipo a ABRAJI teve que intervir, nossa foi desgastante. A gente viu o quanto a gente estava vulnerável naquela situação. E então assim, a *fake news* em si só pode levar a gente para um lado muito ruim, eu tenho essa sensação não tem como você ter uma coisa

boa de uma mentira né, vindo de pessoas que mentem, de mentirosos, então é algo ruim para mim.

**(P): É, tem uma pergunta aqui mas eu acredito que você já respondeu, que é como você intervém no combate às *fake news* e a última pergunta é como você acha que a educação pode ajudar no combate a essa onda de desinformação, de *fake news*, de notícias falsas?**

**(A):** A educação é base de tudo, né? É a base de tudo, sem educação a gente não tem como caminhar, né? Tanto é que quando se pensa em educação, a educação tem um leque muito grande do meu entendimento, né? Tem a educação que a gente tem, que a gente recebe dos nossos pais que é o primeiro passo pra gente poder aprender a lidar com as pessoas, lidar com a sociedade, tem a educação que a gente tem que recebe das escolas, que complemento do meu entendimento daquilo que a gente tem dos nossos pais e que nos não abre nos abre portas para diversos conhecimentos né? Educação para mim é uma porta para conhecimento e só por meio dele que a gente realmente vai aprender a lidar com tudo isso né? E aí a gente vai trazendo nossas especialidades então a educação para mim é a base de tudo, sem a educação e sem abertura para educação. Porque às vezes também não basta só a gente ter ofertado a educação se a gente não tem abertura para isso. Abertura em inclusive na questão de oportunidades. Né? Não adianta só dizer que existe educação se a gente não tem oportunidade, as pessoas não têm oportunidade para ter alcance a esse conhecimento. Então educação para mim é a base é aonde a gente vai aprimorar, aprender e absorver e trocar né? Para a gente poder realmente lidar, porque a educação vai nos dar a base do diálogo né? E para mim o diálogo é primordial né? Na existência do ser humano, se a gente não consegue dialogar, a gente não vai avançar, a sociedade não avança e a gente vive isso com essa questão de *fake news* como eu acabei de te falar, a gente tem pessoas que bateu a porta na nossa cara, o telefone, ignorou e nos expôs. Então assim, não houve diálogo, né? Não houve diálogo. Esse exemplo dessa menina que eu coloquei ela poderia muito bem ter falado, ‘olha eu não quero falar com você e ponto acabou’, mas não, ela usou a mentira, ela falou ‘ok, eu vou te atender, me passa o telefone’ e a menina passou todas as informações e ela pegou esses dados e expôs, ela agiu de má fé. Então olha o quanto a *fake news* é complicada, porque ela mexeu com o emocional. Ela mexeu com a ingenuidade da menina que acreditou que iria ter, que receberia a resposta daquela pessoa e ela expondo ela, colocando ela numa situação de risco inclusive porque ela sofreu ameaças, né? E aí é uma ameaça que pode até ser que ela não seja concretizada, mas até ela entender, até ela tiver essa segurança que não vai ser concretizada o psicológico dela já está mega abalado, isso desestrutura. E tudo isso por conta do diálogo, né? Então assim, que parte para mim da

educação, que é quando você tem acesso a educação, você tem acesso a várias coisas a vários conhecimentos que vão te dar um suporte, que vão te dar uma condição inclusive de qual caminho seguir. Então, educação é primordial, e é o que a gente não está tendo investimento no nosso país, né? Uma das principais coisas que nós não temos investimento, é em saúde, e em educação. Como é que você vai lidar? Porque uma sociedade que ela está munida que ela tem uma base de educação boa, ela vai saber lidar com uma situação por mais difícil que seja, a respeito da pandemia, ela teria um pouco mais de força, sabe? Para poder sustentar muitas coisas e ela ia ter uma barreira a educação pode funcionar inclusive como uma barreira para essa questão das *fake news*, por mais que ela esteja avançada tecnologicamente, né? Porque hoje em dia a gente não sabe mais o que é verdadeiro, o que que é falso. Com base em todas essas artimanhas e desenvoltura que as pessoas têm de passar uma mentira. Como eu falei lá atrás para você, muitas, a maioria das *fake news* hoje em dia pelo menos as que eu verifiquei inclusive, elas tinham lá no fundo, a base delas era uma verdade, então elas pegavam lá uma verdade e em cima disso elas traziam uma série de números e dados e informações que faziam a pessoa acreditar que era verdade. Então mesmo aquelas pessoas que passavam que não queriam compartilhar *fake news* elas passavam aquilo adiante porque elas já partiam de uma coisa de que ‘ah mas é verdade isso, se é verdade isso aquilo todo o restante é’. Então ‘eu não estou participando, o importante é pelo menos me informar’. As pessoas passam ainda com a ingenuidade, tipo assim, o importante é que eu estou me informando porque vai que é verdade, vai que é tudo verdade. Então olha como é louco esse ciclo, coloca a gente numa bolha, ‘e se eu não passar’, eu escutei muito ‘e se eu não passar adiante e se for verdade?’, ‘Aquela pessoa pode sofrer por consequência então é a melhor eu passar e a pessoa verifica direitinho e se não for ela descarta...’ e não funciona assim, a pessoa não descarta, ela vai passando adiante, vai passando. Eu tive uma professora, para unir educação, eu tive uma professora no Ensino Médio se eu não me engano, ela era de psicologia e sociologia. E ela falou uma frase que nunca saiu da minha cabeça, né? ‘Que uma mentira dita mil vezes, ela torna-se verdade’. Naquela época eu não trazia isso pro meu mundo assim. Essa frase me marcou, mas eu achava que, sabe aquela mentirinha que você conta pra uma adolescente pro pai e pra mãe, ‘ah eu vou em tal lugar e você ia pra outro’ e eu ficava com isso na cabeça. Hoje eu entendo o que ela disse, de verdade, as *fake news* são justamente isso. Vai passando de grão em grão de pessoa em pessoa e torna uma verdade absoluta que você olha e fala ‘gente, como é que você tira isso da pessoa?’ e não tira, é muito difícil mas a gente tem caminhos né? Graças a Deus a gente como comunicador a gente tem caminhos pra poder lidar com isso. É cansativo, é exaustivo, tem hora que você olha e fala assim ‘não vai dar certo, deixa pra lá, o mundo não tem salvação já era’ mas por outro

lado a gente sabe que é um trabalho de formiguinha, né? E que a gente não pode abandonar. É árduo, e sofrido, deixa o nosso psicológico cada vez mais abalado, deixa, porque eu tive que assistir coisas que eu olhava e falava, ‘gente, não é possível, como é que as pessoas conseguem assistir isso? como é que as pessoas não se dão conta de que isso é uma mentira?’, mas é porque é tão surreal é uma lavagem realmente né? E que eles usam técnica da comunicação, olha que irônico né? Eles usam justamente aquilo que a gente tem como dom e ao mesmo tempo a gente aperfeiçoou na nossa graduação, na nossa especialização, enfim. Eles sabem o que eles estão fazendo. Quem dissemina *fake news* sabe o que está fazendo. E quando eu digo que é quem dissemina, é quem produz quem dá o *start* sabe? Quem aperta o botãozinho, porque aí eles utilizam os outros como ferramentas, né? As pessoas, a tiazinha que não que não assiste mais televisão ou a tiazinha que não... enfim e aí são as pessoas mais fragilizadas por meio da emoção que acabam contribuindo pra isso mesmo sem saber que tá contribuindo, mesmo sem querer, né? Involuntariamente, por medo, por que ainda tem isso, tem esse lado que é a questão do medo, a pessoa é coagida involuntariamente, ela é coagida a participar disso e aí essas coisas a gente tem que tomar mais cuidado.

**(P): Olha eu terminei minhas perguntas e eu queria saber se você sentiu falta de falar alguma coisa, se não foi abordado algum ponto, se você quer falar algo?**

**(A):** Não, eu acho que em geral é isso, sabe? Eu acho que o que a gente tem que só frisar bem o quanto a gente como pessoas podemos contribuir para tornar essas coisas de *fake news* cada vez menos sabe? Porque a gente está vendo uma linha aí crescendo e nós como jornalistas, como do meio da comunicação e da mídia a gente tem que ter força pra trabalhar isso e de novo, é um trabalho muito árduo que mexe muito com o nosso emocional mas a gente tem capacidade. Eu vi isso no Comprova, sabe? É um é um grupo pequeno, mas que mostra a força que tem, né? E que a gente pode fazer um trabalho realmente, a gente pode se ajudar nisso, isso é um trabalho muito bonito e importante, não é só com bonito, é importante, é essencial. Se hoje nós temos ainda, digamos assim, tentando chegar num equilíbrio, de tentar organizar tudo, o ano que vem tem eleições e a gente sabe que vai vir uma enxurrada de *fake news* aí que vai mexer com a cabeça de todo mundo. E aí mexe com várias vertentes, religião, crenças por si só, enfim. E a gente tem que estar forte para isso, tem que estar unido pra isso porque senão a gente não dá conta. É isso.

**(P): Muito Obrigada!**

**(A): Imagina!**

## APÊNDICE E – Transcrição da entrevista 02

### PARTICIPANTES: PESQUISADORA: (P); MIGUEL: (M)

(P): Boa tarde, tudo bem? Bom, muito obrigada pela sua participação, vou começar fazendo a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que é obrigatório, tá?

(M): Beleza.

#### (P): Leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido

(P): Então, eu tenho sete perguntas aqui, mas você pode ficar à vontade se quiser falar mais alguma coisa, fique à vontade tá?

(M): Ok.

(P): Onde você costuma buscar informações e notícias e como você faz para ver se ela é verdadeira. Você costuma checá-la? Se sim, como?

(M): Eu tenho costume de consumir mais informações virtuais, no online. No impresso raramente eu consumo, no jornal impresso, infelizmente, é meio ruim ser jornalista e falar isso, mas eu consumo muita coisa pelo on-line né? E eu sempre dou prioridade, assim por mais que eu acompanhe muitos veículos de jornalismo independente né? Eu trabalho em um inclusive, eu sempre acabo dando preferência para veículos já consolidados, mais antigos, mais padrões, digamos assim como o UOL, Folha... e o que acontece muito é que geralmente uma matéria que sai um local, geralmente ele sai em outros locais também, então é muito de você comparar se aquela matéria está sendo repercutida em outros locais também, uma forma de verificação, né? E a gente que é jornalista a gente sabe também que existem alguns métodos, né? Você enquanto jornalista que está escrevendo uma matéria, você não pode tirar uma informação da sua cabeça, você tem que comprovar que aquilo é verdade. Então, tem veículos que colocam o *hiperlink* que você pode clicar e ser direcionado para publicação original, tem outros que entrevistam especialistas, que é uma autoridade falando daquilo, então é muito de você analisar aquele contexto que está sendo escrito, que de certa forma a gente jornalista já tem uma facilidade em fazer isso né? de saber quando uma matéria é verdadeira ou não.

#### (P): E o que que você entende por informação e desinformação?

(M): Ah informar, se a gente for pensar no que diz a palavra, o significado, você está informando, publicando, você está tornando público aquela informação. E o desinformar seria justamente o contrário disso, você está trazendo uma informação que está meio que, como eu

posso dizer, [fazendo gesto com a mão] ela está tapando uma informação verdadeira. A desinformação meio que tem essa função de tapar uma coisa que seria de interesse público, mas você está ocultando aquilo colocando uma coisa na frente. Então o desinformar tem consequências grandes assim né? Não é só você passar uma notícia e a pessoa ler aquilo e não se informar corretamente é você estar tirando o direito dela se informar da maneira correta. É uma informação, como posso dizer, é uma informação relevante para ela.

**(P): E por *fake news*, o que você entende?**

**(M):** As *fake news* se popularizaram demais, né? Nos últimos anos, especialmente por conta do governo Bolsonaro e tal. Eu acho que se fosse perguntar para minha mãe, para minha avó, há três anos o que era uma *fake news*, talvez elas não soubessem responder e hoje em dia esse termo se popularizou demais no cotidiano do brasileiro. Eu diria que a *fake news* é justamente essa questão da desinformação. Ninguém faz uma *fake news* por fazer, obviamente tem alguns casos que alguém inventa uma mentira, e ela vai tomando proporções maiores, mas toda *fake news*, quando você pega um vídeo que é editado e tirado de contexto, quando você pega uma matéria que foi escrita para tirar um assunto de seu foco, aquilo exigiu um trabalho, um tempo, uma dedicação de quem fez aquilo. Então a *fake news* ela está muito atrelada à questão de você desinformar uma pessoa para você não deixar que ela se informe da maneira correta, né? Então acho que o termo, ele ficou muito mais forte agora, mas ele está diretamente relacionado, estreitamente relacionado com a sua pergunta anterior né? Informação e desinformação.

**(P): Quais impactos você acredita que as *fakes news* podem trazer para a sociedade?**

**(M):** Eu entrei na faculdade em 2012, me formei em 2015 e como eu falei, alguns anos atrás não se falava em *fake news* como se falava hoje em dia. É, um exemplo que foi trazido numa aula de ética foi uma notícia falsa acho que de uma mulher no Guarujá não lembro exatamente em que cidade, mas lançaram uma notícia no *Facebook* que ela estava envolvida com magia negra, com sequestro de crianças e aquilo tomou proporções enormes, até que a mulher foi até agredida na rua. Eu não sei se ela chegou a ser morta, mas assim, foi um caso muito grave de uma mentira que tomou proporções, se espalhou e detalhe, como eu falei não nos falavam em *fake news* naquela época, se falava tipo uma falta de ética no jornalismo, porque não era nem jornalismo, era uma página no *Facebook* que alguém fez e não teve controle daquilo que era publicado ou não. Então assim as *fake news* elas estão muito relacionadas à integridade física das pessoas, também psicológica né? Teve uma outra *fake news*, bastante recente inclusive, de um carro que foi filmado, é, de um cachorro seguindo o carro, e estavam falando que a pessoa

abandonou o cachorro, mas o cachorro não era dela e isso foi parar também em vários grupos no *WhatsApp*, em várias páginas do *Facebook*, a mulher recebeu ameaças pelo telefone, na casa dela, a partir da placa do carro, que conseguiram encontrar o endereço da motorista e no fim era uma *fake news* também. Então a gente vê tipo *fake news* que atingem pessoas comuns, né? Não são só os políticos, não são só os famosos que são atingidos, mas pessoas comuns podem ser prejudicadas em relação a isso, né? E claro, se for pensar em termos de governo, em termos de pandemia, é muito pior porque se a gente vê que tem medo de tomar a vacina porque vão sei lá virar um jacaré, sabe? As pessoas realmente acreditam nisso. Pessoas realmente acham que vão tomar a vacina da Covid e vão morrer daqui a seis meses. Então é um impacto muito grande que atinge todo mundo. Eu acho que vai responder essa pergunta. Espero.

**(P): Você se relaciona com pessoas que acreditam e disseminam *fake news*? São muitas pessoas?**

**(M):** Não, é, felizmente não. Tem uma parte da minha família que repassa *fake news* pelo *WhatsApp*, minha mãe recebe alguma dessas *fake news* então, é, esse foi até um processo que eu tive com ela, de ensinar ela a identificar uma *fake news*. Porque uma grande questão, é, eu li isso uma vez, se quiser depois eu posso até te passar um artigo sobre isso, que a grande questão dessas *fake news*, é, elas sejam passadas, tão grande, tão massivamente, é que elas vêm de pessoas de confiança. Então sabe, você recebe uma *fake news* da sua tia, você não vai imaginar que “Nossa minha tia Marli, tão boazinha, ela não mentiria em relação a isso né?”. Então tipo, vai se criando em grupos de família no *WhatsApp*, porque você recebe uma informação não confiável, mas de uma pessoa de confiança. Então foi um processo que eu tive com a minha mãe de mostrar para ela como ela identificava uma *fake news*, porque ela recebia muito, da irmã dela, da prima. Então assim, eu particularmente não recebo, eu acabava recebendo sim de certa forma por conta da minha mãe que ela ia me mostrar, mas indiretamente eu não tenho, não me relaciono com essa parte da minha família que tem mais essa tendência a repassar *fake news*.

**(P): Como você intervém no combate às *fake news*? Você já falou um pouquinho da sua mãe, mas fora isso você faz mais alguma coisa?**

**(M):** Ah para te falar a verdade eu não faço alguma coisa assim sabe? É, mas assim esses casos bem pontuais em que eu vejo e tento corrigir a pessoa. Eu lembro que eu fiz muito isso também na época das eleições de 2018, que era um amontoado de *fake news* do Haddad, do Bolsonaro e tal, e uma vez eu cheguei a ver uma *fake news* comparando os planos de governo dos dois, a

pessoa tinha tirado de contexto várias coisas do plano do Haddad para meio que enaltecer o plano do Bolsonaro porque o do Bolsonaro era tão ruim que a pessoa precisava desmerecer o outro para conseguir ter um índice de comparação. E eu cheguei para a pessoa e falei ‘Olha isso aqui está errado, entende?’ Eu até tive que comprar uma briga num post do Facebook porque a pessoa estava se achando a dona da razão, compartilhando uma coisa que ela nem sabia se era verdade não, aí eu peguei o *link*, *printei* coisas e falei ‘Olha isso aqui está errado’. Então assim, são casos muito pontuais que eu faço, mas se for pensar em trajetória profissional eu fiz um *freela* de um mês e meio na Agência Lupa [A Lupa é uma plataforma de combate à desinformação através do fact-checking e da educação midiática. A empresa, fundada em 2015, iniciou sua trajetória como uma agência de notícias especializada em fact-checking, mas, em cinco anos de atuação, expandiu suas atividades para o ensino de técnicas de checagem e para sensibilização sobre desinformação e seus riscos.] que é uma agência de fact-checking né? A principal eu acho do Brasil e tal, e nesse um mês e meio por mais que eu cuidasse das redes sociais deles, eu não fiz a verificação das notícias, meio que de certa forma era isso, sabe? Compartilhava uma coisa ou outra para até divulgar o meu trabalho das pessoas que me seguem acabavam vendo algumas coisas que eu estava compartilhando, acho que coisas que eu contribuo digamos assim é isso.

**(P): Como você acha que a educação pode ajudar no combate às *fake news* e a desinformação?**

**(M):** Acho que assim, eu sei que você está no papel de pesquisadora, mas você também é jornalista, né? A gente que é jornalista, meio que tem uma tendência natural a identificar uma *fake news*, sabe? De você olhar para uma notícia e, ou você bate o olho naquilo e sabe que é *fake* ou você sabe quais são os mecanismos necessários para você pesquisar se aquilo é verdade ou não. É uma coisa muito comum para quem é jornalista, para quem é da área da comunicação que, para quem não é da área pode ser um pouco mais difícil e para quem não tem tanta instrução, digamos assim, a pessoa um pouco mais velha que não sabe mexer tanto nas redes sociais, tipo nossos pais, avós, etc, é uma coisa muito mais difícil também, então eu acho que a educação, ela entra muito nesse aspecto de ensinar as pessoas a ter um olhar mais crítico em relação àquilo que elas recebem, né? Porque infelizmente o perfil das pessoas hoje em dia é, por exemplo, ler a manchete e a linha fina só [das matérias], não ler o texto. E às vezes você tem uma *fake news* que não é necessariamente uma *fake news*, né? A gente teve até um exemplo de um blog satírico do R7 [R7 ou R7.com é um portal de internet brasileiro criado em 2009 que atualmente pertence ao Grupo Record] que falava que um projeto de lei ia proibir ultrassom e

aquilo ‘bombou’ assim, a galera realmente acreditou naquilo, que não era uma *fake news*, era um texto, que no final do texto falava que era um texto satírico, mas ninguém chegava até o final do texto. Então a educação eu acho que para mim ela entra muito nessa questão das pessoas olharem uma coisa com um olhar mais crítico, e, antes de repassá-las realmente verificarem, ‘vou ler isso aqui inteiro, para ver se faz sentido, se não fizer sentido eu vou no Google, eu vou em algum outro site, vou perguntar para alguém...’ então a educação ela entra muito assim sabe, talvez uma re-educação eu diria, de ensinar as pessoas a como que elas encaram as informações.

**(P): Muito obrigada, eu já acabei as perguntas queria saber se você tem quer falar alguma coisa, pontuar mais alguma coisa que não foi abordado.**

**(M):** Eu acho que é justamente isso, sabe? Só para enfim, reforçar, é, como eu falei. Eu acho que você fez faculdade em 2013, 2016, não foi? Então, não sei, eu acho, né? Que na sua época também, você não falava *fake news* naquela época, né? Era uma coisa totalmente nova. Então, você tem que pegar toda uma geração que a gente, a gente faz parte da nova geração do jornalismo, mas mesmo assim a gente não teve essas coisas na faculdade, então assim, é realmente todo um processo de reeducar as pessoas né. Então acho que o que eu tenho pra trazer é basicamente meio que um apanhado de tudo isso que eu falei assim sabe, é, realmente a gente vive tempos diferentes e é preciso trazer essas discussões pra quem não teve a oportunidade de discutir anteriormente, então acho que é bem legal o seu tema inclusive. Acho que é só então.

**(P):** Muito obrigada!

**(M):** Que isso, eu que agradeço!

## APÊNDICE F – Transcrição da entrevista 03

### PARTICIPANTES: PESQUISADORA: (P); LANA: (L)

**(P):** Boa noite, eu vou começar lendo o Termo de Consentimento Livre Esclarecido que é obrigatório tá?

**(L):** Uhum.

#### **(P): Leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido**

**(P):** Então vamos lá, eu vou começar, mas você pode ficar à vontade para falar o que você quiser, se quiser pontuar mais alguma coisa ou não, tá?

**(L):** Está ótimo.

**(P):** Onde você costuma buscar informações e notícias? Costuma checá-las? Como você faz?

**(L):** É, buscar informações e notícias, é, eu busco nos noticiários mais comuns, nos grandes jornais da imprensa brasileira, então eu leio muito a Folha de S. Paulo, eu sou assinante da Folha de S. Paulo, e aí os outros, eu leio bastante também o G1, o portal de notícias da Globo e os outros, acho que eu passo bastante pelo UOL, O Globo.com dependendo do que for a notícia, como o Globo é mais focado numa cobertura carioca, do Rio de Janeiro, recentemente eles têm feito uma cobertura mais nacional, mas antes era mais voltada lá pro Rio, eu comecei a consumir mais recentemente e o Estadão é um jornal que eu leio com menor frequência, diria, leio um pouco mais por obrigação mesmo para ficar atenta aquilo que está acontecendo mas enfim acho que as minhas principais fontes de notícia são os jornais impressos a Folha e o Globo e nos portais de notícias do G1 e UOL. Eu também ouço muito a Rádio CBN, eu trabalhei lá, então eu ouço muito a rádio CBN e a televisão, eu assisto alguns noticiários, mas normalmente são os noticiários locais. Então o SPTV, primeira e segunda edição, Bom Dia São Paulo e eventualmente assisto os nacionais pela Globo News.

**(P): E você costuma checar as informações que você lê quando você acha que alguma não é verdade, o que você faz?**

**(L):** É, bem, normalmente as informações que estão nos jornais impressos é... quando eu trabalhava, eu trabalhei no rádio de News por três anos, aliás trabalhei até por mais tempo do que isso, por três anos na CBN mas todas as informações que estavam nos jornais, a gente

enquanto redação ia atrás dessas informações, então apurava novamente aquelas que a gente não tinha, se eram informações tinham sido retiradas de coletivas de imprensa por exemplo e a gente tinha participado a gente já tinha essas informações, então eu enquanto produtora e enquanto jornalista não precisava checar novamente porque aquelas informações já tinham sido checadas pelo veículo que eu fazia parte. Agora se eu sentia que alguma ela estava um pouco estranha, fora do comum, eu estranhava aquilo mesmo que isso tivesse aparecido em outros veículos eu sim fazia uma nova checagem por conta própria, então né perguntava para os envolvidos naquela questão, mandava mensagens, dependendo claro da informação, se era uma informação por exemplo voltada a saúde, eu falava com o secretário municipal de saúde, voltava alguns trechos de coletivas para ver se tinha algum trecho que tinha sido, que pudesse ser, eventualmente ter saído um pouco fora de contexto, daquilo que tinha sido anunciado ou eu poderia ter perdido o contexto, então, sim eu checava novamente as informações, mas quando aquilo era um assunto que me causava alguma estranheza né? No geral, aquilo que era noticiado nesses grandes veículos, que era noticiado no veículo que eu trabalhava, eu confio nesses veículos, então não checava todas as notícias que eu lia de novo a não ser aquelas que fazia parte do meu dia a dia checar, né? pela informação mesmo, e aquelas que causavam alguma estranheza apesar de já estarem sendo noticiadas em mais de um lugar, às vezes tinha algum erro, de algum repórter, alguma informação um pouco estranha e eu checava novamente.

**(P): Conta para mim o que você entende por informação e desinformação?**

**(L):** Ah, acho que eu vou começar por desinformação, é, eu entendo por desinformação aquilo que leva a pessoa ao erro, é, desinforma né? Então, informação é aquilo que traz uma notícia, que traz algum elemento importante para aquela pessoa que traz alguma... é, estranho o eu ia falar, que traz alguma informação [risos], é difícil falar de informação sem repetir informação, mas acho que informação é aquilo que leva a verdade ou os vários pontos de um assunto, vários lados de um assunto, para uma pessoa e que eventualmente está consumindo por exemplo um jornal. E desinformação é quando uma informação ela é colocada de maneira errônea e ela, é ou ela é propositadamente colocada de forma errada, escrita de forma mentirosa ou ela de alguma maneira pela forma como foi construída e falta de contexto, enfim, ela leva a uma interpretação errada dos fatos. Então, um lado só da história por exemplo e não de todos os lados que compõem aquela notícia podem levar a desinformação ou uma informação que é de fato uma mentira que na verdade não é uma informação né? É um elemento que é uma mentira e isso também é desinformação. Acho que tem esses dois lados.

**(P): E por *fake news*, o que que você entende?**

**(L):** A gente se acostumou a chamar de *fake news*, né? O que era notícia falsa na verdade se é falsa nem notícia é né? mas eu entendo por *fake news* aquilo que é de alguma maneira noticiado, de alguma maneira, que leva a... que que é espalhado para as pessoas mas que é na verdade uma mentira ou uma informação fora de contexto e que pode induzir ao erro numa interpretação, então, tanto aquilo que é notoriamente falso, que foi construído com o intuito de causar um erro por parte da pessoa que está lendo e que está consumindo aquilo, quanto aquilo que foi retirado de contexto e aí provoca também uma leitura errada dos fatos por parte da pessoa que está recebendo aquele conteúdo.

**(P): Ainda falando sobre *fake news* e desinformação, quais impactos você acredita que a desinformação, a criação de *fake news* podem trazer para a sociedade?**

**(L):** Eu acho que os impactos são bem grandes, mas eu acho que essa informação, que na verdade, esse conteúdo falso ou esse conteúdo tirado de contexto ele não é recente na história da humanidade. Então a gente já tem há muito tempo, eu me lembro quando eu era mais nova, que eu recebia e-mails, as *fake news* se espalhavam por e-mail, então eu recebia muitos e-mails falando que se você comprasse uma roupa por exemplo no numa loja de departamentos, trouxesse para casa e não lavasse, você poderia, aliá, você com certeza pegaria, porque era isso né? não era nem ‘você poderia’, era ‘com certeza’ pegaria uma superbactéria que te deixaria com uma parte do corpo, que entrou em contato com aquela roupa, necrosada e poderia até levar à morte. Eu me lembro de receber esse conteúdo por e-mail, então isso sempre esteve na sociedade, existe há muito tempo e foi se espalhando com uma diferença de forma nos últimos anos. Eu acho que os impactos eles podem ser inúmeros, eles já foram vistos nos últimos anos, principalmente quando fala em democracia porque se as pessoas estão recebendo um conteúdo que é notoriamente falso ou que induz elas ao erro, que que retira informação de conteúdo, enfim, elas podem bem deixar de fazer aquilo que é importante pra sociedade, pra saúde da sociedade como por exemplo acreditar que vacinas são um problema, que vacinas podem levar a morte de pessoas em meio a uma pandemia, acho que fica bem complicado. Elas podem afetar diretamente a democracia quando a gente olha em retrospecto para as eleições a gente já viu em mais de um país, aqui no Brasil inclusive, que elas têm um impacto forte na forma como as pessoas recebem conteúdos relacionados a candidatos e isso pode sim influenciar o voto delas então elas podem votar em um candidato por acreditar que um outro candidato fez algo que ele não fez ou vai fazer algo, faz parte de um grupo que ele não faz, vai fazer algo se for eleito, que ele não vai fazer? Então eu acho que os impactos eles são bem sérios quando a gente fala de desinformação, de notícias falsas, de *fake news*, enfim, eu acho que elas podem abalar as

estruturas da democracia quando elas ganham a proporção que elas têm ganhado nos últimos anos e eu acho que é aí que está a diferença do que acontece recentemente para o que acontecia antigamente. A proporção, a velocidade com que esses conteúdos falsos se espalham hoje é muito maior do que era antigamente. Quando eu recebia isso por e-mail, quer dizer, a minha mãe na época nem tinha e-mail, então eu recebia, mas a minha mãe não recebia isso. Hoje em dia todo mundo tem WhatsApp, então quando eu recebo um conteúdo desse pelo WhatsApp muita gente está recebendo muito mais gente do que eu, está recebendo, ou quando chega pelo algoritmo né? canais de *YouTube* que também reproduzem esse tipo de conteúdo falso, descontextualizado, enfim, essa pessoa entra numa sequência, ela recebe muitos conteúdos com essa informação e isso tem uma proporção gigantesca, são muitas pessoas assistindo, então acho que o maior perigo quando a gente fala em termos de saúde pública, acho que recentemente ficou bem evidente, quando a gente fala em democracia e quando a gente fala também de respeito a vida ao outro né? Porque a gente já viu muitos casos de pessoas que morreram ou que tiveram consequências muito graves na vida delas por causa de uma desinformação, por causa de algo que foi espalhado e que não era verdade, né? sobre elas. Então acho que esses são os três principais impactos na vida de uma pessoa, na saúde pública de uma cidade, Estado, do país e na democracia, do bem-estar da sociedade democrática.

**(P): Você se relaciona com quem acredita e dissemina ou replica, *fake News*? São muitas pessoas, são poucas, você convive, não convive?**

**(L):** Sim, eu acho que frequentemente a gente tem contato com pessoas que recebem conteúdos falsos e que replicam eles. Muitas vezes a gente não sabe que essas pessoas estão recebendo, né? Como jornalista, muitas vezes chega até mim pelo grupo da família, por exemplo, ou em mensagens diretas para mim mesma, um vídeo ou alguma imagem, um texto, enfim, e logo na sequência com uma pergunta, ‘você sabe se isso é verdade?’ ‘sabe se isso realmente está acontecendo?’. E aí como jornalista eu acabo sendo então essa fonte de confirmação daquela ou não daquele conteúdo para algumas pessoas. Essa relação se dá eu acho que principalmente com familiares, eu não me lembro muito de casos em que colegas meus ou amigos meus tenham compartilhado conteúdos falsos comigo, mas no caso dos meus familiares sim, isso sim, de várias pessoas são pessoas de várias idades, de diferentes idades, e que recebem eventualmente e falam para mim e eu sei que muitas vezes não chega até mim também, então é um pouco difícil de ajudar a combater quando não eu sei que está chegando né?

**(P): A próxima pergunta era como você intervém no combate aos *fake news*, mas acho que você já está respondendo...**

**(L):** É isso, eu acabo intervindo quando eu recebo diretamente, eu falo, ou quando eu vejo no grupo da família, porque às vezes você também não vê, né? São muitas mensagens, enfim, mas quando eu vejo e quando chega até mim diretamente, eu procuro checar essas informações. Então, eu pesquiso na internet, as fontes daquilo, é, em sites também, quando você joga o começo da fala, o começo de um texto [no Google] já aparece que é um texto falso, tem muitas agências de checagem hoje em dia então a maior parte das coisas que chegam até mim, quando eu vejo elas já foram checadas eu não preciso nem ter um grande trabalho para re-checar essas informações. Eu jogo no Google e rapidamente encontro. Mas também se fosse necessário eu checaria de maneira mais aprofundada, mas realmente eu não me lembro de um caso que eu tenha precisado checar com uma fonte específica porque se você joga no Google um comecinho do texto você já encontra que é mentira, então, é um pouco disso e eu também procuro ajudar a disseminar conteúdos verdadeiros. Então eu me lembro que em alguns momentos assim as pessoas perguntavam para mim 'aí eu não consigo assistir jornal, eu acho muito pesado, tem alguma coisa que você pode indicar pra mim, pra eu me informar?' e aí eu fui e indiquei o 'podcast de notícias' que era um pouco mais leve, então as pessoas poderiam ter acesso àquela informação no fim do dia ou no começo do dia, sem a carga pesada de tantas notícias como tem no noticiário normalmente tanto no noticiário televisivo ou eu indico um site específico que que explica alguns conteúdos... é mais ou menos assim, é, de um lado quebrando essa sequência de *fake news*, mostrando que é uma *fake news*, e pelo outro lado mostrando lugares que são fontes verídicas que essa pessoa pode consultar para se informar, então tem esses dois caminhos

**(P): A última pergunta é como você acha que a educação pode ajudar no combate às *fake news*?**

**(L):** Eu acho que tem uma questão muito importante e que pouco se fala, não sei se pouco se fala ou que se fala menos do que o necessário, que é a educação midiática, que é uma coisa que a gente não tem nas escolas, e que é muito difícil, uma vez que você não tem isso nas escolas, você adquirir fora delas, eu acho muito importante que as pessoas entendam o que é uma reportagem, o que é uma opinião, porque muito daquilo que é compartilhado e que é um conteúdo falso ou descontextualizado, na verdade não é uma reportagem, vem de um blog de fulano de tal que não tem nenhuma credibilidade ou é um trecho de um texto que não é de um colunista de um jornal e que não é uma reportagem também mas as pessoas não entendem a diferença entre uma coisa e outra então eu acho que é extremamente importante quando a gente fala de educação que a gente ensine para as pessoas o que é educação midiática e aí quando eu falo sobre isso, o que eu quero dizer é que as pessoas, na minha opinião, deveriam aprender na

escola o que é uma reportagem, o que é uma coluna de um jornal, o que é o colunista, o que é um editorial, quer dizer a opinião de um jornal, opinião de um veículo e a entenderem ponto de vista. Eu tenho inclusive uma professora que foi minha orientadora de TCC na faculdade também fez um projeto com crianças justamente sobre educação midiática e eu lembro que ela me contou uma vez que quando ela ia falar desse assunto com as crianças, ela pegava uma folha de papel sulfite, enrolava, fazia como se fosse uma lupa [faz gesto com a mão] e aí falava pra criança olhar pra um lugar, para uma paisagem na escola e a criança olhava e ela falava ‘o que você está vendo aí dentro do buraquinho da folha sulfite?’ E aí a criança falava ‘ah eu estou vendo a carteira que eu sento’, ‘você está vendo só a carteira que você senta né?’, ‘isso só a carteira que eu sento’, ‘agora tira essa lupa, o que que você está vendo?’, ‘ah, eu vejo a lousa, eu vejo a minha professora, eu vejo meu amiguinho’. Então, o que você vê dentro do jornal é um recorte da notícia. E nisso existem muitas outras coisas que estão para além desse recorte, que você pode e deve se atentar também. E eu acho que esse tipo de coisa é muito importante, porque as crianças, elas têm tido contato cada vez mais cedo com o *YouTube*, elas aprendem e recebem conteúdos muito frequentemente e muito cedo, muito novas. Então elas têm acesso a notícias falsas, a essas desinformações muito cedo e elas podem entrar num caminho aí, a gente pode estar falando de uma geração que vai se perder no meio da desinformação, se a gente não ensinar. Porque a internet está ali para todos, tem muitas coisas boas, mas também tem muitos problemas, enfim. E aí como eu disse, se a gente está falando de uma época em que a proporção que as coisas estão ganhando, né? de desinformação está cada vez maior, porque se compartilha muito rápido, porque tem muitos acessos no conteúdo, então é importante que a gente ensine essas crianças o quanto antes sobre o que é educação midiática e aí elas mesmas vão aprender o que pode ou não ser confiável dentro daquilo que eu consumo no *YouTube*, por exemplo, o que pode ou não ser confiável daquilo que aparece pra mim no *TikTok* no *Facebook*, no *WhatsApp*, no *Twitter*, ou naquilo que aparece no jornal, qual que é o meu papel enquanto telespectador, leitor no jornal, de entender essas informações todas e quando que eu devo duvidar ou questionar alguma coisa que algum veículo faz né? Então aprender o que é credibilidade, o que é relevância enfim acho que são coisas que a gente tem que aprender desde cedo para que a gente resolva no futuro. Para as pessoas que já estão um pouco mais velhas é um pouco mais difícil de mostrar isso né? Então por isso para mim a educação é um é um espaço fundamental para mostrar esse tipo de coisa, assim, acho que é o espaço na verdade para a gente combater a desinformação

**(P):** Eu fiquei curiosa agora, por que você acredita que para as pessoas mais velhas é mais difícil?

**(L):** Eu acho que é mais difícil um pouco porque elas não têm paciência, é porque quando a gente está na escola a gente está num espaço né? Então a gente está num espaço que a gente está recebendo essas coisas todas, quando você está com uma pessoa que já teve muito acesso a desinformação, e aí você vai tentar explicar para ela, olha esse canal de *YouTube* que você está assistindo, essa pessoa, esse blogueiro que está fazendo isso, não é uma pessoa confiável, ele não é um jornalista, as fontes que ele buscou são questionáveis, a gente precisa olhar isso... e muitas vezes ela não quer escutar, quando a gente fala disso, por isso eu acredito que falando dessas coisas, deveria ser importante. Eu acho que sim, com as pessoas mais velhas, a gente também precisa explicar. E eu acho que é um papel de todas as pessoas, principalmente da área da comunicação, quebrar esse ciclo né? Então ensinar para as pessoas, olha quando você receber alguma coisa lembra de olhar a fonte, joga no Google vê se faz algum sentido, mas eu acho que realmente é um processo mais de formiguinha e que demora mais tempo, então eu acredito que a gente deva fazer, que é importante que a gente faça, que sim gera resultado. Eu acho que as pessoas estão se conscientizando, a questão da vacinação, por exemplo, contra a Covid aqui em São Paulo, a gente tem toda a população duplamente vacinada, completamente vacinado, e eu sei que tem muita gente que, no começo duvidava da vacina, dizia que ‘ah não sei se eu vou tomar a vacina’, então foi super importante o papel que a imprensa teve de explicar ‘olha a vacina é confiável’, trazer pesquisadores, mostrar ‘olha é confiável’, ‘a gente deve sim acreditar na vacina’, ‘foram feitas pesquisas em vários países’, enfim. E eu acho que isso tem um papel super importante e isso funciona sim, mas acho que tem questões que são mais complexas, e que é um pouco mais difícil de explicar para as pessoas como um todo, né? Então principalmente aquelas que tem acesso aos canais de *YouTube* porque isso é um negócio muito difícil, assim, é, quando ela entra naquele marasmo, naquele espaço que é de pura *fake news*, desses blogs falsos, né? que é isso, são completamente absurdos, aí é um pouco mais difícil. Acho que uma das coisas que mostrou como isso é sério, é quantas pessoas morreram por não tomarem vacina, porque não acreditavam na vacina e porque diziam que havia uma ‘conspiração dos chineses para...’ isso é muito grave! e assim, não são pessoas que eram, que não tinha outra pessoa ali do lado falando olha você tem que tomar. Eu lembro que eu vi uma reportagem falando de uma mãe, da mãe de uma mulher que era contra a vacina, ela não acreditava na Covid, no coronavírus, ela não quis tomar a vacina e ela ficou, teve Covid, ficou no hospital, pediu pra sair do hospital, para filha, porque não acreditava, achava que os médicos

estavam colocando alguma coisa pra que ela ficasse mal porque ela não acreditava na doença e a filha falando.... E é assim, é isso né? quantos jornalistas não fizeram reportagens e aquela mulher poderia ter mas ela não acreditava porque ela já tinha consumido muita coisa. E ela acreditava realmente em uma teoria da conspiração de que aquilo era... então é muito grave, é muito grave, e aí com essas pessoas eu acho que é um pouco mais difícil. E aí eu acho que a gente talvez evitaria que existissem tantas pessoas que acreditam em teorias da conspiração como ela, ensinando desde cedo a entender o que é uma fonte confiável o que é credibilidade, como checar uma informação e tal. Eu acredito muito nisso, então por isso que eu falei, mas acho que sim, a gente tem que trabalhar para as pessoas mais velhas também, mas é só que a depender do caso fica um pouco mais difícil.

**(P): É, eu acabei as minhas perguntas, queria saber se você quer pontuar alguma coisa que não foi falado ou que foi falado...**

**(L):** Não, acho que não. Acho que é isso, assim, eu acho que mas também é um problema muito sério mesmo e que a gente precisa combater e a gente precisa procurar formas de combater. Uma das coisas que eu acho que afasta muito as pessoas do noticiário, né? dos grandes jornais, da mídia tradicional é a forma como esses veículos se comunicam com as pessoas, às vezes a gente está falando de um texto que é duro né? que traz palavras muito difíceis ou que é longo demais para uma população que às vezes não teve o acesso a educação tão grande assim, e aí a forma como se se fala, se explica uma notícia, ela é muito importante, eu acho, pra que essa informação chegue até o outro né? para que haja de fato uma comunicação, e eu acho que é esse momento também tem mostrado pra gente, como a gente enquanto jornalista, precisa se reinventar na forma de falar uma notícia mesmo né? ‘será que a gente está sendo claro o suficiente né? será que a gente está trazendo as informações de uma forma didática realmente? ou será que a gente está falando só pra um grupo mais escolarizado’, enfim, que não representa a maior parte da população. E também a forma como as coisas vão sendo noticiadas, né? Eu acho que a crítica, à mídia, à imprensa, ela também é importante e a autocrítica da imprensa a si mesma, né? É muito importante pra gente entender isso, né? por que as pessoas deixaram de acreditar no jornalismo? O que que aconteceu? assim, para elas passarem a acreditar nessas outras fontes de informação, e eu acho que uma coisa que a internet ajudou positivamente é que a gente tem hoje um número maior e cada vez mais crescente realmente de mídias independentes, mas também é preciso explicar para as pessoas que ao mesmo tempo que surgem mídias independentes, veículos de imprensa independente, já que é enfim elas talvez não acreditem em algum outro, mas a gente também precisa entender porque que elas não acreditam

nos [veículos de mídia] tradicionais também, ao mesmo tempo que surgem veículos sérios independentes, também surge um monte de gente falando um monte de abobrinha em blogs sem nenhuma relevância, espalhando teorias da conspiração. Então eu acho que é um tema muito importante mesmo pra gente analisar e refletir enquanto jornalista. Então acho ótimo que você esteja fazendo uma pesquisa sobre isso. Parabéns e fiquei, fiquei curiosa ver o resultado final.

**(P):** Muito obrigada!

**(L):** Imagina. Beijos e qualquer coisa é só chamar.

## APÊNDICE G – Categorias de falas

| Categoria                                          | Subcategoria                | Significado                                                                                                          | Discurso                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|----------------------------------------------------|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Fontes de informação e checagem de notícias</b> | <b>Fontes de informação</b> | Minhas informações vêm totalmente por sites                                                                          | <i>Ah, hoje basicamente minhas informações vêm totalmente por sites [...] eu não assisto nada jornalístico, uma vez ou outra, mas eu não tenho mais o hábito.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|                                                    |                             | Eu tenho costume de consumir mais informações virtuais, no online                                                    | <i>Eu tenho costume de consumir mais informações virtuais, no online. No impresso raramente eu consumo [...] eu sempre dou prioridade, assim por mais que eu acompanhe muitos veículos de jornalismo independente. Eu trabalho em um inclusive, eu sempre acabo dando preferência para veículos já consolidados, mais antigos, mais padrões, digamos assim como o UOL, Folha...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|                                                    |                             | Minhas principais fontes de notícia são os jornais impressos, a Folha e O Globo; os portais de notícias do G1 e UOL. | <i>[...] eu busco nos noticiários mais comuns, nos grandes jornais da imprensa brasileira, então eu leio muito a Folha de S. Paulo, eu sou assinante da Folha de S. Paulo, e aí os outros, eu leio bastante também o G1, o portal de notícias da Globo e os outros, acho que eu passo bastante pelo UOL, O Globo.com dependendo do que for a notícia. [...] eu comecei a consumir mais recentemente e o Estadão; é um jornal que eu leio com menor frequência, diria, leio um pouco mais por obrigação mesmo, para ficar atenta àquilo que está acontecendo, mas enfim acho que as minhas principais fontes de notícia são os jornais impressos a Folha e O Globo e nos portais de notícias do G1 e UOL. Eu também ouço muito a Rádio CBN, eu trabalhei lá, então eu ouço muito a rádio CBN e a televisão, eu assisto alguns noticiários, mas normalmente são os noticiários locais.</i> |

|  |                             |                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|--|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <b>Checagem de notícias</b> | Difícilmente eu vou em um site que não seja jornalístico                                | <i>[...] a checagem eu sempre vou em sites que eu confio. E não só em um, geralmente quando é alguma notícia que é muito polêmica, eu vou em várias fontes para verificar, para até comparar mesmo se aquela informação é realmente verdadeira, se é confiável. E assim, é um tipo de coisa que eu faço, geralmente site jornalístico mesmo, dificilmente eu vou em um site que não seja jornalístico e dependendo da informação, do interesse que eu tenho com aquela informação por exemplo, para uma pauta que eu vou apurar, aí com base naquilo que eu vi, eu vou nas fontes oficiais. [...] sites relacionados a empresa jornalística mesmo: Folha, G1, esse tipo, não só nacional, mas também internacional. [...] eu não gosto de ir em sites que mistura entretenimento com jornalismo, eu acho que fica um pouco confuso às vezes, então eu tento sempre ir para a questão da notícia em si e da Agência Mural.</i> |
|  |                             | É muito de você analisar aquele contexto que está sendo escrito                         | <i>O que acontece muito é que geralmente uma matéria que sai em um local, geralmente ela sai em outros locais também, então é muito de você comparar se aquela matéria está sendo repercutida em outros locais também, é uma forma de verificação. E a gente que é jornalista, sabe também que existem alguns métodos. Você enquanto jornalista que está escrevendo uma matéria, você não pode tirar uma informação da sua cabeça, você tem que comprovar que aquilo é verdade. Então, têm veículos que colocam o hyperlink que você pode clicar e ser direcionado para publicação original, tem outros que entrevistam especialistas, que é uma autoridade falando daquilo, então é muito de você analisar aquele contexto que está sendo escrito.</i>                                                                                                                                                                       |
|  |                             | Aquilo que era noticiado no veículo que eu trabalhava, eu confio nesses veículos, então | <i>No geral, aquilo que era noticiado nesses grandes veículos, no veículo que eu trabalhava, eu confio nesses veículos, então não checava todas as notícias que eu lia de novo a não ser aquelas que faziam parte do meu dia a dia checar, pela informação mesmo, e aquelas que causavam alguma estranheza, apesar de já estarem sendo noticiadas em mais de um lugar, às vezes tinha algum erro, de algum repórter, alguma informação um pouco estranha e eu checava novamente.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |

|                                                       |                      |                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-------------------------------------------------------|----------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                       |                      | não checava todas as notícias                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>O que é informação, desinformação e fake news?</b> | <b>Informação</b>    | É aquilo que agrega, é aquele conteúdo que você recebe que de fato agrega alguma coisa ao seu conhecimento | <p><i>A informação para mim é aquilo que agrega, é aquele conteúdo que você recebe que de fato agrega alguma coisa ao seu conhecimento seja alguma coisa específica ou alguma coisa do seu dia a dia.</i></p> <p><i>Que nem um exemplo para mim, a vacina. Que foi uma das notícias que a gente mais ouviu no ano passado, que a gente mais esperava. Informação para mim é quando vinha alguma coisa dizendo qual era o passo, qual era a fase que estava daquilo, qual seria o passo seguinte, quanto tempo nós teríamos que esperar para poder essa vacina de fato chegar no braço da nossa população, das pessoas, enfim.</i></p>                                                            |
|                                                       |                      | Você está informando, publicando, você está tornando público aquela informação                             | <i>Ah informar, se a gente for pensar no que diz a palavra, o significado, você está informando, publicando, você está tornando pública aquela informação.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|                                                       |                      | Que leva a verdade ou os vários pontos de um assunto, vários lados                                         | <i>[...] informação é aquilo que traz uma notícia, que traz algum elemento importante para aquela pessoa [...] é aquilo que leva a verdade ou os vários pontos de um assunto, vários lados de um assunto, para uma pessoa e que eventualmente está consumindo por exemplo um jornal.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|                                                       |                      | A desinformação para mim era quando em relação a vacina, criava dúvidas e insegurança                      | <i>Desinformação é, quando relacionado à vacina, vinha questionamentos do tipo, 'Ah, mas essa vacina será que vai ser confiável?', 'Não está sendo rápido demais?', 'Por que está sendo rápido demais?'. Isso para mim é desinformação, porque ao invés de agregar de fato a situação em si, no caso da vacina, em relação à pandemia, criava dúvidas e insegurança para a gente, que ao mesmo tempo estávamos dependendo daquilo para continuar a nossa vida. Então, isso para mim seria desinformação, é aquilo que é desnecessário, é o que vai além. Além de que, a gente sabe que pode trazer prejuízos e pode levar a pessoa até a morte. Por conta dessa questão de desinformação, em</i> |
|                                                       | <b>Desinformação</b> |                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

|  |                  |                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--|------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |                  |                                                                                                                                                                                                     | <i>específico, em relação à pandemia e a vacina que foi o que a gente viu que aconteceu com muitas pessoas. Quantas pessoas do ano passado para cá faleceram por que se recusaram a tomar vacina? Por conta disso, acredito que estimulado pela desinformação.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|  |                  | É você estar tirando o direito dela se informar da maneira correta.                                                                                                                                 | <i>A desinformação, meio que tem essa função de tapar uma coisa que seria de interesse público, mas você está ocultando aquilo colocando uma coisa na frente. Então o desinformar tem consequências grandes. Não é só você passar uma notícia e a pessoa ler aquilo e não se informar corretamente é você estar tirando o direito dela se informar da maneira correta.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|  |                  | É quando uma informação é colocada de maneira errônea ou é propositadamente colocada de forma errada, escrita de forma mentirosa                                                                    | <i>[...] desinformação é quando uma informação é colocada de maneira errônea e ela é ou propositadamente colocada de forma errada, escrita de forma mentirosa ou de alguma maneira pela forma como foi construída, falta de contexto, enfim, ela leva a uma interpretação errada dos fatos. Então, um lado só da história por exemplo e não de todos os lados que compõem aquela notícia podem levar à desinformação ou uma informação que é de fato uma mentira que na verdade não é uma informação. É um elemento que é uma mentira e isso também é desinformação. Acho que tem esses dois lados.</i>                                                                         |
|  | <b>Fake news</b> | É muito cruel, porque ela não é uma mentira em si, só, somente, não é só mentira, não é uma fofoca que você vai lá e desmente, não é isso, ela mexe com seu psicológico, ela mexe com seu emocional | <i>Fake news para mim é aquilo que realmente é totalmente falso. São mentiras, são informações que são transformadas em mentiras. Eu falo que são informações transformadas em mentiras porque quando eu participei do projeto Comprova, não utilizamos a palavra fake news. E isso é uma das primeiras coisas que eles nos orientaram no início do curso. Eles partem do princípio de que uma notícia tem que ser uma notícia, ela é uma informação, ela não pode ser falsa. Então eles usavam “enganoso”, usavam outros termos para justamente não estimular que se fossem feitas notícias falsas porque notícia não deve ser falsa, ela tem que ser de fato uma notícia.</i> |

|                                                      |                                     |                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|------------------------------------------------------|-------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                      |                                     | Eu diria que a <i>fake news</i> é justamente essa questão da desinformação                                 | <i>As fake news se popularizaram demais. Nos últimos anos, especialmente por conta do governo Bolsonaro. [...] Eu diria que a fake news é justamente essa questão da desinformação. Ninguém faz uma fake news por fazer, obviamente tem alguns casos que alguém inventa uma mentira, e ela vai tomando proporções maiores, mas toda fake news, quando você pega um vídeo que é editado e tirado de contexto, quando você pega uma matéria que foi escrita para tirar um assunto de seu foco, aquilo exigiu um trabalho, um tempo, uma dedicação de quem fez aquilo. Então a fake news está muito atrelada à questão de você desinformar uma pessoa. Para você não deixar que ela se informe da maneira correta</i> |
|                                                      |                                     | É na verdade uma mentira ou uma informação fora de contexto, e que pode induzir ao erro numa interpretação | <i>A gente se acostumou a chamar de fake news. O que era notícia falsa na verdade se é falsa nem notícia. Eu entendo por fake news aquilo que é espalhado para as pessoas mas que é na verdade uma mentira ou uma informação fora de contexto, e que pode induzir ao erro numa interpretação, tanto aquilo que é notoriamente falso, que foi construído com o intuito de causar um erro por parte da pessoa que está lendo e que está consumindo aquilo, quanto aquilo que foi retirado de contexto e aí provoca também uma leitura errada dos fatos por parte da pessoa que está recebendo aquele conteúdo.</i>                                                                                                   |
| <b>Os impactos da desinformação para a sociedade</b> | <b>A desinformação na sociedade</b> | Não tem como você trazer nada de positivo de uma mentira                                                   | <i>[...] eu só consigo ver coisas negativas. Porque não tem como você trazer nada de positivo de uma mentira. [...] eu sou daquela que acredita, porque eu cresci com minha mãe falando assim: 'não importa o quanto doa, o importante é escutar a verdade, é dizer e escutar'. Então, eu defendo isso, assim, para minha vida pessoal. Eu prefiro ouvir a verdade, por mais que me doa, por mais que me magoe, do que a mentira, porque a mentira, ela vai te levando para caminhos que você não consegue voltar se fosse um labirinto que não tem saída.</i>                                                                                                                                                     |
|                                                      |                                     | As <i>fake news</i> atingem pessoas comuns: física, moral e psicologicamente                               | <i>[...] alguns anos atrás não se falava em fake news como se falava hoje em dia, um exemplo que foi trazido numa aula de ética foi uma notícia falsa, acho que de uma mulher no Guarujá, não lembro exatamente em que cidade, mas lançaram uma notícia no Facebook que ela estava envolvida com magia negra, com sequestro de crianças e aquilo tomou proporções enormes, até que</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

|  |                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |                                                                                | <p><i>a mulher foi até agredida na rua. Eu não sei se ela chegou a ser morta, mas, assim, foi um caso muito grave de uma mentira que tomou proporções, se espalhou e, detalhe, como eu falei, não nos falavam em fake news naquela época, se falava tipo uma falta de ética no jornalismo, porque não era nem jornalismo, era uma página no Facebook que alguém fez e não teve controle daquilo que era publicado ou não. Então, assim, as fake news elas estão muito relacionadas à integridade física das pessoas, também psicológica. Teve uma outra fake news, bastante recente inclusive, de um carro que foi filmado, é, de um cachorro seguindo o carro, e estavam falando que a pessoa abandonou o cachorro, mas o cachorro não era dela e isso foi parar também em vários grupos no WhatsApp, em várias páginas do Facebook; a mulher recebeu ameaças pelo telefone, na casa dela, a partir da placa do carro, que conseguiram encontrar o endereço da motorista e no fim era uma fake news também. Então a gente vê tipo fake news que atingem pessoas comuns. Não são só os políticos, não são só os famosos que são atingidos, mas pessoas comuns podem ser prejudicadas em relação a isso.</i></p> |
|  | <p>O avanço da tecnologia contribui para a disseminação de notícias falsas</p> | <p><i>Eu acho que os impactos são bem grandes, mas eu acho que essa informação, que na verdade, esse conteúdo falso ou esse conteúdo tirado de contexto ele não é recente na história da humanidade. Então, a gente já tem há muito tempo, eu me lembro quando eu era mais nova, que eu recebia e-mails, as fake news se espalhavam por e-mail, então eu recebia muitos e-mails falando que se você comprasse uma roupa, por exemplo, numa loja de departamentos, trouxesse para casa e não lavasse, você poderia, aliás, você com certeza pegaria, porque era isso, não era nem ‘você poderia’, era ‘com certeza’ pegaria uma superbactéria que te deixaria com uma parte do corpo, que entrou em contato com aquela roupa, necrosada e poderia até levar à morte. Eu me lembro de receber esse conteúdo por e-mail, então isso sempre esteve na sociedade, existe há muito tempo e foi se espalhando com uma diferença de forma nos últimos anos.</i></p> <p><i>A proporção, a velocidade com que esses conteúdos falsos se espalham hoje é muito maior do que era antigamente. [...] hoje em dia todo mundo tem</i></p>                                                                                      |

|                                         |                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| A desinformação está no nosso cotidiano |                                                                          | WhatsApp, então quando eu recebo um conteúdo desse pelo WhatsApp muita gente está recebendo, muito mais gente do que eu, está recebendo, ou quando chega pelo algoritmo. Canais de YouTube que também reproduzem esse tipo de conteúdo falso, descontextualizado, enfim, essa pessoa entra numa sequência, ela recebe muitos conteúdos com essa informação e isso tem uma proporção gigantesca, são muitas pessoas assistindo, então acho que o maior perigo quando a gente fala em termos de saúde pública, acho que recentemente ficou bem evidente, quando a gente fala em democracia e quando a gente fala também de respeito à vida ao outro.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|                                         | Todos temos responsabilidade diante do compartilhamento das notícias     | [...] está todo mundo aberto, correndo o risco de cometer um erro também de informação. Não é porque eu trabalho com informação, porque eu sou jornalista que eu vou estar 100% certa em tudo aquilo que eu repassar ou que eu receber, mas cabe a mim como minha profissão, sempre, sempre verificar aquilo, sempre realmente entender aquilo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|                                         | Você recebe uma informação não confiável, mas de uma pessoa de confiança | Tem uma parte da minha família que repassa fake news pelo WhatsApp, minha mãe recebe alguma dessas fake news; então, é, esse foi até um processo que eu tive com ela, de ensinar ela a identificar uma fake news. Porque uma grande questão, dessas fake news, é que elas sejam passadas, tão grande, tão massivamente, é que elas vêm de pessoas de confiança. Então, sabe, você recebe uma fake news da sua tia, você não vai imaginar que “Nossa, minha tia Marli, tão boazinha, ela não mentiria em relação a isso”. Então, tipo, vai se criando em grupos de família no WhatsApp, porque você recebe uma informação não confiável, mas de uma pessoa de confiança. Então foi um processo que eu tive com a minha mãe de mostrar para ela como ela identificava uma fake news, porque ela recebia muito, da irmã dela, da prima. Então, assim, eu particularmente não recebo, eu acabava recebendo sim de certa forma por conta da minha mãe que ela ia me mostrar, mas indiretamente eu não tenho, não me relaciono com essa parte da minha família que tem mais essa tendência a repassar fake news. |

|  |  |                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|--|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  | <p>como jornalista, eu acabo sendo então essa fonte de confirmação ou não daquele conteúdo para algumas pessoas. Essa relação se dá eu acho que principalmente com familiares</p>                    | <p><i>Muitas vezes a gente não sabe o que essas pessoas estão recebendo. Como jornalista, muitas vezes chega até mim pelo grupo da família, por exemplo, ou em mensagens diretas para mim mesma, um vídeo ou alguma imagem, um texto, enfim, e logo na sequência com uma pergunta, 'você sabe se isso é verdade?' 'sabe se isso realmente está acontecendo?'. E aí, como jornalista, eu acabo sendo então essa fonte de confirmação ou não daquele conteúdo para algumas pessoas. Essa relação se dá eu acho que principalmente com familiares, eu não me lembro muito de casos em que colegas meus ou amigos meus tenham compartilhado conteúdos falsos comigo, mas no caso dos meus familiares sim, isso sim, de várias pessoas, são pessoas de várias idades, de diferentes idades e que recebem eventualmente e falam para mim e eu sei que muitas vezes não chega até mim também, então é um pouco difícil de ajudar a combater quando não eu sei o que está chegando.</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|  |  | <p>Tem muitas agências de checagem hoje em dia então a maior parte das coisas que chegam até mim, quando eu vejo elas já foram checadas eu não preciso nem ter um grande trabalho para re-checar</p> | <p><i>[...] eu acabo intervindo quando eu recebo diretamente, eu falo, ou quando eu vejo no grupo da família [...] eu pesquiso na internet as fontes daquilo, em sites também, quando você joga o começo da fala, o começo de um texto [no Google] já aparece que é um texto falso, tem muitas agências de checagem hoje em dia; então a maior parte das coisas que chegam até mim, quando eu vejo, elas já foram checadas, eu não preciso nem ter um grande trabalho para re-checar essas informações. [...] eu me lembro que em alguns momentos assim as pessoas perguntavam para mim 'aí eu não consigo assistir jornal, eu acho muito pesado, tem alguma coisa que você pode indicar pra mim, pra eu me informar?' e aí eu fui e indiquei o 'podcast de notícias' que era um pouco mais leve, então as pessoas poderiam ter acesso àquela informação no fim do dia ou no começo do dia, sem a carga pesada de tantas notícias como tem no noticiário, normalmente tanto no noticiário televisivo ou eu indico um site específico que explica alguns conteúdos... é mais ou menos assim, é, de um lado quebrando essa sequência de fake news, mostrando que é uma fake news, e pelo outro lado mostrando lugares que são fontes verídicas que essa pessoa pode consultar para se informar, então tem esses dois caminhos [...] eu acho</i></p> |

|  |  |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|--|--|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  |  | <p>que frequentemente a gente tem contato com pessoas que recebem conteúdos falsos e que replicam eles.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|  |  |  | <p>Uma das coisas que eu acho que afasta muito as pessoas do noticiário, dos grandes jornais, da mídia tradicional é a forma como esses veículos se comunicam com as pessoas, às vezes a gente está falando de um texto que é duro. Que traz palavras muito difíceis ou que é longo demais para uma população que às vezes não teve o acesso à educação tão grande assim, e aí a forma como se se fala, se explica uma notícia, ela é muito importante, eu acho, para que essa informação chegue até o outro. Para que haja de fato uma comunicação, e eu acho que esse momento também tem mostrado para a gente, como a gente enquanto jornalista, precisa se reinventar na forma de falar uma notícia mesmo. 'Será que a gente está sendo claro o suficiente? Será que a gente está trazendo as informações de uma forma didática realmente? Ou será que a gente está falando só para um grupo mais escolarizado?', enfim, que não representa a maior parte da população. E também a forma como as coisas vão sendo noticiadas. Eu acho que a crítica, a mídia, a imprensa, ela também é importante e a autocrítica da imprensa a si mesma. É muito importante para a gente entender isso. Por que as pessoas deixaram de acreditar no jornalismo? O que que aconteceu? assim, para elas passarem a acreditar nessas outras fontes de informação, e eu acho que uma coisa que a internet ajudou positivamente é que a gente tem hoje um número maior e cada vez mais crescente realmente de mídias independentes, mas também é preciso explicar para as pessoas que ao mesmo tempo que surgem mídias independentes, veículos de imprensa independente, já que elas talvez não acreditem em algum outro, mas a gente também precisa entender por que que elas não acreditam nos [veículos de mídia] tradicionais também, ao mesmo tempo que surgem veículos sérios independentes, também surge um monte de gente falando um monte de abobrinha em blogs sem nenhuma relevância, espalhando teorias da conspiração.</p> |

|                                                                        |                                      |                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                        |                                      | <p>Nós como comunicadores, de novo, a gente tem que saber lidar com isso</p> | <p><i>[...] a gente tem que saber lidar com isso e mostrar isso de uma forma clara, objetiva, mas muito respeitosa. [...] eu aprendi a fazer isso. Como é que a gente vai dizer essa verdade de uma forma que seja realmente compreensiva, mas que não seja arrogante porque a gente ainda está nesse nível. De ataques contra jornalistas e assim e como é que a gente vai, mesmo a gente falando, 'olha não é bem assim' [...] Eu acho que o que a gente tem que só frisar bem o quanto a gente como pessoas podemos contribuir para tornar essas coisas de fake news cada vez menos sabe? Porque a gente está vendo uma linha aí crescendo e nós como jornalistas, como do meio da comunicação e da mídia a gente tem que ter força para trabalhar isso e de novo, é um trabalho muito árduo que mexe muito com o nosso emocional, mas a gente tem capacidade.</i></p> |
| <p><b>A relação entre fake News, democracia, pandemia e afetos</b></p> | <p><b>Fake news e democracia</b></p> |                                                                              | <p><i>[...] a gente faz parte da nova geração do jornalismo, mas, mesmo assim a gente não teve essas coisas na faculdade. Então, assim, é realmente todo um processo de reeducar as pessoas [...] é, realmente a gente vive tempos diferentes e é preciso trazer essas discussões para quem não teve a oportunidade de discutir anteriormente.</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|                                                                        |                                      | <p>Eu lembro que eu fiz muito isso também na época das eleições de 2018</p>  | <p><i>[...] casos bem pontuais em que eu vejo e tento corrigir a pessoa. Eu lembro que eu fiz muito isso também na época das eleições de 2018, que era um amontoado de fake news do Haddad, do Bolsonaro e tal, e uma vez eu cheguei a ver uma fake news comparando os planos de governo dos dois, a pessoa tinha tirado de contexto várias coisas do plano do Haddad para meio que enaltecer o plano do Bolsonaro porque o do Bolsonaro era tão ruim que a pessoa precisava desmerecer o outro para conseguir ter um índice de comparação. E eu cheguei para a pessoa e falei 'Olha, isso aqui está errado, entende?'</i></p>                                                                                                                                                                                                                                            |

|  |                             |                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|--|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |                             | Elas podem afetar diretamente a democracia quando a gente olha em retrospecto para as eleições a gente já viu em mais de um país, aqui no Brasil inclusive | <i>Elas podem afetar diretamente a democracia quando a gente olha em retrospecto para as eleições a gente já viu em mais de um país, aqui no Brasil inclusive, que elas têm um impacto forte na forma como as pessoas recebem conteúdos relacionados a candidatos e isso pode sim influenciar o voto delas; então, elas podem votar em um candidato por acreditar que um outro candidato fez algo que ele não fez ou vai fazer algo, faz parte de um grupo que ele não faz, vai fazer algo se for eleito, que ele não vai fazer? Então eu acho que os impactos são bem sérios quando a gente fala de desinformação, de notícias falsas, de fake news, enfim, eu acho que elas podem abalar as estruturas da democracia quando elas ganham a proporção que elas têm ganhado nos últimos anos.</i> |
|  |                             |                                                                                                                                                            | <i>[...] então principalmente aquelas que têm acesso aos canais de YouTube, porque isso é um negócio muito difícil, assim, é, quando ela entra naquele marasmo, naquele espaço que é de pura fake news, desses blogs falsos, que é isso, são completamente absurdos, aí é um pouco mais difícil. Acho que uma das coisas que mostrou como isso é sério é quantas pessoas morreram por não tomarem vacina, porque não acreditavam na vacina e porque diziam que havia uma 'conspiração dos chineses para...' isso é muito grave!</i>                                                                                                                                                                                                                                                              |
|  | <b>Fake news e pandemia</b> | Quantas pessoas não morreram porque se recusaram a tomar vacina                                                                                            | <i>[...] nessa questão da pandemia quantas pessoas não morreram porque se recusaram a tomar vacina? Quantas morreram porque acreditou que não servia de nada? E se expôs e expôs a família dos seus entes queridos por conta de uma mentira. Quantas pessoas, ao invés de procurar um médico quando começou a sentir sintomas, começaram a tomar remédio caseiro porque curava. Fazia o teste da covid segurando o ar..., você entende a gravidade do que a mentira pode trazer? A mentira não pode trazer coisas boas em nenhum estágio, em nenhuma situação na nossa vida. [...]</i>                                                                                                                                                                                                           |
|  |                             | Pessoas realmente acham que vão tomar a vacina da Covid e vão                                                                                              | <i>E claro, se for pensar em termos de governo, em termos de pandemia, é muito pior porque se a gente vê que tem medo de tomar a vacina porque vão sei lá virar um jacaré. As pessoas realmente acreditam nisso. Pessoas realmente</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |

|  |                              |                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--|------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |                              | morrer daqui a seis meses.                                                    | <i>acham que vão tomar a vacina da Covid e vão morrer daqui a seis meses. Então é um impacto muito grande que atinge todo mundo.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|  | <b>Fake news e os afetos</b> | também envolve sentimentos, ela envolve emoção                                | <i>[...] a fake news também envolve sentimentos, ela envolve emoção, então não adianta a gente pegar essa verdade, quando eu digo verdade, ela não pode ser absoluta, no sentido de querer fazer a pessoa engolir a verdade goela abaixo, não adianta. Nós, como comunicadores, a gente tem que saber lidar com isso e mostrar isso de uma forma clara, objetiva, mas muito respeitosa</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|  |                              | estão relacionadas à integridade física e psicológica                         | <i>Então assim as fake news elas estão muito relacionadas à integridade física das pessoas, também psicológica.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|  |                              | a pessoa é coagida involuntariamente, ela é coagida a participar disso        | <i>Quem dissemina fake news sabe o que está fazendo. E quando eu digo que é quem dissemina, é quem produz quem dá o start sabe? Quem aperta o botãozinho, porque aí eles utilizam os outros como ferramentas. As pessoas, a tiazinha que não que não assiste mais televisão ou a tiazinha que não... enfim e aí são as pessoas mais fragilizadas por meio da emoção que acabam contribuindo pra isso mesmo sem saber que tá contribuindo, mesmo sem querer. Involuntariamente, por medo, por que ainda tem isso, tem esse lado que é a questão do medo, a pessoa é coagida involuntariamente, ela é coagida a participar disso e aí essas coisas a gente tem que tomar mais cuidado.</i>                                                                                        |
|  |                              | Vai passando de grão em grão de pessoa em pessoa e torna uma verdade absoluta | <i>Eu tive uma professora no Ensino Médio se eu não me engano, ela era de psicologia e sociologia. E ela falou uma frase que nunca saiu da minha cabeça. 'Que uma mentira dita mil vezes, ela torna-se verdade'. Naquela época eu não trazia isso para o meu mundo assim. Essa frase me marcou, mas eu achava que, sabe aquela mentirinha que você conta para uma adolescente para o pai e para a mãe, 'ah eu vou em tal lugar e você ia para outro' e eu ficava com isso na cabeça. Hoje eu entendo o que ela disse, de verdade, as fake news são justamente isso. Vai passando de grão em grão de pessoa em pessoa e torna uma verdade absoluta que você olha e fala 'gente, como é que você tira isso da pessoa?' e não tira, é muito difícil, mas a gente tem caminhos.</i> |
|  |                              |                                                                               | <i>[...] a pessoa um pouco mais velha que não sabe mexer tanto nas redes sociais, tipo nossos pais, avós etc., é uma coisa muito mais difícil também, então eu</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |

|                                              |                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|----------------------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>A educação no combate à desinformação</b> | <b>O diálogo e o pensamento crítico</b> | <i>acho que a educação, ela entra muito nesse aspecto de ensinar as pessoas a ter um olhar mais crítico em relação àquilo que elas recebem. Porque infelizmente o perfil das pessoas hoje em dia é, por exemplo, ler a manchete e a linha fina só [das matérias], não ler o texto.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|                                              |                                         | <i>A educação é base de tudo. É a base de tudo, sem educação a gente não tem como caminhar. Tanto é que quando se pensa em educação, a educação tem um leque muito grande do meu entendimento. Tem a educação que a gente tem, que a gente recebe dos nossos pais que é o primeiro passo para a gente poder aprender a lidar com as pessoas, lidar com a sociedade, tem a educação que a gente tem que receber das escolas, que complemento do meu entendimento daquilo que a gente tem dos nossos pais e que nos abre portas para diversos conhecimentos. Educação para mim é uma porta para conhecimento e só por meio dela que a gente realmente vai aprender a lidar com tudo isso. E aí a gente vai trazendo nossas especialidades então a educação para mim é a base de tudo.</i> |
|                                              |                                         | <i>[...] não adianta só dizer que existe educação se a gente não tem oportunidade, as pessoas não têm oportunidade para ter alcance a esse conhecimento. Então educação para mim é a base é onde a gente vai aprimorar, aprender e absorver e trocar. Para a gente poder realmente lidar, porque a educação vai nos dar a base do diálogo. E para mim o diálogo é primordial. Na existência do ser humano, se a gente não consegue dialogar, a gente não vai avançar, a sociedade não avança e a gente vive isso com essa questão de fake news [...] quando você tem acesso à educação, você tem acesso a várias coisas a vários conhecimentos que vão te dar um suporte, que vão te dar uma condição inclusive de qual caminho seguir.</i>                                             |
|                                              | <b>Educação Midiática</b>               | <i>Eu acho que tem uma questão muito importante e que pouco se fala, não sei se pouco se fala ou que se fala menos do que o necessário, que é a educação midiática, que é uma coisa que a gente não tem nas escolas, e que é muito difícil, uma vez que você não tem isso nas escolas, você adquirir fora delas, eu acho muito importante que as pessoas entendam o que é uma reportagem, o que é uma opinião, porque muito daquilo que é compartilhado e que é um</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

|  |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|--|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  | <p><i>conteúdo falso ou descontextualizado, na verdade não é uma reportagem, vem de um blog de fulano de tal que não tem nenhuma credibilidade ou é um trecho de um texto que não é de um colunista de um jornal e que não é uma reportagem também mas as pessoas não entendem a diferença entre uma coisa e outra [...] o que você vê dentro do jornal é um recorte da notícia, e nisso existem muitas outras coisas que estão para além desse recorte, que você pode e deve se atentar também.</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|  |  | <p><i>[..] quando a gente está na escola a gente está num espaço. Então a gente está num espaço que a gente está recebendo essas coisas todas, quando você está com uma pessoa que já teve muito acesso à desinformação, e aí você vai tentar explicar para ela, olha esse canal de YouTube que você está assistindo, essa pessoa, esse blogueiro que está fazendo isso, não é uma pessoa confiável, ele não é um jornalista, as fontes que ele buscou são questionáveis, a gente precisa olhar isso... e muitas vezes ela não quer escutar, quando a gente fala disso, por isso eu acredito que falando dessas coisas, deveria ser importante. Eu acho que sim, com as pessoas mais velhas, a gente também precisa explicar. E eu acho que é um papel de todas as pessoas, principalmente da área da comunicação, quebrar esse ciclo. Então ensinar para as pessoas, olha quando você receber alguma coisa lembra de olhar a fonte, joga no Google vê se faz algum sentido, mas eu acho que realmente é um processo mais de formiguinha e que demora mais tempo, então eu acredito que a gente deva fazer, que é importante que a gente faça, que sim gera resultado</i></p> |
|  |  | <p><i>[...] as crianças, elas têm tido contato cada vez mais cedo com o YouTube, elas aprendem e recebem conteúdos muito frequentemente e muito cedo, muito novas. Então elas têm acesso a notícias falsas, a essas desinformações muito cedo e elas podem entrar num caminho aí, a gente pode estar falando de uma geração que vai se perder no meio da desinformação, se a gente não ensinar.</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

|  |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|--|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |  | <i>Porque a internet está ali para todos, tem muitas coisas boas, mas também tem muitos problemas, enfim. E aí como eu disse, se a gente está falando de uma época em que a proporção que as coisas estão ganhando, de desinformação está cada vez maior, porque se compartilha muito rápido, porque tem muitos acessos no conteúdo, então é importante que a gente ensine essas crianças o quanto antes sobre o que é educação midiática e aí elas mesmas vão aprender o que pode ou não ser confiável dentro daquilo que eu consumo [...] Então por isso para mim a educação é um é um espaço fundamental para mostrar esse tipo de coisa, assim, acho que é o espaço na verdade para a gente combater a desinformação.</i> |
|  |  | <i>[...] a educação pode funcionar inclusive como uma barreira para essa questão das fake news, por mais que ela esteja avançada tecnologicamente. Porque hoje em dia a gente não sabe mais o que é verdadeiro, o que que é falso. Com base em todas essas artimanhas e desenvoltura que as pessoas têm de passar uma mentira.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|  |  | <i>Então, educação é primordial, e é o que a gente não está tendo investimento no nosso país. Uma das principais coisas que nós não temos investimento, é em saúde, e em educação. Como é que você vai lidar? Porque uma sociedade que ela está munida que ela tem uma base de educação boa, ela vai saber lidar com uma situação por mais difícil que seja, a respeito da pandemia, ela teria um pouco mais de força, sabe?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                              |